

**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea de contos ganhadores do III, IV e
V Concurso de Contos de IF Goiano**

Patrícia Regina de Oliveira [org]

Edição 2019





**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea de contos ganhadores do III, IV e
V Concurso de Contos de IF Goiano.**

Patrícia Regina de Oliveira [org]

Edição 2019

ISBN: 978-85-65871-46-4

Organizadora: Patrícia Regina de Oliveira

Revisores: Ana Maria Alves Pereira dos Santos, Bruno Silva de Oliveira,

Débora Sousa Martins, Eliene Cristina Caixeta

Sarah Suzane Amancio Bertolli Venancio Goncalves

Sidney de Souza Silva

Projeto Gráfico e Capa: Adson Pereira de Souza

Bibliotecário responsável: Johnathan Pereira Alves Diniz

O conteúdo desta obra é público e poderá ser reproduzido integralmente ou em partes, desde que citada a fonte.

O conteúdo e os temas abordados nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores. Eximindo-se assim a responsabilidade legal do Instituto Federal Goiano, sobre possíveis futuras contestações ou quaisquer outras alegações.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano**

I59c

INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Contando história de Goiás à Paraty - coletânea de contos ganhadores do III, IV e V concurso de contos do IF Goiano / [Organização de] Patrícia Regina de Oliveira. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2019.

308 p., il.

ISBN: 978-8565871-46-4

1. Literatura Brasileira - Contos. 2. Contos Goianos. I. Oliveira, Patrícia Regina de. II. IF Goiano. III. Título.

CDU: 821.134.3(817.3)-34



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea de contos ganhadores do III, IV e
V Concurso de Contos de IF Goiano.**

Patrícia Regina de Oliveira [org]

Edição 2019



Sumário

Pés na areia

Por Janyne Ribeiro dos Santos – Campus Morrinhos..... 23

Os Morganianos

Por Thúlio Timóteo da Silva Rezende – Campus Avançado Hidrolândia 29

O Homem da Carretinha

Por Kaique Moreira Dias – Campus Iporá..... 35

O Estúdio

Por Tainá Rodrigues Roque – Campus Avançado Catalão..... 41

Senti Sentimentos

Por Nicolas Neia Thomaz da Silva – Campus Urutaí 46

Duplo Triunfo

Por Maria Jordana Caldas Barbosa – Campus Urutaí51

Observador de Galáxias

Por Lara Dornelas Campos – Campus Rio Verde..... 58

Em um Piscar de Olhos

Por Denyse Fabiana Silva Ferreira – Campus Iporá 65

A Filha do Agricultor

Por Larissa Gonçalves da Silva – Campus Cristalina..... 68

Prazer, Leucemia

Por Thaila Santos de Santana – Campus Ceres 70

Casos de Família

Por Adriano Pereira de Queiroz – Campus Ceres 74

O Último Conto de Vovó

Por Gadiel Moreira Rocha – Campus Campos Belos 80

Adeus Adolescência

Por Annelysse Cristine Ferreira Santo – Campus Morrinhos 87

Acreditem Nela...

Por Wilsiany Gonçalves da Silva – Campus Avançado Ipameri 90

A Casa do Lago

Por Gyovanna Gomes Silva Germano – Campus Iporá..... 99

O Sangue da Vida

Por Ricardo Moreira da Silva – Campus Ceres 107

PinkSterina

Por Weder Nunes Ferreira Junior – Campus Rio Verde..... 111

Quase 20

Por Aryel Evelin Vieira Garcia – Campus Morrinhos 118

Luzia e a Gruta

Por Yago Alves dos Santos – Campus Rio Verde 122

Klof - O Coler Terráqueo

Por Ana Laura Honório Silva – Campus Trindade..... 127

A Matéria de Nossas Vidas

Por Victor Hugo Pereira – Campus Urutaí..... 130

A Casa da Rua 66

Por Guilhermy Camargo – Campus Ceres 137

Vozes do Coração

Por Nariane Coelho Oliveira – Campus Morrinhos 145

A Luta do Menino Cerrado Contra a Fronteira Verde

Por Luciane de Souza Pereira – Campus Rio Verde..... 149

A Moeda de Ouro

Por Beatriz Monteiro Lima – Campus Avançado Ipameri 153

Semente do Mal

Por Leticia Vieira Andrade – Campus Rio Verde..... 157

A Velha Lembrança

Por Nathan Henrique Rodrigues Lima – Campus Avançado Hidrolândia ... 163

Sabedoria

Por Bianca Maria Borges – Campus Urutaí 167

Relógio da Manhã

Por Daniel Lucas da Silva - - Campus Posse 172

Ajude! Corrija! Salve!

Por João Marcos de Siqueira Neto – Campus Iporá..... 175

Reforma de Rico

Por Lucas A. S. Freira – Campus Morrinhos 180

Complexidade de Mariana

Por Weder Nunes Ferreira Junior – Campus Rio Verde..... 185

Os Telhados Caem

Por Carolina Faloni Ferreira dos Santos – Campus- Iporá 190

Curva da Morte

Por Nilda Damascena Dias – Campus Campos Belos 194

Josué: O Homem

Por Hunter Hian Silva – Campus Urutaí..... 196

Viagem Para as Estrelas

Thaila Santos de Santana – Campus Ceres..... 199

Esse Tal Workshop

Por Laurielly Maria Itacarambi da Silva – Campus Morrinhos.....206

O Mistério das Olericulturas

Por Liliana Santos Silva de Queiros – Campus Iporá 212

Me Desculpe, Mas Sou Uma Assassina

Por Sâmela Lôbo Carvalho – Campus Ceres217

O Desinteressante Estereótipo da Classe Média

Por Victor Hugo Pereira – Campus Urutaí.....220

O Cabelo Como O Bem Mais Precioso

Por Shely Fernandes da Silva – Campus Avançado Catalão229

O Menino do Pé de Pequi

Por Diego Pinheiro Lopes – Campus Trindade233

O Pingente Dourado

Por Larissa Gonçalves da Silva – Campus Cristalina..... 236

As Memórias de Jorge Clark

Por Thúlio Timóteo da Silva Rezende – Campus Avançado Hidrolândia..... 239

Efeito Borboleta

Por Luana Almeida Sousa – Campus Posse..... 247

Fôlego

Por Kaio Lucas da Silva Mesquita – Campus Avançado Catalão 250

O silêncio das Marias

Por Heloísa Maria Prado – Campus Morrinhos..... 254

Vique & Tosse – Uma Dupla Inseparável

Por Rafael José Barbosa – Campus Iporá..... 260

Dois Lados de um Amor

Por William Ferreira de Jesus – Campus Cristalina 266

Me Desculpe O Transtorno Mas Meu Pai É Estuprador

Por Beatriz Monteiro Lima – Campus Avançado Ipameri 274

O Abismo Confortante Dentro do Arco-Íris

Por Karolayne Perez de Melo – Campus Trindade..... 276

O Mar como Refúgio

Por Elaine Santos Morais – Campus Rio Verde..... 282

O paraíso escondido (e onde encontrá-lo)

Por Flávia Canêdo Souza – Campus Urutaí..... 290

Uma Menina de Sorte

Por Geovana Ferreira dos Santos – Campus Campos Belos.....298

Insônia

Por Guilhermy Camargo – Campus Ceres300

Agradecimentos

Por Patrícia Regina de Oliveira, idealizadora e coordenadora do Projeto Farol: contando histórias de Goiás a Paraty e organizadora desta coletânea.

Essa coletânea é segunda edição da obra e traz os contos ganhadores do projeto Farol Cultural nos anos de 2015, 2016 e 2017. Esse projeto institucional do IF Goiano é capitaneado pela pró Reitoria de Extensão – NAIF (Núcleo de Arte e Cultura) em parceria com o SIBI (Sistema de Bibliotecas), a Direção de Assistência Estudantil e com o corpo docente da área de letras e literatura, e acontece desde o ano 2013. O Projeto tem como objetivos estimular o fenômeno literário e o prazer do texto e criar condições que favoreçam a prática da leitura, pesquisa, informação e reflexão, instrumentos para a formação e exercício da cidadania. Como premiação proporcionamos a participação dos alunos ganhadores na maior festa Literária da América Latina, a Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP que acontece anualmente em Paraty no Rio de Janeiro e também com a publicação dos contos ganhadores em cada ano resultando nessa belíssima obra.

O que mais posso fazer neste momento é agradecer ao Instituto Federal Goiano pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal, e pelo poder de proporcionar aos jovens escritores essa vivência mágica que é a festa de Paraty.

Congratular meus queridos colegas de equipe, as companheiras de todas as horas, Ilana Boianovsky e Bethânia Oliveira. Agradeço-as pela

responsabilidade e compromisso com o projeto, quando seria muito mais fácil criticar, apontar as falhas, e dizer não na justificativa tão plausível e real da nossa extenuante carga de trabalho para darmos conta na maioria das vezes sozinha das nossas bibliotecas. E vocês nunca se renderam, foram e são o pilar desse projeto e eu agradeço imensamente a Deus por ter as colocadoem minha vida e que juntas pudemos construir essa história linda que é o projeto farol.

Agradecer imensamente aos avaliadores, da terceira, quarta e quinta edição do concurso de contos, aqui representados pelos presidentes das bancas Professores, Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva coordenadora de banca na terceira edição, Joseany Rodrigues Cruz coordenadora da quarta edição e Paulo Alberto da Silva Sales, coordenador da quinta edição. O profissionalismo, a paixão pelo trabalho, foram determinantes para que a seleção fosse justa, e para chegarmos aos brilhantes textos que logo mais todos poderão apreciar, saboreando muitas emoções, em cada cena, em cada diálogo.

Aos colegas do Sistema Integrado de Bibliotecas que sempre vestem a camisa do projeto, e nos ajudam a divulgar, realizam as atividades de apoio, as mostras literárias, o cuidado com os alunos ganhadores, com muito profissionalismo, dispostos a contribuir e cada vez somar, agregar novas ideias e novos caminhos.

A Pró Reitoria de Extensão que nos abriga, orienta e sustenta o projeto. Na pessoa do nosso Pró-Reitor de Extensão do IF Goiano, Professor Sebastião Nunes da Rosa Filho, meu muito obrigada!

E finalmente a eles, que são a razão de tudo que fizemos. Aos nossos brilhantes escritores! Parabéns pelo empenho, carinho e dedicação para o sucesso do projeto Farol.

Meus queridos escritores, as lembranças constroem um caminho que chega até o coração e faz com que os amigos sempre se sintam perto,

mesmo que em realidade estejam muito longe um do outro. E lembrem-se sempre que celebrar a vida é somar amigos, experiências e conquistas. Parabéns pela vitória nesse concurso, obrigada por acreditarem no projeto e nos presentearem com essas obras tão lindas. Meu muito obrigada a cada um.

Se compreendermos que dentro de todo ser humano existe uma energia vital que proporciona a força primordial para a sua existência. E que essa energia direciona grande parte do potencial físico, mental e intelectual com o único objetivo de absorver e transformar os valores pregados por uma sociedade. Iremos entender que não sobrarão nem um pouco de poder de ação, nem um pouco de espaço e de tempo para que possa dedicar-se a si mesmo e aos seus valores internos sobre tudo o que é verdadeiro, belo e bom.

A felicidade que emana em mim por ver esse projeto se tornar uma realidade é indescritível. Uma realidade tão linda e imensa que tem como resultado o brilho no olhar dos nossos escritores. Cada obstáculo vencido, cada não que virou sim, foi superação para essa realidade grandiosa e mágica.

Uma das realidades mágicas e com certeza a cereja mais gostosa do bolo é ter como premiação nesse projeto, a viagem para a Flip em Paraty. Caminhar por Paraty, que é um verdadeiro paraíso no litoral do estado do Rio de Janeiro, é uma viagem ao passado. Lá, se caminha sobre a história.

A Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) é um evento inenarrável, que reúne escritores, ilustradores e muitos leitores do mundo todo. É maravilhoso andar pelas ruas de uma cidade que respira as poesias de Manuel Bandeira. E durante o evento ver tanta gente, de diferentes idiomas, se entendendo numa língua universal: o amor pela leitura, é uma sinestesia indescritível.

O centro histórico, bem conservado, é um presente para quem chega. As casas brancas, com portas e janelas coloridas, se abrem diretamente para a rua e nos remetem ao Brasil colonial. E entre um passeio e outro, olhando para cima das construções, pode-se ver que as telhas de barro, moldadas nas coxas das escravas, agora carregam adornos de flores. São detalhes sutis e magníficos que tornam essa cidade tão mágica.

Já as ruas, com calçamento de pedras rústicas (tipo pé de moleque), nos fazem olhar para o chão a cada passo. É como se a cidade nos dissesse: “ande com cuidado por essa terra, que ela te contará sua história”. Impossível não sentir uma emoção alegre caminhando por Paraty.

E é essa mesma emoção que nos guia na leitura dos contos desta coletânea, juntamente com Tássio o eletrizante personagem do Conto Spalla, e seus violinos, passando pelos intergalácticos Morganianos, e o sonhador observador de galáxias João Pedro. Em um piscar de olhos, estaremos todos encantados pela filha do agricultor e pelos emocionantes casos de família. Também nos deliciaremos com o último conto de vovó, onde as facetas de despedidas da adolescência, histórias da casa no lago, e da casa da rua 66, nos farão nos emocionarmos e ouvir todas as vozes do coração. Velhas lembranças se misturarão com a sabedoria que nos livrará das curvas da morte fazendo com que toda essa viagem nos leve cada vez mais longe e quem sabe até as estrelas, ou até mesmo para esse tal workshop, onde finalmente chegaremos no paraíso escondido, em que a insônia vai dar lugar a um sono de sonhos, viagens, fantasias e a um mundo de incríveis personagens criados pelos nossos brilhantes autores nessa obra que agora lhes apresento.

O barulho do despertador ecoa pelo quarto, espera alguns segundos antes de desligá-lo. Não tinha conseguido dormir muito durante esta madrugada. Pensamentos, medos, ansiedade. Em três anos tinha construído uma carreira como Psiquiatra Forense de dar inveja a qualquer colega da área de psiquiatria e se transformado em ídolo para muitos outros novos colegas de profissão. Então porque a ansiedade se saberia como fazer?

Sabia que dia era, mas mesmo assim foi até o calendário, deu uma olhada para a data e riscou o dia **26 de abril de 2020**. Foi para o seu banho e no momento só pensou qual seria seu vestuário para consultar seu próximo paciente. Decidiu, então, por um terno preto, camisa branca e gravata vermelha. Apertou um pouco mais o nó da gravata em sua garganta.

Seu cliente estava preso há três anos, em seus exames não havia nenhuma explicação física que mostrasse um possível problema mental, mas laudos psiquiatras mostram um distúrbio de personalidade. O juiz pediu uma última perícia médica, e escolheram ele para esta análise psiquiátrica. Seu *Serial Killer* não era normal, todos já sabiam disso, e o porquê era o que ele iria tentar descobrir.

Anotou em sua folha de reunião, “**22 de fevereiro de 2013**”. Nesta reunião as comissões de formatura, das turmas de medicina, iriam decidir onde, quando e como seria as festas da semana de comemoração dos formandos. E foi nesta reunião que ele a conheceu. Tássio sempre foi um homem da ciência, sabia das possibilidades de uma paixão à primeira vista e quais os

hormônios que o cérebro recebia, ele sabia tudo isso na teoria, até o momento que seus olhos encontraram os dela. Queria levantar de seu lugar, ir até ela e apresentar-se, mas esperou pelas apresentações. Seu nome era Fernanda, vice-presidente da comissão de formatura de sua turma e iria forma-se no curso de medicina. Três coisas ele já sabia sobre ela.

Ele teve um ano para conhece-la, um ano para consolidar sua paixão, um ano para fazer ela se apaixonar por ele. Durante este ano, passaram um bom tempo juntos organizando os detalhes das festas de formatura. Entre olhares e sorrisos, ele sentiu a segurança para chama-la para sair. Por sorte dele, ela o permitiu entrar em sua vida. Se conheceram. Se gostaram. Se envolveram. E no fim do ano, durante uma dança juntos na última festa da formatura, ele sabia que o nome dela era Fernanda, ex vice-presidente da comissão de formatura, graduada no curso de medicina, amante de música clássica, apaixonada em filmes policias, viciada em chocolate, odiava clichês, tinha uma paixão por livros, e entre outras inúmeras coisas, o mais importante era ela ter o aceitado como namorado.

Parou um pouco antes da entrada do estacionamento e observou o prédio do hospital psiquiatra, esperou alguns segundos, esperou uma certeza e entrou para estacionar seu carro. Olhou uma última vez para a tela do celular. “**26 de abril de 2020, 13hs**”. Prendeu sua identificação do lado superior esquerdo de seu paletó, colocou seu gravador no bolso direito da calça, passou os dedos pelo cabelo semi bagunçado e saiu de seu carro.

Cumprimentou os seguranças e algumas outras pessoas e foi até a sala do psiquiatra geral. Não iria demorar, algumas informações sobre os dias que seu cliente estava em observação e ler alguns relatórios. Antes de encontrar com o seu paciente decidiu observa-lo, foi até a sala onde monitoravam as imagens das câmeras de segurança e observou. Ele estava sentado sobre a cama, com os olhos fechados e as pernas cruzadas. Usava uma camisa de força. Tássio cruzou os braços e chamou os enfermeiros

que cuidavam do senhor Benner. “Quero examina-lo na sala de interrogação, por favor tire a camisa de força dele e nada de algemas”. Um dos enfermeiros questionou sua decisão, antes que pronunciassem algo a mais, ele continuou, “gosto de observar os movimentos, a postura e manias falam muito sobre uma pessoa”. Sem mais questionamentos os enfermeiros se foram. Passou os dedos, novamente, pelos cabelos ao encontrar os olhos do senhor Benner na imagem transmitida pelo computador.

Antes de embarcarem, ele olhou a data da passagem, **12 de julho de 2014**. Era a primeira viagem que iam fazer juntos. Depois que voltaram das férias do fim da graduação, faziam tudo juntos e nenhum dos dois estavam reclamando disso. Ambos foram fazer a especialização em psiquiatria. Ele apaixonado por neurociência, iria para o lado psicopatológico. Ela vidrada por mentes insanas e relatos policiais, iria para o lado dos laudos médicos, queria ser psiquiatra forense.

Iriam tentar não desperdiçar todos os dias das férias da especialização com artigos e por isso decidiram viajar. Ele queria verão e ela queria inverno. Decidiram passar uma semana na praia e uma semana curtindo o frio de Buenos Aires. Durante as férias, Fernanda divertiu-se mais com praias, sol e mar e Tássio com o frio, comidas e as paisagens de Buenos Aires.

No terceiro mês de namoro decidiram morar juntos, tinham muitas coisas em comum e em outras tantas não concordavam. Iam fazer sete meses e eles já tinham planos para uma vida toda, com carreiras, filhos e netos. Mesmo que morassem juntos, estudassem juntos, em pequenos momentos do dia quando se separavam, sentiam aquele pequeno aperto no peito quando eram pegos, por eles mesmos, fazendo uma mania do outro, sorriam logo depois. Tássio pegou a mania de passar os dedos pelo pequeno cabelo, Fernanda pegou a mania de colocar a mão no queixo durante um pensamento. Tássio estralava os dedos quando estava nervoso e Fernanda mordía o lábio inferior.

A sala de interrogação tinha uma jaula, com um pouco mais de quatro metros quadrado, era toda fechada por grades, os cinco lados e no centro do pequeno espaço, uma cadeira fixa no chão. Eduardo Benner estava sentado nesta cadeira, parecia estar confortável, com as mãos estava massageando os músculos do pescoço. Tássio deu uma olhada para um relógio de parede, quase 15hs do dia **26 de abril de 2020**, apertou o gravador entre os dedos por dentro do bolso da calça. Tinha uma cadeira para ele que estava uns três metros da pequena jaula. Passou mais uma vez os dedos pelo cabelo. Observou mais um pouco seu paciente.

Eduardo olhou por toda a sala com uma certa precaução, tinha várias outras jaulas como a dele, todas com uma determinada distância entre elas. Passou as mãos suadas sobre as coxas para que o atrito com o tecido da calça as secassem. Antes que seu caso começasse a ficar entediado, Tássio entrou na sala. Eduardo não notou a presença de seu psiquiatra, até que ele arrastasse a cadeira para um pouco mais perto da jaula. O paciente virou a cabeça para a fonte do barulho. Quando seu médico sentou se, olhou desde o sapato até o cabelo bagunçado do psiquiatra e abriu um sorriso. Tássio continuou sério, tirou seu gravador de dentro do bolso da calça, passou os dedos devagar pelos botões do gravador e sem tirar os olhos de seu paciente apertou o botão vermelho o qual ligou o aparelho.

- 26 de abril de 2020, última consulta psiquiatra do Senhor Eduardo Benner.

Eduardo, com um leve sorriso no rosto, balançou a cabeça negativamente e com a voz suave, completou:

- Por favor, me chame de *Ed, o violinista!*

“São Paulo, SP. **26 de setembro de 2015**”, digitou no inferior da capa de seu último trabalho da especialização. Era o último ano da pós-graduação para ambos. Além de pensar na conclusão da pós-graduação,

ele também estava pensando no que faria para ela, pois em dois meses iriam comemorar dois anos de namoro.

Tássio falava muito sobre começar uma família, numa dessas loucuras, Fernanda adotou um cachorro. Não tinham muito tempo para o animal, sempre estavam muito ocupados, depois de um tempo, decidiram deixá-lo com os pais dela e logo em seguida ela disse, “Viui!? Não podemos nem cuidar de um cachorro, imagina ter filhos agora!”

Porém, ele queria responder que não era dos filhos que ele estava falando quando citou sobre família, não ainda, queria casar-se com ela. Fernanda ainda não pensava sobre isso, seu relacionamento estava estável, não discutia isso com suas amigas, estavam mais preocupadas com os relacionamentos instáveis e suas carreiras. Os amigos de Tássio que não se preocupavam com relacionamentos, tinham campeonatos de futebol e artigos para discutir, mas Tássio gostava de se comunicar e as vezes no meio da barulheira de algum encontro com seus amigos, desabafava com seu melhor amigo que sempre tinha a mesma resposta, “Não enlouqueça ainda, a Fernanda é o amor da sua vida, já entendi isso. Passaram-se quase dois anos, ok! Mas vocês precisam de mais estabilidade financeiramente, terminar o curso de vocês, use o método de *Jack, estripador*, e vá por partes”.

Tássio queria dizer para *Ed, o violonista* que o nome de *Serial Killer* dele, faltou uma dose de criatividade da mídia. Pensou em *Ed, o spalla* (o violinista principal da orquestra que fica ao lado do maestro), seria mais épico. Os olhos do senhor Benner tinha um certo poder de sedução, ficar preso por um olhar mais intenso não seria difícil. Eduardo tinha traços fortes, era atraente fisicamente, tinha mãos grandes, estava com a barba e o cabelo desiguais, devido ao crescimento de ambos durante este tempo preso, o que infelizmente ajudou em sua aparência.

- Vou fazer algumas perguntas e gostaria que me olhasse durante as respostas das mesmas. Vou dispensar apresentações, pois o senhor

não precisa saber quem eu sou. Sei de algumas coisas sobre o senhor, sobre seus crimes e suas vítimas, mas devido ao critério de observação, preciso ouvir do senhor, e se puder me dar a honra, gostaria de detalhes.

- Gostei de você! – Eduardo dá um sorriso gentil e arruma-se sobre a cadeira. – Gosta de música clássica, Doutor? Já ouviu aquele som gostoso que o instrumento de cordas tem?

Eduardo posiciona seu corpo de uma forma que o deixa com as costas ereta, respira fundo e solta o ar devagar ao colocar o busto para frente, abre um pouco as pernas para equilibrar o corpo, traciona gentilmente os joelhos de uma forma que todo o seu peso fique nas pernas. Coloca o braço esquerdo na mesma posição de sua perna esquerda, encurvando quatro de seus dedos. Levanta um pouco a mão direita, e como se estivesse segurando um arco, começa um leve movimento de vai e vem e um dedilhado com os dedos encurvados da mão esquerda. Com os olhos fechados, Eduardo toca algum tipo de violino invisível. O *violinista* continuou:

- O que eu mais sinto falta é poder ouvir este som. O violino se transformou em uma parte do meu corpo, cada tração das cordas eram como se fosse os meus músculos se distendendo. Um som suave, e ao mesmo tempo agudo, brilhante e estridente. Aposto que quando o senhor ouviu, eram cordas de aço, elas produzem um som até interessante, mas não um som aveludado como o som produzido pelas cordas feitas das tripas de carneiro, como as de antigamente. As cordas feitas de carneiro, são extremamente caras. Mas eu não podia viver sem isso. Não podem me culpar por querer ouvir sons mais limpos, e as tripas humanas deram os mesmos efeitos das tripas de carneiro. Adorava a forma de conseguir as tripas humanas, de fazer as cordas, mas toca-las, era algo inexplicável.

Era o dia do casamento deles, **18 de agosto de 2016**. No começo deste mesmo ano, foi a formação da pós-graduação de ambos, e no meio da euforia da comemoração ele a pediu em casamento, Fernanda nem precisou pensar e já tinha gritado que sim, antes mesmo de ele terminar a frase. Do começo do ano até o momento a vida deles resumiu-se em preparativos para o casamento, estudar para a prova específica da Associação Brasileira de Psiquiatria, procurar um apartamento maior, e continuar no trabalho. Tudo para que este dia fosse inesquecível. E no fim do dia eles seriam Tássio e Fernanda Rustin.

- As minhas vítimas eram meus alunos, eu era professor de violino e vendia instrumentos de cordas, cordas feitas por mim. E porque meus alunos? Tinham que ser apaixonados por música clássica assim como eu, sentir que o violino era parte de seu corpo, sentir o poder de produzir aquele som, quase divino e tinham que estar saudáveis, isso tudo me atraía para a pessoa. E fazer de suas tripas cordas para um instrumento, era uma homenagem.

Durante o tempo de conversa nenhum dos dois tirou os olhos um do outro, os olhos de *Ed, o violinista*, sempre muito intensos, seus sorrisos, o jeito delicado de se mover, Tássio não se deixou levar, durante este tempo não esboçou qualquer sentimento, expressão, nada. Tássio sentiu se incomodado pela naturalidade do senhor Benner e Eduardo sentiu se incomodado por não conseguir ler o senhor Rustin. Tássio tremeu um pouco ao apertar o gravador na mão.

- Finalizada a última consulta psiquiatra do senhor Eduardo Benner, as 18 horas do dia **26 de abril de 2020**. – Fez um cumprimento com a cabeça dirigida ao senhor Benner, levantou-se e deu as costas para o seu paciente.
- O senhor não parecia tão nervoso na foto da sua identificação. – Ed, abriu um sorriso. – Espero que não leve para o lado pessoal,

Doutor Rustin! – O sobrenome de Tássio ecoou pela sala em um tom rouco, arrastado e totalmente sarcástico.

30 de julho de 2017, foi o último dia da vida de ambos, sem mais sorrisos, sem mais planos, sem mais motivos. Fernanda ganhou de presente um violino, dado pelo seu irmão, quando saiu o resultado do concurso o qual ela tinha passado para exercer a profissão de Psiquiatra Forense. Desde então ela foi procurar um professor, amava música clássica e um dos seus sonhos era aprender tocar um instrumento de orquestra. Enquanto não era chamada para ocupar sua vaga, dedicou seu tempo em aprender a tocar violino e em amar seu marido, até pensou em ter filhos, as maiores brigas entres os dois era para escolher os nomes dos filhos e a quantidade, ele queria seis, não estava nos planos dela virar parideira. Naquele dia ela saiu para sua aula, a partir daquele dia a vida dele mudou, e Fernanda não voltou para a casa.

Pés na areia

Por Janyne Ribeiro dos Santos – Campus Morrinhos

Em dias como esse, quando o céu está nublado e as ondas estão ferozes, eu ando descalça pela areia da praia, a maré vem e vai sobre meus pés trazendo de volta as velhas lembranças da minha infância que o mar levou embora...

Minha família sempre foi meio grande e bem tradicional. Na verdade, era composta por duas grandes famílias que se juntaram em uma só com o casamento dos meus bisavôs. Minha mãe tinha duas irmãs: a mais nova, tia Isabel, não tinha filhos e morava fora com seu marido, um francês alto e bonito. Tia Gertrudes tinha dois filhos, Pedro, o mais novo que tinha a minha idade e Miranda, que estava no ensino médio. Meu pai tinha só um irmão, tio Carlos que tinha duas filhas gêmeas pequenas e um menino chamado Tiago, que já estava na faculdade, mas eles moravam na cidade grande e quase nunca apareciam.

Nunca tive irmãos, mas também nunca senti falta alguma disso. Desde pequenos, Pedro e eu sempre fomos inseparáveis, de todos os outros ele era o meu primo preferido. Quando tínhamos oito anos, o marido de tia Gertrudes conseguiu um bom emprego no litoral em uma rede de hotéis, e toda sua família se mudou para lá. Foi um dia difícil, uma choradeira só, embora ainda nos encontrássemos nas férias, nos feriados e em alguns fins de semana, eu sabia que não seria mais a mesma coisa.

Ainda me lembro das vezes – que por uma grande insistência minha – íamos visita-los. Nós corríamos pela praia o dia todo, fazíamos castelos na areia, e ficávamos catando conchinhas até anoitecer, até quando

minha mãe chamava a gente para o jantar: *“Vem logo meninada, já está tarde...!”*. Nós nos escondíamos atrás dos coqueiros e ela ficava uma ferra, minha tia, por outro lado, tinha se tornado bem mais calma ultimamente, acho que o mar fazia bem a ela. *“Calma Marina, ainda está cedo, deixa as crianças brincarem, o Pedrinho conhece muito bem o lugar, ele é como um peixinho, eles não vão longe não, depois a Miranda busca os dois...”*, a titia falava para ela, depois minha mãe dizia preocupada: *“Sei não minha irmã, o mar é traiçoeiro e as crianças são inconsequentes, eu tenho muito medo...”*.

Nesse dia ficamos brincando até bem tarde, e depois ambos comemos dois pratos de mariscada e fomos dormir na sala, eu num sofá e ele num colchonete no chão. Pedro me disse baixinho antes de adormecer: *“Sabe Aninha, eu vou ser um mergulhador, ontem eu nadei até umas pedras bem longe e encontrei uma ostra, não tinha nada dentro, mas um dia vou encontrar uma pérola pra você...”*. Eu sorri e assenti vendo-o fechar os olhos ainda sorrindo. Foi um dia perfeito e no dia seguinte nós fomos embora.

A medida que os anos foram passando as visitas ficaram mais raras e a cada vez que nos encontrávamos eu via o menino gentil que eu conhecia desde sempre se transformar numa verdadeira peste. Os dias de longas conversas e brincadeiras acabaram. Ele me provocava sempre, tentava chamar minha atenção dizendo e fazendo coisas estúpidas o tempo todo, me deixando irritada até que eu passasse a detestar cada segundo que passava naquele lugar.

Quando eu tinha treze anos, nossa reunião anual de família foi na casa de tia Gertrudes, eles dariam uma festa para comemorar a aprovação de Miranda no vestibular. Toda a família estava presente, até tia Isabel – que agora esperava um bebê – e seu marido francês. Assim que papai parou o carro avistei Pedro, sem camisa parado perto da água como sempre. Fazia quase um ano que não nos víamos, ele estava mais alto e agora cultivava alguns leves contornos que quase podiam se chamar de músculos. Ele sorriu ao ver-me e correu para me abraçar. *“Quanto tempo,*

heim Aninha, gostei do vestido, você está até parecendo uma menina...”. Ele não perdia a oportunidade de me irritar. E foi o que ele fez durante toda a festa e quando eu já estava a ponto de explodir de raiva tirei os sapatos e corri para o cais. Sentei-me na madeira fria olhando para a água, às lágrimas caindo sem controle e se juntando ao mar, me perguntei quando foi que as coisas mudaram e porque nada poderia ser como antes de novo...

Levantei-me bruscamente enxugando o rosto quando ouvi passos atrás de mim. Pedro se aproximou com o rosto preocupado. *“Vai embora Pedro, fica bem longe de mim!”*, eu disse entre soluços, *“Desculpa, Ana, eu não queria te chatear de verdade, você sabe, eu gosto muito de você, mas acho que não podemos mais ser amigos...”*, ele tentou pegar minha mão, e eu a puxei de volta para mim com um impulso. Nem tinha percebido quantos passos para trás eu já havia dado. E acho que só percebi quando senti a água fria atingir minhas costas.

Quando acordei, vi o rosto de Pedro se afastando do meu com o cabelo encharcado gotejando no meu rosto, ele cuspiu um pouco de água. Depois eu tossi um monte de vezes tentando expulsar água dos meus pulmões. E compreendi que ele tinha salvado minha vida. Foi o maior bafafá, minha mãe me deu um belo sermão e nem tive tempo de agradecer, todos fomos dormir mais cedo, nós estragamos a festa. Não consegui dormir direito aquela noite, e quando já estava de manhazinha ouvi a tia Gertrudes e tia Isabel conversarem:

“Aquele seu filho vive grudado na filha da Marina, isso ainda vai dar em namoro.”

“Que isso Isabel, os dois cresceram juntos são quase como irmãos.”

“Abre seu olho mana...”

“Quando ele era pequeno até me falava que ia casar com a Aninha,

mas era coisa de criança, dei logo um chega pra lá nele e expliquei que era errado, que primos de primeiro grau juntos não era certo, e prefiro meu filho morto a vê-lo casado com uma prima, você sabe que as pessoas comentam, não quero nossa família mal falada...”.

Fiquei pensando nisso até dormir de novo, isso nunca tinha passado pela minha cabeça antes. Será que o Pedro estava esse tempo todo, tentando se afastar de mim...?

Naquela tarde, a prefeitura organizou um concurso de esculturas na areia. O primeiro prêmio era um colar de pérolas falsas, porém bem realistas. Eu me animei para participar, o meu castelo de areia era imbatível. Tentei convidar Pedro como uma última oferta de paz, mas ele disse algo sobre isso ser coisa de criança e que nós não éramos mais crianças; depois ele entrou no mar, ficou se exibindo para as meninhas e me deixou falando sozinha. Usei toda a habilidade que tinha com a areia, meu castelo ficou fenomenal. Eu era a quarta numa fila de outros dois castelos e uma pirâmide, quando o jurado começou a dar as notas, e estava muito empolgada e certa de que ia ganhar. Mas meu castelo desmoronou, literalmente. Minhas lágrimas borraram minha visão quando vi Pedro jogar água e pisotear minha escultura. O avaliador deu o colar que deveria ser meu à menina que fez a pirâmide. Depois de chorar por um bom tempo eu fui até a praia disposta a esclarecer tudo de vez.

Ele ergueu a mão mostrando um colar feito de conchinhas. *“Foi o melhor que pude fazer”*, disse ele. O colar era bonito, mas faltava alguma coisa, uma pérola talvez... Minha raiva passou de repente. Resolvi perguntar: *“Por que você fez isso Pedro?”*. Ele me lançou um olhar triste, *“Eu te prometi uma pérola, queria ser o primeiro a te dar uma, dessas de verdade...”*.

“Não precisa de pérola não Pedro, deixa pra lá, vamos ser amigos de novo...”.

“Tem jeito não Ana, não consigo mais evitar, a mãe disse que é errado gostar de você do jeito que eu gosto...”

“Pedro...” Tudo pareceu fazer sentido de repente, ele ainda era o mesmo, o tempo é que tinha passado.

“Sabe que uma vez eu li que a probabilidade de alguém encontrar uma pérola em uma ostra natural é de uma em 25 mil, acho que é a mesma de nós dois ficarmos juntos...”, ele disse apoiando a cabeça nas pernas, *“eu achei que se eu encontrasse uma podia ser um sinal e minha mãe ia ter que aceitar, mas eu nunca consegui, acho que deve ser errado mesmo...”*

Estava frio naquele dia, o vento estava forte e as ondas mais feroces do que nunca. Pedro arrancou os chinelos e a camisa e se jogou no mar num rompante. Ele nadou e nadou sem parar até alcançar as pedras, se segurou nelas mergulhou e voltou algumas vezes procurando alguma coisa. Gritei desesperada para ele voltar. Ele estava tão longe que eu mal podia vê-lo. Quando ele finalmente tentou nadar de volta uma onda forte o jogou de volta para as pedras. Corri para chamar ajuda, todo mundo esperava na areia quando os bombeiros trouxeram Pedro de volta. Mas era tarde de mais, ele estava pálido como a lua. Em sua mão ainda fechada, havia um brilho prateado. Era uma pérola. Tirei-a de suas mãos frias cobrindo a minha boca com as mãos quando as lágrimas vieram sem controle. Corri pela praia até ficar exausta depois caí e fiquei parada apertando minha pérola tentando fazer o tempo voltar, mas era impossível. Ele estava certo, tinha cumprido sua promessa, provado o que precisava provar. Não tinha nada de errado entre a gente, nem ia haver mais nada...

Meus pais me acharam mais tarde e quando voltamos gritei tudo o pensava para a mãe dele, chamei-a de mesquinha e disse que tudo isso era culpa dela, mas me arrependi logo, afinal, ela também estava sofrendo. Um tempo depois eles venderam a casa, ninguém mais conseguia ir lá, a família se afastou de vez, e tia Gertrudes passou a me odiar – com moti-

vos – ela parecia me culpar por tudo, mas acho que no fundo ela culpava a si própria pelo que tinha dito. Ela e o marido pediram para que o corpo fosse cremado, as cinzas eles jogaram no mar. Acho que é o que Pedro gostaria, viver no mar para sempre, como uma ostra.

Quando me casei compramos de volta a casa, foi onde os meus filhos nasceram e hoje eles brincam na praia, adoram tudo lá como eu. Tornei-me uma artista renomada, faço esculturas de argila famosas e exponho meu trabalho em vários lugares do mundo. Ainda tenho a minha pérola, eu coloquei-a no colar de conchinhas, era o destino certo para ela. Nas noites de vento forte eu caminho sobre a maré, recolhendo lembranças como conchinhas, olhando para o horizonte e afundando meus pés na areia.

Os Morganianos

Por Thúlio Timóteo da Silva Rezende – Campus Avançado Hidrolândia

Há muitos anos atrás, um homem que dizia ser profeta, afirmava que há milhões de anos, antes da existência dos seres humanos, a terra era governada por seres místicos e que esses seres tinham características um tanto diferentes das nossas, como uma força além do comum, uma superinteligência e possuíam inclusive tecnologias e armamentos bélicos extremamente avançados. Ele afirmava também que as suas características físicas eram um tanto parecidas com as de um humano, porém com alguns traços que os distinguiam. Segundo ele, esses seres – denominados “morganianos” por seguirem Morgana, considerada a sua matriarca – simplesmente desapareceram, sem deixar pra trás nenhum tipo de rastro, nem mesmo objetos. A profecia também dizia que um dia os morganianos retornariam à Terra para reconquistar o que por direito era seu. Um mistério estava prestes a ser revelado.

Tudo começou no dia 12 (uma sexta-feira) de dezembro de 2036 com Christopher, um garoto de 18 anos, que ouviu de seu avô a história da tal profecia e ficou extremamente curioso, pensando a respeito da existência de seres não humanos em um universo paralelo ao nosso. Após isso, Christopher voltou para a sua casa, foi se deitar e tentou pegar no sono, porém sem sucesso, pois aqueles pensamentos ainda vagavam pela sua mente. Ele se lembrou que em sua casa havia uma sala oculta, onde haviam vários documentos históricos e foi até lá na esperança de encontrar alguma coisa que pudesse ajudá-lo a descobrir algo a respeito dos morganianos. Ele procurou, procurou, mas não encontrou absolutamente nada, o que o deixou frustrado, fazendo com que voltasse para o seu quarto e se deitasse novamente, dessa vez, porém, conseguiu pegar no sono.

No dia seguinte, Christopher acordou animado e foi procurar o seu avô para pedir mais informações a respeito dos morgonianos, pois aquilo realmente tinha entrado em sua mente e lhe chamado a atenção. Chegando à casa de seu avô, ele bateu na porta algumas vezes e percebeu que não tinha ninguém na casa, achou aquilo estranho, pensou que seu avô tinha viajado, até porque o velho sempre gostou das viagens para variados lugares do mundo. Ele logo suspirou profundamente e partiu de volta para a sua casa. No caminho ele notou a presença de um homem que era muito mais alto que convencional, nunca havia visto alguém com aquela aparência. Além de alto, ele tinha a pele um pouco avermelhada e eram notórias algumas cicatrizes em seu corpo, ele parecia um soldado daquelas guerras da Era Medieval ou da Antiguidade, vestia uma espécie de vestimenta longa e escura e a sua expressão facial gerava medo naqueles que passavam por ali, era um homem verdadeiramente estranho. Ao passar por esse homem, Christopher percebeu que ele parecia estar o encarando, como se Christopher tivesse algo que ele queria ou como se o conhecesse de algum lugar. O garoto ficou com medo e seu corpo estremeceu, seu coração apertou e começou a bater mais forte. Como se o homem tivesse sentido o medo de Christopher, correu em sua direção com uma velocidade desumana e o atacou. O garoto tentou se defender, mas o homem era mais forte e mais rápido, parecia que aquele homem conseguia prever cada um dos seus movimentos. Christopher viu a sua vida inteira passar na frente dos seus olhos, o momento de sua morte parecia ter chegado. Ele já estava quase sem forças, nada parecia poder salvá-lo da morte, até que em questão de segundos, quando ele parecia já ter sido derrotado, surgiu um grande e forte feixe de luz do qual apareceu outro homem, aquela luz, na verdade, era um portal, e com apenas um disparo de uma arma que parecia ter uma tecnologia hiperavançada matou aquele homem. Assim, ele salvou o garoto, que devido ao ataque que sofreu, ficou sem forças e acabou desmaiando, de modo que não pôde ver quem, de fato, era o homem misterioso que o havia acabado de salvar.

Quando Christopher acordou, tentou se levantar, mas não conseguiu, havia vários ferimentos em seu corpo e ele mal conseguia manter os

seus olhos abertos, o máximo que conseguiu foi olhar ao redor e perceber que estava em um lugar estranho. Alguém que parecia ser o homem que o havia salvado estava falando com ele:

- Como você se sente, garoto? - Perguntou o homem ao ver que ele estava acordado.
- Já me sinto melhor, mas q-q-quem é você? - Christopher respondeu com dificuldade, mal conseguia ver o rosto daquele que falava com ele e ainda estava assustado com tudo o que tinha acontecido, tinha medo que aquele homem também o machucasse.
- Eu sou Hawkeye, um morganiano, certamente você já sabe algo sobre minha espécie, não é mesmo, Christopher? - Disse o homem ao garoto, que ao ouvir essas palavras ficou ainda mais assustado.
- Um morganiano? Então vocês existem? A profecia é real e será cumprida? Vocês dominarão novamente o planeta Terra? E como sabe o meu nome? - Christopher respondeu rapidamente. O seu coração batia mais rápido do que nunca, foi tomado por um medo como antes havia sentido. As dúvidas eram muitas e as respostas ainda não eram claras em sua mente.
- Sei que você tem muitas dúvidas garoto, mas agora não há tempo para isso, com o tempo as respostas virão. Nós precisamos impedir que o meu povo domine a Terra e você é o único capaz de fazer isso. Agora que eu os traí, eles virão atrás de mim e certamente irão me matar, eles são cruéis. - Disse Hawkeye um tanto calmo e se sentou em uma poltrona que estava ali naquela sala em que eles se encontravam. Estavam em uma casa que servia como abrigo para Hawkeye, ele vivia ali fazia alguns anos, o que significava que os morganianos já estavam na Terra há um bom tempo.

Christopher ficou intrigado com tudo o que aconteceu, de modo que ficou cansado com as dúvidas pairando na sua mente. O que ele faria para evitar o domínio da Terra? Com muito custo ele conseguiu pegar no sono. Enquanto o garoto dormia, Hawkeye o observava e ficava atento, pois eles corriam o risco de sofrerem um ataque dos morganianos e caso isso acontecesse, eles os pegariam de surpresa. No dia seguinte, Christopher acordou com as forças revigoradas e se levantou, no entanto, percebeu que o homem não estava mais ali, logo saiu do quarto e foi para o porão, onde encontrou Hawkeye fazendo planos para invadir um dos esconderijos dos seres que ameaçavam a Terra. Segundo o homem, o objetivo seria destruir uma pequena jóia que se encontrava em um bracelete usado por Crowley, principal comandante das divisões de guerra do exército morganiano, abaixo apenas da matriarca, Morgana. O que mais surpreendeu a Christopher foi o fato de que Crowley é irmão de Hawkeye, que era o comandante secundário do exército morganiano.

Após tudo ser explicado ao garoto, os dois partiram rumo ao lugar onde eles se escondiam. O esconderijo era fortemente defendido, de modo que não seria uma tarefa fácil se infiltrar ali, porém, nada parecia impossível para eles, já que tinham uma determinação inabalável. Como o planejado, Hawkeye iria distrair os morganianos enquanto Christopher entrava no local, feito isso, o garoto encontraria Crowley e destruiria a jóia, o que aconteceria após isso ainda era um mistério para ele. Para distraí-los, Hawkeye preparou vários explosivos ao redor do lugar sem que os seres o vissem e assim que os detonou, eles ficaram confusos porque as explosões eram em vários lugares ao mesmo tempo, logo se espalharam e deixaram uma abertura que foi aproveitada por Christopher para se infiltrar no esconderijo. O homem que o havia ajudado, apesar de misterioso, era confiável e vendo a confusão, seguiu o garoto. Eles exploraram o lugar até que chegaram a uma sala que parecia um “centro de comando”, onde encontraram Crowley sentado em uma poltrona parecida com um trono. Assim que ele viu os dois, levantou-se e fitou a Hawkeye por um momento, havia ódio em seu olhar, seu coração ardia em desejo de matar seu irmão com as próprias mãos e ver o sangue escorrer, eles sempre foram rivais.

- Ora, ora, vejam só quem decidiu retornar, meu querido irmãozinho, e parece que ele trouxe seu cão de estimação, o que faz com esse humano, Hawkeye? - Crowley disse um tanto sônico e balançou devagar a cabeça.
- Crowley... não esperava te encontrar tão facilmente, não tenho palavras para desperdiçar com você, então vamos ao que interessa, como nos velhos tempos... - Hawkeye respondeu aparentemente calmo, mas assim como o coração de seu irmão, sentiu-se tomado por ódio e raiva. Ele logo retirou de sua vestimenta uma espada, preparada justamente para o último conflito com o seu irmão. Ele estava preparado para a morte e esperava por aquilo desde quando eles eram crianças.
- Hawkeye, pensei que você fosse mais esperto, mas pelo que posso ver, você é uma vergonha aos morganianos, mas como você mesmo disse, vamos ao que interessa - Crowley disse furioso e sacou também uma espada, que era gêmea daquela de Hawkeye, e avançou contra o mesmo. Uma intensa batalha era travada ali e Christopher não podia fazer nada a não ser esperar até o momento certo para atirar e acertar em cheio o bracelete, isso era quase impossível porque eles eram extremamente rápidos e o som das espadas chocando-se uma contra a outra era tudo que podia ser ouvido ali.

Vendo que não podia vencer aquela batalha, Crowley, que era traiçoeiro, resolve sacar uma arma e atirar contra Christopher, que naquele momento estava indefeso, vendo tal cena, Hawkeye imediatamente se põe na frente do, do garoto, recebendo em cheio a bala destinada ao mesmo.

- Destrua... o... bracelete... - Essas foram as últimas palavras de Hawkeye antes de sua morte. Christopher sentiu-se culpado por aquilo estar acontecendo, algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto e vendo que a oportunidade que ele tinha era essa, segurou firme

a arma e apertou o gatilho, atirando contra Crowley e acertando em cheio o bracelete. Com a destruição do bracelete, houve uma grande explosão de energia, o que fez com que Christopher fosse transportado para um lugar completamente diferente da Terra, como um universo paralelo. Ao acordar, ele percebeu que não havia nada e nem ninguém além dele e Hawkeye, que estava morto, naquele lugar.

O que aguarda Christopher nesse universo paralelo? Quem seria Morgana? O que teria acontecido com Crowley durante a explosão? Estes são mistérios que permanecem não revelados... Por enquanto.

O Homem da Carretinha

Por Kaique Moreira Dias – Campus Iporá

Mário era uma criança de oito anos que morava no terceiro andar de um prédio em uma cidade satélite, juntamente com seus pais, que eram policiais. Devido à influência dos pais em casa, Mário se achava um verdadeiro policial. Sempre escutava por detrás da porta os casos policiais discutidos entre eles, que nunca era compartilhado com Mário. Apesar dos assuntos serem muito sérios, ele com sua inocência de criança, levava aqueles fatos como algo apenas intrigante, levando-o às profundezas da imaginação.

Na escola, Mário se comportava como um policial; se achava um investigador. Sempre que acontecia algo, ele estava ali pronto para investigar e solucionar os problemas. Seus colegas riam muito dele, mas ele não se deixava levar pelos comentários.

Um dia, seus colegas chegaram com uma história de que tinha um homem sequestrando crianças na cidade. Mário, muito curioso, perguntou mais sobre o assunto. Um de seus colegas, que inclusive morava no mesmo prédio que ele, disse que o sequestrador era um homem que andava em uma moto vermelha, acoplada com uma carretinha preta. O homem era branco, alto e com uma tatuagem no pescoço e que, no ato do sequestro, coloca a criança na carretinha e que a polícia não estava conseguindo pegá-lo. Mário ouvia com atenção, mas não se deixou levar pela história. Considerou que estavam apenas tirando sarro, mais uma vez.

Ao chegar em casa, Mário foi direto para seu quarto fazer suas tarefas da escola, mas ele não conseguiu se concentrar. Mesmo não acreditando, a história mexeu com a sua imaginação.

Mais tarde, quando encerrado as atividades, ele foi até a cozinha; ao passar em frente ao quarto dos pais, ele escuta algo, então encosta seu ouvido na porta e percebe que era mais uma das conversas de seus pais a respeito do dia de trabalho, mas escutou apenas seu pai dizendo à sua mãe como encerramento da conversa: - Temos que pegá-lo, pois a criança não tem culpa! Mário ficou surpreso, pois concluiu que falavam da mesma coisa que seus colegas lhe contaram mais cedo na escola. Ele muito incomodado com a situação, tomou a decisão de investigar o caso, nomeando-o como “O Homem da Carretinha”, pois era a principal pista até o momento.

No dia seguinte, a caminho da escola, Mário pergunta à sua mãe se era verdade que tinha um sequestrador de crianças na cidade. Em seguida, a mãe muda de assunto e não responde a pergunta. Mário fica mais intrigado ainda.

Antes de se deitar para dormir, Mário vai beber água na cozinha e então escuta seus pais falando sobre um caso onde uma criança tinha desaparecido e que foi vista pela última vez saindo com um homem em uma moto, mas novamente ele chega ao fim da conversa. Isso já foi o bastante para Mário ficar mais encafifado ainda com a história.

Na escola, seus coleguinhas sempre perguntavam a ele sobre o que ele tinha de novidade sobre o fato, já que seus pais eram da polícia. Ele não revelava nada, pois levava muito a sério as suas investigações.

Todos os dias a mãe de Mário levava e buscava-o na escola. Chegando em casa, depois da escola, Mário vê na porta do prédio vizinho uma moto vermelha, com uma carretinha preta. Ele se assusta e fica surpreso. Ao descer do carro, vai correndo para sua casa. Sua mãe o chama, mas ele ignora e continua correndo. Mário não quer nem esperar pelo elevador e vai correndo pelas escadas. Ao entrar em seu apartamento, vai direto para a sacada e fica observando a moto para ver se conseguia iden-

tificar quem é o piloto, mas sua mãe chega e fica lhe chamando. Mário virou-se para responder a mãe e quando retornou os olhos para a moto, ela já não estava mais lá. Mário fica decepcionado e irritado por não ter visto quem era o homem que pilotava a moto.

No dia seguinte já é fim de semana. Mário não tem aula. Seus pais também estavam de folga, então decidiram ir ao parque da cidade passar a manhã e almoçar por lá mesmo. Durante o trajeto, o garoto vê a moto novamente e com o piloto, exatamente como seus amigos descreveram, porém estava de capacete e não dava pra ver o rosto do homem, mas deu para Mário ver que ele tinha uma tatuagem no pescoço. Ele então tenta tirar uma foto, mas o homem percebe e olha direto para ele. Assustado, ele se abaixa dentro do carro e ao retomar o olhar para a rua, não avista mais o motoqueiro.

Encerra-se o passeio. Mário, ao chegar em casa, vê novamente aquela moto, só que na porta de seu prédio. Ele se sente ameaçado, mas nem o medo o fez desistir de sua investigação, muito pelo contrário, ele vê que tem que solucionar logo, imagina um ataque a alguma criança em breve.

Mário não relata nada a ninguém sobre o assunto, mas quem convive com ele no dia a dia, percebia a mudança em seu comportamento. Estava mais conservado e muito observador. Devido às circunstâncias, Mário decide fazer algo a respeito imediatamente. Pensa, pensa, mas não conseguia elaborar um plano.

Passou-se o fim de semana. Segunda-feira era dia de reunião de professores e Mário não tinha aula, então resolveu dormir até mais tarde. Despertou-se! Já era hora do almoço. Levantou-se e foi em direção à cozinha, ainda desprevenido de um plano. Mário é surpreendido pelo homem da moto, na sua própria casa. Estava ali na porta, conversando com a empregada. Ele finalmente consegue ver o rosto do homem. Era branco, com barba, alto e de voz grave, com uma tatuagem no pescoço, exatamente a mesma que ele

tinha visto no caminho do parque. O homem olha para ele e o cumprimenta. Ele, em estado de choque, fala oi e se distancia da porta. Em seguida, o homem vai embora. Mário fica muito assustado e decide agir naquele exato momento por impulso. Segue o homem, corre até a recepção e ao vê-lo, grita por socorro. Seus pais que acabara de chegar para almoçar correm em direção a Mário e lhe pergunta o que estava acontecendo. Ele fala para os pais que aquele homem que estava ali era o sequestrador de crianças. Seus pais ficaram assustados com o que seu filho lhe contara no momento.

A empregada escuta os gritos e chega em seguida atrás de Mário. Seu amigo por coincidência chega também com sua mãe na recepção e no calor da confusão, os pais de Mário pedem calma e fazem ele explicar direitinho o que está acontecendo. Mário explica então desde o início. Relata que um dia seus colegas da escola comentaram que tinha na cidade um homem de moto vermelha com uma carretinha preta acoplada na moto e que estava sequestrando crianças e levando-as na carretinha. No mesmo dia, escutou atrás da porta seus pais conversando sobre o mesmo assunto. Intrigado com a história, ele queria ajudar seus pais, pois os fatos estavam muito sérios e eles não estavam conseguindo solucionar o problema. Mário relata ainda que, nos dias seguintes passou a observar e desconfiar que aquele homem que estava ali poderia ser o suposto criminoso.

Todas as características do homem eram semelhantes as que ele havia ouvido, tanto dos colegas da escola, como as histórias contadas pelos pais. Segundo Mário, não se tinha mais dúvidas, ele era o sequestrador. Então a empregada se manifesta. Relata a Mário que aquele homem era seu filho que tinha acabado de se mudar para a cidade e que ainda não conhecia todas as ruas e precisava de algumas informações. A carretinha era apenas sua ferramenta de trabalho e que servia para transportar produtos, pois ele era um entregador.

Após todos se explicarem, seu amigo esclarece que tudo que lhe contaram havia sido inventado. Comenta que foi uma brincadeira de

mau gosto feita em conjunto pelos seus colegas. Conta ainda que, um dia indo para a escola, ele viu o homem na porta do prédio e a partir daquelas características descreveu o mesmo para ele. Seus pais então explica também que aquelas conversas que ele havia escutado, eram casos diferentes e não se tratava da mesma história que ele ouvira de seus colegas. Ressaltaram também que ele não deveria ficar escutando atrás da porta. Mário ao entender toda a história, se acalma e se sente envergonhado. Pede desculpas aos seus pais e ao homem, que ficou muito assustado com o ocorrido. Então, Mário encerra este caso.

Passaram-se algumas semanas e Mário levava sua vida como de costume. Inesperado, seus pais tiveram que viajar por dois dias a trabalho e deixaram Mário em casa aos cuidados da empregada.

Quando os pais de Mário retornaram, não encontraram ninguém no apartamento. Após olhar todos os cômodos, avistaram um envelope que tinha sido colocado por baixo da porta. Ao abrir o envelope, encontraram uma foto de Mário amarrado dentro da carretinha e no verso uma frase que dizia: “Ele estava certo”. Seus pais entraram em desespero. Correram, procuraram por todo o prédio e nada de encontrar Mário. Avisaram todos seus amigos da polícia, porém nenhum vestígio de Mário foi encontrado. Com base nas filmagens das câmeras de segurança do prédio, apenas concluiu-se que o filho da empregada era mesmo um sequestrador e que mãe era cúmplice. Ambos desapareceram, levando Mário e possivelmente todas as crianças que desapareceram no mesmo intervalo de dia, inclusive seu colega de escola que morava no mesmo prédio.

Os pais de Mário descobriram ainda que a história inventada pelos colegas de escola de Mário não foi uma simples brincadeira de criança e nem tão pouco coincidência, pois passou a ser verdadeira, apesar deles não saberem. Perceberam ainda que a sua própria casa serviu como fonte de informações para os sequestradores. Na casa, com as histórias contadas por Mário e seus pais, os sequestradores podiam articular todos os planos

sem serem percebidos. A amizade da empregada construída com a família dificultava a investigação.

O que se sabe sobre o desfecho desta história é que a empregada, seu filho, as crianças, Mário e seu colega jamais foram vistos na cidade e seus pais ainda os procuram. Mais um misterioso caso a ser investigado e resolvido pela polícia!

O Estúdio

Por Tainá Rodrigues Roque – Campus Avançado Catalão

Entro no porão, estamos de mudança e o cheiro de mofo se encontra no ar. Ah, são séculos de histórias acumuladas aqui! É a primeira vez que alguém da família Simons se muda. Esta casa é um santuário. Enquanto empacoto tudo com o máximo de cuidado vou encontrando relíquias, coisas que as crianças de hoje nem devem saber que existem.

Entre máquinas de escrever, rádios antigos e televisões, o que mais me chamou atenção foi um sobretudo enorme e velho. Dentro dele havia uma espécie de diário com a data de 1890. Ao abri-lo vejo o nome do dono, Roger Simons. Descobri que aquele diário era usado para reportar investigações e que Simons era um detetive brilhante.

Fiquei com o objeto por dias lendo e relendo as façanhas daquele investigador. Mas o que eu não havia percebido foi que dentro do sobretudo tinham algumas folhas soltas. Ao juntá-las fiquei intrigado, pois não se pareciam com as outras, era algo mais complexo e começava assim:

07 de maio de 1890

Não consigo entender. Nos últimos meses Rougaroana nunca esteve tão quieta e é difícil imaginar o núcleo comercial da região sem crimes.

08 de maio de 1890

A cidade parecia tranquila demais para que algo estivesse acontecendo, mas um cadáver em decomposição foi encontrado escondido nos escombros

do velho estúdio de dança. Perguntei a minha mulher se ela conhecia o local, já que tinha sido bailarina de lá. Era difícil saber, os vermes devoraram metade do seu rosto. Então comecei pelo básico e fui na nova escola de dança perguntar se não haviam sentido falta de alguma aluna, mas nada. Dentre as professoras uma não se fazia presente. Todavia, avisaram-me que ela estava em uma viagem.

10 de maio de 1890

Quando minha mulher saiu para trabalhar parecia meio abatida, mas eu estou tão centrado nas coisas as quais tenho para fazer que resolvi conversar com ela mais tarde.

10 de maio de 1890, à noite.

Fui novamente ver o corpo da mulher e checar se encontrava os documentos dela, porém, não achei nada e na cena do crime também não. Quem cometeu este homicídio sabe muito bem como não deixar rastros.

11 de maio de 1890

Meu fiel escudeiro voltou, Léo Ranfred. Ele ainda é um aprendiz, no entanto, tem futuro e agora, com a ajuda dele, a investigação vai deslanchar.

12 de maio 1890

Um assassinato em massa, cinco bailarinas mortas foram encontradas na antiga escola de ballet. O primeiro cadáver encontrado era da professora. As mortes foram idênticas, parecia que tinham sido coreografadas. Em ordem, uma a uma estava morta, todas enforcadas e com os seus pés quebrados. Oh Deus! Elas foram torturadas antes de morrer... quem faria uma crueldade dessas?

12 de maio de 1890 mais tarde.

Minha mulher chegou do estúdio de dança e perguntei se ela sabia para onde aquela professora havia ido. Ela não soube dizer-me e foi tomar um banho. Estava empolgada, pois seria o primeiro ano que dançaria em um festival desde quando nos mudamos. Eu quis saber mais sobre o festival, mas ela tinha o intuito de fazer-me uma surpresa e não contou nada.

13 maio de 1890

Novamente retornei ao estúdio de dança para conversar com diretora sobre a professora a qual, supostamente, tinha viajado. Não me deram mais informações só que ela era uma das responsáveis por coreografar as danças do festival e, também, que as meninas mortas eram as melhores alunas, por isso, tinham grande chance de ter o papel principal. Peguei as fichas de todas para avaliar melhor. Ela não me pareceu se importar com elas, pelo contrário, estava feliz com a notícia. O que será que essas meninas fizeram para ela? Quando li os relatórios entendi o porquê, elas não pagavam as aulas e a professora, falecida, havia conseguido aquelas vagas.

15 de maio de 1890

Não consigo entender. Não encontrei nada na cena do crime e minha única suspeita é a diretora, ou melhor, era. Resolvi passar com Léo no estúdio para ver minha mulher, uma desculpa a qual arrumei com objetivo de tentar analisar se haviam outras pessoas que as queriam mortas. Algo me chamou atenção. Quando estávamos deixando o local escutamos a conversa de um grupo de meninas e uma delas dizia como era bom aquelas alunas estarem mortas, uma vez que, assim, o papel principal ficava em aberto e ela poderia ganhar.

21 de maio de 1890

Ontem foi o dia dela, minha linda mulher. Nesses últimos dias a investigação não andou bem. Léo pegou um caso em meu lugar e teve que viajar novamente. Descobri, enquanto isso, que a diretora era irmã da professora e não sabia da morte dela. E a aluna não pegou o papel principal. Odete, minha esposa, saiu mais cedo. De repente, percebi que ela se esquecera de uma sacola. Quando a peguei notei algo estranho: uma caixa que nunca esteve naquele lugar. Abri o objeto, mas quisera eu não tê-lo aberto! Lá tinham facas, cordas, tesouras e documentos. Além disso, encontrei cinco pares de sapatilhas. Já não sabia mais onde estava e perdi completamente a noção. Como minha própria mulher fora capaz de cometer um ato tão covarde como esse? Quis matá-la, isso foi um insulto! O detetive sendo enganado deste jeito por sua própria mulher?! Todavia, ao lado das sapatilhas, havia uma folha que eu me coloquei a ler:

‘Sei que o que fiz é errado, sei também que meu marido irá me expulsar de casa ao saber disso. Nunca mais verei aqueles olhos azuis novamente, aquele sorriso. Mas eu matei seis pessoas, seis bailarinas. Quando observei a dança principal do festival fiquei deslumbrada com tanta beleza, entretanto, percebi que eu não poderia ser a principal, pois não era apta para tal coisa. Eu queria brilhar, voar tal como a dança poderia proporcionar. Percebi então que, se eu quisesse ser a principal, as melhores deveriam ser substituídas.

Foi um ato de pura insanidade. Ao levá-las para o antigo estúdio, amarrei-as e comecei a cantarolar. Quando me vi já estava dançando e, em uma coreografia perfeita, eu as matei. Hoje não consigo dormir pensando no que fiz, não sei como Roger ainda não reparou. Eu as matei para poder fazer melhor e não poderei decepcioná-las. Vou subir naquele palco e dançarei como se fosse a última noite de minha vida, se esta não for mesmo a última noite.

Fiquei ali sentando na minha cama tentando entender tudo que acabara de descobrir. Procurava ligar um ponto a outro até que me lembrei de uma coisa a qual ela me disse logo que nos casamos: ‘Nunca fui protagonista de alguma apresentação, estou esperando a hora certa’. Bom, parece que ela encontrou esta hora! Quando li novamente a carta, agora com mais calma, percebi que esta seria a última noite de sua vida. Corri atordoado para impedi-la, mas já era tarde. Cheguei e ela já estava em sua última dança. Por um momento ela me pareceu tão leve, tranquila e perfeita, estava voando. Ao final da apresentação - antes que a cortina se fechasse até que eu não pudesse ver mais nada - ela me olhou e notei uma lágrima caindo de seu olho esquerdo.

Eu sabia que seria a última vez a qual veria aquele rosto angelical. Antes que me desse conta eu já estava correndo para atrás do palco, mas era tarde. Minha esposa estava caída, morta. Fiquei enfurecido, pensando no fazer. Ela me deixou sozinho na escuridão do mundo. Depois descobri que Odete havia tomado um veneno e, posteriormente a isso, encontrei um bilhete nas coisas dela:

- ‘As bailarinas são como pássaros livres. Eles voam pra se sentir livres, e elas dançam pra voar.’

Percebi então que esse era o meu fim também.

Fiquei maravilhado e sem palavras frente a tudo que acabara de ler. Não poderia ser o fim! O que o detetive fez depois? Fui ao porão novamente tentando achar mais coisas. Não encontrei nada. Neste momento, minha esposa me chamou para jantar e, quando estava prestes a sair, esbarrei em uma caixa onde ficavam guardadas algumas fotos antigas. Peguei uma das fotos e vi um casal lindo. Ao olhar no verso deparei-me com os seus nomes: são eles, Roger e Odete Simons!

Senti Sentimentos

Por Nicolas Neia Thomaz da Silva – Campus Urutai

Esta história começa em um lugar não muito distante, onde o vento sopra calmamente e os dias têm ar de esperança, como jamais visto. As noites têm um luar tão belo que olhos humanos nunca viram. Nesse lugar, chamado Niobio, mora Antônio. Antônio era um rapaz não muito belo e de poucos amigos. Porém, os que tinham, chamava-os de irmãos.

Levava uma vida pacata até que os acontecimentos que se sucedem mudarem sua vida para sempre... Era uma noite cujo vento soprava mais forte do que o normal. O barulho do vento lá fora parecia querer sussurrar algo nos ouvidos do garoto, que já estava deitado na sua cama. E, talvez, tenha sussurrado mesmo... Ao acordar, com o sol batendo no rosto, Antônio sente algo diferente. Assustado e com uma sensação estranha, ficou ali, deitado, praticamente imóvel. Parecia ter alguém ao seu lado, mas quem?! Com estranheza por nunca ter sentido isso, se recusou a levantar da cama de imediato. Confuso, perdido, sem saber o que estava acontecendo, sentiu Medo... Algo invisível parecia sussurrar aos seus ouvidos. Tentou falar, mas sua voz saiu rouca, baixinha.

Então, para evitar sustos e acidentes, apenas escutou aquilo que não era visível, nem tocável, dizer: Não faça isso, não faça aquilo! Entre um misto de horror e ansiedade para saber o que estava acontecendo, fechou novamente os olhos até então arregalados de pavor e se deu conta do que estava lhe atormentando. E, para sua surpresa, nada mais era do que a Preguiça! Com a respiração alterada, entre um misto de sentimentos, Antônio tentava entender o que ocorria, pois, além dessa voz, parecia ter outras coisas!

De onde vinha tudo isso, nunca tinha se sentido assim... Que pessoas ou sentimentos eram aqueles que, contrário do que a preguiça lhe falava aos ouvidos, também lhe despertava uma sensação diferente. No meio deste turbilhão de pensamentos e entre o relutar de um sentimento e outro, eis que aparece imponente e soberana, a Consciência – aquela que tudo sabe e que tudo vê! Calmante diz:

- Levante-se, sente-se e escute!

Quase que em um movimento mecânico, sem reação, sentou-se e ouviu calado, a consciência dizer:

- Na noite passada, uma estrela encantada passou por seu planeta.

Antônio, inseguro, pergunta:

- O que está acontecendo?

Como em um passe de mágica, aparece imediatamente ao lado da consciência, Nervosíssimo, que com voz baixinha e fala rápida diz:

- Você foi escolhido, terá que arcar com seus sentimentos.

Antônio indaga:

- Mais por quê? A Consciência, mais que depressa, joga seu manto sobre Nervosíssimo como uma maneira de calá-lo. Depois, olha fixamente para Antônio e com um sorriso, diz:

- Acalme-se!

Nesse momento, uma Paz nunca antes sentida tomou conta do ambiente. Nervosíssimo e o Medo desaparecem, enquanto a Preguiça continua na cama. A Consciência termina:

– Escolhido. Apenas escolhido Antônio.

Sem mais nem menos, a consciência some, como um dia some com a noite. Antônio se levanta e ainda confuso, finge que nada aconteceu, ou pelo menos tenta.

Com a cabeça cheia de questionamentos, aparece ao seu lado a Dúvida. Ela não diz nada, apenas segue Antônio, levando a sensação de não se ter respostas para nada. Antônio então, vai à faculdade e outros lugares tentando fugir de seus sentimentos, mas a Dúvida ainda o segue como um cão segue o dono. Na fuga, Antônio esbarra nela. Linda, com olhar penetrante e sorriso único: Ana é o nome da garota.

Mais uma vez e, com coração acelerado, Antônio se vê envolto pelo Medo, pela Dúvida, pelo Desejo, pela Ansiedade, pela Coragem, pela Alegria, pela Insegurança e muitos outros sentimentos. Confuso, ele mal consegue ver Ana. Vendo o desespero do garoto e sem saber o que estava acontecendo, Ana pergunta:

– Você está bem Antônio?

Aquele som era como uma música a lhe acalmar... A voz de Ana lhe trazia paz ao coração. Era como se todos aqueles sentimentos se reunissem e dessem lugar apenas a um único: a Paixão. Incrivelmente perfeita! Em um momento de impulso, Antônio mais que de depressa, rouba um beijo de Ana. Nessa hora, era possível ver a Paixão com um sorriso no rosto a empurrar-lhe para os braços dela...

Por sua vez, Ana, quase que imediatamente, retribui o beijo. Apesar da alegria do momento, infelizmente Antônio não podia ficar, tinha outros afazeres. Como toda história tem outro lado... Depois da faculdade veio o trabalho. Junto dele um relatório enorme! Imediatamente a Raiva aparece. Sentimento esse que, ao contrário do que muitos pensam,

possui um belo sorriso que pode ser enganador... É, sem dúvida, uma agradável companhia durante alguns momentos de solidão, por isso é preciso ter cuidado! Deve-se saber conviver com ela, pois é extremamente dominadora, traidora e inconsequente. Já meio acostumado com os sentimentos fazendo companhia durante seu dia, Antônio estava a caminho da casa de sua mãe quando novamente é surpreendido. Eis que aparece o Tédio! Sentimento este que surge inesperadamente, do nada... Como um estalar de dedos, ao se aproximar da casa de sua mãe, outro sentimento o envolve afastando o Tédio. Ao chegar, vê abrir a porta, um garoto com olhos tímidos e sorriso aconchegante capaz de fazer qualquer pessoa esquecer tudo ao seu redor.

Esse garoto que abre a porta é o Amor. Envolto por aquele sentimento que é o maior de todos, Antônio entra e abraça sua mãe - um abraço triplo para dizer a verdade, pois o garoto Amor não perde tempo e se encaixa ali, quietinho entre eles, deixando emanar o aconchego, o afeto e o afago que só uma mãe é capaz de dar... Logo depois, ainda em êxtase por causa do tamanho e quantidade de amor ali presente, senta-se no sofá, enquanto Dona Rosa, sua mãe, vai terminar o jantar. Junto dele fica sentado o garoto Amor, que não o abandona. Ao lado do sofá em que Antônio estava sentado, havia um porta-retratos. Nele tinha uma foto do seu pai. Ele o toma em suas mãos e lembra-se dos momentos em que haviam passado juntos, pois há alguns anos seu pai havia falecido. Junto com as lembranças, veio a Saudade... Aparece jovem, com olhar nostálgico, voz calma, que apesar de querer consolar, dizia tudo que o tempo não deixou ser dito... Tirando-lhe desta companhia, sua mãe chama-lhe para jantar.

Após o jantar, que foi acompanhado da Alegria, do Amor, da Saudade e, até mesmo, da Dúvida - de resistir ou não ao cheiro da comida e não ir correndo comê-la; era “hora de voltar para casa”, disse Antônio. Assim, se despede e volta para casa. Agora, claro, conversando com seus novos amigos! Ao chegar à casa, não mais como um desconhecido, mas com a impressão de serem velhos amigos que há muito não se viam,

encontra e senta-se ao lado da Consciência - que o esperava na varanda perto da janela do seu quarto. De lá, ainda dava para ver a Preguiça dormindo e ouve:

- Durante esse dia você teve a Dúvida ao seu lado, o Medo falando em seu ouvido, fugiu do que não se pode fugir e até esbarrou na Paixão. Fez da Raiva um amigo e até o Tédio, que não é muito amigável, lhe fez companhia. Foi apresentado ao garoto Amor e, inevitavelmente, fez amizade com a Saudade, que possui aquele olhar único e que pode deixar marcas profundas...

Por um instante, um silêncio profundo tomou conta do ambiente... De repente, uma voz fina e agradável quebra o silêncio emitindo um som alto e belo. Era o Sonho, marido da Consciência que havia chegado dizendo:

- Hora de partir! Dando a mão para Consciência, eles deixam aquele lugar. Antônio, ainda um pouco confuso, mas satisfeito, ouve as últimas palavras do casal:
- Caro Antônio, não é para entender, mas simplesmente sentir...

Foi então, que uma forte luz apareceu! E um barulho estridente pairou no ar... Esse barulho nada mais era do que o despertador.

- Será que tudo não passou de um sonho? Se pergunta Antônio.

Bom, se foi sonho ou não, cabe somente a você decidir, mais acredito que é melhor não falar muito alto, pois a Preguiça ainda deitada na cama de Antônio, dizendo em um leve sussurro:

- Só mais 5 minutos, ainda é cedo...

Duplo Triunfo

Por Maria Jordana Caldas Barbosa – Campus Urutaí

5 de Maio de 1831. O sol forte daquele dia já se punha por trás das montanhas que rodeavam FarWay. O prospero rancho da recém-formada família Marston que se encontrava próximo a Amarillo-Texas. Sarah era esposa de Bill Marston, um pistoleiro que por ventura deixara a profissão e se fixara apenas em domar cavalos. Recentemente se mudara na tentativa de dar uma vida melhor para a esposa que estava grávida e prestes a dar à luz.

Já era Madrugada, quando Bill chega em casa após um longo dia de serviço com os potros. Ele senta-se na cadeira de balanço da varanda, retira as botas dos pés, em seguida vai para dentro de casa. Ao entrar nota que algo estava estranho, as panelas ainda estavam no fogo, dispostos à mesa dois pratos e o candeeiro aceso. O ambiente estava calmo demais e ele chama pela esposa:

– Sarah, querida, onde está você!?

Ele não recebe resposta, porém escuta um choro de criança que vinha do andar de cima da casa. Ele com um sorriso entre lágrimas sobe as escadas correndo. Chegando ao quarto, uma mistura de sentimentos e sensações.

Com a luz apenas de uma vela, Bill se depara com a cena da esposa deitada na cama com a camisola ensanguentada, nos braços duas belas meninas. A mulher estava muito fraca e, para tristeza e desespero, sua jovem esposa estava praticamente sem vida. Emocionado, Bill se aproxima

de sua esposa e a acarícia. Lentamente, ela olha em seus olhos e com uma voz fraca diz:

- Shiii...Cuide delas por mim e jamais se esqueça que eu... Sarah não teve mais forças para terminar as palavras e partiu.

12 de Março de 1846. Foram quinze anos muito difíceis para Bill que criou as gêmeas Jane e Rose com a ajuda de Abigail Foster, uma jovem de dezesseis anos com que se casara 5 meses depois da morte da esposa, logo nos primeiros meses ele soube que criar duas meninas sozinho não seria nada simples, principalmente cuidar da casa e da fazenda. Abigail não era como as outras mulheres, tinha um gênio forte. Era astuta e um pouco desajeitada com os afazeres domésticos e durante os praticamente 15 anos que estava com a família sempre foi dedicada a casa e as meninas. Por ser filha única de Pistoleiro, desde pequena aprendeu a manusear armas de fogo e a montar cavalos.

Abigail criou as garotas a sua imagem, totalmente fora dos padrões desejados pela sociedade. Bill não era muito presente na vida das garotas pois voltara a trabalhar como pistoleiro e por isso era sempre acionado pelo Xerife e isso lhe custava meses de viagem. Coube a Abigail fazer o papel de pai e mãe ensinando de tudo um pouco para as moças, incluindo ler, escrever, a manusear armas e a lidar com cavalos. Aos 15 anos de idade Jane e Rose já eram belíssimas moças, puxaram a aparência da mãe. Ambas loiras com belos olhos azuis, chamavam atenção por onde andavam. Também não se vestiam como as jovens comuns com vestidos cheios de pregas e babados, não possuíam os mesmos princípios e modos, eram sempre vistas de chapéu, calça e camisa, montadas em seus garbosos cavalos, andavam sempre armadas, assim como Abigail as ensinou e dizia sempre: “Por essas bandas só se teme uma mulher por dois motivos: ou por ser forte ou por andar armada, deixem que as temam por ambos”

19 de Outubro de 1846. Já haviam se passado 7 meses desde a última viagem de Bill Marston, a ansiedade fazia parte do dia-a-dia das

três mulheres. O medo era de que Bill não retornasse, elas sabiam que a cada vez que ele saía, a probabilidade de retorno não era grande. O dia quase amanhecia quando cavalos chegaram em disparada pela entrada da fazenda. Rose escuta o barulho e mais que depressa se levanta e desce a escada correndo na esperança de ser o pai. Ela abre a porta com tamanho entusiasmo, mas, ao colocar o pé na varanda, o susto. Ela se depara com 4 homens montados em enormes cavalos, eles estavam pareados bem a sua frente. Os homens a encaravam em silêncio, sua respiração ficava ofegante a cada segundo que se passava daquela troca de olhares, até que um dos homens com uma voz sarcástica diz:

- Menina, é aqui que mora aquele canalha do Bill Marston?

Ela engole seco, respira e diz:

- Quem são vocês? Acho melhor vocês saírem daqui agora! Ele não gosta de visitas a essa hora.

Os quatros homens começam a rir e novamente o homem que parecia ser o chefe da quadrilha diz para a Rose ir chamar a mãe. O homem vira seu cavalo negro e joga o corpo de Bill no chão, extremamente irado ele grita:

- Avisem a todos que é isso que acontece com quem tenta captura a gangue de Jim Miller.

Abigail pula da cama ao escutar aquela gritaria, pega seu revólver que por sinal estava em baixo do travesseiro e corre em direção a porta, ao descer as escadas ela vê a filha e ordena que ela saia da porta. Ela se aproxima rapidamente e puxa a garota para dentro e vai para a varanda. Estupidez! Ao verem Abigail armada, a gangue dispara uma série de tiros contra ela. Após o feito saem esporeando os cavalos. Jane desce desesperada com todo aquele alvoroço e vai de encontro a irmã que estava abaixada com as mãos no rosto.

As irmãs Marston agora só tinham uma à outra. As garotas enter-ram o corpo do pai e da madrasta na campina ao lado da mãe biológica que nem chegaram a conhecer. Rose conta tudo o que aconteceu para a irmã, pois se sentia culpada. Em seguida, enxuga as lágrimas e propõem: -Sairemos agora a tarde, aquele bando de traste pagará pelo que fez. Sem pensar duas vezes, entram em casa e se equipam, colocam seus coldres na cintura, recarregam as pistolas e pegam munição, em seguida vão em direção ao estábulo selar seus cavalos. Determinadas, equipadas, munidas e convictas de que vingar-se seria o melhor a fazer, as gêmeas Marston saem a galope da fazenda deixando tudo para trás. No caminho, fazem parada em Amarillo.

Naquela tarde, a cidade estava um alvoroço, um vigia noturno havia sido morto, além de uma dançarina do saloon e para provar tamanha crueldade, uma mulher grávida havia sido estuprada e morta por nada menos que a gangue de Jim Miller. Jane e Rose logo viram que a quadri- lha é extremamente violenta. As jovens não se deixaram intimidar e fize- ram daquilo um motivo a mais para se vingar. Elas decidem ir conversar com Clint, o xerife de Amarillo, vão até a delegacia que estava bastante movimentada. Ao entrarem logo chamam a atenção em meio aos doze homens. Clint logo se pronuncia e pede para que as jovens se retirem. Rose, por ser mais estressada, se surpreende com o abuso e retruca im- pondo a voz:

- Eu não vou para fora e muito menos esperar, se você acha que tem pressa para resolver alguma coisa é porque não viu a minha!

A expressão de Clint era indescritível, e o silêncio toma conta da sala e ele bastante estressado diz:

- Não me façam perder tempo. Vocês duas estão vendo o alvoroço lá fora? Seja breve.

Jane toma frente da situação e diz:

- Somos filhas de Bill Marston, você sabe quem é! Jim Miller e sua gangue passaram hoje pelas nossas terras e largaram o corpo de nosso pai e assassinaram nossa madrastra.

Antes de terminar de falar o xerife a interrompe, senta-se novamente em sua cadeira, retira do bolso um lenço e limpa o suor da testa, respira fundo e desapontado ele diz:

- Maldito sejam todos aqueles homens. Seu pai ficou de me trazer informações cruciais que nos ajudariam a pegar aqueles canalhas.

Rose, por já estar bastante impaciente com aquela situação, diz logo para Clint:

- Eu e Jane vamos atrás deles e queremos sua ajuda, estou sendo breve agora?

Os Homens que estavam presentes na sala começam a gargalhar, Clint também segura o riso:

- Minhas queridas, onde vocês estão com a cabeça? Tem noção de quantos já foram atrás de Jim? Digam-me de onde tiraram essa ideia estúpida? Duas mulheres, assim como vocês, sem experiência em emboscadas? Se conseguirem encontrar a gangue vocês serão estupradas e trucidadas. Voltem para casa. Coloquem um vestido e tirem esses revólveres da cintura antes que se machuquem! Nesta sala, tenho homens muito bem preparados para a missão.

As gêmeas saem da delegacia enfurecidas.

3 de janeiro de 1847. Setenta e cinco dias longe de casa, perambulando por terras americanas atrás da gangue, as irmãs passaram sede ape-

nas duas vezes, pois levaram apenas um cantil de água. Seus destemidos cavalos já haviam perdido um pouco de peso. Jane e Rose revezavam na hora de dormir para sempre uma ficar de vigia. Em alguns momentos, elas conseguiram vestígios da quadrilha.

O desapontamento era visível no semblante das jovens. Talvez o xerife estivesse certo, mas elas não podiam desistir, pois a sede de vingança não diminuía. Por vezes, conseguiram dormir em alguns seleiros ou cocheiras, elas explicavam a situação e comovidos alguns fazendeiros as acolhiam.

Manhã de 4 de janeiro de 1847. O dia amanhecia, Jane e Rose haviam dormido as margens de uma represa. Rose que havia ficado de vigia nas últimas 4 horas decide selar os cavalos e colocar água no cantil, ao se deslocar para encher o cantil ouviu vozes de homens não muito longe, mais que depressa ela se esconde e observa um grupo com 4 homens que estavam dando água aos cavalos do outro lado da represa. Rose fixa o olhar e não lhe resta dúvidas era Jim e seu bando. Rapidamente, ela volta para o acampamento e acorda Jane anunciando que encontrou os assassinos de seu pai. Ambas pegam os cavalos e os revolveres e decidem se aproximar. O bando já estava se deslocando, ficando para trás apenas dois comparsas que estavam apagando os vestígios da noite passada.

Elas decidem agir rápido, por um lugar raso da represa, elas atravessam a galope, por sorte os capangas estavam desarmados, com uma mira certa Jane e Rose atiram e eles caem. Mais que depressa chegam ao outro lado da represa e se escondem atrás de duas pedras prevendo o retorno de Jim Miller e seu companheiro, em poucos minutos, elas o escutam retornando. Jane, por estar escondida mais atrás, dá sinal para a Irmã disparar o tiro, Rose se levanta e acerta o capanga de Jim que vinha mais na frente, não lhe restou tempo para esconder-se novamente, pois Jim estava bem a sua frente apontando a arma, mais uma vez Rose troca olhares com o tão temido malfeitor daquelas bandas. Jim engatilha o re-

volver para disparar o tiro, porém, para sua surpresa, ele já estava na mira de Jane que atira em sua mão o desarmando. Com uma tremenda dor, ele cai do cavalo. Rose ligeiramente pula em cima de Jim e aponta arma para sua cabeça e pede para Jane pegar o laço. Rose amarra as mãos e os pés de Jim e o arrasta a cavalo por vários quilômetros até a delegacia de Amarillo. Ao entrarem na cidade, todos voltam seus olhares para elas que arrastavam o tão temido pistoleiro Jim Miller, que estava morto e totalmente desfigurado. Na porta da delegacia, o Xerife Clint observa a cena, espantado. Rose olha no fundo dos olhos do Xerife e lhe diz:

- Diga para seus doze homens fortemente armados e preparados, que eles não tiveram nossa competência. Aqui está seu homem!

Observador de Galáxias

Por Lara Dornelas Campos – Campus Rio Verde

Quando eu tinha cerca de quinze anos, minha vida era normal como a de qualquer adolescente. Tinha várias manias. Eu era profissional em inventar desculpas para não fazer o que minha mãe queria, principalmente para não ir à escola. Lembro-me que ela, bem cedo, me mandava levantar. Uma das minhas melhores artimanhas era dizer que não gostava de história. Como argumento eu usava o fato de que “o Brasil foi descoberto por chineses e não por portugueses”. Como reação, ela costumava dizer coisas como “não adianta dizer nada, você tem dois segundos para levantar e um já foi”. Em dias mais extremos, ela costumava jogar água em mim enquanto eu ainda dormia.

Ah sim! Desculpe-me. Meu nome é João Pedro e vou contar algo que aconteceu comigo nesta mesma época. Era uma linda manhã de sexta-feira. O cobertor me envolvia de tal maneira que não conseguia nem esticar o braço para desligar o despertador que tocava alucinadamente. O colchão estava exatamente adequado ao meu corpo como se fosse feito especialmente para mim e o travesseiro envolvia minha cabeça como se estivesse me massageando. De repente, um clarão veio ao meu rosto. Era minha mãe que cumpria sua velha rotina diária, abrir a janela no rumo do meu rosto só para me acordar. Cobri a cabeça com o cobertor, mas não adiantou, ela o puxou e jogou-o no chão enquanto me mandava levantar. Ela dizia:

- Acorda menino. João Pedro levanta daí, o ônibus vai passar daqui à meia hora.

Como sempre, eu comecei a dizer que não queria ir, principalmente, porque, naquele dia, faríamos um passeio ao museu. Foi um motivo a mais para eu não querer ir porque, como disse a pouco, não gostava de história. Disse também que estava doente, sofria com Preguiça Aguda. Acha que adiantou? Bom, posso dizer que gastei saliva à toa. Como imaginava, ela foi ao banheiro, pegou um balde de água e jogou em mim. Na mesma hora, saltei da cama e com raiva fui me enxugar. Sarcasticamente ela ainda disse:

- Olha como sou bondosa, acabei de te dar banho e nem precisou de um chuveiro. Vamos economizar energia hoje.

Passados cerca de trinta minutos o ônibus buzinou na porta. Mesmo sem vontade fui ao museu. Quando chegamos, a primeira coisa que vi foi um enorme lago que ficava bem na entrada e logo pensei “pelo menos uma coisa legal existe aqui”. Enquanto todos foram olhar as exposições, eu fiquei à beira do lago, observando os peixes. Como era calado, para meu azar, tinha amigos do tipo errado. Era um grupo de meninos que sempre me zombavam e me chamavam de “pamonha”. Bastava eu passar que eles gritassem “olha a pamoonha”. Mas, nesse dia, eles utilizaram brilhantemente sua criatividade maligna e tiveram a ideia de me jogarem na água. Nem preciso dizer muito sobre o que aconteceu, não é? Já chegaram gritando “vamos colocar a pamonha pra esfriar”, enquanto riam e se divertiam. Quando vi estava cercado. Acha que adiantou eu pedir socorro? Todos os colegas se juntaram para rirem de mim enquanto eu era dominado e levado até a ponte que cortava o lago ao meio. Contaram até três e ... quando vi já estava me debatendo com a água. Sem saber nadar, eu fui arrastado cada vez mais para o fundo.

Inconsciente, por alguns instantes, lembro-me apenas de perceber que estava sendo puxado por alguém. Meio zozzo, comecei a despertar enquanto alguém dizia:

- Ele ainda vive capitão. Deve ter engolido muita água. Perdeu os sentidos.

Voltei ao normal e me vi deitado num piso de madeira, cercado por vários homens vestidos com roupas bem antigas. Assustado, comecei a gritar:

- Me deixem por favor. Não digo nada a professora. Prometo não contar nada.

Todos começaram a rir enquanto alguém dizia:

- Ele ficou muito tempo no mar capitão. Deve ter ficado biruta.
- Ei! Eu não sou louco. E porque estão rindo? Onde estou? – Perguntei.
- Como se chama e de onde és? – Perguntou o capitão.
- Meu nome é João Pedro e eu sou de Goiás, que fica no Brasil. – Disse enquanto me levantava do chão.
- Brasil? És comerciante de madeiras? Porque só conhecemos o pau-brasil. Falaste de uma árvore? – Perguntou o capitão intrigado.
- Não sou comerciante. Sou estudante. Onde estou? – Perguntei a eles.
- Meu rapaz, neste momento estás a navegar em uma de minhas embarcações, o Observador de Galáxias. Sou o capitão Ruper García. Estamos a caminho da Nova Terra.

- Nova Terra? Mas este era o nome do Brasil há quinhentos anos atrás. Isso é uma pegadinha de televisão? Porque se for, eu desisto.
- Disse eu a eles.

- Meu caro nunca ouvi falar nisto, não sabemos do que estás a dizer. Venha comigo, deve ter batido a cabeça. Vamos, vou lhe arrumar vestes novas e depois levá-lo ao doutor. Esta fantasia que estais a vestir assusta meus homens – disse o capitão.

O acompanhei até sua luxuosa cabine onde ganhei roupas como a que todos no barco usavam. Passados alguns dias navegando, mostrei ao capitão minha aptidão em desenhar, agradecendo pela ajuda passei a limpo alguns mapas. Viramos amigos e todos no barco passaram a confiar em mim. Passei a dormir em uma das melhores cabines da embarcação. O capitão me ensinou a usar uma luneta e a me orientar pelas estrelas.

Como forma de agradecimento, eu o ensinei a desenhar mapas e objetos. Certo dia, me contou sobre sua vida antes de se tornar capitão. Quando jovem, vivia em Portugal com sua rica família, dona de várias plantações e escravos. Descordando do modo com que seu pai tratava os trabalhadores, Ruper passava o tempo viajando para culturas distantes e descobrindo a verdadeira história. Em uma dessas, Ruper chegou à China, onde viu um mapa que datava de 1418. Ruper contou que levou um grande susto, pois era a prova de que os chineses haviam descoberto não apenas a Nova Terra, mas a América, muito antes dos europeus. Ele lembrou-se que em Portugal todos diziam orgulhosos que haviam descoberto a Nova Terra. Mero engano que repetiram por séculos em livros.

Voltando a Portugal, soube que havia perdido os pais em um acidente com uma carruagem. Filho único, ele herdou tudo. Colocou então seus pertences na confiança de um amigo e libertou todos os escravos, pegou seu melhor barco e partiu rumo à Nova Terra para conhecer a cultura e população local. De repente, ouvimos um estouro. A história do

capitão foi interrompida por um navio espanhol que, pensando ser o barco de colonizadores, havia nos acertado com um canhão a proa do barco que começou a afundar. Subimos correndo as escadas até chegar à parte superior do navio onde era grande a correria. Homens se jogavam ao mar sem piedade, outros tentavam salvar o navio que afundava cada vez mais.

Desesperado, tentava desamarrar o bote preso na lateral do barco quando fui empurrado. Caí de cabeça dentro do oceano. Me debatia com a água enquanto ela me puxava cada vez mais para o fundo escuro. Vi que não conseguiria chegar à superfície e deixei ser levado pelo oceano. Nesse momento, ouvia apenas as batidas do meu coração que se misturavam a imensa escuridão. Meu corpo estava gelado e leve. Já quase sem fôlego, senti apenas alguém puxar meu braço dizendo:

- Acorda menino. João Pedro levanta daí, o ônibus vai passar daqui à meia hora.

Abri os olhos e vi que era minha mãe. Dei um salto da cama comecei a gritar:

- Socorro! Socorro! Nos ajudem. Salvem o capitão.
- Ou, ou para de gritar. Porque você tá pedindo socorro? – disse ela assustada.
- Onde estou? E cadê o barco em que estávamos? Cadê o capitão? – perguntei.
- De qual barco você está falando menino? Isso é mais uma desculpa para não ir para a escola? Nem adianta tentar me convencer, você vai sim - disse mamãe.
- O que? Mas, então não me afoguei?

- Claro que não. Tá ficando doido menino? Eu hem! Isso que dá ficar o dia inteiro assistindo Piratas do Caribe – disse ela enquanto saía do quarto.

Olhei para os lados e vi que estava em casa. Pensei “foi só um sonho”. Levantei e fui me arrumar. Abrindo a gaveta da cômoda tive uma surpresa. Ao invés de meu uniforme havia uma caixa fina e comprida, com aparência antiga e uma fina linha dourada que a enrolava finalizada com um pequeno laço. Com cuidado, eu a abri e dentro, pasme, havia a luneta que Ruper Garcia usava todos os dias para direcionar o barco em suas expedições e que usou para me ensinar a observar as estrelas e me direcionar. Ao lado, existia ainda uma espécie de papiro, o mesmo papel que usei para desenhar vários mapas durante o tempo que estive no Observador de Galáxias.

Abri a carta e comecei a ler: “Caro amigo João Pedro, sinto-me imensamente feliz em saber que estais bem e seguro em seu lar. Sei que não entendeste o que ocorrera, mas sei que não se esquecerá do que vivenciou durante o tempo em podemos aprender um com o outro, olhar as estrelas, desenhar mapas e observar o mar. Espero que sejas mui feliz em vossa jornada chamada Vida. Penso que deves ter visto o presente e enviaste a vós. Cuide-o e use-o como te ensineis. Quando estiveres no mar, lembra-te do que as estrelas possuem luz própria, sem importares com quem és iluminado por elas. Quanto mais elas doam sua luz, mais iluminadas ficam. Seja como elas, não veja quem estás a utilizar seu brilho, apenas ilumine. Quanto mais vós se iluminar, mais energia terá para continuar produzindo tua luz. Jamais esqueças de quem tu és. Lembra-te que o Ontem és uma História, o Futuro és um Mistério, mas o Hoje és uma Dádiva, és por este motivo que se chamas Presente. Cuide-o para que quando olhares para trás vejas que fez dignas de tuas escolhas, escrevendo o livro de teu viver. Sejas sempre honesto e tenhas caráter. Sejas paciente e humilde. Não se influencies como as histórias que contarem a ti. Escrevas a tua própria. Deixes sua marca no Mundo. Mostre à humanidade que não és apenas um homem, mas uma parte da História. De seu grande amigo, Capitão Ruper Garcia”. Depois desse dia, minha vida

mudou completamente. Já não via mais a história como algo que apenas aconteceu, passei a vê-la como escolhas.

Percebi que o Hoje é o reflexo do Passado e as minhas escolhas e atitudes influenciarão meu Futuro. Depois de estudar durante anos, me formei em História e Astro Cartografia. Tornei-me depois pesquisador de uma das melhores universidades do Mundo. Depois de certo tempo, as informações de livros e artigos se tornaram insuficientes para meu anseio pela história. Decidi então deixar os contos históricos e procurar a verdadeira História, aquela que faz parte dos mistérios da humanidade. Com o apoio da universidade, adquiri um barco e parti rumo ao conhecimento. Como forma de homenagear Ruper, coloquei em minha embarcação o nome de Observador de Galáxias. Todas as noites, observo as estrelas com a velha luneta e lembro-me do que ele disse naquela carta “Deixes sua marca no Mundo”, o que me leva a ser sempre melhor. Onde estou hoje? Bom, neste momento, navego rumo ao Triângulo das Bermudas. Estou indo estudar mais uma História. Posso dizer que me sinto realizado e com muitos planos para ...

- Capitão. Capitão. Encontramos um rapaz no mar.
- Ei não vê que estou contando minha história. Ajude-o que em instantes irei vê-lo. _
- Me desculpe senhor. Farei o que disse. Só existe um pequeno problema. Ele está consciente, mas ... diz ter vindo do ano 2500. Pensa que roubamos sua nave. Não acha que devemos chamar o médico do navio? Ele deve tomar remédio controlado e ter se perdido durante algum passeio.
- É! Agora tenho que mostrar o que aprendi com o Capitão Ruper Garcia. É como eu digo: quanto mais observamos as galáxias mais Histórias teremos para descobrir. Observá-las é descobrir o Universo e seus mistérios.

Em um Piscar de Olhos

Por Denyse Fabiana Silva Ferreira – Campus Iporá

Naquela manhã de sábado Paula recebia seus amigos em sua casa, que embora luxuosa raramente era frequentada por tanta gente. Estava um dia perfeito para curtir a piscina. Todos animados, cada um com seu estilo, óculos no rosto, roupas de banho super descoladas e havaianas nos pés. E ela olhando tudo aquilo, refletindo sobre o quanto se dedica ao trabalho e deixa de desfrutar momentos como este.

Pensou também em seu filho, Pedrinho, que acabara de completar 4 aninhos e que adorava brincar com água. Sentiu saudades. Tudo passou tão rápido, desde seu nascimento, suas primeiras palavras, quando começou a andar, seu primeiro dia de aula. Lembrou-se daquele cabelinho cacheado que dava a ele um aspecto angelical. E aquele jeitinho! Sempre carinhoso. Muitos beijos, abraços e declarações. Tudo isso sempre a fizera se sentir uma mãe especial. Até aquele jeitinho tinoso e questionador a encantava. Ele realmente tem o dom de despertar os sentimentos mais bonitos em mim – pensou ela. Achou que ele estava demorando acordar. Justo naquele dia, em que todos estavam na beira da piscina. É, ela realmente tem dedicado pouco tempo a ele. Decidiu então, que curtiria mais o filho.

Foi nesse instante que tocou o interfone. Surpresa. Sua família tinha acabado de chegar. Mesmo assustada, pois aquilo era anormal: sua família nunca a visitava, recebeu-os muito bem. Até aquela sua tia veio:

- Oi minha querida! Que saudade! Como você engordou! – exclamou sua tia Suzilene com aquele jeito espalhafatoso.

- Tudo bem tia? Entre aí, vamos nos refrescar! – toda família entrou e se acomodou.

Foi nesse momento que Pedro Marcos apontou na área da piscina, de pijama e com aquela carinha de sono. Quando viu todos na piscina, logo se animou e tratou de subir para o quarto, em busca de sua sunga. Era sem dúvida um quarto bem decorado. Decoração do fundo do mar, com aquário e tudo. Ali ele se sentia mesmo dentro do mar. Botou a sunga, um óculos, e correu rumo à piscina.

Paula, acostumada com uma vida monótona, estranhava toda aquela movimentação:

Me passe isso, me passe aquilo! Pratos, talheres, guardanapos. Seguiam entretidos e foram almoçar. Ao olhar o prato rechonchudo de sua tia, repleto de bobo de camarão foi que se lembrou de Pedrinho, já que ele era tão alérgico.

- Nossa! O Pedrinho! Alguém da notícia!? – disse ela, num sobressalto.

Todos o procuravam desesperados. Sala, quarto, cozinha. Nada. Ninguém o encontrara. A agonia tomava conta de todos. Pedrinho tinha desaparecido.

Paula voltou no quarto, pedindo a si mesma mais calma, buscando se controlar e tomar rédeas da situação. Viu a gaveta aberta e lembrou que era ali que ficava a sunga. Recordou ainda da alegria do filho ao ver todos na piscina e do quanto ele gostava de água. Não! Isso realmente não pode ter acontecido! Desceu as escadas desesperadamente em direção à área de lazer, pedia a Deus pra que suas suspeitas não se confirmassem. A cada degrau descido, a agonia aumentava e tomava conta de seu peito. Os convidados, naquele momento, já não sabiam o que fazer, olhavam para ela piedosos e impotentes.

Chegando ao andar de baixo, já não tinha coragem de seguir adiante. Sabia, porém, que o tempo estava contra ela. Tentava pedir alguém que fosse até a piscina, mas a voz não saía, lhe faltava forças para andar, gritar. Suplicou a Deus então, que olhasse pra ela e que protegesse seu filho. Nesse instante, a moça do escritório que trabalhava na sala ao lado da dela perguntou se tinha alguma notícia. Paula agarrou seu braço, olhando como quem pede socorro, e só conseguiu sussurrar:

– A piscina...

A moça correu arrastando até a piscina.

Num piscar de olhos o mundo de Paula desabou. Aquela imagem a deixou paralisada. Seu pequenino boiando na piscina, de bracinhos abertos, com a sunguinha verde que tanto gostava! Ela não conseguia ter nenhuma reação. Tentava, mas não conseguia. Caiu na piscina para salvá-lo, tentava puxá-lo, mas não conseguia alcançá-lo por mais esforço que fazia. Ouvia longe, muitas pessoas chegando. Foi quanto sua tia se aproximou, e ao ver tudo aquilo urrou de forma desesperada, caindo na piscina também.

Nesse instante Paula pulou da cama. Coração disparado, respiração ofegante, olhou ao redor. Percebeu então que estava no quarto. Ficou confusa. E logo após, aliviada, pois entendeu que tudo não passou de um terrível pesadelo. Contudo, o sentimento de aflição ainda era tão real, que correu para o quarto do filho, a fim de certificar-se de que ele estava realmente bem.

Ao chegar à porta do quarto, seus olhos lacrimejaram, não conteve a alegria de vê-lo ali. Dormia com um anjinho. Aconchegou-se com ele na cama. Hum... Aquele cheirinho!

Beijou-o. Abraçou-o. E prometeu para o filho, que ainda dormia, que tudo seria diferente dali em diante. Era como se tivesse ganhado uma segunda chance!

A Filha do Agricultor

Por Larissa Gonçalves da Silva – Campus Cristalina

Sáí correndo entre as plantações de soja do meu pai, aproveitei que ele estava em reunião com seus empregados e fui me encontrar com ele. O homem que eu tinha certeza que nasceu para me fazer feliz. Com olhos castanhos, cabelo e liso preto, disse com uma voz grave e meio rouca: –“Lara”! – E me abraçou

–“Brenno”! – me encostei em seu peito. Fazia dias que não podíamos nos encontrar, pois tínhamos medo de meu pai não aceitar nosso relacionamento, pensávamos que poderia ser algo como diferença social e por ser 5 anos mais nova do que ele. Ficamos alguns minutos conversando até que ouvi um grito do meu nome, era minha mãe; Brenno arqueou a sobrelanceira de modo que seus olhos demonstrassem tristeza, senti um arrepio subindo pela nuca, mas, não podia fazer nada. Então, nos despedimos e fui até minha mãe. Disse me ela que tínhamos um evento muito especial, era a inauguração da nova capital do nosso Estado. Aoós algumas horas, nos direcionamos ao local, lá era muito bonito e cheio de cores, luzes, pessoas importantes e claro políticos. Todos apresentavam gostar da festa, mas, na verdade, queriam retirar algum lucro daquele acontecimento. Durante a festa o assunto era o mesmo: “a nova capital vai abrir grandes portas para o Estado de Goiás”. Pareciam todos contentes, já eu, me sentia angustiada, pois todos achavam prazer naquelas questões, enquanto eu, era perseguida por pensamentos negativos que me faziam chorar no banheiro. Meu pai percebeu que não me sentia bem e achou melhor que voltássemos para casa, no meio do caminho ele me fez uma pergunta que sinceramente eu não esperava: – “Filha, você ainda gosta daquele rapaz?”

– “Se eu disser que sim ou não, mudará alguma coisa?” Ele ficou em silêncio, me deixou sem resposta. Adormeci. No outro dia, ao acordar fui conversar com meus pais, eram os mesmos assuntos de sempre que para eles era divertido e para mim era cansativo. Avistei Brenno pela janela da sala e saí disfarçadamente, levei-o para o fundo da casa para que tivéssemos uma conversa tranquila sem que ninguém atrapalhasse. Ele me olhava profundamente e dizia coisas engraçadas, mas, em um certo momento falou que não aguentava mais aquela situação e que estava disposto a falar com meus pais. Segurou em minha mão e juntos adentramos para casa, meu pai se assustou ao ver ele, mas, não revelou nenhuma outra expressão. Ele nos ouviu e quando achamos que ele aplicaria um sermão, na verdade, começou a contar uma história.

Contava ele que minha mãe era uma moça de família rica e ele de classe baixa e moravam no norte do estado. Ambos tinham medo de que seus pais não aceitassem o relacionamento que estavam tendo, e por falta de coragem eles resolveram fugir. Ao falar isso meu pai abaixou a cabeça, pois, tinha vergonha e se alto chamava covarde devido não ter se manifestado em favor de sua felicidade, quando terminou nos abraçou e abençoou aquela relação.

Ele nos provou que não se importava com a classe social de Brenno, e sim com seu caráter. Ele com seu sotaque goiano perguntou se meus pais nunca mais viram sua família. Mamã fez sinal que não. Indiquei a ideia deles voltarem e se reconciliarem com seus parentes, eles tomaram a decisão e uma semana depois fomos todos até a fazenda dos pais de minha mãe.

Meu avô era de pele bem frágil e morena e olhos tecnicamente apaixonantes, quando nos viu abriu um sorriso imenso e tenho certeza que seu coração estava alegre. Depois de muitos abraços, tínhamos muitas histórias para contar, e inclusive de como chegamos ali. Logo de início podíamos começar a compartilhar nossa paixão excitante pela música, pela boa forma de cultura e pelos prazeres de sentir o que queríamos sentir em determinado instante, quando paramos e percebemos. Devemos sim, insistir somente no que vale a pena.

Prazer, Leucemia

Por Thaila Santos de Santana – Campus Ceres

Acordo num salto e corro para o banheiro, sangue sai da minha boca e nariz. Tento gritar, mas não ouço nenhum som e então tudo fica preto. Quando dou por mim, estou deitado em uma cama daquelas de hospital, observando o pinga-pinga hipnotizante do soro que corre para as minhas veias.

Observo o quarto: há mais uma cama igual a minha e uma poltrona parecida com a da vovó bem no canto. Nela encontro mamãe, o rosto vermelho e inchado, sentada com a cabeça entre as mãos. Seu longo e negro cabelo estava preso em um coque malfeito, de modo que ainda conseguia ver um ou outro cacho solto, os quais acabei por herdar, e do papai os olhos azuis.

Chamo por ela, mas não esboça nenhuma reação, chamo novamente e só então ela olha pra mim. No seu olhar, enxergo a mais profunda tristeza, porém sem deixar de reluzir minha imagem, intensificada pelas lágrimas. Uma vez me disseram que os olhos são a porta para a alma, até hoje eu não havia entendido o sentido dessa frase, mas agora olhando fixamente nos olhos negros da mamãe, eu podia sentir sua dor. A única vez que vi ela assim foi no enterro do vovô no ano passado.

Oh Deus, eu juro que daria tudo pra voltar a ver aquele mesmo sorriso de quando ela me acorda e anuncia que o café está pronto. Hoje não tem café, talvez seja por isso. Ela vem até mim e me dá um beijo na testa, doce e singelo, daqueles que curam até os cortes de quedas de bicicleta.

– Como você está Pinguinho? – procura ela com a voz rouca e tranqüila ao passar os dedos pelo meu cabelo emaranhado. Todo mundo me chama de Rafael, Rafa ou só Raf, mas mamãe me chama assim, esse é nosso apelido secreto.

Antes que eu pudesse responder, uma mulher toda de branco e cabelo preso em um rabo de cavalo imponente entra no quarto e cochicha alguma coisa para minha mãe, que dá um demorado beijo na minha testa e sai me deixando sozinho com a moça desconhecida.

Outro dia, meu pai me falou sobre essas pessoas, ele disse que são enfermeiras e cuidam pra que a gente fique saudável. Espero que ela seja simpática. Ela troca o refil do soro, ajeita meu travesseiro com um largo e sincero sorriso e sai do quarto.

Agora eu estou sozinho. Já deve passar das sete da manhã, posso ouvir o cantarolar despreocupado dos pássaros misturado ao som do motor dos carros ecoando na minha cabeça. A cidade de Nova Iorque está despertando, mais um dia se inicia, todos vivendo normalmente suas vidas, sem ao menos saber que um garoto franzino de seis anos e sete meses está com uma roupa estranha e feia deitado num lugar tão frio e inóspito.

Ouçõ passos no corredor e o ranger da porta se abrindo. Um homem calvo e de bigodes vestido como a enfermeira entra acompanhado dos meus pais. Papai está com a cara péssima, ele está abraçado com mamãe que está aos prantos. Percebi que havia alguma coisa muito errada, porque nunca vi eles se abraçarem, nunca mesmo, nem mesmo quando vovô foi para o céu.

– Como se sente rapazinho? – pergunta o doutor. Ele tinha um lado do bigode maior que o outro, era engraçado. Mas foquei na pergunta. Pensei em toda a dor que tomava meu corpo e em como tudo queimava. Lembrei-me de quando fomos à praia e fiquei cheio de queimaduras

na pele, mas agora não havia nenhuma e não estava só na pele, mas em tudo.

Sentia que havia engolido um fósforo aceso e ele não havia se apagado. Uma vez no circo vi um homem fazer isso, mas com certeza deve haver um bombeirozinho dentro dele pra apagá-lo, pois ele parecia tão bem. Tão diferente de mim. Lembrei-me da minha casa, eu minha família e meu gato Bob, aquela bolota de pelos laranja, e vi o quanto era melhor do que aqui.

– Bem o bastante pra ir pra casa, eu acho. – acabei por responder.

E então ele olhou pra mim e depois pros meus pais, e então eu percebi. Eu não iria voltar pra casa. Ele começou a me falar sobre uns tais de leucócitos e o quanto estavam escassos, disse que o nome disso era leucemia, que era raro, mas eu parei de ouvir. Não importava.

Leucemia. Eu não iria pra casa.

Leucemia. Não gosto desse nome, coitada da menina que se chamar assim, vai ser muito engraçado: “Leucemia, vai pra cama que amanhã cedo tem aula!”, “Leucemia vai tomar banho!”, “Que modos são esses, Leucemia?”, “Prazer, meu nome é Leucemia, mas você pode me chamar de Lê, ou de Mia, ou de Pinguinho”. Pinguinho? Mas esse é meu apelido secreto!

– Pinguinho! Filho acorda! Acorda! – mamãe estava do meu lado com papai, mas a cama estava em movimento, não conseguia ver para onde estava indo, tudo parecia rodar. Doía manter os olhos abertos, mas mamãe me pedia para mantê-los assim, então fiz um esforço. Em vão. Fui vencido.

Leucemia. Não vou pra casa.

Não sei quanto tempo se passou depois daquele dia, podem ter sido horas ou anos. É difícil descrever algo sem definição, a breve ideia de ficar deitado por mais de um dia já me assusta. Sem fazer nada, sozinho, só olhando para o escuro acima de mim, perdido dentro dos meus próprios pensamentos.

Como estará mamãe e papai sem mim? Será que me substituíram por algum outro menino? Ou menina? Mamãe sempre quis ter uma, espero que ela não se chame Leucemia.

Casos de Família

Por Adriano Pereira de Queiroz – Campus Ceres

Quase nove da manhã de uma quarta-feira, fevereiro de 2013. O celular começa a tocar, coisa que não era de costume para Graziella, cuja saiu correndo da cozinha para atender o telefone, estava na sala. Ao ouvir, reconhece a voz trêmula do seu irmão, que trazia na fala uma terrível notícia: o falecimento de seu pai, o qual tinha acontecido pela madrugada, devido aos problemas de saúde, que se agravaram por não seguir as dietas colocadas médico. A notícia parece que não a abalou, mas sim parecia ser um alívio, provavelmente pelo intenso sofrimento por qual seu pai passava, há mais de três anos, com as enfermidades.

Todos vestidos de preto durante o velório. Graziella permanecia com o rosto seco, nenhuma lágrima borrava sua maquiagem, deixando o clima estranho. Como pode um filho não chorar perante a perda de um pai? Enquanto isso, ali no recinto, um homem forte, de pele clara, com barba por fazer, muito atraente, não parava de lhe olhar firmemente, como se dissesse “Deixe de arrogância, não é hora para reviver desgostos”. Irrompe à porta um adolescente de aparência cansada, que abraçou-a fortemente. Naquele momento uma gota de lágrima desceu em apenas um dos olhos, percorrendo seu rosto, no qual seu filho passou a mão, limpando imediatamente a face da mãe. O homem que só observava se aproximou da cena e abraçou João Carlos, o filho do casal que tinha chegado de viagem para o velório de seu avô.

O enterro aguardava a chegada do neto para prosseguir. Foi rápido e resoluto, como toda despedida deveria ser. Após os atos finais todos foram para suas casas, pouco antes de uma chuva se iniciar repentinamente.

Graziella permanecia estarrecida, ao pé da cova, ainda que a chuva lhe molhasse o corpo. Sussurrou algumas palavras e as lágrimas que minaram desceram junto com as gotas de água que caíam do céu, lavando toda raiva que tinha de seu falecido pai. “Que Deus te perdoe pelos seus pecados”, f piscou o olhar, enquanto colocava o punho contra a cintura. O momento foi interrompido pelo grito de Leonardo, filho mais novo, que a esperava com o restante da família dentro do carro.

Depois de um banho quente, Graziella veste uma camisola de cor clara, senta-se aos pés da cama, com um olhar perdido. Algo a deixava inquieta e não parecia ser a morte de seu pai, mas o acontecimento tinha influenciado a refletir sobre sua vida e as atitudes tomadas. No silêncio do quarto abre-se a porta do banheiro, com a silhueta de José Alberto sendo formada pela luminosidade excessiva do pequeno cômodo. Enrolado em uma toalha branca, pede uma troca de roupa a Graziella. Nada. Ela parece viajar em seus pensamentos, não nota o pedido de Beto, nem nota Beto. Perdida. O marido, sem retrucar, vestiu uma cueca samba canção e foi em direção à cama, massageando as costas de sua amada, beijando seu pescoço e chegando aos lábios. A aproximação não surtia efeito: Graziella permanecia fria e sem corresponder aos gracejos do marido, que, passado o momento de excitação, ciente da recusa, havia deitado e dormia profundamente. Ela foi até o quarto dos filhos, os quais também risonavam, rebufou o mais novo, cobriu-lhe os pés, e voltou para o quarto de casal. Deixou o olhar focar e perder-se na face de seu marido. Sentia como se algo fosse acontecer, embora não soubesse o quê.

Após dois meses do funeral, ela continuava fria, e sua vida agora pertencia às redes sociais, algo que sempre gostou de fazer, mas nunca com a intensidade atual. O rendimento no trabalho estava comprometido, em casa já não fazia as coisas como antes, atrasava o trabalho para ficar no celular. Os afazeres domésticos recaíram sobre os dois filhos, embora somente Danilo – o filho do meio – preparasse as refeições da casa: almoço, jantar, café, lanche da tarde... Beto exercitara ao máximo sua

compreensão desde o dia fatídico, tentando ser paciente e imaginando que o isolamento da esposa, que migrara sua vida social para o virtual, pudesse ser entendido como um luto às avessas. Mas não aguentava mais a situação: a vida conjugal estava em farrapos. Naquela noite, após o jantar, ele tomou coragem para conversar com a esposa e quebrar o muro gelado que havia se formado entre os dois. Em poucos minutos de diálogo, Graziella começou a falar palavras duras, impacientes, o que só agrava a tensão de Beto. Nervoso, ele sai e a deixa esbravejando sozinha na sala. “Ela e o maldito celular”, pensa ele, enquanto sobe as escadas. Os filhos presenciaram aquela discussão, em silêncio, naquela noite, ligaram então para o irmão mais velho, e dormiram juntos.

Na escuridão da noite tudo o que Beto pensava era em possíveis traições. Seria este o fim de um casamento de mais de 23 anos? A chegada dos raios de sol trouxe uma manhã comum, em que o casal se despediu costumeiramente, como se nada estivesse acontecendo. Ele sai de viagem para o trabalho, da qual retornaria apenas sábado, ela permanece em casa, ainda deitada – não tomava café da manhã com a família desde o falecimento do pai. Durante o almoço na firma, pouco antes da viagem – que estava marcada para saída ao fim da tarde – Beto encontra um conhecido seu contando vantagens sobre a vizinha com que estava tendo caso há alguns meses. Beto o inflou na esperança de ouvir mais, desconfiado, e o colega mordeu a isca, mostrando conversas pelo celular e detalhando como faziam para se encontrar às escondidas. Coincidência ou não, ouvir àquilo fez com que Beto aumentasse a desconfiança de que sua esposa o estivesse traindo por meio das redes sociais.

Sexta-feira, oito e vinte da noite. Alegando ter de acompanhar Leonardo em uma viagem escolar no sábado, Beto conseguiu dispensa de um dia de trabalho, chegando em casa antes do previsto. Como prevera, o fato deixou Graziella em estado de alarme, à beira do descontrole. Ele reforça suas suspeitas de traição, mas não há nada a ser feito ali, agora. Suspira, vai até a varanda onde se encontra um de seus filhos, que o abra-

ça, dizendo: “Ah!, pai, deixa minha mãe pra lá”. Mas não, Beto não tinha coragem de pedir divórcio, não conseguiria admitir deixar desamparada aquela que era sua companheira por mais de duas décadas. Mas a corda arrebenta para o lado mais fraco e, na omissão compressiva do marido, foi ela quem, semanas mais tarde, pediu a separação.

Na manhã seguinte, após uma noite de bebedeira e choro amargo, Beto retorna à casa, num escape de tempo suficiente apenas para um banho antes do expediente. Quando adentra o quarto do casal e olha sua ex-esposa, não consegue se conformar. Desde o lance de escadas até a cozinha, agarra o primeiro copo que vê e após duas goladas de água gelada, recolhe o orgulho e retorna aos pés da cama. O virtuoso marido implora, com lágrimas no rosto, para que sua Graziella volte para ele. Durante a noite, ele não sabia, a esposa havia pensando muito sobre sua decisão e arrependida (ou não), aceita a reconciliação.

Chegava junho, época de festas tradicionais em várias cidades goianas. O casal decidiu ir à Festa do Peão de Porangatu, muito popular naquela região de divisa do estado. Diferentemente do habitual, Beto nota que as vestimentas de Graziella estão mais provocantes. O marido se vestia como de costume nessas ocasiões: chapéu, bota, fivela, camisa axadrezada, um verdadeiro *cowboy* de rodeio, elegante e atraente. Se as roupas de Graziella provocaram um leve ciúme em Beto, seu comportamento aprofundou esse sentimento. Não havia uma pessoa comprometida ali: bebendo além do comum, ela agora dança com vários homens, tirando fotos com desconhecidos e ignorando a presença do marido ali, a poucos metros. Beto ficou enfurecido com aquelas atitudes. Não compreendia o porquê de nada, não entendia o desprezo, a rebeldia daquela que tratara sempre com prioridade em sua vida. Naquele momento, pensou o marido, “eu estaria morto se arrependimento matasse. Oh! meu Deus, meu Deus!”, Ele pensava em humilhar-se e reatar o divórcio, havia afinal, sido ou não uma boa ideia.

Férias, julho, frio. Desde quando João Carlos havia saído da cidade para cursar Engenharia Civil próximo à capital do estado, este era praticamente o único mês de integração entre toda a família. Embora Beto esperasse que esses dias, geralmente muito calorosos, reavivasse o instinto maternal e de cônjuge de Graziella, pouca coisa se modificou durante a primeira semana. Próximo à metade do mês, contudo, pressionada pelo filho mais velho, que não demorou a perceber a estranha situação em que sua família se encontrava, a sombra do que já havia sido uma mãe exemplar, ela não resistiu e, num acesso de choros e soluções, pôs aos berros a dura verdade para fora.

- Tenho! Tenho mesmo, e não é só um, não. Me encontro com vários, estou farta! Estou farta de vocês, estou farta do seu pai!
- A senhora enlouqueceu, só pode! Não está falando coisa com coisa, quem é você? Quem é você!?! - gritava, com olhos arregalados, João Carlos.
- Esse aí!, - e apontou o dedo para Beto, que adentrara o quarto logo quando ouviu o primeiro berro – esse aí sempre foi segunda opção para mim! Crápula que aceitou o casamento arranjado que meu pai propôs, outro crápula de marca maior!
- Mãe! Como pode falar assim do...
- Seu avô me obrigou a casar com seu pai, João Carlos. Quer ouvir verdades? Então ouça! Fui obrigada a levar essa vida de esposa devotada desde os meus quatorze anos, porque seu avô descobriu que eu me deitara com um homem. Me obrigou, me obrigou a casar e sair de casa. Durante anos vivi amarrada, com medo da exposição, com medo do ridículo, mas agora chega. Chega! Não suporto mais! Seu avô se foi, aquela sombra. Peste que sempre me impediu de viver. Não suporto mais!

Naquela noite, a família desabou. Beto, que sempre se empenhara para dar a Graziella o que podia, se sentiu usado e amedrontado, ao mesmo tempo. Uma revolta intensa o consumia, enojado pela frieza e dissimulação da mulher que pensava que conhecia tão bem. Na varanda, estarecido, acendia um cigarro atrás do outro, com mãos trêmulas. Não compreendia essa monstruosa tempestade, não imaginava qual imagem seus filhos poderiam fazendo dele, não entendia nada. Chorava, arreganhava os dentes, fumava, tremia.

A noite foi parcialmente passada em claro. No outro dia, olhos fundos no semblante de Graziella e Beto. Os filhos, parecia que não a conheciam, agiam como hóspedes incomodados. Vendo a iminente mudança, com o pai encaixotando roupas, discos e alguns artefatos de coleção, quiseram, ao menos por um instante, suspender o pesadelo que se armava. Articularam um almoço; que fosse, então, a última refeição que tivessem como família. Danilo preparou a refeição com cuidado, esmerado naquilo que conotava uma despedida. O mais velho cuidou da decoração da mesa, e Leonardo foi escalado para convencer os pais a se sentarem uma última vez juntos ao redor da mesa.

Durante o almoço, os três entreolhavam-se com cumplicidade, sem esconderem uma aflição na expressão. Calmamente serviram-se. Todos comeram com gosto, e houve quem repetisse a dose. Naquela noite, e nas outras duas posteriores, as luzes da casa não mais se acenderam. Somente no terceiro dia, 18 de julho, logo após anoitecer, viu-se alguma movimentação na casa: chamados pelos vizinhos da casa em frente, peritos do Instituto Médico Legal arrombavam a porta para dali se depararem com a terrível visão de uma família religiosamente reunida, em estágio avançado de putrefação, ao redor de uma mesa de jantar.

O Último Conto de Vovó

Por Gadiel Moreira Rocha – Campus Campos Belos

É triste voltar aqui nesta cidade depois de tantos anos, ainda mais, por causa de uma trágica morte. Sentirei muitas saudades da minha querida vovó, dos deliciosos beijos que ela costumava fazer, sem falar dos contos e lendas arrepiantes, que ela dizia serem reais, os quais revelam como eram as crenças e pensamentos das pessoas do interior de Goiás antigamente.

Agora estou aqui, em sua velha casa, onde morei desde os sete anos, e a única coisa que consigo fazer neste momento é olhar e lembrar. Vejo minha mãe deprimida, sentada no sofá. Depois ela se levanta limpando o rosto com um ar de superação, vem na minha direção, ela sabe como estou triste por tudo isso, põe a mão no meu ombro e me pergunta:

- Está tudo bem querido? Sei que não é fácil pra você voltar à cidade de Goiás depois de tudo.
- Eu nem pude me despedir dela... Eu sabia que devia ter vindo nas férias, desde que fui embora não mandei notícias, ela morreu pensando que eu fui um ingrato, mal agradecido!
- Não... Não, ela morreu sentindo muito orgulho de você.
- Como assim?
- Desde que você foi morar comigo, sempre se empenhando para concluir sua tão sonhada faculdade, sua avó sabia o quanto estava

sendo difícil para você, por isso, a cada conquista sua eu a comunicava, e ela ficava tão feliz, que sentia orgulho de ajudar a custear sua faculdade.

Ao ouvir isso de minha mãe meus olhos lacrimejaram o que me deu uma injeção de ânimo, fiquei sem palavras.

- A senhora é uma danada, por que não me falou nada? – Nós dois sorrimos.

- Vou fazer um café para nós.

Ela havia mesmo conseguido me animar, minha mãe é um anjo. Ela foi para a cozinha fazer um lanchinho para nós. Sem nada para fazer fiquei andando de um lado para o outro na sala, mexendo nas estantes procurando algo que me interessasse. Vi um caderninho que jamais tinha visto antes, pequei-o para ler. Na capa não havia nada escrito, ao abri-lo pude perceber que era a letra da vovó, comecei a ler: “Jamais contei essa história antes, mas sei que preciso relatá-la. Tudo aconteceu quando eu tinha catorze anos de idade, eu, meu pai, minha mãe, meu irmãozinho de dois anos e meu querido cachorrinho chamado Baleia, morávamos na zona rural da cidade de Goiás, antiga capital do estado.

Vivíamos em paz naquela simples casinha de adobo, com portas de madeiras, e travas de tramela, não havia piso, era chão puro, não tínhamos muitos móveis só uns tamboretos, camas nos quartos, uma mesa e um armário de madeira na cozinha, tinha uma pequena despensa com uma porta que abria para dentro dele no canto inferior direito tinha um buraco na parede que Baleia havia feito, danadinho.

Um boato se espalhou entre os fazendeiros, a história de um grupo de pessoas brutais que por onde passavam deixavam rastros de destruição. Conhecíamos como revoltosos, nunca entendi por quê eles faziam tais

atos. Eu era muito ingênua para entender, naquele tempo, até os dezoito anos ainda brincávamos de pique - esconde, eu costumava brincar com meu irmão e Baleia debaixo de um pé de manga, crianças naquele tempo só se preocupava em brincar.

Tínhamos muito medo de que os revoltosos nos encontrasse, não tínhamos condições de mudar para a cidade, seguimos então morando na roça. Sempre ao anoitecer, minha mãe apagava o fogão a lenha para a fumaça não os atrair, as lamparinas ficavam acesas somente até jantarmos, íamos dormir às sete da noite. Certo dia, ao acordamos, Baleia latia sem parar, papai foi ver o que o perturbava, por sorte não era nada demais, era o senhor José, caseiro da fazenda mais próxima da nossa, veio se despedir, ficamos sem entender nada. Então ele disse:

- A coisa tá feia compadre, eles estão chegando, e quero proteger minha família, vamos para a cidade.
- Mas do que você tá falando uai? – disse meu pai.
- Dos revoltosos, anteontem eles atacaram as fazendas que ficam na entrada que dá pra nossas, eles jogaram os bebês para o alto e aparraram com a faca.

Minha mãe ficou tão apavorada que deixou os pratos que segurava cair todos no chão. Pegou meu irmão no colo e o abraçou, também fiquei tensa.

- Olha compadre, eu não tenho como sair daqui – Disse papai.
- Se eu pudesse eu lhe ajudava, mas, mal tenho dinheiro para minha família – disse o Sr. José.
- Adeus, compadre.

– Adeus.

Ele se foi. Depois disso meu pai começou a trabalhar menos na roça, nosso medo aumentou. E as precauções se tornaram rigorosas. Eu insisti para que Baleia dormisse dentro da casa, eu o amava muito, pois eu só tinha ele e meu amado irmãozinho de amigo naquele mato, meu pai permitiu. Eu deixava-o dormir comigo na minha cama.

Certo dia, enquanto o sol estava a pino, fui brincar com meu irmão e Baleia debaixo do pé de manga, de repente Baleia detectou algum barulho, suas orelhas levantaram, eu não via nada, mas de longe, bem longe no horizonte vi um grupo grande de pessoas vindas do norte, indo para o leste, eram eles. Fiquei apavorada, imóvel, só pensei em pegar meu irmão no colo, Baleia latia sem parar, por sorte nossa casa fica no sul, mas, mesmo assim, tive medo, estavam mais próximos de nós, tentei acalmar Baleia para não seguirem os latidos dele. Ele parou, corri para dentro de casa e disse o que tinha visto para mamãe, papai não estava por isso imediatamente ela fechou as portas e apagou o fogão, nos escondemos na despensa, e ficamos lá até papai chegar. Meu maior medo era que Baleia começasse a latir e chamasse a atenção. Ouvimos pegadas rodear a casa, poderia ser papai voltando da roça ou... os revoltosos, a pessoa começou a bater à porta, mamãe e eu ficamos caladas, até Baleia ficou quieto, mas graças a Deus a pessoa disse:

– Abram sou eu.

Era papai, fiquei mais calma. Fomos almoçar logo, a comida estava meio crua, durante o almoço mamãe contou o que tinha acontecido, eles decidiram que comeríamos pouco para sobrar para o jantar, assim mamãe não precisaria acender o fogo para fazer a janta. Foi horrível, nossa comida já era pouca por falta de tudo, não haviam mangas no pé e era o único pomar em três quilômetros. Depois de meia hora, papai voltou para a roça, mamãe e eu ficamos trancadas em casa, graças a Deus nada ocorreu nesse dia.

Passaram dias, semanas e meses, achamos que os revoltosos haviam ido para outras cidades e voltamos a nossa vida normal. Foi então que aconteceram os piores momentos da minha vida, ao entardecer daquele dia, papai vinha chegando da roça, eu já podia vê-lo na estradinha, estava com meu irmãozinho e Baleia debaixo da mangueira fazendo bolinhos de terra, meu irmão viu papai e foi ao seu encontro, de repente ouvimos um barulho de tiro...

Olhei para papai e seu rosto era de espanto e tristeza ele veio correndo na direção do meu irmão, olhei para ele e vi sangue escorrendo, ele caiu de costas, haviam acertado ele com um tiro no peito. Fiquei apavorada, comeci a chorar sem parar, papai pegou-o no colo chorando no mesmo instante, mamãe apareceu na porta e se desesperou, eles entraram, logo. Tiros começaram a vir do leste e eu corri para dentro com Baleia e fechei a porta, eu estava me debulhando em lágrimas, todos desesperados, minha mãe chorava muito.

Ouvimos gritos vindos de fora, eles se aproximavam da nossa casa e disparavam tiros para todo lado, tentaram arrombar a porta, corremos para a despensa, papai arrastou o armário para tampar a porta e a fechou. Enfim, eles conseguiram entrar, ficamos todos em silêncio, eu segurei Baleia para ele não fazer barulho, mamãe chorava em silêncio com meu irmão no colo, ouvimos o som de um líquido sendo derramado, concluímos que era algo inflamável, pois logo depois as chamas altas começaram a devorar nossa velha casinha, eu fiquei tão assustada que soltei Baleia, e ele latiu, nesse momento perceberam que estávamos na despensa, empurraram o armário da frente da porta e a pressionaram para abrir, papai a segurou com seu corpo e disse para nós:

- Vão embora, passem pelo buraco na parede e corram para a mata.
- Mas e você? – perguntou mamãe chorando.

– Eu... Eu... Amo vocês, vão embora, rápido!

A coisa ficava cada vez mais feia, eles empurravam a porta e papai a forçava para não entrarem, mamãe o beijou e saímos pelo buraco, não sei o que ocorreu lá dentro, mas ouvimos papai gritar. Corremos para a mata na direção leste, eu estava tão abalada que não pude mais conter Baleia, ele correu raivosamente em direção aos homens, eles atiraram nele, o chutaram brutalmente. Eu e mamãe ficamos escondidas esperando eles irem embora, depois de destruir tudo, eles se foram, em direção ao oeste, nós corremos, mas adentro, e lá passamos a noite no meio das árvores.

Ao amanhecer, meu irmão estava frio como gelo e pálido, mamãe o pegou no colo e voltamos para casa, o corpo de Baleia estava cheio de moscas e cheirava mal, a casa destruída e com marcas de chamas, entramos para procurar o corpo de papai, ao entrarmos na cozinha o achamos... Mas estava queimado, mamãe começou a chorar. Depois ela deitou o corpo do meu irmão no chão, pegou a pá e foi cavar as covas, eu a ajudei, cavamos três, enterramos meu irmão, depois Baleia, em seguida ela arrastou o corpo carbonizado do meu pai até a cova, não havia queimado muito por isso dava para arrastar, velamos todos.

Mamãe segurou na minha mão e andamos até chegar à rodovia, lá pegamos carona até a cidade de Goiás, ao chegarmos à cidade paramos na igreja da Boa Morte, era dia de reza, mamãe não quis entrar eu também não, ficamos na porta da igreja sem saber o que fazer, mas apesar de tudo que passamos, Deus ainda cuidava de nós, uma senhora que passava por nós, percebendo nosso estado físico, nos deu três pedaços de bolo de arroz, ficamos muito agradecidas, não parou por aí... Ao fim da reza, vimos o Sr. José e sua família saindo da igreja ele veio até nós, contamos o que aconteceu e ele nos ofereceu ajuda.”

Só havia isso no caderninho, o conto de vovó havia acabado, mas tinha mais um pequeno parágrafo na última página, dizia:

“Para meu querido neto, deixo esse conto, deixo meu último conto, passe-a para seus filhos, para seus netos e sucessivamente, mantenha viva minha história, você é o primeiro a conhecê-la nem mesmo seu avô a conhece. Te amo muito, adeus.”

Comecei a chorar. Ela ia me mandar isso, mas não deu tempo, a morte veio antes.

Agora sei que ela sentia mesmo orgulho de mim.

– Adeus vovó...adeus!

Adeus Adolescência

Por Annelyse Cristine Ferreira Santo – Campus Morrinhos

Caroline era aquela menina dos olhos castanhos, do cabelo claro, da pele lisa e rosada e sempre foi uma pessoa sorridente, mesmo nos momentos de tristeza ela sempre tinha um sorriso estampado em seus lábios e uma palavra amiga. Todos viam naquele lindo sorriso, alguém com quem se podia contar, mas, na verdade, não sabiam o que se passava em seu coração. Caroline era uma pessoa tímida. E como as pessoas tímidas sempre querem se esconder, ela não queria demonstrar se estava amargurada ou contente, apaixonada, decepcionada ou infeliz. Ela também nunca foi capaz de demonstrar sentimentos por algum menino.

Quando foi para o ensino médio, seus pais a trocaram de escola, um colégio em outra cidade, e lá ela fez três amigas: Jamile, uma menina morena, tímida; Natália que era bastante inteligente e desinibida, e Josye, que adorava paquerar. Quem via as quatro meninas juntas, diria que elas se conheciam há muitos anos. Sempre que uma precisava a outra estendia a mão. Era uma amizade muito bonita, ou pelo menos era o que parecia.

No primeiro ano, Caroline conheceu Vinicius, seu colega de classe, foi amor à primeira vista, mas como ela era tímida não teve coragem de expor seus verdadeiros sentimentos e eles ficaram amigos.

Com o passar do tempo, Caroline percebeu que as pessoas se afastavam dela e de suas amigas, porém ela não entendia o motivo. Natália sempre falava mal das pessoas e das outras duas amigas para ela; no entanto, Caroline acreditava que Natália era uma amiga fiel, que ela nunca falaria coisas ruins dela à outra pessoa e que as duas eram inseparáveis.

Mas, como nem tudo é o que parece, ela estava errada. Natália não só difamava a menina, como também dava em cima de Vinícius, assim como fazia com os outros garotos que suas amigas começavam a gostar.

No terceiro ano, entraram alguns novos alunos e no ônibus, em que ia para casa, Caroline conheceu Júlio, ele não era tão bonito, mas era muito gentil, os dois conversavam bastante, se davam bem e isso fez com que ela se apaixonasse por ele. Mais uma vez ela não teve coragem de expor seus sentimentos, então ela apenas contou para suas amigas o que sentia por ele e a amizade continuou.

Logo de início Natália se interessou por Hector que era amigo de Júlio, e eles passaram a namorar. Caroline, apesar de triste, apoiou os dois, assim como as outras duas amigas. Na verdade, Natália gostava de Júlio, e não de Hector e Júlio parecia também estar atraído por ela.

Certo dia, Caroline acabou descobrindo que eles haviam se beijado, mesmo ainda gostando dele ela não se deixou abater, seguiu em frente tentando esquecê-lo e continuando a apoiar à amiga. As coisas só começaram a mudar um tempo depois quando ela descobriu que Natália na verdade não era tão boa amiga assim. Por algum motivo – que talvez nem ela mesma saiba – a garota compartilhava com as outras pessoas as conversas e quase tudo o que Caroline lhe contava. As duas discutiram e a amizade acabou.

O fim dessa amizade trouxe problemas para as outras amigas também. Elas começaram a perceber que, apesar de Natália ser uma garota determinada e corajosa, às vezes era egoísta, manipuladora e invejosa, e também se afastaram. Caroline e Natália nunca mais se falaram. As outras continuaram se falando. Jamile se sentia dividida entre as duas amigas e tentava sempre, sem sucesso, reuni-las novamente.

Com o passar dos anos elas se distanciaram ainda mais, apesar de ainda manterem contato, as quatro meninas nunca mais se reuniram

inteiramente de novo. O ensino médio havia terminado o que marcava o início de uma vida nova para todas elas. Ninguém sabia o que esperar. Ainda assim, sempre que duas delas se encontravam, em qualquer lugar, era como se nunca tivessem estado separadas, como ter de volta a velha euforia dos dias de adolescente, um mundo confuso onde existem intrigas, alegrias e decepções... E onde, mesmo assim, tudo é mais fácil.

Caroline vai cursar a faculdade agora, como uma pessoa diferente talvez, ou sendo ela mesma. Ela ainda valoriza suas amizades e esconde seus sentimentos e não precisa mudar. Ela não vive num conto de fadas e nem em uma história de terror. Ela não tem motivos pra chorar, nem motivos suficientemente bons para sorrir. Ela tem todas as possibilidades de sua vida em aberto. Caroline é apenas uma garota comum, que ainda tem muito a viver, assim como suas amigas. Elas têm planos também, cada uma de sua própria maneira, com seu próprio caminho, nem melhores, nem piores, apenas diferentes, mas isso é outra história, que não será contada agora, porque essa é somente de Caroline e está apenas começando...

Acreditem Nela...

Por Wilsiany Gonçalves da Silva – Campus Avançado Ipameri

Miguel e Divina eram casados há 18 anos e tentavam ter um filho havia 10 anos. Quando tiveram o primeiro bebê, ele nasceu morto. Anos mais tarde, sem esperanças de um novo filho, nasceu Cecília, uma menina de ouro.

Eles moravam de favor em uma fazenda e Miguel, sem condições de pagar aluguel, trabalhava como lavrador em troca da moradia. Já Divina, que não tinha experiência com nada além de saber cozinhar muito bem, era a cozinheira da fazenda, cozinhava todos os dias para seis trabalhadores, que se tornaram os melhores amigos da família.

Os anos passaram e Cecília, já com oito anos, era uma menina muito alegre. Para ela, um dia triste era um dia perdido. Quase nunca se via Cecília quieta, calada. Sempre curiosa, astuta, interagia, facilmente, com as outras pessoas, totalmente comunicativa...

A menina acreditava em anjos da guarda e, partindo deste princípio, ela usou sua imaginação para criar um amigo imaginário para brincar. Corria pelos campos da fazenda como se tivesse alguém para correr junto com ela, brincava de casinha e de boneca conversando com seu amigo imaginário. Da janela da cozinha da casa, Divina a observava em suas brincadeiras e não era por cuidado... Era por espanto e curiosidade ao ver sua filha conversando, rindo e abraçando alguém que ninguém conseguia ver. Sem jeito, Divina nunca chegava na filha para conversar sobre esse amigo imaginário que Cecília insistia em dizer que existia.

Miguel trabalhava o dia todo e chegava em casa só por volta das 20 horas, não tendo tempo de participar do dia a dia da filha. Então, apenas ficava sabendo dos acontecidos por esposa, entretanto, ainda não sabia do amigo imaginário de sua filha.

Certa noite, após o jantar, Cecília foi dar um beijo de boa noite e pedir a bênção a seus pais. Sua mãe lhe observava o tempo todo, por querer muito saber o que acontecia com a filha, mas não tinha coragem de perguntar. Assim, Miguel reparou que, enquanto ele dava a bênção à filha, Divina parecia paralisada ao ver a cena. Ele permaneceu intrigado até a hora de dormir. Quando deitaram, Miguel quis saber o que estava acontecendo.

- Divina, o que está acontecendo com você?
- Comigo? Nada! Por quê? Era para estar acontecendo alguma coisa?
- Diga você. Notei você estranha quando nossa filha veio pedir a nossa bênção.

Divina agora engolia o nó que estava em sua garganta, tomando coragem para contar o que estava acontecendo para seu esposo.

- Eu não queria preocupar você, pois de preocupada já basta eu! Mas é que Cecília, de uns tempos para cá, tem falado sozinha, brincado sozinha, mas como se tivesse alguém ali o tempo todo do lado dela. Ela se comunica com esse ser imaginário, abraça-o, porém não tem nada ali, eu não consigo ver nada. Não sei o que faço.
- Uma menina tão inteligente e tão esperta como a nossa, inventar um amiguinho imaginário... Eu tenho passado muito tempo fora de casa, sei disso e me dói o peito, pois não tenho feito parte do crescimento de nossa filha. Falarei amanhã mesmo com meu pa-

trão para me dar uns dias de folga para ser mais presente em casa. Mas me diga, por que você não conversa com Cecília sobre isso?

- Eu não tenho jeito de chegar nela e perguntar isso, mas já vi uns de nossos amigos perguntar para ela sobre esse ser com quem ela conversa e ela diz que existe sim, que ela vê e ele fala com ela. E ninguém entende e alguns dão risadas até escandalosas.
- Compreendi. Amanhã falarei com meu patrão que preciso de um tempo para observar as coisas que andam acontecendo. Se ele me entender, dará a mim uns dias de folga. Trabalho há anos sem nenhuma folga. Estou vendo que isso está me prejudicando na relação com minha família. Quero mudar isso. Agora, vamos dormir e pode deixar que conversarei com Cecília sobre este assunto e veremos o que fazer com ela.
- Assim eu dormirei mais tranquila. Fico feliz que reconheça sua ausência em casa, com a sua filha e comigo também. Estarei aguardando as providências partidas de você.

E assim os dois adormeceram. No outro dia, Miguel levantou mais cedo que o comum e foi até o quarto de sua filha observá-la dormir, coisa que ele jamais fizera antes. Ficou intrigado também ao ver, sobre a estante da filha, desenhos em que apareciam ela e, certamente, um amigo, além de sua família. Em outros, havia só o amigo e havia desenhos em que estavam Divina, Miguel, Cecília e um alguém que o pai não estava conseguindo identificar quem era. Afinal, Cecília não tinha contato com outras crianças. A fazenda onde eles moravam era tão longe da zona urbana, que Cecília não tinha como ir à escola. Dessa forma, Cecília não tinha contato com outras crianças. Miguel foi trabalhar com isso na cabeça. Mais tarde, no horário do almoço, ele viu seu patrão e foi conversar com ele.

- Preciso que o senhor me dê uns dias de folga.
- Para quê? Você nunca precisou disso antes. - disse o patrão, sem dar importância.
- Pois agora preciso.
- Você não precisa de folga, só tem que trabalhar para mim. Nada mais!

Miguel tirou o chapéu, suspirou fundo, abaixando a cabeça e disse em baixo tom:

- Cecília está doente. Preciso levá-la em um hospital e acompanhá-la.

Cecília era uma garota muito saudável à vista de todos e todos gostavam muito dela, inclusive o patrão de Miguel. Ela era muito comunicativa e tratava todos muito bem, apesar de ter apenas oito anos. O patrão de Miguel não podia acreditar naquela informação e, então, disse a Miguel:

- Meu Deus! Meu Deus! Cecília está doente? Como isso pôde acontecer? A sua menina, a nossa menina, a amada Cecília!

Miguel acabara de inventar uma grande mentira sobre a saúde de sua filha, levando todos que gostavam de Cecília a acreditarem nele. A coisa estava feita! Ele agora engolia a seco e disfarçava o olhar, arrependido de ter inventado algo que parecia improvável. Comovido, o patrão de Miguel o consolou num abraço e dizendo:

- Você trabalha há anos para mim, nunca tirou férias e nunca recebeu nada em troca, apenas uma velha casa para morar. Como retribuição, levarei você, sua mulher e nossa amada Cecília ao hospital para uma consulta e tudo será por minha conta. Vá para casa, ajeite suas coisas e, às 14 horas, passo com o carro para pegá-los. Vá logo!

Então Miguel deu às costas a todos e, de cabeça baixa, foi para a casa. No caminho, pensava no que dizer para sua mulher, como contar essa mentira toda que ele acabara de inventar só para ter uns diazinhos de folga. Antes de chegar em casa, Miguel olhou para seu lado esquerdo, onde havia um campo de girassol. No meio das flores, ele avistou Cecília correndo e rindo de algo, de alguém... Ele não conseguia acreditar. Assim, chegando em casa, foi até a cozinha e confessou toda a verdade para sua mulher, que ficou encabulada!

Divina era uma mulher religiosa e sabia que mentir sobre doenças era algo imperdoável. E logo em relação à Cecília, uma menina, aparentemente, muito saudável. Ela ficou muito brava com seu esposo, mas viu que agora já não tinha mais jeito. Afinal, que mal tinha em levar a menina para uma consulta? No entanto, Divina estava completamente aborrecida com seu marido, não esperava algo assim dele.

Divina foi contar para Cecília sobre a novidade e pediu à filha para ajudá-la a arrumar suas coisas. Todavia, Cecília era muito curiosa e queria saber o porquê de tudo.

- Mamãe, por que preciso ir ao médico?
- É apenas uma consulta filha, precisamos saber se você está bem.
- Eu estou bem, mamãe, estou ótima. Meu amigo me diz que não, mas estou sim!
- Que amigo, Cecília? - perguntou Divina num tom de curiosidade extrema.
- Meu amigo, mamãe! A senhora não vê? Brinco com ele todos os dias, por todos os lugares da fazenda. Hoje, ele me disse que eu não estava bem e que algo ruim iria acontecer comigo. Fiquei magoada

com ele e pedi para ele ir embora. Mamãe, eu estou bem! Eu sei que estou. Ele está vendo tudo errado.

Divina não conseguia dizer nada, apenas arrumava a pequena mala em silêncio. Antes de partir para cidade, Cecília perguntou, novamente, a mãe:

- Mamãe, você não viu meu amigo por aí? Queria me despedir dele antes de ir à cidade!
- Não. - respondeu Divina, sem saber mais o que dizer.
- A senhora consegue vê-lo também, mamãe?

Agora ela havia deixado a mãe sem saída, mas, minutos depois, ouviram a buzina do carro do patrão de Miguel. Então, elas, junto com Miguel, entraram no carro.

O caminho até a cidade durava 5 horas. De repente, durante a viagem pela estrada de chão, estranhamente, Cecília começou a tossir, com falta de ar. A explicação era de que ela havia respirado muita poeira pela janela do carro. Logo após o susto, Cecília adormeceu nos braços da mãe e só acordou, quando, finalmente, chegaram na cidade. Ela se levantou e mal conseguiu acreditar nos monumentos que via da janela do carro. Ela estava maravilhada. Chegaram à porta do hospital e Cecília desceu do carro, encantada com a beleza da cidade que nunca havia visto antes. Entrando no hospital, Cecília olhou antes para o lado e deu um tchau. Curioso, Miguel perguntou para quem ela está acenando. E Cecília respondeu:

- Para o meu amigo, papai. Ele está logo ali, apontou Cecília para uma direção onde não tinha nenhuma pessoa, deixando seus pais mais intrigados ainda.

Eles finalmente entraram no hospital e tiveram que ficar esperando 30 minutos para serem atendidos. Quando chegou a hora de ser atendida, Cecília já apresentava cansaço e quietude. Os exames ficaram prontos uma hora depois, quando foi constatado que Cecília acabara de desenvolver uma leucemia.

Divina entrou em desespero, quase desmaiando, Miguel ajoelhava agora ao chão e perguntava a Deus o porquê de isso estar acontecendo. Seu patrão apenas abraçava a menina, que não estava entendendo nada. Voltaram para fazenda todos tristes e a menina questionava sobre o que estava acontecendo. Divina tomou coragem e contou o que estava acontecendo à filha, tentando explicar da maneira mais fácil de ser entendida. Cecília disse:

- Caju já tinha me avisado sobre isso. Eu vou superar mamãe, eu vou sim.
- Quem é Caju, filha?
- Caju é meu melhor amigo, ele está comigo todos os dias. Eu vou ficar bem.

O silêncio permaneceu até a chegada à fazenda. Dias depois, Cecília iniciou o tratamento de quimioterapia, pago pelo patrão de Miguel. Os meses se passaram e, numa tarde de outono, Cecília sentou ao pé de uma gameleira e seu amigo imaginário apareceu e conversou com ela. Ele disse à menina que a cura do seu câncer estava em um transplante e que apenas um amigo de seu pai poderia ajudar a salvá-la. Então ela correu até seus pais, que ignoraram o que ela havia dito. Isso não era possível e eles não eram próximos desse amigo que o suposto “Caju” havia mencionado.

Meses depois o tratamento de Cecília não estava dando os resultados esperados pelos médicos e esses, sem insistir e por falta de quem se

oferecesse para um transplante, disseram a Divina e Miguel para aproveitarem ao máximo a filha, porque já não havia mais nada a ser feito no momento. Cecília soube de tudo e persistiu, para que os pais acreditassem no que Caju havia dito a ela. A menina nunca esqueceu, nem seus pais, que continuaram dizendo que não era não real o amigo de Cecília. Divina começou a pensar que era estranha toda a situação. Do nada Cecília adoecer assim e, se Miguel não tivesse mentido sobre algo que ele nem sequer imaginava, quando descobriam que a filha estava doente. E esse amigo imaginário, o Caju? Será que ele dizia a verdade? Quem era ele e por que ele estava sempre ao lado de Cecília?

Com o passar dos dias, Cecília só foi piorando seu estado de saúde e Caju sempre ao lado dela. Ela o via, escutava-o, só não podia tocá-lo. Caju, novamente, falou a Cecília sobre o amigo da família e eles, outra vez, não acreditaram. Além disso, havia a vergonha de ter que falar com o amigo, que mal conversavam, então, ignoraram outra vez. Caju era o anjo da guarda de Cecília e jamais pôde abandoná-la.

Ao final do dia, quando os pais de Cecília se deitaram para dormir, quase adormecendo, escutaram uma voz: “Acreditem nela...”. Quem poderia ser? Era Caju, mas eles não podiam vê-lo e não acreditavam na sua existência. Então ignoraram e dormiram.

Ao entardecer, Cecília chamou seus pais em seu quarto. Ela estava muito cansada, não se levantava da cama. Seus pais foram até seu quarto e ela disse:

- Caju disse que vou ser muito feliz junto com ele. Que vocês vão sofrer, mas vão superar e vão aprender a superar barreiras como a vergonha e o medo de falar algo, porque foi isso que vocês tiveram. Medo. Não podemos ter medo. O medo cega os nossos sonhos, as nossas vontades, nunca teremos sucesso se tivermos medo.

– O que você quer dizer com isso, filha?

Cecília fechou os olhos e, num último suspiro, se foi deixando seus pais com o remorso de não terem acreditado na filha, além de muita saudade em todos. Muita.

A Casa do Lago

Por Giovanna Gomes Silva Germano – Campus Iporá

O vento gélido e cortante que batia contra o rosto de Carrie se tornava cada vez mais incômodo conforme o carro se aproximava da grande casa do lago. Arrepios percorreram o corpo da garota, assim que a visão daquele lugar se tornou mais nítida, com todas aquelas árvores secas da floresta próxima ao casarão, o céu cinzento e a imensurável quantidade de corvos sobrevoando o lago de água esverdeada e pastosa. Apesar de não terem conhecido a propriedade recém-comprada, os pais de Carrie adorariam saber que acertaram na escolha do local que abrigaria o grande baile de Halloween, tão tradicional à família.

Do assento traseiro, no qual Carrie sentava-se com seu melhor amigo Peter, ela pôde ouvir o suspiro lamurioso que sua cunhada, Lucy, emitiu do banco do passageiro, seguido de um olhar pedante a James, irmão de Carrie, que guiava o veículo.

Antes de partirem, Lucy havia deixado bem claro ao namorado que só os acompanharia devido a súplica feita por ele, pois detestava ambientes frios, úmidos e, principalmente, escuros. Os protestos velados vindos dela evidenciavam o arrependimento de ter optado por acompanhar o amado.

Chegando ao grande casarão, uma sensação horrível apossou-se de Carrie, gerando até mesmo náuseas e calafrios na garota, que ignorou prontamente sua parte irracional. A medrosa ali não era ela e, por mais que sentisse uma energia ruim emanando do local, acreditava que aquilo seria apenas fruto de sua imaginação, que se deixara influenciar pelo atávico sentimento da cunhada.

A parte interna da casa era antiga e elegante, preenchida com móveis dos antigos moradores. Os olhares de descrença foram inevitáveis ao perceberem que a poeira de anos estava acumulada por toda parte, dando-lhes trabalho suficiente para o resto do final de semana. Mas afinal, era por isso que ali estavam, limpar e organizar o local que abrigaria o Baile de Halloween, dali a duas semanas.

Mais tarde, enquanto se preparava para dormir após um longo dia trabalhando na limpeza do assoalho, Carrie abriu a janela de seu quarto e deixou que um vento gélido adentrasse o local, fazendo com que ela arrepiasse. Da sua janela, via-se o lago, todavia, devido à escuridão do período noturno, ele quase não podia ser visto, exceto pelo brilho da lua que enchia o céu naquela noite.

Ao longe, a garota podia ver os faróis dos carros que passavam na rodovia alguns quilômetros dali. Enquanto observava, Carrie distraiu-se em meio a pensamentos, permanecendo assim por bons minutos, até que uma luz mais forte que a dos faróis lhe chamou a atenção, tanto pela intensidade quanto pela proximidade. A luz vinha da margem inferior do lago. Ela olhou mais atentamente e percebeu que em meio a toda luminosidade encontrava-se uma mulher com a pele extremamente branca e cabelos negros e longos, vestida com uma camisola branca repleta de manchas vermelhas. Ela encarava Carrie sem expressão alguma. A garota fechou os olhos, apertando os dedos contra as pálpebras com força e, quando os abriu novamente, só haviam as luzes distantes dos faróis e da lua. Nenhuma luz no lago. Nenhuma mulher.

No dia seguinte as tarefas foram divididas de modo que Carrie e Peter limpassem o andar de cima e James e Lucy o térreo.

- Então, você acha que viu uma mulher do lado de fora da casa? - Peter perguntou, encarando Carrie incrédulo. - Acho que a paranoia da Lucy acabou te contagiando.

- Eu não acho que vi, eu vi! - Ela exclamou, irritada, jogando os resquícios de sabão de sua mão no amigo. - Mas se não quiser acreditar, fique à vontade. Eu não estou louca.
- Louca? Quem está ficando louca? - James pergunta, entrando no quarto.
- Carrie. - disse Peter, rindo - Ela acha que viu um fantasma.
- Eu já disse que não acho, eu tenho certeza. Quer saber? Deixem pra lá. - respondeu irritada, voltando a esfregar o chão de um dos quartos.
- Relaxa, maninha. - James disse, também rindo da situação - Só não conte as suas alucinações para Lucy, acho que ela surtaria se soubesse.
- Idiota! - Carrie brandou, enquanto o irmão deixava o local - E quanto a você, querido amigo, não se preocupe, não vou mais lhe incomodar com minhas “besteiras”.
- Agora ela ficou com raivinha. Eu mereço! Que amiga mais estranha é essa que fui arrumar! - Peter disse a si mesmo, impaciente.

Na cozinha, enquanto Lucy e James limpavam a bancada, o casal ouve um ruído estranho vindo do porão logo abaixo.

- Ouviu isto? - Perguntou James. Lucy assentiu com a cabeça, olhando apavorada - Vou até lá ver o que é.
- Devem ser só ratos. - A garota disse, tentando convencer a si mesma - Não é?

- Claro - ele respondeu. - A casa deve estar cheia deles.

Depois de muito procurar no porão escuro, apenas com uma lanterna, James não encontrara nem mesmo um rato. Conformado, decide retornar a limpeza, afinal, iriam embora no outro dia e não teriam muito tempo para concluir todas as tarefas.

Alguns metros antes da escada, ele para abruptamente ao escutar um sussurro em seu ouvido. Uma voz feminina repetindo diversas vezes uma frase incompreensível. O garoto vira para trás e ilumina o porão com sua lanterna, mas não encontra nada.

Curioso com um móvel que não havia visto até então, ele ignora a voz e anda até um armário que também pertencia aos antigos donos da casa. Abrindo-o, as palavras sussurradas se tornam mais compreensíveis. A voz se tornara mais fria que antes, mas continuava dizendo a mesma frase diversas vezes: “Você deve matá-la. Ele o fez. Você deve matá-la. Ele o fez.”.

Sem se assustar com os sussurros e com o conteúdo obscuro deles, sua curiosidade pelo armário aumentara inexplicavelmente e James começou a abrir algumas caixas que encontrara dentro dele. Nelas havia fotos dos antigos donos e de seus filhos, um garoto e uma garota. Após observar algumas, ele retorna à cozinha.

- E aí, encontrou alguma coisa? - Lucy pergunta.
- Um rato, acredita? Mas não se preocupe, já dei um jeito no bichinho. - Ele responde sorrindo e a beijando nos lábios.

Ao terminarem toda a limpeza, o grupo se reúne na cozinha para o jantar. Durante a refeição, Peter deixa escapar acerca da visão de Carrie e, com James, começou a rir e a zoar a amiga novamente.

- O que você viu? - Lucy perguntou receosa.
- Ela não viu nada, querida, é só imaginação - James respondeu. - Você bem que podia dizer essas bobagens no dia do Baile de Halloween, Carrie. Com sua aflição, assustaria todos os convidados.

Com isto, o restante da conversa foi totalmente dedicado a comentários sarcásticos direcionados à Carrie, convencendo até mesmo Lucy de que a garota estaria ficando louca.

- Vou retirar os pratos e já volto. - Lucy disse, deixando a mesa.
- Cá entre nós - Disse James, conferindo se a namorada estava realmente fora do cômodo. - Acho que nossos pais só escolheram a casa sem antes conhecê-la devido ao histórico do local. Pelo que ouvi, o corretor responsável disse a eles que alguma tragédia ocorreu aos antigos moradores, fazendo com que a casa ficasse a venda pelos últimos dez anos, sem nenhum comprador interessado.
- Fala sério! - Peter exclamou. - Como pode existir tanta gente supersticiosa neste mundo?

Assim que o garoto termina de dizer, um estrondo é ouvido e a energia elétrica de toda a casa é desligada.

- O que foi isso? - Carrie perguntou, sentindo seu coração acelerar.
- Provavelmente um raio que atingiu nosso sistema elétrico. - Disse Peter, apontando para a janela, que exibia os primeiros pingos de chuva caindo. - Vocês trouxeram velas?
- Não. - Falou James. - Vou até o porão procurar algumas. Lucy, está tudo bem aí?

- Sim. - Ela disse. - Encontrei uma lanterna.
- Ótimo, venha comigo procurar as velas. - James sai, apressado.
- Vou dar uma olhada no transformador, você espera aqui? - Peter perguntou, segurando a mão de Carrie.
- Sim. - Ela responde. - E Peter... tome cuidado, por favor.
- Relaxe, está tudo bem. - Ele beija a testa da garota e sai, deixando-a sozinha.

Assim que o som dos passos de Peter não são mais ouvidos, Carrie sente os pelos da nuca eriçarem e um vento frio lhe toca a pele. Ela se vira para trás e vê a mulher da noite anterior parada ao lado da bancada, na mesma posição em que se encontrava na última aparição, exceto pela expressão em seu rosto. Agora ela estava sorrindo. O sorriso mais insano que ela já vira.

Antes de conseguir obter qualquer reação, Carrie escuta gritos de uma menina ecoando por toda a casa. Lucy.

Ela se levanta e sai correndo em direção aos gritos, ignorando a figura da mulher a alguns metros. Enquanto corre em meio à escuridão, a garota grita por Peter, preocupada com o que possa ter acontecido com o amigo. Sem ouvir resposta alguma, ela prossegue seu trajeto, aproximando-se cada vez mais dos gritos agonizantes, até que se depara com uma escada. Os gritos vinham do porão.

Deixando de lado todo o pânico que consumia cada nervo de seu corpo, ela começa a descer os degraus, até que finalmente o vê.

Nada no mundo poderia ter preparado Carrie para o que ela presenciava. Seu irmão estava em pé ao lado do corpo de Lucy. Sua camisa

branca completamente manchada com o sangue da garota morta e um sorriso tão louco quanto à da aparição que a visitava.

- Carrie! - Exclamou James, com uma expressão confusa surgindo em seu rosto. - O que eu...?

Antes que o garoto terminasse a frase, o espectro da mulher reapareceu, fazendo com que o sorriso sombrio tomasse conta da face do irmão da garota novamente.

- O que você deve fazer, James? - A mulher perguntou. Sua voz chegava a ser cortante aos ouvidos de Carrie, que não havia escutado sequer um som vindo da mesma até então.

Ao perceber que o garoto lutava pelo controle de suas emoções, a mulher diz:

- Você deve matá-la. Ele o fez. Você deve matá-la. Ele o fez. - Conforme ela repetia a frase, sua voz e seu rosto tornavam-se mais insanos e psicóticos. - Você deve matá-la. Meu irmão o fez. Você deve matá-la.

Assim que ela finalizou suas ordens, Carrie percebeu que seu irmão não conseguiria retornar ao controle. Ela começa a soltar as primeiras lágrimas.

- Por favor, James. Por favor, irmão. - James se aproximava lentamente, sorrindo como um louco. Com sua visão periférica, ela percebe Peter descendo as escadas. - PETER, FUJA!

Assim que profere suas últimas palavras, Carrie consegue trocar alguns segundos de olhar com seu melhor amigo, que a alguns metros dela, assiste impotentemente a morte da colega.

Sentindo medo, fúria e tristeza percorrerem seu corpo, Peter segue o que a amiga lhe pediu antes de morrer e sobe as escadas o mais rápido que pode. Mas ainda a tempo de ouvir o fantasma da mulher dizendo: “Muito bem, meu novo irmão.”.

O Sangue da Vida

Por Ricardo Moreira da Silva – Campus Ceres

Armando acordou às cinco da manhã, com a voz de Virgínia, como se estivesse saindo de um pesadelo. Com a sensação de ter ouvido algum barulho estranho na porta dos fundos, tomou em suas mãos a velha espingarda de caça, que sempre esteve ali ao lado de sua cama. Ainda meio sonolento, calçou sua bota e foi investigar para ver do que se tratava. Lá fora, encontrou apenas a cadeira de balanço em um movimento vago de vai-e-vem, como se alguém a tivesse empurrado. Era nela onde sua amada sempre se acomodava nos fins de tarde para relaxar e apreciar o sol se deitar entre as montanhas no horizonte. Dali era possível ver a neblina cobrindo todo o vale.

No meio dela Armando percebeu um vulto distante, que deixava um corte na massa branca, rumando para a floresta. Ele vestiu o casaco que estava pendurado ao lado da porta e partiu, receoso do que poderia encontrar. Com passos cautelosos e com a espingarda pronta para atirar, mas sem muita visão do caminho, continuou. Meio perdido naquela escuridão da floresta, Armando foi atingido fortemente na nuca. Ele não pôde perceber nada além de um movimento brusco. No vilarejo, distante 2 quilômetros de sua casa, acordou um dia depois, em uma cama, sem a menor consciência do que acontecera na madrugada do dia anterior. - Onde estou? Questionou Armando ao senhor que estava sentado ao seu lado segurando um copo de chá. - Você está em minha casa, no vilarejo. Respondeu o senhor lhe entregando o copo de chá que acabara de preparar. - O que aconteceu? Como vim parar aqui? Indagou Armando, sentido uma forte dor no pescoço onde expunha uma ferida com o formato de ∞ e que era semelhante a que aparecera em sua esposa Virgínia, dias antes de desaparecer.

Já haviam se passado dois meses desde que a vira pela última vez. - Eu que te pergunto! Te encontrei graças a Mel, minha cadela, que estava latindo no meio da floresta. Você estava caído lá, no chão, inconsciente! Exclamou o senhor. - A única coisa de que me lembro é que ainda era cedo quando acordei com um barulho na porta de casa. Então levantei para ver o que era. Vi um vulto indo em direção a floresta, então fui em frente. Num certo ponto já tinha me perdido, pois estava muito escuro em meio as arvores e, e.... conta Armando se esforçando para lembrar do que acontecera depois. - E então, o que aconteceu depois? Questionou o senhor, tentando entender o que havia acontecido. - E não me lembro do que aconteceu depois, apaguei enquanto tentava encontrar um caminho em meio às arvores! Elas eram tão grandes e estava tudo tão escuro! Exclamou Armando.

Se sentindo melhor, ele agradeceu ao senhor pela ajuda e voltou para casa intrigado com a situação. Armando estava muito abatido. Ele não era mais o mesmo desde que sua amada desaparecera. Inquieto, voltou à floresta, na expectativa de encontrar alguma pista. Atento aos mais sutis detalhes, ao se aproximar do local onde foi encontrado, sentiu uma sensação estranha, uma brisa gelada fez com que seu corpo se arrepiasse todo. Nesse mesmo momento, seu olhar focou em um objeto preso ao tronco de um velho pinheiro. Seus olhos se arregalaram e Armando exclamou para si mesmo: “ Não pode ser! ” Ele deixou transparecer um leve sorriso no rosto.

Suas esperanças de achar Virgínia reavivaram, pois encontrara o colar que dera a ela quando completaram um ano de namoro. Ele se aproximou do objeto reluzente e o admirou por um longo tempo. Em uma parte mais densa da floresta, onde nem mesmo os raios de luz do sol conseguiam penetrar, um pequeno flash luminoso, bem fraco, escapara por uma brecha em meio às folhas secas no chão. Prestando-se muita atenção era possível identificar ali uma entrada para o subsolo. O que parecia ser uma figura humana, estava se movimentando ali embaixo ape-

nas sob a luz de algumas velas. O ambiente até lembrava um laboratório, com vários objetos estranhos, hostis. Ao fundo daquelas galerias emergia uma voz feminina, questionando: “- O que tanto faz aí nesse cômodo trancado? ”, se referindo a Valls. Um homem jovem, mas de aparência macróbia, que habitava aquele local subterrâneo a muitos anos. - “Em breve lhe revelarei, minha querida! ”, respondeu Valls, trabalhando incansavelmente na cura para sua doença, que ficara mais severa nos últimos meses. Suas células sofriam de um envelhecimento acelerado. Quando ele observou que seu último teste com uma amostra de sangue coletado de Armando havia demonstrado um resultado promissor, estimou que dentro de alguns dias poderia estar curado, caso o sangue de Armando estivesse circulando em suas veias. Preparava agora então tudo o que necessitava para tal procedimento.

O teste com a amostra anterior não havia prosperado, em nada, mas para Valls foi de muita importância, pois por meio deste que conhecera e capturara Virgínia, em uma de suas caminhadas matinais pelo bosque. Como nenhum resultado fora obtido, Valls se frustrara e começou a surtar; Virgínia, com medo, mas tentando entender o que se passava ali, perguntou porque fora capturada. Valls lhe esclarecera sobre sua doença e também dissera que se não encontrasse a cura teria apenas mais alguns meses de vida. Então Valls a libertara, Virgínia voltara para casa, mas comovida com a situação retornara para Valls. Dissera que não iria deixá-lo sozinho naquele estado de desespero. Algumas semanas se passaram e ele ficara com um aspecto envelhecido, horrível. Os dois se aproximaram muito durante esse período. Valls se apaixonara por ela, mas por parte de Virgínia era mais um sentimento de pena, interpretado de outra forma por ele. Valls tinha agora motivação para se dedicar em pesquisas misteriosas sobre a cura de sua doença Armando observou o brilho do colar por muito tempo.

Quando saiu do flashback, tomou-o em suas mãos. Instantaneamente acabou preso em uma armadilha e alguns segundos depois ficou

desacordado devido aos sedativos que foram armados ali, secretamente, por Valls, exatamente com o intuito de leva-lo para o seu laboratório onde extrairia o sangue de sua salvação, o sangue de Armando. Feita a extração, sucumbiu, anêmico, Armando. E Valls, em 24h, começou a sofrer algumas mudanças positivas, como se tivesse rejuvenescido uns 10 anos.

Ele se olhou no espelho e mal pôde acreditar que a transfusão havia dado certo. Apesar do ambiente pobre em luz, sua imagem refletida era outra. Entusiasmado, vai de encontro a Virgínia para lhe mostrar os resultados de sua experiência. Ela quase não o reconhece e leva um susto com sua presença, mas quando observa o que ele conseguiu, corre ao seu encontro para um abraço e o beija, acariciando seu rosto, ainda abismada com o novo visual de Valls. Sob a luz da última vela naquele cômodo, Virgínia se dirige até o laboratório para pegar mais velas. Ao adentrar, percebe um corpo estirado sobre uma mesa ao canto, mas pela falta de luz não era possível identificar quem estava ali. Ela acende uma vela que encontra sobre a mesa logo na entrada e fica paralisada por alguns instantes ao reconhecer o rosto daquele homem; ficou ainda mais chocada ao ver que sua mão segurava um colar que ela conhecera muito bem. O choque foi enorme e não crendo que Valls tivesse feito tamanha barbáridade, não pensou duas vezes: se virou para a mesa ao lado, pegou um espeto de aço bem afiado, apagou o fogo da vela com um último sopro lento e contínuo.

PinkSterina

Por Weder Nunes Ferreira Junior – Campus Rio Verde

– Você não é Deus! – João bateu com a bandeja na mesa em que Dr. Pinkman estava almoçando, o rapaz ficou esperando uma resposta, porém o cientista apenas o encarou e voltou seu olhar em direção a sua bandeja. – Você não é Deus!

- Sente-se rapaz, a comida está ótima. – O rapaz estava nervoso, mas concordou em sentar junto ao cientista chefe da Alfa Science Corporation, havia batatas gratinadas no cardápio, João e os demais funcionários da empresa de pesquisa elegeram as batatas gratinadas como o melhor prato servido pela empresa.
- Você não é Deus! – Dr. Pinkman olhou-o novamente, reparando na voracidade em que o jovem devorava suas batatas.
- Não estou te entendendo rapaz, você pode ser mais claro? – O cientista de aproximadamente 40 anos trabalhava na Alfa Science Corporation há quase duas décadas, e sua dedicação e sucesso profissional o tornaram responsável pelo departamento de pesquisa científica.
- Você sabe muito bem sobre o que estou falando. – João possuía poucos anos de experiência na empresa, recém-formado aos 25 anos, fazia parte da equipe de cientistas assistentes do Dr. Pinkman.
– Estou falando da reunião de hoje.

Doutor Alexander Pinkman, ou Dr. Pinkman como era popularmente conhecido tentava contornar a discussão que seu assistente estava

querendo promover. Apesar de ser o cientista chefe da corporação todos os seus projetos passavam pela equipe de sócios para obter a aprovação, para depois poder executar a pesquisa científica.

- Não olhe com essa cara de desentendido para mim. – João referia-se à posição que Dr. Pinkman tomou à sua frente, com os cotovelos apoiados sobre a mesa, o mais velho o encarava com um olhar de desentendimento. – Você não é Deus!
- Meu jovem sinceramente eu não estou lhe entendendo, você é um cientista ou não?
- Sim, eu sou um cientista, mas não Deus! – O jovem bateu com o punho fechado na mesa, o que despertou a curiosidade dos demais funcionários que almoçavam no refeitório. Dr. Pinkman lançou um sorriso meio sem graça para as pessoas que os observavam lhes dizendo: “ Está tudo bem! Ele só está desabafando”, e as pessoas voltaram a comer a tão desejada batata gratinada, que afinal tinha uma ótima aparência.
- Controle-se rapaz, o que é isso? – O cientista parecia não estar tão paciente como antes, suas mãos unidas esfregavam-se uma a outra enquanto seus olhos permaneciam fixos à João.
- O senhor é a pessoa mais suja que eu conheci em toda minha vida!
- Não seja tolo! – O Cientista voltou a comer as batatas. – Rapaz deixa eu te fazer algumas afirmações: Você sabia que em alguns anos a agricultura não conseguirá suprir as necessidades da população? E isso não se deve apenas à desigualdade social é claro, mas a população vem se multiplicando em um nível frenético e se isso não parar...

- Que pensamento mais grotesco. – João o interrompeu ao lembrar da proposta de pesquisa do Dr. Pinkman que havia sido aprovada naquela manhã.
- Se esse aumento desproporcional não parar, a próxima guerra será pela conquista de alimentos, a falta de comida atualmente é vista massivamente em países pouco desenvolvidos. – Dr. Pinkman o olhava novamente enquanto o jovem cientista deliciava-se do perfeito cardápio, o qual ele também tinha que concordar que era o melhor do refeitório. – Você já imaginou perder o prazer de se alimentar?
- Isso não é justo com o restante da população! O Senhor não é Deus Dr. Pinkman, não é! – O jovem cientista ficara sabendo do projeto do Dr. Alexander por sua esposa Vanessa.

Vanessa trabalhava como secretária executiva do presidente da Alfa Science Corporation, por isso participava de todas as reuniões da empresa, ao ficar sabendo do projeto do Dr. Alexander Pinkman saiu da reunião e foi contar os planos da nova pesquisa para o namorado.

- Posso até não ser Deus rapaz, mas eu só estou ajudando a população.

O projeto denominado “Nova Geração ABO⁻” aprovado pela banca de sócios da Alfa Science Corporation tinha como objetivo principal erradicar o aumento desproporcional da população mundial, devido a uma série de questões insustentáveis que esse aumento significativo provocará para o mundo, com a aprovação do projeto a diminuição da taxa de natalidade ocorrerá através da alimentação, se alimentando as pessoas se tornarão inférteis.

Dr. Pinkman já trabalhava nesse projeto há anos, ocultando-o dos representantes oficiais da empresa. A pesquisa através de mudanças genéticas criara plantas geneticamente modificadas com aminoácidos que

esterilizem apenas pessoas dos grupos sanguíneos com o fator Rh+. O aminoácido ao entrar em contato com o sangue se unirá a esse se desprendendo apenas quando passar pelo órgão reprodutor causando a impossibilidade de fertilização dessas pessoas.

- O senhor não sabe o que está fazendo. – João ficara abalado ao ver a expressão de tristeza da esposa quando ela o contara dos planos do Dr. Pinkman, pois ambos eram do grupo sanguíneo de fator Rh positivo e com a aprovação do projeto o casal não teria filhos.

– Na verdade você está com o pensamento egoísta perante um bem comum. – Ambos haviam feito pausa para tratar o assunto com seriedade. – Eu sei o quanto as pessoas sentem vontade de casar e construir a família tendo filhos, mas não seria egoísmo da nossa parte colocarmos filhos no mundo, e esses se reproduzirem causando uma catástrofe por falta de comida?

– Sei muito bem o que o crescimento desenfreado da população pode ocasionar no mundo, mas a questão aqui não é o futuro e sim o presente. O senhor Dr. Pinkman um homem integro que eu sempre admirei profissionalmente, não tem o direito de fazer isso com as pessoas sem seus consentimentos.

Naquela manhã em que seu projeto foi aprovado com êxito Dr. Pinkman se orgulhou ao saber que representantes do governo se interessaram em seu projeto e o financiariam. Com a diminuição parcial da população o governo reduziria gastos de investimentos com saúde, além de não se preocupar com os índices de desemprego que uma quantidade alta de população ocasionaria.

– Fico feliz pela admiração em que você sente pelo meu trabalho rapaz, mas eu trabalhei grande parte da minha vida nesse projeto, por mais horrível que ele possa aparentar não é a questão ruim que

quero que as pessoas vejam, e sim a parte boa que esta pesquisa proporcionará para a humanidade. – Dr. Pinkman era um homem solitário, nunca apresentou namoradas aos amigos e não se importava pelo fato de não ter nenhuma companhia afetiva, sempre se dedicava ao trabalho como se fosse sua família.

Ao contrário do chefe, João e Vanessa sempre sonharam em constituir uma família, ambos queriam um casal de filhos, todas as noites eles discutiam as opções de nomes e como qualquer casal normal, as vezes até brigavam por isso. Porém a ciência juntamente com o governo estava prestes a destruir os planos deles, que eram casados há um ano e desde o início se frustravam por não conseguir ter filhos.

- Eu e minha esposa Doutor não poderemos ter filhos. – Encarou o seu chefe com olhar de piedade, mas o outro nem o olhou.
- Eu sinto muito João, mas a maioria das pessoas do mundo são do grupo sanguíneo de fator Rh positivo, o que possibilita um maior controle do aumento da população. Sinto muito mesmo por você e pela Vanessa fazerem parte desse grande grupo. – Dr. Pinkman o respondeu sem olhar para o mais novo, talvez por sentir pena, mas não se arrependia nenhum pouco das consequências de seu projeto.
- Sabe Dr. Pinkman, apesar de todo o respeito que tenho pelo senhor, eu desejo muito que esse seu projeto não dê certo, nunca!
– O cientista então o encarou, enquanto terminava de mastigar a última garfada de seu almoço.
- Vou te confessar uma coisa rapaz, ser gerente do departamento científico me proporcionou algumas regalias, entre elas: uma sala e um laboratório exclusivo, e há quase uma década eu sou o cientista chefe e desde o princípio eu comecei as minhas pesquisas do pro-

jeto “Nova Geração ABO⁻”, este projeto não vai começar a partir de agora, pois ele já existe há anos.

- Mas isso é errado! – João o interrompeu.
- Sim é errado, mas eu tinha o meu laboratório e não era fiscalizado, pois eu tinha a confiança dos superiores. Voltando ao projeto, o que começara agora é uma pesquisa aprovada em humanos, para verificar o quão eficiente será esse projeto.
- Isso é bobeira, o conselho vai voltar atrás quando souberem que o senhor descumpriu as ordens e fez a maior parte dessa pesquisa sem as devidas aprovações. – João sentiu uma pequena esperança ao saber que poderia impedir o andamento dos experimentos.
- E você que vai me denunciar? – O cientista lhe perguntou com sarcasmo, João apenas assentiu com a cabeça, Dr. Pinkman sorriu para o rapaz à sua frente. – Pois saiba rapaz que confessei ao conselho que a pesquisa já estava sendo realizada, no começo eles quiseram me suspender, porém a minha ideia fez com que eles à aprovassem e esquecessem o meu erro.
- Vocês são podres! – João bateu novamente na mesa, porem dessa vez poucas pessoas olharam para os dois. – Ninguém vai se candidatar para ser parte desse experimento.
- Nisso você tem razão rapaz, por isso que os testes serão realizados sem o consentimento das pessoas, da mesma forma que vai ser feita com o restante da população. Estou nesse projeto há anos, e nunca havia dado certo nenhum experimento, porém há mais de um ano um dos meus testes experimentais está funcionando. João você foi a minha primeira cobaia a obter totalmente a funcionalidade do aminoácido.

- Seu filho ... – Os olhos do rapaz se encheram de lágrimas. Essa revelação era responsável por ele e Vanessa nunca conseguirem ter filhos, ele ficou completamente sem direção com essa notícia, se perguntando como Dr. Pinkman o usava como cobaia e então ele lembrou das regalias que o seu chefe o proporcionava. – As Rosquinhas?

Dr. Pinkman respondeu com um sim seco, lembrando do primeiro dia de trabalho do jovem em que ele ofereceu rosquinhas caramelizadas que continham o aminoácido de sua pesquisa, o rapaz aceitou apenas por educação e assim ele trouxe rosquinhas para o jovem durante todo esse tempo. O cientista sempre usou essa tática com seus assistentes e como não funcionava ele os remanejavam de setor para poder conseguir um novo assistente com o tipo sanguíneo desejado para a pesquisa, e foi assim que ele conseguiu que João se tornasse infértil.

- E agora quem serão os próximos? – João estava com vontade de levantar seu chefe pelo colarinho e socar até sentir que seus ossos se rompessem, porém, manteve-se calmo.
- As batatas estão boas? – Dr. Pinkman olhou para o prato do rapaz, o encarou por um instante e percorreu seu olhar por todo o refeitório.
- Não! – O rapaz largou os talheres e Dr. Pinkman levantou-se da mesa com um sorriso no rosto
- Este é o aminoácido PinkSterina.

Quase 20

Por Aryel Evelin Vieira Garcia – Campus Morrinhos

Em certos momentos da vida paramos para analisar se o que já fizemos até então realmente teve algum sentido. Peguei-me várias vezes pensando em tal questão e, sinceramente, era bem corriqueiro e logo passava.

Mas hoje, 15 de fevereiro de 2003, não sei se o que vivi valeu a pena ou se tudo não passou de um coma, um sonho solitário vagando pelos corredores da vida, alimentando de muitas lembranças e algumas vontades.

Ontem sentei no banco lá fora de casa, o céu estava estrelado e era quase onze. Todas aquelas estrelas sobre mim me encantavam. Sempre brilhantes e me vigiando. Às vezes elas se escondiam, mas eu sabia que todas sempre estavam lá.

Elas guardavam histórias de tanto tempo, de sentimentos que não voltarão, de momentos que foram especialmente únicos. Sempre que queria algo bom, olhava para elas.

Essa noite é uma delas, me sinto como o fim do horário de verão. São quase 20, mas ainda não são. Sou quase adulto, mas é só quase... Era quase amanhã, mas ainda é hoje.

Rafael Lidário Pontes já não era o menino que esperava seu desenho favorito passar na TV logo de manhãzinha, na casa da vovó com um copo de leite quente na mão e seu amuleto na outra. Ele já tinha seus

gostos, seus amores e suas paixões. As horas já não eram o suficiente para fazer tudo o que tinha para fazer. Manter seus gostos, cultivar seus amores e viver suas paixões.

Agora o tempo era quase exato da sua vida quase adulta.

Sim, eu, Rafael, mas pode me chamar de Lidário, estou na crise dos quase vinte! Finalmente vou sair da casa dos dez, me formar, ter um emprego decente e constituir uma família. Ou será que... Deus! Já não carrego comigo meu amuleto, meus gostos, amores e paixões.

Levá-lo comigo eram questão de sobrevivência, sorte! Muitos dizem que é bobagem, mas era minha bobagem.

Quando me falavam que eu tinha sorte, não acreditava, pois não sou do tipo de pessoa que leva isso em conta. Prefiro acreditar que trabalhei o suficiente para aquilo acontecer, e não só sorte. Mas no fundo a única verdade era que aquele amuleto guardava um pedacinho de cada estrela, um pedacinho de coisa boa. E uma delas aconteceu justamente há três anos quando me perguntava o que seria daqui para a frente.

Maria Carolina Freitas ocupava boa parte daquele amuleto. Ela era demais! Até mesmo para mim. Era o tipo de sonho perfeito e, por isso, muito difícil de ser alcançada. Era como as estrelas, fácil de apaixonar, mas alta demais para tocar e habitava em um lugar onde poucos estavam dispostos a vencer sua fobia de altura.

Acredite, depois que larguei meu amuleto, a perdi também. Desde então o céu está nublado e não posso nem mesmo tentar admirá-la. O fato é que não venci minha fobia. Nem de altura e muito menos do amor.

E já são quase vinte e ainda estou parado com medos bobos dos quinze e responsabilidades dos trinta.

E se eu acordasse em pleno fevereiro de 1993? Será que Maria estaria me esperando com o amuleto dizendo que está tudo bem?

Se não estivesse, voaria para os anos 2000 para vê-la pelo menos uma última vez. Naquela noite de 15 de fevereiro que caiu sobre mim toda sua magia.

Mas agora são quase 20, ou quase 23 horas, e ao ouvir Lana Del Rey tenho uma certeza. Eu gosto dos meus gostos passados, gosto do momento e vou gostar de tantas outras coisas ainda. Hoje ouço Legião e Charlie Brown Jr. e afirmar meu rock and roll sem ser modinha. São quase 23H e dane-se. Eu gosto dos meus gostos passados, gosto até da nostalgia do fim de domingo assistindo Silvio Santos.

Nessa noite de fevereiro faltando exatamente quatro meses e oito dias para os vinte, ainda me questiono. Tantas coisas para fazer, tão pouco tempo para executar e nada de Maria voltar. Já se passaram três anos e minha vida foi dividida em antes e depois desde então.

Será que na noite dos vinte ela voltará?

Mudei muito de 1983 até então. Conheci coisas, pessoas, descobri tantas outras. E nesse conflito de crescer ou não, eu precisava de sorte.

Mas aí pensei.... Se ela veio ao menos uma vez, é claro que tenho sorte!

Existem pessoas que ganham na mega sena e tem ela em uma parcela alta de uma só vez. E há pessoas como eu, que recebem altas parcelas várias vezes. Loucura dizer que não tenho sorte. Ora, tenho Maria, meu amuleto, no fundo sei que tenho. É claro que tenho sorte, é claro. São quase vinte e eu queria apenas que ela estivesse aqui.

Lembro-me de quando ouvi pela primeira vez a música “Angel”, do Robbie Williams, em dezembro de 1997 e senti uma emoção única.

Nunca imaginei que seria minha trilha sonora. Eu costumava dizer que a vida é como um filme e as músicas são nossas trilhas sonoras.

Saber que já passei tanto por isso, pensar na vida nunca foi algo fácil, mas dessa vez existe um, porém que me faz refletir se tudo valeu apenas antes daquela noite de 2000. Desde então algo bom aconteceu na minha vida e aquele amuleto guardou tudo, tudo mesmo. E até hoje espero o dia em que ela voltará.

E, naquele momento, quando olhei para o céu uma última vez antes de entrar para casa e retomar minha vida como das outras vezes, algo mágico aconteceu. Em milésimos de segundos, vi Maria passando diante dos meus olhos. E como da primeira vez abri minha mão e depois a guardei para sempre comigo. Minha estrela cadente novamente estava ali.

Desde 2000 a espera todas as noites. Já tinha se passado três anos e agora sei que o tempo que retornará é indeterminado. Sei também que a única vez que ela veio foi no ano da virada do século. Desta vez e das outras que virá será apenas uma coisa boa, outra parte que compõe meu amuleto.

Luzia e a Gruta

Por Yago Alves dos Santos – Campus Rio Verde

O barulho dos cães perseguindo algo foi o que fez Ana Luzia despertar do seu sono. Antes mesmo da garota pentear seus cabelos sua mãe entra no quarto já gritando: -Se apresse Luzia, o sol já está alto! Ande logo e vem me ajudar.

- Afffmãe, a gente não pode mais nem se arrumar direito! já estou indo. Ajudar a mãe no trato com os animais da Fazenda foi o que ocupou a maior parte da manhã de Ana Luzia. Ela não tinha como escapar, mais alimentar aqueles cães com os quais ela convivia desde os 10 anos ainda não era uma das tarefas que considerava das mais agradáveis. A garota via uma mistura de raiva, medo e ódio nos olhos deles e olhar as presas daqueles cães estraçalharem seu gato de estimação não era de cara o melhor modo de recepcionar sua chegada e de seu gato a Fazenda que seu pai cuidava.

Ao terminar com as suas obrigações a menina tratou de despistar os pais e se embrenhar no cerrado rumo a seu lugar preferido, onde ela encontrava paz, tranquilidade e calma para que nas discussões em casa não fizesse uma besteira. A pequena gruta no meio de uma chapada de pedras era onde Ana passava a maior parte do seu tempo escondida dos pais e dos conflitos que vivia em casa. Ficar naquele lugar deitada e sem fazer nada era sem dúvidas a melhor terapia que poderia existir para lhe acalmar.

Ao voltar para casa na hora do almoço ela se depara com o pai na porteira que a interroga:

- Onde é que você passa todo esse tempo em menina? Eu já disse que não é para você ficar o dia todo embrenhada nesse mato. Um dia você ainda vai acabar passando um sufoco nesse lugar que você chama de esconderijo! Sua mãe lhe disse as mesmas palavras do pai, e ela desejou ser surda para não ficar escutando toda aquela baboseira. A tarde se seguiu como sempre. A não ser pelos empurrões que Luzia deu em uma garota que ela considerava a miss chatice do Colégio.

Ao chegar da escola ela mesmo sem querer atrapalhar os pais no meio de uma conversa acabou por ouvir algo que lhe deixou desorientada.

- Mãe: eu sei que aqui não tem futuro para ela, mas ela não vai gostar nem um pouco de saber que precisará ir morar na capital com a prima.
- Pai: é, não vai ser nada fácil para nenhum de nós, mas a dor precisa ser sentida, é um dia ela vai nos entender.

No meio de todo aquele turbilhão de sentimentos única reação que lhe ocorreu foi correr o mais rápido e para mais longe que ela pudesse imaginar.

O sol já havia se posto, e não dava para enxergar um palmo a frente do nariz. A única coisa que ela sentia era a vegetação arranhar suas pernas e seu instinto lhe dizendo que aquela era a direção do seu refúgio.

E para sua sorte sua intuição estava correta, quinze minutos depois de sair a disparada de sua casa ela chegou na gruta. O lugar estava como sempre esteve, tranquilo e mais silencioso que nunca. Ana Luzia se sentia sem chão, apesar de sentir muito bem a frieza das pedras da gruta, a garota não queria acreditar que teria que morar longe dos pais, que apesar de brigarem constantemente eram as únicas pessoas que entendiam e desculpavam as palavras agressivas proferidas pela jovem.

A noite a mochila foi seu travesseiro, o agasalho seu cobertor e o chão de pedra seu colchão. Dormir não era uma das opções da lista de coisas que tinha para fazer durante a noite, com isso o jeito foi escrever. Usando a luz do celular para clarear as folhas do caderno, a garota escreveu tudo que vinha a sua mente, xingou os pais, humilhou verbalmente a miss chatice e até mesmo se declarou para o menino que não era o mais bonito do Colégio, mas o mais belo exemplar de uma espécie de garotos que com certeza está em risco de extinção. O sol já estava quase aparecendo no horizonte quando quase que por milagre ela pregou os olhos, o sono lhe pegou como ela achava que a paixão pegava alguém, de repente, de uma hora para outra.

Os raios de sol queimavam a perna de Luzia, o incômodo foi suficiente para fazê-la abrir os olhos e ir ver como estava o dia do lado de fora da gruta. Provavelmente já era umas 10 horas da manhã, a fome assim como a sede lhe atormentava. Como por um sinal divino com os primeiros passos que ela deu para vasculhar as proximidades, pisou em uma fruta que dava durante aquela época no cerrado, foi só caminhar mais um pouco que ela encontrou a mangabeira, a água não foi tão difícil de encontrar, estava logo ali em um riacho que passava ao lado da gruta. Durante o resto da manhã e a até a metade da tarde ela passou a base de mangaba e água, sabia que não podia viver o resto da vida assim, mas por enquanto não decidiu o que iria fazer, se voltava para casa ou iria para casa de algum colega essa seria sua refeição principal.

Por volta das três horas a fugitiva resolveu ir um pouco mais além, andar para mais longe da gruta, mas com cuidado para não ser vista. O cenário não mudou quase nada durante a caminhada, árvores pequenas e com folhas de todos os tons de verdes e de todas as formas. Pensando em sua proteção na gruta durante a noite agora sua procura era por um buritizal que pudesse alcançar e que tivesse folhas grandes e largas para que pudesse usar de barreira contra todos os tipos de bichos que ela arrepiava só de imaginar. Vinte minutos foram o suficiente para avistar o que

procurava, um buritizal de apenas uns dois metros e folhas grandes suficientes para que pudesse ser usada como queria. Puxou folhas para baixo arrancar-las, ideia essa que se desenrolava com sucesso, a não ser pela dor fina e profunda que Ana Luzia sentiu na altura do pescoço.

– Aiiii.

Automaticamente a menina levou a mão ao pescoço e descobriu o motivo da dor: uma abelha. Olhar para cima foi suficiente para entender o que estava acontecendo, um enxame de abelhas africanas possuídas de raiva por serem incomodadas formavam uma nuvem ao alto da sua cabeça. Com a mesma rapidez que ela viu as abelhas ela teve uma ideia que foi logo posta em prática, correr. Ela correu como se sua vida dependesse daquilo, e de alguma forma dependia. Sentir de tempo em tempo uma abelha introduzindo seu ferrão com toda raiva do mundo em sua pele era motivação suficiente para a garota não parar de correr. Quando já não aguentava mais correr Deus foi novamente generoso com a garota, aquele mesmo riacho que passava perto da gruta agora estava maior e mais profundo, foi o que salvou literalmente a pele de Ana Luzia.

Pular com tudo naquela água fria foi ao mesmo tempo maravilhoso e congelante, mas mesmo assim preferia enfrentar frieza ao dobro do que levar mais uma injeção de dor daquelas vespas.

Graças aquele remanso ela se salvou das abelhas. Voltou para a gruta e pensou que aquela experiência era um dos motivos que teria para voltar para casa. Não demorou muito e o sol se pôs novamente, o breu tomou conta da paisagem e ela ficou ali encolhida e sem nada para fazer. O tempo se arrastava lentamente, os seus pensamentos eram iguais estrelas, nas quais ela não conseguia organizar em constelações. A única forma de tecnologia que lhe fornecia luz e noção do tempo estava descarregado, saber que horas eram se tornou impossível. Ao cair no sono a menina já havia tomado uma decisão, apesar de ainda estar confusa ela conseguiu se

direcionar, pois sabia que nesse momento o segredo era acalmar o coração e pôr os pensamentos em ordem, já que desespero não resolve nenhum problema.

Dessa vez o que há fez acordar foi o serpentear de uma cascavel próximo a seus pés. Acordar e dar de cara com aquela cobra foi o suficiente para Ana sair novamente em disparada no meio da noite sem saber para onde estava indo. Dessa vez à garota estava indo além, não sabia para que direção estava seguindo e nunca havia percorrido por aquela parte do cerrado.

Quando ela pensou em parar de correr já era tarde demais. Ana Luzia caiu em um precipício e despencou de uma altura suficiente para triturar os ossos de um elefante. No fundo do penhasco tinha um Lago que amorteceu sua queda, mas não o suficiente, a força do choque contra a água foi tão forte que a desacordou, sem poder ao menos nadar a garota afundou e foi levada pela correnteza.

Seu pai a encontrou no início da manhã, com a ajuda dos cães ele a avistou enroscada em várias raízes em um remanso. Já sem vida a garota estava pálida e com uma foto da família entre os dedos. Atrás da foto estava escrito: Família, estou voltando!

Klof - O Coler Terráqueo

Por Ana Laura Honório Silva – Campus Trindade

Diferente do que vocês possam imaginar, os Colers não eram criaturas assustadoras, eram normais, talvez suas cabeças fossem desproporcionais para seus corpos, porém a diferença física com os humanos acabava aí. Já emocionalmente, um “penhasco” os separava: os Colers eram amorosos, superprotetores, gentis e quando amavam alguém era para toda sua vida.

O seu planeta era o C812, até onde sei, nunca foi descoberto pelo homem, mas essa história será sobre um humano que viveu com eles há muito tempo atrás.

No ano de 1963, o inverno estava mais rigoroso naquela parte da Rússia. Naquele mesmo ano, no dia 29 de dezembro de um bebê fora deixado na neve.

“Que ser terrível teria capacidade para deixar tal criatura nas mãos de um destino tão incerto?”, era o que pensava Amiston, um Coler que tinha vindo à Terra a passeio. Sua alma doía só de ver aquela terrível cena, por isso levou aquele inocente ser para seu planeta.

Claro que quando chegou no C812 foi mal visto por alguns, porém seus corações ficaram repletos de alegria quando o viram sorrir pela primeira vez. O episódio da neve demarcou seu nome, Klof, aquele que resiste.

O bebê fora crescendo, aprendendo sobre seu povo, sua família, cada vez mais inteligente e astuto, encantava a todos.

Com cinco anos soube que era humano, ele não se importou nenhum pouco, aquela era só mais uma raça e ele não pertencia a ela. Klof soube distinguir a sua verdadeira família, aqueles que cuidaram dele.

Aos 11 anos Klof começou a aprender sobre a Clofoneta, um artigo bélico letal, ele não entendia como um objeto tão pequeno pudesse fazer um estrago tão grande, mas logo ele compreenderia. Dois meses depois, os Bronts entraram em guerra contra os Colers. A tristeza era visível no olho de cada um, ninguém daquele planeta queria estar em uma guerra, e isso fez com que a atitude deles tardasse. O C812 fora invadido pelos Bronts, o horror estava espalhado por todos os lados, a guerra atingia a todos, não havia um único Coler a salvo.

No meio desse conflito todo, estavam Klof e Amiston. Eles não estavam preparados para se defenderem e um Bront apareceu de repente e deu um tiro com a Clofoneta. Klof viu o disparo e se jogou na frente da bala, que iria em direção a seu pai. Em um contra-ataque, o Bront morreu.

Klof estava estirado no chão, aquela pequena criança de 11 anos estava na mesma posição em que fora encontrado, no lugar da neve estava o sangue que não parava de sair e mesmo assim ele resistia.

“Não morra, por favor, não morra, eu vou te salvar”, dizia desesperado Amiston.

“Eu não me importo de morrer por você, fui salvo da morte uma vez por você e se este é o meu destino o abraço bem forte, fui tão feliz que a minha vida vale a de todos vocês.” Essas foram as últimas palavras de Klof.

Queria eu poder a vocês que no fim os Colers sobreviveram, que a morte de Klof salvou seu pai, mas infelizmente não posso. No fim, os

Colers foram extintos, a busca por poder dos Bronts deu fim a uma raça incrível que poderia ensinar muito hoje.

Já se passaram cem anos da extinção dos Colers, queria poder ter conhecido ao menos um. Nunca houve uma tragédia superior ou ao menos igual à daquele dia. As outras raças devem ter aprendido com aquele erro. Nós, Bronts, também aprendemos com ele. Um Bront vivia naquele planeta, ele repassou a história por toda galáxia.

Queria poder contar essa história para os homens, infelizmente não posso, não haveriam muitos que acreditariam em mim, quem sabe quando evoluírem eu conte a eles a grande aventura que viveu um terráqueo, o quão guerreiro ele foi e quem o salvou de uma morte terrível.

A Matéria de Nossas Vidas

Por Victor Hugo Pereira – Campus Urutaí

As coisas começaram a sair do comum assim que Ben Spilgerman levantou-se da cama pela madrugada. O rapaz não costumava acordar antes das dez horas, só que justo naquele sábado, uma insônia resolveu tomá-lo por volta das três. O trabalho o deixava exausto, é claro, mas é justamente o que se pode esperar de um jornalista de sucesso, ou ao menos é o que se espera. Isto é, se Ben possuísse prestígio na carreira.

Benjamin S. Spilgerman cursou jornalismo e assim que terminou a faculdade, encontrou um emprego meia boca num jornal de uma cidade do interior, para a qual se mudou e dedicou seus últimos seis meses a troco de um salário mínimo. Claro, numa cidadezinha como aquelas, não é preciso muito para se viver, mas com a mixaria que ele ganhava não se podia desejar muitos luxos em sua rotina.

Seu apartamento (alugado) estava caindo aos pedaços. A tinta da parede da sala estava descascando e o encanamento já havia sido problemático algumas vezes. A residência contava com uma “glamorosa” suíte, cujo banheiro era dividido com um morcego que se recusara sair dali desde os moradores anteriores. Ben até se deu ao trabalho de apelidá-lo de Bob.

Nem é difícil acreditar que Bob, o morcego, possuía uma vida mais aventureira que seu colega de quarto. Mas Benjamin agora tinha esperanças de tornar-se renomado. O assunto perfeito “caíra do céu” quando ele menos esperava. Tratava-se de um caso de assassinato de prostitutas na região.

Num padrão, durante madrugadas, uma prostituta era morta com um corte limpo na garganta e tinha seus olhos arrancados. Tempos depois, se podia encontrar os olhos nos mais inusitados lugares, espalhados pela cidade.

Como foi citado, era sábado, mas Ben ainda tinha de trabalhar. Ele e o assistente combinaram de se encontrar no local do último assassinato logo cedo.

Assim que o sol surgiu no horizonte, o rapaz saiu de casa para aproveitar e tomar um café antes de encontrar o amigo. Por sorte, a lanchonete que gostava de frequentar estava a duas quadras do ponto combinado. De longe já se podia ver um homem de baixa estatura de frente a catedral, trajando um sobretudo com as mãos no bolso. Aquele era Joshua Rutfilger, mais novo que Ben, mas entraram na mesma época para o jornal. As pessoas costumavam chamá-lo de Josh. Logo que avistou o parceiro, os dois foram de encontro um ao outro.

- Mesmo padrão. A vítima foi assassinada silenciosamente com um corte no pescoço. O que tem a dizer? – Disse Josh.
- Eu?! – Indagou – Ah, amigo, você sabe... Uma das coisas que mais gosto das pessoas é sua capacidade de me surpreender.
- Claro... Enfim, já olhei o lugar e, a não ser que a polícia tenha omitido algo, não há nada de especial aqui.
- Tem certeza? Um detalhe passou por despercebido. – observou Ben – Esta é a segunda morte na semana. Se compararmos o padrão com as mortes anteriores, é como se o *serial killer* estivesse seguindo uma rota.
- Uma rota? Ben, os locais do crime tem sido aleatórios; não consigo identificar nenhuma característica em comum neles.

- Não vê características em comum? Abra seus olhos, Josh, estamos em frente à catedral. Não é a primeira vez que nos encontramos em uma igreja. Semana passada o crime aconteceu numa esquina próxima a uma capela, bem como o do começo dessa semana.
- Mesmo assim, como essas pistas podem ter conexão umas com as outras? Digo, não é como se um assassino rezasse pelas vítimas. Além disso, e os olhos arrancados?
- Não é preciso uma razão. Talvez ele só esteja se divertindo.
- Uma diversão um tanto quanto peculiar, meu amigo. – Joshua retrucou – Mas se os assassinatos mantêm mesmo esse padrão, os locais dos próximos crimes são bem previsíveis, não?! Quero dizer, não há muitas igrejas num fim de mundo como essa cidade.
- Se considerarmos os pontos anteriores, nos resta três capelas pela cidade.
- Duas. Uma das capelas a qual você se refere fica muito perto de um condomínio. Não há pontos de prostituição naquele lugar.
- Pois bem, se queremos uma matéria de verdade que nos impulsiona na carreira, temos que dedicar tudo de nós para o assunto. Devíamos ficar de campana para observar mais de perto o caso.
- Sendo assim, também devemos nos dividir. Uma das capelas fica bem próxima de seu apartamento. É melhor você ficar com ela. – Estratégico, de fato... Mas esteja pronto para chamar a polícia a qualquer momento. Não podemos deixar com que nada de mais grave aconteça com mais uma mulher.
- Estarei Ben, tome cuidado você também. Enfim, estou indo, tenha um bom dia. – Despediu-se Joshua, encerrando o diálogo.

Como havia ficado esquematizado, Benjamin montou vigia no local combinado e os dois trocaram informações por quatro dias, porém, nesse prazo, nada de anormal havia acontecido.

Joshua já não estava com a determinação de sempre, mas após o quinto dia de guarda, ele recebeu um recado do colega:

“Aconteceu, Josh! Ele deve ter chegado quando eu peguei no sono; não estava me aguentando em pé. Só soube por boatos na rua.”

O rapaz logo tirou a conclusão de que a última morte seria no seu ponto de vigia. Sem dúvidas, agora seu desanimo fora substituído por excitação. A ansiedade o tomara e ele só conseguiu dormir pela tarde devido aos cinco dias de sono atrasado. Não demorou até que ele levantasse e se preparasse para observar naquela noite, a capela pela qual ficara responsável.

Joshua se escondeu num ponto de ônibus coberto que tinha uma visão bem ampla da área possível para o ataque. O rapaz já passou naquela rua algumas vezes e percebeu, claramente, a quantidade de prostitutas que haviam parado de trabalhar por ali. Os boatos das mortes provocaram inquietação e pânico.

De uma hora até às três e meia, a única coisa diferente que acontecera foi o fato de que uma das prostitutas — a mais feia e maltratada — finalmente encontrou um cliente. Havia ainda outras duas, porém, uma desistiu e foi embora. A terceira não ficou tão calma quando fora deixada sozinha. Pensou algumas vezes em sair dali, mas hesitou.

Josh era outro que quase foi para casa algumas vezes, mas algo suspeito finalmente aconteceu. Uma figura encapuzada foi em direção à mulher, mas ela tomou distância com passos largos e rápidos, porém a pessoa correu atrás dela e seu enorme salto derrubou-a na calçada. Antes que pudesse se levantar, o suspeito agarrou seu braço que tentava agredi-

-lo e empunhou uma faca curta na outra mão.

O jovem jornalista deu um salto do banco em que se encontrava e gritou:

- Ei! Pare aí! No momento de desconcentração do suspeito, a vítima se aproveitou para fugir.
- “Ei, pare aí”?! É isso que tem a dizer pra um cara armado? — respondeu a figura encapuzada.
- Espera aí! Sua voz... Não acredito! Ben?!

O capuz foi puxado para trás e o rosto ficou a mostra. Era mesmo Benjamin, que esboçava na cara um sorriso malicioso.

- Que idiota. Não achei que fosse ficar de guarda no dia seguinte a um assassinato. Achei que pensasse que o criminoso tomasse um tempo antes de agir.
- Ei, cara. Não, não é possível. Não pode ser você, não dá pra ser você. Uma pessoa direita. Alguém em quem eu confiava!
- Confiança? O mundo não nos ensina a confiar nas pessoas, Josh. As pessoas são cruéis e egoístas. Nunca se pode confiar totalmente em alguém.
- Mas... Mas por quê?
- Não seja estúpido. Essa vida miserável não deveria pertencer a ninguém. Por quê?! Porque eu quis, é claro. Estávamos sem a porcaria de uma matéria e eu cansei dessa vidinha de interior. Pare de pensar pequeno. Com essa história podemos mudar de emprego e até

sair dessa porcaria de cidade. Agora venha e me ajude. Aquela *puta* vai fugir.

- “*Putá*”? Você sempre foi esse louco e psicopata ou sua ambição lhe deixou cego? A mão que eu apertei tantas vezes em cumprimento não pode ser a mesma mão que se banhava no sangue daquelas mulheres. Esse não é você!
- Que discurso mais repetitivo, amigo. Essa história de sermão tem tanta importância para mim quanto a matéria que escrevemos mês passado sobre o aniversário daquele velho de 102 anos. — Lembrou o rapaz — Todas as pessoas são ruins, portanto, o conceito de ruim ou mau é falho. Não tardará para que aflore em você um sentimento incontrolável de se provar. No fim é isso, Joshua, não passa de uma necessidade de ser reconhecido.
- Não dá pra saciar essa necessidade de forma menos egoísta? Mata-ra-me também, caso eu me recuse a ajudá-lo?!
- Morrer não deve ser tão ruim. Se for pior do que viver nesse mundo, a humanidade não passa de um brinquedo mal cuidado e esquecido. Não gosto de acreditar que a morte é pior que a vida, porque ela sempre me transmitiu a ideia de sossego. O barulho de uma viatura era fraco, mas se aproximava com velocidade.
- Aquela vadia foi a uma delegacia... Bem, é hora de decidir, amigo. Demorar só irá nos meter num grande problema. — Disse Ben.
- Sabe que não dá para fugir sozinho agora. Sem minha ajuda, você não pode ir muito longe. Por que não desiste?
- Tem razão. Como eu disse, a morte me parece mais vantajosa que viver, ainda mais num presídio. Bem... Não se culpe por isso, parceiro.

- Como assim? Me culpar de que...
- Fique você com a matéria de nossas vidas. — Dito isso, Benjamin fincou em seu peito a faca que possuía em mãos e rasgou-o, fazendo com que seu corpo eclodisse em sangue. Uma cena bárbara e tenebrosa. A palavra que melhor a descreve é *inesquecível*.

Josh gritou para que parasse, mas o colega caiu morto sem demora. A polícia finalmente chegou ao local e solicitou o depoimento da testemunha.

Meses depois, o caso comovera a todos e a matéria fora publicada por Josh, que agora havia se tornado um renomado jornalista. Quando publicou sobre o caso, o mesmo não deixou de mencionar a participação de seu falecido amigo no texto.

A única coisa que Joshua nunca havia compreendido era o motivo de arrancar os olhos das vítimas e os locais escolhidos para os assassinatos. Mas agora já não fazia sentido pensar naquilo.

A Casa da Rua 66

Por Guilhermy Camargo – Campus Ceres

Meu nome é Thomas. Aos 27 anos me casei com a melhor mulher do mundo, Sarah. Morávamos no interior do estado da Pensilvânia, Estados Unidos, em uma cidade chamada *New Castle*. Quando Rita, nossa primeira filha, nasceu, o pequeno apartamento número 19 da Avenida das Oliveiras ainda conseguia nos acomodar satisfatoriamente. Passados dois anos o outro filho nasceu, Alex. O apartamento passou a ficar bem apertado. Esbarrões em móveis e chutes repentinos em suas quinas, além da constante quebra de vidrarias por conta da pequena mesa de jantar e da estreita bancada de mármore, foram os fatores responsáveis por nos mudarmos para uma casa no centro. Em 2011, cerca de dez anos depois, aquela casa, embora grande, já não era suficiente para a quantidade de coisas que tínhamos. Decidimos. É hora de nos mudarmos novamente.

Fui com minha esposa à corretora de imóveis. Chegamos ao saguão. Havia uma área de espera com confortáveis poltronas de couro, *puffs* coloridos, vários sofás espalhados e um cheiro agradável de lavanda do ambiente misturado com o odor da fumaça do cigarro que um senhor fumava no canto mais à direita.

No centro, mais à frente, ficava a recepção. A moça que nos atendeu foi muito educada e simpática. Marcamos uma reunião com um dos corretores e, enquanto aguardávamos, comecei a procurar um padrão de conexão entre os belos painéis de vidro que formavam o teto e uma parte das paredes. Quando estava quase encontrando-o, chamaram-nos.

Fomos até a sala do especialista. Na porta de vidro fosco estava a inscrição: “Ilustríssimo Sr. Corretor William Ferrow”. No mínimo o indivíduo teria uma autoestima bastante elevada.

Entramos e sentamos nas cadeiras de veludo azul. O escritório era bem amplo, enormes janelas, diversos quadros e objetos decorativos. Quase todos eles tinham algum tom de cinza. Presumi que o sujeito seria alguém bem sério e centrado. Ele vestia um terno azul-cobalto, gravata cinza, possuía dentes branquíssimos e um cabelo impecável.

– “Bom dia! Como posso vos ajudar?”, disse, tentando ser agradável. Minha esposa respondeu e já começou recitando todos os requisitos que a casa, a qual procurávamos deveria ter. O homem pensou um pouco e enunciou: - “Na realidade, há sim um imóvel que atende todos esses parâmetros que você disse.”. Mostrou algumas fotos do local em questão e hesitou por um segundo. Com um semblante neutro e quase desafiador continuou: - “Porém, essa não é uma casa comum. Os antigos moradores disseram que coisas estranhas aconteciam lá. Talvez essa não seja a residência ideal para vocês. Vou pesquisar mais e se encontrar algo eu ligo.” - “Não!”, exclamou Sarah. - “Vamos olhar a casa!”. O corretor olhou surpreso, falou algumas coisas sobre o bairro, a localização e a vizinhança. E disse ainda, que no dia seguinte a recepcionista ligaria avisando o horário da visita ao imóvel. Fomos embora entusiasmados e ansiosos.

No outro dia acordei bem cedo, tomei café e levei as crianças para a escola. Era por volta de onze horas quando recebi a ligação que tanto esperava: “Senhor Thomas, bom dia! Quem fala é a Maggie da corretora. Liguei para lhe avisar que a visita será hoje às 16 horas, no endereço que lhe enviarei em seguida. Tenha uma ótima tarde!”. Uma mensagem com a localização apareceu assim que ela desligou.

Desmarquei outros compromissos e, quando chegou o horário, fomos ao local almejado. A fachada era linda. O jardim, perfeito! Lírios e

tulipas faziam parte do cenário. Rosas de escalada subiam, imponentes, as paredes externas de mogno. Algumas margaridas contornavam a passarela de cimento que levava à entrada da casa, onde o consultor nos aguardava ansioso. Cumprimentamo-nos e entramos.

O interior da residência parecia ser muito interessante. Dois andares. No primeiro ficava a sala, a cozinha, dois quartos e um banheiro; no segundo, três quartos, dois banheiros, além de um sótão. A casa era enorme. Enquanto íamos andando o consultor dava algumas informações. Percebi que na morada havia a maioria dos móveis. Perguntei ao consultor o porquê disso e ele disse que os antigos moradores saíram às pressas e deixaram tudo, e que se comprássemos a casa os móveis seriam nossos. Essa notícia me animou muito, especialmente por conta da televisão de 60 polegadas que tinha na sala.

“Vamos querer!”. Respondemos. O consultor suspirou e sorriu. Pegou o telefone, ligou para alguém e disse: “Cheque o crédito do cliente 66136”. Foram exatamente cinco segundos para que a pessoa do outro lado da linha inserisse aquele número no sistema e descobrisse que poderíamos pagar o valor da casa. “Obrigado”, finalizou. Pegou os papéis e nos deu uma caneta. “Assine aqui, aqui e aqui.”. Ele apertou nossas mãos e disse: “Boa sorte!, digo, escolha!”. Entregou as chaves e saiu rapidamente, aparentemente, muito satisfeito. Nós também estávamos muito felizes, sendo bombardeados pelo sentimento de conforto e alegria. Liguei para a empresa de frete que a corretora possuía por recomendação. O caminhão chegaria na antiga casa às sete da manhã do dia seguinte.

Trancamos o imóvel e fomos embora. Busquei as crianças na escola e elas ajudaram a arrumar as coisas. Eram onze horas da noite quando terminamos. Estávamos exaustos. Dormimos todos juntos em um colchão na sala. Já no outro dia acordei às seis, sem fazer nenhum barulho, para não acordar ninguém. Empacotei as coisas que sobraram. Depois eu iria sentir saudade daquela velha casa. Mas, naquele momento, eu só pensava

em nos mudarmos logo. Olhei para a rua. Tinha um homem parado do outro lado da calçada. Ele ficou me encarando pela janela de vidro transparente por mais de dez segundos. Talvez fosse só um possível comprador para a casa, ou então um matador, pensei, brincando.

Às quinze para sete acordei todos e eles foram se arrumar. O caminhão chegou trinta minutos atrasados, não fazia diferença. O motorista e um ajudante colocaram tudo na traseira. Quando não faltava mais nada, nos despedimos do lugar. Entramos no carro e fomos seguindo o veículo. O GPS ligou sozinho e apitava: *“Indo para o inferno”*, uma brincadeira de muito mal gosto. O que aquilo significava? Infelizmente, eu não tardaria a descobrir.

Chegamos na casa. As crianças desceram correndo e pulavam na grama. Nunca as tinha visto tão felizes. Entraram em disparada na residência e brigavam para decidir quem ficaria com o quarto próximo ao banheiro. Desci todas as caixas junto com o ajudante e as colocamos na sala. Dei uma gorjeta a ele, que foi embora sem alarde. O dia foi ocupado pelo serviço cansativo e monótono de abrir caixas, levar as coisas para cima e para baixo e, às vezes, tropeçar em algum brinquedo jogado e quebrar um copo ou outro.

Quando acabamos de desempacotar tudo, o alívio tomou conta de nós. Meus filhos, Rita e Alex, estavam desmaiados em seus quartos, Sarah e eu, deitados no sofá da sala. Peguei um champanhe na geladeira e o dividimos. Aquele foi, com certeza, um dos melhores dias da minha vida.

Durante meses todos os dias foram normais. Nada tirava a tranquilidade e a beleza da nova morada. Por muito tempo eu pensei que aquele homem que tinha visto na antiga casa nunca mais apareceria. Mas eu estava errado.

Nove meses depois, num domingo, fomos passear no parque da cidade. Era época de neve. Os senhores riam e tossiam jogando xadrez, as mães

andavam tranquilamente com seus filhos em volta do lago congelado, onde alguns outros senhores faziam pescaria no gelo, e as crianças corriam pela neve e nela faziam anjos. Deixei que Alex e Rita brincassem, contanto que não chegassem perto do lago. Eles saíram correndo, entusiasmados.

Eu estava preparando chocolate quente no momento em que vi aquele maldito, o mesmo homem que havia visto há quase dez meses atrás. Usava o mesmo moletom cinza escuro daquele dia. Ele estava do outro lado do lago, mas eu conseguia ver que o sujeito me olhava nos olhos. Chamei as crianças e fomos embora. Eu estava um tanto assustado. Seria aquele homem um psicopata ou um assassino? Naquele momento mal sabia eu que logo descobriria.

Na noite do domingo, minha filha encontrou um livro no sótão. “*Le mystère de Hugo*”, dizia a capa. O volume havia sido escrito, aparentemente, com carvão. Subi até o sótão para ver se encontrava mais alguma coisa sobre aquele exemplar. Havia um abajur velho e quebrado, uma estante com livros empoeirados e uma mesa carcomida, porém, nada sobre o livro.

Pesquisei o título na internet. Os resultados diziam que o livro havia sido escrito em 1764 por Augustus Victorine, um pesquisador francês de manifestações sobrenaturais. Contava os relatos de Hugo, um garoto de 13 anos que morava na Alsácia, hoje Estrasburgo, e que dizia conseguir ver e se comunicar com seres estranhos. Ele foi acusado de bruxaria e exilado para a floresta de Agaria, onde escreve um diário contando sobre sua vida com essas entidades. Quatro anos depois ele é encontrado esquarterado na frente da igreja da cidade.

A narrativa parecia ser bastante interessante. Iniciei a leitura. Arrependia-me cada vez mais de ter aberto aquelas escrituras. Eram bizarras. Contavam relatos de pessoas degoladas e decapitadas, misturados com detalhes do diário do garoto, que certa vez relata: “Eles parecem comigo,

mas não tem boca, são bem magros e tem olhos vermelhos...”. Fechei o livro e, como não sou de ter medo, dormi tranquilamente.

Algumas noites depois acordei de madrugada. Havia alguém esmurando a porta lá em baixo. Era possível ouvir as trancas de metal tentando resistir. Sarah e eu estávamos no mesmo quarto. As crianças vieram correndo com medo. Fui até a janela e lá na entrada, segurando um machado, estava o homem, aquele mesmo que eu já havia visto duas vezes. Usava a mesma roupa. Ele me viu olhando-o, escreveu algo na porta com suas unhas e saiu lentamente. Chamei a polícia, mas quando chegaram o sujeito já tinha desaparecido.

Desci até a entrada e lá estava escrito: *“Ne pas aller au grenier”*. Anotei e, depois de acalmar as crianças e fazê-las voltar a dormir, coloquei aquela frase no tradutor. As palavras eram francesas e significavam algo como “Não vá ao sótão”. Lixei a frase da porta para que nem as crianças nem Sarah ficassem com medo. Na manhã do mesmo dia, eu havia pesquisado na Internet sobre esses acontecimentos e a sugestão que obtive era a de procurar um especialista em seres de outros mundos, um médium. Eu tinha o objetivo de saber com o que eu estava mexendo. Consultei a lista telefônica e encontrei um endereço. Fui até lá.

O lugar era mal iluminado. Era possível sentir um odor fortíssimo de incenso. Tinha diversos artefatos estranhos, estátuas de elefantes, cobras sem cabeça, alguns crânios e outros animais bizarros empalhados. Bem no fundo da sala estava o sujeito. Ele me encarava com um olhar mortal. Veio deslizando até a mesa enquanto dizia: - “O que deseja?”. Mostrei o livro a ele e perguntei o que aquele objeto carregava. O senhor o examinou por um instante e, com olhos arregalados me devolveu e gritou: - “Saia! Não posso te ajudar!”. Eu havia acabado de ser expulso. Não tinha feito nada de errado. Aquilo me deixou intrigado. Estaria eu invadindo o espaço de seres “sobrenaturais” do século XVIII?

Por várias semanas tudo parecia normal. Aquele homem não apareceu de novo. Tudo estava perfeitamente tranquilo até a noite de 13 de janeiro. Depois de um dia cansativo de trabalho fui para um bar perto de casa. Confesso. Bebi além da conta. Um amigo me deixou em casa. Entrei e sem nem trocar de roupa fui dormir.

Acordei com barulhos ensurdecedores que vinham do sótão. Parecia que alguém estava esmurrando e chutando o chão de madeira. Levantei assustado, corri até o quarto das crianças e as levei para meu quarto. Peguei uma lanterna e a arma que escondia dentro do criado-mudo. Entreguei uma faca à Sarah. Dei um beijo nos três e tranquei o quarto. O sótão era acessível por meio de uma escada retrátil que ficava no corredor do quarto dos meus filhos. Quando se andava nesse ambiente era possível ver a sala e a cozinha. Ao chegar próximo à escada olhei para baixo e pude ver olhos vermelhos me encarando de lá. Mirei, então, com a lanterna, e vi aquele homem, em seguida a luz piscou. Puxei a escada com toda a força. Subi correndo. Quando pisei no último degrau ela se retraiu sozinha me derrubando no chão do sótão.

Eu estava atordoado. Tudo estava girando. Até que senti mãos gélidas puxando meu pé. Rapidamente me levantei e acertei com a lanterna o ser que me puxava. Tive uma sensação horrível. Meus pulmões pareciam que estavam sendo invadidos por um ar muito frio. Era como se estivessem me sufocando. Disparei uma vez. A pólvora foi acionada e, pela luz que provocou, pude ver o que me segurava. Eram três ou quatro seres que me cercavam. Ouvi gritos. Eram de minha mulher e das crianças. Disparei cinco tiros no escuro antes de levar uma pancada na cabeça. Enquanto desmaiava, ouvia os bramidos deles sem poder fazer nada.

Acordei no sofá da casa. Estava segurando uma faca cheia de sangue. A mesma faca que dei pra Sarah. Minha camisa estava ensanguentada e haviam duas garrafas vazias de vodca ao meu lado. Ouvi sirenes do lado de fora, me levantei e, quando ia correndo para meu quarto ver meus

filhos, um policial arrebentou a porta e gritou: - “Mãos para cima!”. Eu não havia tido o cuidado de soltar a faca, o que não me favoreceu muito. Naquele momento só me importava em encontrar minha família. Fui algemado e levado até a viatura da polícia. Eu tentava me soltar e gritava para irem até o quarto. Pela janela do carro pude ver, lá em cima, na vidraça do sótão, um homem que sorria sem boca e segurava um livro.

Vozes do Coração

Por Nariane Coelho Oliveira – Campus Morrinhos

Em um lugarejo simples e calmo, havia um velho senhor muito bondoso, que usava a sua impressionante criatividade com muita generosidade e sabedoria para beneficiar seus amigos e familiares.

Em vez de ensinar a verdadeira fonte de sua criatividade, ele fingia que suas ideias e invenções surgiam do nada, e sua inspiração era dada através de um amuleto da ‘sorte’. Além de família e amigos, pessoas de todas as regiões vinham lhe trazer seus problemas e aflições, e o bondoso senhorzinho, prazerosamente, ouvia atentamente, pedia licença, e, em seguida, voltava com alguma solução ou criação e resolvia tudo.

Esse senhor amável e querido viveu até uma idade avançada e, ao morrer, deixou todos os seus bens para o único filho. O rapaz, porém, tinha uma natureza bem diferente da do bom pai. Pois, na sua opinião, quem não pertencesse à uma família nobre, não valia nada, e por muitas vezes, ele discordava do hábito que o pai tinha de ajudar as pessoas, sem se importar com as suas origens.

Quando o velho senhor morreu, o jovem filho encontrou escondido no meio aos pertences de seu pai, uma caixa com o seu nome. Na expectativa de haver riquezas na tal caixa, mas, em lugar disso, encontrou um envelope. Dentro dele, havia um cartão e a seguinte frase: “Meu filho, espero que você jamais tape os ouvidos para as vozes do coração”. O filho indignou-se com a atitude do pai, e decidiu jogar fora a caixa com tudo dentro.

Naquele mesmo dia, uma amiga de seu pai, que era extremamente carente, bateu em sua porta.

- Boa noite, meu bom rapaz, minha bicicleta, que serve para eu me locomover até meu trabalho, está com problemas nas rodas. O seu pai costumava levar ela até sua oficina, consultar seu amuleto da sorte, e, em seguida, resolvia o problema...
- Saia agora daqui! — gritou o filho — O que tenho a ver com os problemas de sua bicicleta e de sua vida?

Bateu a porta na cara da pobre senhora. No mesmo momento, ele ouviu barulhos, que lembravam os tempos em que seu pai trabalhava em suas invenções. O rapaz ascendeu todas as luzes de sua casa e caminhou com olhares de investigação, com o objetivo de descobrir quem ou o que havia ocasionado os sons misteriosos. Caminhou até a oficina de invenções de seu pai, porém nada encontrou, mas, mesmo não querendo aceitar, sentiu-se próximo de seu pai.

- Que sensação estranha e idiota! — exclamou ele, e, com passos curtos e fortes, saiu resmungando e reclamando da vida.

Por mais chateado que estivesse, nada tirava-o a sensação de estar na presença de seu pai, o rapaz não conseguiu dormir à noite toda, pensando na estranha sensação.

Ao amanhecer, o rapaz ainda nem começara a degustar sua refeição matinal, quando ouviu outra batida na porta.

Havia um velho parado em sua calçada.

- Olá, meu jovem, estou com problemas em minha carroça — explicou ele. — Suas engrenagens estão velhas e enferrujadas, e sem ela não posso levar as minhas frutas ao mercado e minha família passará fome hoje à noite.

- Aaaah, com muita fome estou eu agora! — exclamou o rapaz, e bateu a porta na cara do velho.

Para sua angustia, logo em seguida, o rapaz voltara a ouvir uma voz que lembrava a de seu pai, só que dessa vez ainda mais sofrida.

- Silêncio! — implorou o rapaz, mas todas as tentativas em abafar os sons, não eram suficientes. Naquele mesmo dia, a noite ouviu-se uma terceira batida na porta, e ali, na calçada, estava parada um menino, soluçando e chorando, como se naquele instante houvesse perdido alguém que amava.
- Senhor, o meu brinquedinho novo está prestes a se quebrar de vez — disse a criança. — Por favor, pode me ajudar? Seu pai sempre me ajudava com meus brinques...

Mas, o jovem bateu a porta na cara do pequeno menino. E dessa vez, as vozes que o atormentavam, ficaram ainda mais altas e com muito mais frequência.

Mesmo que pelo resto da semana, nenhuma outra pessoa tivesse vindo até à casa do rapaz em busca de ajuda, as vozes se mantiveram encarregadas de não deixar o rapaz esquecer de todos os males que havia feito. O jovem rapaz não conseguia dormir nem comer em paz, e todas as suas tentativas de cessar as vozes foram em vão.

Chegando ao seu extremo, exclamou:

- Tragam-me todos os seus problemas! — gritou, e por entre as ruas da cidadela saiu correndo.
- Venham! Deixem que eu ajude vocês, deixem-me recuperar seus bens! Tenho o amuleto de meu pai e vou remediar tudo!

Passou horas e horas consertando, inventando e solucionando os problemas das pessoas, por fim estava exausto, e caminhou de volta para casa.

O rapaz fez o melhor que pôde, e gradualmente as vozes foram ficando mais calmas e escassas.

- Pai? - perguntou o rapaz trêmulo, ao chegar em casa.

- Agora estou no caminho que o senhor considera correto? Perdoe-me, por não perceber a tempo, que ajudar o próximo, é a atitude que mais acalenta os nossos corações e pensamentos, e que as vozes que ouvia não vinham de você papai, e sim, da minha consciência, ou melhor, as vozes eram provenientes do meu coração. Percebi que por suas belas e honrosas atitudes, o senhor teve uma vida calma, sem nenhuma perturbação, pois tinha o coração cheio de bondade, e jamais hesitava em ajudar. Obrigado, por tudo, papai!

E daquele dia em diante, o jovem rapaz passou a ajudar todas as pessoas que o solicitavam, exatamente como fazia seu pai, antes dele.

A Luta do Menino Cerrado Contra a Fronteira Verde

Por Luciane de Souza Pereira – Campus Rio Verde

Um menino passivo pressente sua morte, uma sensação fervente rasgando suas entranhas, prevê um final brutal para o que era um lindo começo, cansado, ele já não vê motivos pra continuar vivendo e se abandona serenamente nos braços da morte, sentimentos diferentes povoam sua mente. Sua vida: de lutas. Seu nome: Cerrado. Mas essa história não começa pela morte, começa pelo nascimento e grandeza de seu caminho. O princípio e trajeto de um menino.

Quando nasceu Cerrado era diferente, em meio a um planeta rico em biomas, ele era o príncipe, segundo mais importante na cadeia de sucessão. Sua mãe, a Mãe Natureza, rainha do planeta Terra, tinha muito orgulho de Cerrado. Sua pele exótica e vasta, não era simples não, era marcante, toda avermelhada, com gramíneas espalhadas por toda sua extensão, cobertas lá e cá por árvores de pequeno porte com seus galhos tortuosos e folhas grossas, que deram origem ao seu nome. Mas se pensam que Cerrado era feio, muito se enganam, mesmo em suas formas mais rústicas o menino era lindo. Sua veste era feita de plantas de todo o tipo, encravadas em sua pele, que dava até gosto de ver: era o jatobá, a mutamba, o murici do cerrado, o araçá, o dedaleira, a catuaba e o saputá. E o pequizeiro então??? Gente de longe vinha buscar o fruto dessas árvores, de aroma forte e sabor inigualável que fazia parte de sua genética. Vegetações que serviam até pra curar, as doenças da população que o Cerrado deveria respeitar. Seus lábios tinham o sabor de frutas doces como um araticum maduro e a voz era reproduzida pelo canto célebre dos pássaros, uma reunião deles: gaviões, bicudos, andorinhas, tantos que

é impossível descrever. Borboletas brincavam em seus cabelos feitos de flores miúdas e esporádicas. Seu sangue era fruto das nascentes cristalinas distribuídas pelo seu corpo, composto ainda por vários córregos e banhado pelas águas do poderoso do rio Araguaia, por conta de tanta água em sua compleição, tinha até apelido: o berço das águas, todos protegidos por formosas matas ciliares.

Sem falar em suas veias feitas das raízes das árvores, que debaixo do solo cresciam livre e grandiosamente. Desde que nasceu o menino Cerrado sabia de sua função no planeta, cuidar, servir e proteger os homens. E Cerrado nunca os deixou na mão, dava aos homens o que eles precisavam na medida certa, sem nada faltar. Nessa época os homens respeitavam a Mãe Natureza e seus filhos, tinham conhecimento que eles eram essenciais em vários aspectos, dentre eles manterem a continuidade da vida na Terra. Além disso, o menino também tinha uma missão muito importante, que lhe foi dada na grande reunião do conselho da formação do planeta: ficou responsável juntamente, com sua irmã Mata Atlântica, de guardar um tesouro inestimável dentro de si, parte do Aquífero Guarani, uma enorme reserva de água doce, que poderia até vir a salvar o mundo da seca.

Cerrado era feliz, recebia da mãe natureza a beleza e a simplicidade e a devolvia para os homens. Não tinha mesquinhez não, tinha grande generosidade, tanta que não percebeu a astúcia de seu pior inimigo, a Fronteira Verde. Há tempos a Fronteira Verde vinha rondando o Cerrado, com intuito de dominar todo o planeta e acabar com o reinado de sua família. Para tanto pediu uma trégua e se aproximou do Cerrado. A Fronteira Verde tinha seus soldados, os plantadores de uma cultura só, esse nome era dado a eles, pois só sabiam plantar um tipo de planta.

No início ela chegou bem de mansinho, feito cobra sorrateira. Tudo era festa. Parecia que a guerra entre a Fronteira Verde e Mãe Natureza havia ficado no passado. Veio com a promessa de crescer a região

sem causar agressões, trazer mais pessoas, e até ajudar a cuidar dele, que em sua inocência não era capaz de imaginar o quanto sofreria com sua presença. Ele considerava que a Fronteira Verde poderia ser uma parceira. O pobrezinho aceitou e acreditou, porque mesmo em sua juventude, já entendia que as coisas precisavam mudar e se desenvolver, no entanto, mal previa que seus dias estavam contados.

A Mãe Natureza, sábia que era, observava a situação temerosa, pois já conhecia de longe, as facetas dos plantadores de uma cultura só, estes, já tinham machucado muito sua outra filha, a Mata Atlântica, no entanto ela também sabia, que quando os plantadores de uma cultura só decidiam sobrepular um lugar, muito pouco ou quase nada podia ser feito. A princípio só vieram alguns representantes, depois os soldados, prepararam o terreno e finalmente as máquinas da Fronteira Verde, chegaram. Estarrecedor, essa é a palavra. Quando o Cerrado começou a ser perseguido, não tinha nem pra onde correr, eram muitas máquinas.

Os primeiros golpes foram em sua bela pele, revestida de vegetação, arrancada como se fosse uma praga sem valor nenhum. E o pior, que pensavam mesmo dessa forma, que estas, estavam ali por acaso, que não fariam falta. Foi uma questão de meses. O cerrado estava sendo atacado de todas as formas: queimadas, cortes, devastação completa e absoluta. As borboletas que brincavam em seu cabelo, foram se embora ou morreram por conta da fumaça. Já não tinha mais a voz, pois os pássaros que não morreram, fugiram para não serem mortos. Já não tinha plantas que curavam. As nascentes tão necessárias para a manutenção da vida estavam secando, sem raízes para se firmar, o Cerrado sangrava. À medida que o menino foi envelhecendo, descobriu que suas forças se esvaíam muito rapidamente.

As queimadas foram deixando um rastro de destruição tamanho que já não se podia mensurar. Os soldados de uma cultura só, não mediam as consequências de seus atos, e continuavam com a perseguição. Parecia que não ficariam satisfeitos até arrancar cada folha de sua pele,

secar cada gota de seu sangue, banhado de água pura, exaurir cada fonte de vida existente, que possibilitasse sua sobrevivência. Em um último grito de desespero lançou um rugido como uma onça selvagem, acuada e derrotada. Os anos se passaram, seu coração ainda pulsa, mas o menino já não tem mais forças para lutar. Seu inimigo maior venceu.

O Cerrado se cala diante da devastação causada pela Fronteira Verde. Mas em um relance de lucidez, se questiona qual o sentido da fronteira verde não ter respeitado suas fronteiras?! Impotente, já não podia mais servir os homens, oscilava entre a tristeza e a revolta, decepcionado com aqueles que viram sua tragédia, e não levantaram a voz em sua defesa, coniventes com seus executores. Agora o menino sofre a angústia de dores que não cessam, as cicatrizes tomaram o lugar das árvores. As erosões tomam o lugar das matas que circundavam os rios. Quase exterminado, o cerrado entra em coma. A Mãe Natureza chora. Já não existem possibilidades de recuperação. O menino Cerrado dorme o sono da morte, depois de atacado, ferido e usurpado.

A única certeza do menino é que o pior castigo será maior ainda para os homens e os soldados plantadores de uma cultura só, que em sua ignorância, destruíram sua maior riqueza e fonte de prosperidade. Num futuro breve precisarão do Cerrado que ajudaram a eliminar. Talvez este ainda não seja o final, talvez ainda existam homens que se proponham a lutar pra que o Cerrado volte a viver, a florescer. Mas antes que o menino acorde do sono da morte é preciso que os homens encontrem uma maneira de controlar a Fronteira Verde e reconheçam a necessidade de ajudar o Cerrado para que possam juntos sobreviver.

A Moeda de Ouro

Por Beatriz Monteiro Lima – Campus Avançado Ipameri

Tempos atrás existia um senhor chamado José Pedro Lourenzo, mais conhecido como seu Zé. Ele colecionava moeda de ouro, adotou esse costume de seu pai que havia aprendido com seu avô e assim sucessivamente. Seu Zé era viúvo perdeu sua mulher e seu filho em um acidente de carro, devido a isso ficou sem herdeiros. Ao se passar dois anos da tragédia, seu Zé resolveu ir à antiga padaria aonde ia com sua mulher todos os domingos às oito horas da manhã.

No caminho da padaria passara por um menino de aproximadamente dez anos que contava algumas moedas, tinha uma aparência muito malculhada, poderia até pensar que era um morador de rua. Chegando à padaria, pede como de costume, dois pães e um leite, enquanto esperava a funcionária lhe trazer seu pedido, observava o jovem do outro lado da rua e percebeu o quão era parecido com seu filho quando era vivo. Então a atendente o chama entrega seus pães e uma moeda de troco, impressionado com a moeda que havia recebido de troco seu Zé ficou paralisado por um instante admirando-a, era a moeda mais bonita e brilhante que ele já tinha visto na vida.

Chegando em casa colocou a moeda sobre a mesa de seu escritório e ficou analisando, quando percebeu que tinha algo diferente nela não só a beleza imensa, percebeu que abaixo do valor estava escrito uma sigla que não reconheceu e ficou pensando o que poderia significar CDA. Passou semanas com essa dúvida não sabia como descobrir, pois naquela época não havia tecnologia. Em uma quarta-feira, duas horas da tarde, o mesmo menino que outrora roubou a atenção, bateu em sua porta e surpreso seu

Zé abre e diz: - “Em que posso ajudar meu jovem?” - “O senhor tem algo de comer que eu possa levar para minha mamãe? Ela está grávida e não consegue trabalhar”. Responde o garoto. - “Claro filho, qual seu nome?” - “Eu me chamo Matheus senhor”. Então o senhor foi até a cozinha pegou alguns pães e frutas e levou para o menino, cujo foi embora. Nessa mesma noite antes de dormir seu Zé se lembrou de uma antiga loja de moedas onde seu pai costumava levá-lo quando era criança.

No outro dia bem cedo pegou seu fusca preto que quando mais jovem o chamava de “luz negra” e foi até a loja. Chegando lá Carlos o atendente ficou surpreso em vê-lo depois de tanto tempo e ficou mais surpreso ainda quando seu Zé mostrou lhe a moeda. - “Ai meu deus! Só existem três dessa em cada país como o senhor conseguiu?” Diz Carlos. - “Fui à padaria comprar pão algumas semanas atrás e a atendente me deu como troco. O que significa essa sigla?” Seu Zé pergunta. -Na década de 40 logo após a segunda guerra mundial o presidente do EUA fez uma campanha com o apoio de alguns países, chamada “Campanha de Doação do Amor” a finalidade de tal ideia era doar alimentos, roupas, móveis, dinheiro para as pessoas que perderam seus lares. - “Qual valor que essa moeda tem no mercado?” Pergunta o senhor - “O valor oferecido é bem alto por ser tão rara, mas a importância da homenagem que os bancos nacionais fizeram para o presidente é que todos também possam ajudar os outros, compartilhar o amor, fazendo alguém feliz.” Emocionado com tal história seu Zé agradeceu e foi embora.

Domingo seu Zé foi até a padaria como de costume às oito horas da manhã e novamente vê Matheus. Então, resolve lhe chamar e perguntar como sua mãe está e pede que lhe conte sua história. Ele conta que quando mais novo via seu pai chegar bêbado em casa e batia em sua mãe e quando completou quatro anos aquele miserável deixou os dois sem ao menos uma casa para morar. Depois disso, sua mãe encontrou outro homem que não foi muito diferente, mas dessa vez deixou-a grávida e doente e foi embora no meio da noite. Seu Zé pergunta a Matheus se

podia ver sua mãe. Eles vão, e quando chegaram lá dava para ver no rosto daquela mulher, cuja não aparentava ter mais de vinte anos. Mas, a imagem de cansada há envelhecia dez anos mais. Matheus avisa a sua mãe que tem visita, seu Zé então vai conversar com ela. Ela se chamava Laura, tinha vinte e dois anos, porém, não conseguia contar uma história bonita.

Após esse dia todas as quartas-feiras Seu Zé ia levar comida e remédios para Laura e Matheus, até certo dia ele chegar lá e se deparar com Laura sangrando e sentindo muitas dores em cima do colchão velho que tinha no chão. Ligou rapidamente para ambulância. Chegando ao hospital, a enfermeira diz que para realizar a cirurgia precisaria ser atendimento particular, pois Laura não tinha plano de saúde, rapidamente seu Zé se lembrou de sua moeda valiosa e a levou novamente a Carlos. Logo, conseguiu R\$ 10.000,00, dinheiro suficiente para pagar a cirurgia.

Após três longos dias o médico chega à sala de espera dizendo que não tem boas notícias e que Laura não conseguiu resistir à cirurgia. Em choque seu Zé não sabia explicar para Matheus o que havia ocorrido e o menino cheio de dúvidas não parava de fazer perguntas. Foram para a casa do seu Zé, o qual explicou para Matheus que sua mãe e seu irmão tinham ido para o céu que não estariam presentes fisicamente, mas estariam presente em seus corações. Então ele perguntou para Matheus se sabia orar, ele respondeu que não, pois sua mãe não tinha costumes religiosos. Ensinou-o a rezar o Pai Nosso, e oraram em homenagem aos falecidos. Com esse tempo que os dois viveram juntos criaram um carinho muito grande um pelo outro e com esse sentimento envolvido seu Zé resolve adotar Matheus e realizar seu sonho de estudar.

Dez anos depois, no aniversário de vinte anos de Matheus, na véspera da viagem para a Alemanha onde faria faculdade de medicina em homenagem a sua falecida mãe, para que consiga salvar todas as vidas possíveis. José Pedro entrou em seu quarto enquanto arrumava suas malas e disse que tinha um presente de muito valor para lhe dar. Entregou uma

caixa com todas as moedas que passaram de geração em geração e pediu para que não deixasse a tradição acabar. Matheus questiona dizendo que não poderia aceitar, pois era uma tradição de família e que o sangue que corria em suas veias não era do mesmo DNA. Diante essa situação seu Zé respondeu: - “Meu filho, família é amor, são pessoas que estão dentro de seu coração aceite esse presente. Nosso sangue não pode ser o mesmo, mas eu tenho a certeza que nossos corações batem no mesmo ritmo.” Matheus, aceitou o presente e ficou grato pelo gesto de amor e manteve a tradição de colecionar moedas.

Semente do Mal

Por Leticia Vieira Andrade – Campus Rio Verde

Quem o visse andando pelas ruas, ao voltar da escola, acreditaria facilmente que ele era um garoto comum, assim como todos os outros. Que ao entardecer iria brincar e correr. Mal imaginam o quão errados estavam. Colin McLean não era uma criança comum. Ele não brincava e não tinha amigos. Mas, apesar disso, ele ia sim para o parque quase todas as tardes em busca de outro tipo de diversão. Ao invés de jogar bola, era comum ver o garoto perseguindo animais. Gatos, esquilos, pássaros, qualquer um que ele conseguisse capturar, e lhes reservava um destino tão cruel que é quase impossível de acreditar.

Colin tinha um interesse estranho na anatomia desses animais. E sentia um misterioso prazer em torturá-los e depois, matá-los. Não tão raro também era possível ver o garoto se divertindo com fogo. Seja queimando os cadáveres dos pobres animaizinhos ou em algo mais perigoso, como quando ele começou o pequeno incêndio na casa da Senhora Willians, vizinha de Colin. Naquele dia, o fogo não se alastrou, mas foi o suficiente para assustar a velha senhora e mandá-la para o hospital por alguns dias. Foi o suficiente também para que aquele garoto peculiar entendesse o quanto lhe agradava fazer tudo aquilo, enquanto ria da cena como se ouvisse a melhor piada do mundo.

Ele tinha apenas onze anos, e, por mais incrível que pareça, já cometeu dois crimes. A maioria das pessoas tratam esses episódios como acidentes, mas não foi bem assim. O que quase ninguém sabe, e poucos imaginam, é que Colin planejou cada um desses atos e nunca sentiu o mínimo remorso ao se lembrar deles. Cerca de três anos atrás, Albert

Johnson, um garotinho de apenas 4 anos foi encontrado morto na piscina da residência dos McLean. Acontece que as mães dos dois garotos eram muito amigas, e, naquele dia, não viram problema algum em deixá-los sozinhos enquanto preparavam um lanche, já que, na época, Colin não tinha fama de problemático. Albert estava sentado à beira da piscina, usando boias. Colin o convenceu a tirá-las e quando o garotinho se distraiu, foi jogado na água. Ele até gritou por ajuda, mas ninguém o ouviu. Colin apenas ficou sentado à beira da piscina, implorando para todos os demônios que bastassem mais alguns instantes para que Albert morresse. Seus pedidos foram atendidos. Poucos segundos depois do garoto parar de se debater, as duas mulheres voltaram. Colin permaneceu parado à beira da piscina com os olhos vidrados no pequeno corpo até que os bombeiros o levassem dali. Naquele dia, ele não sorriu, mas algo em seus olhos o entregou. A Senhora. Johnson o percebeu, e nunca mais foi vista dirigindo uma palavra sequer aos McLean.

A história que se espalhou pela cidade foi que Albert tirou as boias por vontade própria, tropeçou e caiu na piscina e que Colin não sabia como reagir, por isso não salvou o garoto nem gritou pela ajuda das mulheres. Mesmo assim, nem todos acreditaram na história contada, e muitos passaram a manter distância da família, e principalmente do garoto, que a partir daquele lamentável dia, começou a criar seu legado do terror. Desde então, Colin percebeu que adorava provocar medo e sofrimento nos outros. A partir de então, sempre que podia ele perguntava ao pai de Albert se ainda sentia muita falta do filho, e vivenciava prazer em ver a surpresa e a dor no rosto daquele homem.

Uma das pessoas que não acreditou na sua inocência foi a professora da escola do bairro, a qual Colin frequentava. Ela acreditava que ele podia sim ter socorrido Albert e salvado a sua vida, que não o fez simplesmente por não querer. Por conta disso, a professora criou uma certa implicância com o garoto, que, para sua futura infelicidade, era vingativo.

Colin era um aluno exemplar, apesar de tudo. Não matava aula, sempre fazia os dever e se quase nunca atrapalhava os demais alunos. Só que num certo dia, ele decidiu fazer uma pegadinha com os colegas. Foi tudo muito bem planejado. Enquanto todos estavam no intervalo, Colin pegou o esqueleto humano do laboratório de ciências e danificou o sistema de iluminação da sala de aula. Quando todos estavam de volta e sentados em seus lugares, as luzes da sala se apagaram, o ambiente se encheu com uma gargalhada horrenda e o esqueleto despencou do teto sobre a mesa da professora. As crianças começaram a gritar, alguns até correram para o corredor aos prantos.

Quando os ânimos já haviam se acalmado, a professora pôde ver que Colin foi o único que permaneceu no seu lugar, e se esforçava para conter o riso. Ela não gostava do garoto, não precisava de muito para que se irritasse com ele. Imediatamente ele foi arrastado para fora da sala e ouviu a maior bronca da sua vida. Como ela estava irritada, parecia que a qualquer momento iria dar um tapa no garoto. Enquanto a professora gritava, Colin estava a imaginar a melhor maneira de se vingar. Ah, ela ia se arrepender de cada palavra cuspidada em seu rosto. Ela ia pagar, e caro.

A partir daquele dia, todas as manhãs, ela encontrava um animal es-traçalhado na porta da sua casa, frequentemente até dentro do seu carro. Em alguns dias mais tenebrosos, havia pequenos pássaros ou filhotes de esquilo estripados dentro da sua bolsa. Aquilo era perturbador. Ela sabia quem era o responsável, mas não havia nada que pudesse fazer. Não havia como contar a alguém, nem como pedir ajudar. Isso durou meses até que, cansada, enojada e frustrada, a professora pediu transferência. Foi dar aulas em uma escola do outro lado da cidade. Longe daquele bairro, dos animais mortos, das perturbações diárias. Longe do pequeno demônio.

Para quem observasse a família McLean de longe, não havia motivos para Colin ser tão perturbado. Com uma olhada rápida, pensaria que

eram apenas mais uma família levando a vida nos subúrbios da cidade. Porém, se parasse para observá-los por alguns dias, veria que aquela família fugia completamente do que seria considerado saudável. O pai de Colin vivia bêbado pelos bares da cidade, quase toda semana se envolvia em brigas. Chegava em casa e agredia a esposa e o filho. A mãe de Colin também tinha problemas com a bebida e o cigarro, não durava mais de um mês em qualquer emprego e descontava suas frustrações no garoto. Seu pai lhe batia, impunha castigos dolorosos, praticava constantemente várias formas de humilhação com o garoto por ele ainda urinar na cama apesar da idade. Destruía suas coisas e até lhe roubava dinheiro. De todas as pessoas, a que Colin mais odiava era o pai. Desejava matá-lo de tantas maneiras que, provavelmente, ainda não o havia feito por não ter decidido qual a forma mais adequada.

Colin cresceu nesse lar desestruturado, nunca se sentiu parte do mundo. Se sentia excluído, odiava todas as pessoas. Para ele, todas eram iguais, impuras, falsas, não mereciam viver. Não havia dignidade na humanidade. Ele já teve um irmão mais novo. A diferença de idade deles era de quatro anos. O garoto era a única pessoa em todo o mundo que não despertava a fúria de Colin. Pelo contrário, Colin queria protegê-lo, impedir que ele se tornasse como os outros. Só que não teve tempo para isso, em um dos surtos de raiva de seu pai, enquanto tentava impedir que a mãe apanhasse ainda mais, o garoto mais novo foi jogado escada abaixo. Morreu instantaneamente. Naquele dia, Colin viu o quanto um ser humano era fraco, se machucava com facilidade. Viu que ninguém, absolutamente ninguém merecia proteção. Alguns meses depois, nem se lembrava mais do nome do irmão.

Desde então, Colin não suportava nenhuma criança com a idade que seu irmão teria se ainda vivesse – quatro anos mais nova que ele. Odiava tê-las por perto, ter que lidar com elas. E por isso, não hesitou em esfaquear brutalmente seu primo de sete anos enquanto o levava para passear pelo bairro. Quando voltou para casa, disse simplesmente que o

primo havia se perdido, subiu para o quarto e não deu mais nenhuma satisfação a ninguém. O corpo do menino foi encontrado dois dias depois em uma casa abandonada algumas ruas além da casa de Colin por um grupo de garotos bandoleiros que invadiram o local. Dessa vez as acusações não caíram sobre Colin, mas, no fundo, todos suspeitavam da sua culpabilidade. As autoridades não fizeram nada e o pequeno assassino permanecia à solta procurando pela sua próxima vítima.

O ataque final de Colin foi aos doze anos de idade, quando descobriu que sua mãe estava grávida. Foi apenas no quinto mês de gestação, já que ela escondia a barriga de todos, embaixo de roupas grossas e largas. Colin não queria outro irmão. Não queria se sentir responsável por outra criatura frágil, queria ser livre para fazer o que quisesse. Ele decidiu esperar pelo momento certo. Esperou uma semana até a noite em que seus pais estivessem bêbados. Era uma noite fria, o céu estava nublado. Colin desligou o sistema elétrico da casa e entrou em ação. A primeira vítima foi seu pai. Um golpe rápido, um corte profundo na garganta foi o suficiente. Ele não queria sujar as mãos com aquele homem. Não valia a pena. Já sua mãe não teve a mesma sorte. Como o marido não teve tempo de gritar, não se deu conta do que estava acontecendo até sentir a primeira facada na barriga. Ela também não teve tempo de gritar. O garoto a apunhalava freneticamente, num ritmo constante e raivoso. Quando se deu por satisfeito, o abdome de sua mãe era nada mais do que uma massa grudada de carne retalhada e sangue. Não havia vida em seus olhos.

Colin ficou algum tempo, nas sombras, ao lado da cama de seus pais observando o que havia feito. Naquele instante ele não sentiu euforia, satisfação, nada. Ele apenas sentia que fez o necessário, que aquele final era seu destino. Ai, ao lado dos cadáveres, Colin deixou de existir. Aquele garoto vingativo, marcado pela desgraça de seus pais, o menino que gostava de torturar pequenos animais morreu para dar lugar à uma

nova criatura desprovida de qualquer sentimento além da busca por satisfação pessoal. Naquela noite fria, nascia um monstro. O garoto, que agora não tinha nome, saiu de seu transe. Espalhou gasolina por toda a casa, acendeu um fósforo e o atirou ao chão da escadaria na frente da casa. Assim que o fogo tomou forma, virou as costas e se afastou assoviando.

A casa era afastada das demais e, por isso, o socorro demorou para chegar. Foi carbonizada, mal era possível identificar os corpos. Todos pensaram que Colin havia morrido ali, junto a seus pais. Ninguém se preocupou em verificar a veracidade disso. Ninguém se importava o suficiente. Sim, Colin morreu naquela noite, mas não da forma que imaginaram. Agora aquele que um dia foi Colin, vaga de cidade em cidade, de orfanato em orfanato, se apresentando como um pobre garoto, perdido e faminto, em cada lugar com uma identidade diferente, massacrando crianças sempre quatro anos mais novas que ele. Ele é como uma sombra. Todos sabem que está lá, mas é inalcançável, intocável. Impossível de parar.

A Velha Lembrança

Por Nathan Henrique Rodrigues Lima – Campus Avançado Hidrolândia

Era noite em pleno solstício de verão, num vácuo da floresta caminhava sobre pequenos arbustos uma menina solitária, que no escuro era iluminada apenas pela lua e as estrelas. Ela acabou tropeçando nos galhos de uma velha árvore seca. Ao atravessar pelo meio de grandes e velhos arbustos verdes espinhentos, encontrou um cavalo com grandes crinas douradas que refletiam a luz da lua e os seus olhos resplandeciam a imagem daquela menina. Ela nunca sentira uma sensação tão intensa como aquela, que mais parecia uma explosão de sentimentos que, ao mesmo tempo, se misturava com aquela solidão que sentia por dentro que ia se corroendo como ferrugem em seu coração.

Então disse ela, até parecendo ter uma resposta.

“Olá! Tens um dono?” – No entanto, era possível ouvir apenas o silêncio da floresta. Assim, a menina notou que em seu pescoço havia uma inscrição na qual estava registrado o seguinte: “Propriedade de Barão Edwards, entrada 15 ao mais auto da colina, zona rural-Paraty RJ”.

“Nossa você mora longe como veras parar aqui? Perdoe-me, mas novamente esqueci que não nasceste com o dom da fala.”

Ele respondeu apenas com um relincho. No entanto, a menina estava tão empolgada que para ela, aquilo pareceu uma fala inteira de uma peça de William Shakespeare.

“Como tu és belo! Além disso, apesar de estar tão longe da sua casa, não demonstra pavor algum.” – O cavalo relinchou novamente.

“Como você é encantador! Eu queria que a vida fosse tão bela assim como você. Enquanto estamos aqui vivendo esse momento único, no mundo lá fora, muitas coisas estão acontecendo, inclusive, muitas delas são coisas ruins.”

E assim enquanto ela estava entretida com a beleza do cavalo, antes que o dia amanhecesse, ela notou a agitação do seu amigo cavalo. Ela percebeu que algo se mexeu entre as folhas de eucalipto.

“Quem é você? Me responda.” Ela pegou uma pedra grande que encontrou e disse:

“Eu estou armada. Não tenho medo de arremessar.” Então uma grande sombra apareceu.

“Quem é você? O que está fazendo aqui?”

“Eu que devo perguntar o que você está fazendo aqui em minha propriedade, principalmente, tentando se apossar do meu cavalo. Quem lhe deu essa autonomia? Que audácia é essa?”

“Não estou fazendo nada demais, apenas cheguei aqui e o encontrei.”

Ele agarrou o cavalo imediatamente e com um brutal olhar passou a gritar:

“Saia, saia daqui agora.”

“Mas...”

“Eu disse saia agora.”

Então ela virou as costas chorando, mas ao dar o terceiro passo parou um pouco respirou fundo, ergueu os peitos e gritou.

“Não!”

O eco soou tão alto pela floresta adentro que até os pássaros que dormiam em seus ninhos voaram desorientados. Então, com bravura ela notou que não era inferior àquele homem, portanto, naquele momento ela sentiu uma força interior que a motivou a descobrir a sua verdadeira personalidade e conhecer o poder da sua força interior.

“Como pode agarrar o cavalo com tanta brutalidade? Por que está me expulsando daqui com tanta falta de educação? Eu não sabia que essas terras são suas. Aliás, não há nenhuma placa que indique que essa é sua propriedade.”

“Olha aqui menina, veja o tom da tua voz, veja como fala comigo. Se os teus pais não te ensinaram, eu vou te ensinar – Então a agarrou pelos braços.” Ele estava vermelho de tanta raiva que estava sentindo. Ele a segurou fortemente com um braço e com o outro pegou uma vara, mas não era uma vara qualquer, era verde e espinhenta. Só de olhar já era possível imaginar a dimensão da dor das suas açoitadas. Ele de modo bastante furioso passou a dizer que iria ensinar-lhe bons modos. No entanto, enquanto a sua mão já estava a pino, o cavalo que até então parecia ser manso, ergueu as suas patas dianteiras e relinchou fortemente. O homem se assustou tanto com a atitude do cavalo que acabou caindo no chão e soltando aquela vara. Dessa forma, ele acabou impedido de cometer aquele ato brutal que estava intencionado. Assim, rapidamente a menina pulou nas costas do cavalo que se preparava para cavalgar. O cavalo saiu cavalgando a galope saindo daquela floresta em direção à colina que ficava do outro lado do vale. Enquanto via aquela cena o homem brutal gritou:

“Vá, mas leve esse cavalo fujão junto com você. Não quero vê-los nunca mais, se vocês aparecerem por aqui, eu juro que mato os dois.” Já

estava quase amanhecendo, os primeiros raios de luz estavam surgindo em meio à colina e, assim, era refletida uma linda imagem do cavalo galopando com a menina. Era algo tão esplêndido que até parecia surreal. Ao terminar de amanhecer o dia, despertou uma velha senhora, pálida, com o seu rosto e as suas mãos enrugadas. Na verdade, aquilo tudo fazia parte da profundidade do seu sono que lhe concedera aquele sonho que estava ligado a vagas lembranças de coisas que ocorreram em seu passado, misturadas a verdadeiros acontecimentos da sua vida, que entre a lucidez e os devaneios da velhice passaram a compor uma das lembranças mais completas e felizes que marca a sua capacidade de lembrar e reviver o passado, sim, isso marca a sua memória, a especial capacidade de lembrar, contar e recontar de uma senhora idosa de 93 anos deixada pelos seus filhos em um asilo.

Sabedoria

Por Bianca Maria Borges – Campus Urutaí

O relógio desperta às 6h, como de costume. Sophia acorda, senta-se e fica ali por alguns minutos terminando de acordar, sabe que terá um dia cheio de trabalho. Segue até ao banheiro toma seu banho e vai para o espelho onde ela escova os dentes e ajeita seus cabelos louros e longos. Trata-se de uma mulher bonita e atraente de trinta e poucos anos, fala calma e doce, percebe-se uma inteligência refinada, o que a diferencia de outras mulheres. Ela vai à cozinha, parte preferida de sua casa. Fizera questão de montar o ambiente com os melhores eletrodomésticos e utensílios, sentia prazer em preparar suas refeições, nas quais demonstrava requinte e habilidade extraordinária. Prepara o seu café da manhã e fica ali por 15 minutos, degustando sua omelete de queijo com ervas finas, enquanto toma em uma xícara de porcelana seu café preto.

Sophia respira fundo, pega sua pasta de trabalho, entra no carro, liga o som e sai. Naquela manhã, ela acordou com um brilho diferenciado no olhar, a felicidade era nítida. Ouvindo Marisa Monte, sua cantora preferida, Sophia segue até o destino que a espera. Exatamente às 7h, chega ao campus universitário, dirige-se ao registro de ponto antes de seguir para a biblioteca, onde exerce suas funções como bibliotecária.

Chegando ao trabalho, se assusta com a confusão que encontra. Todos os funcionários assustados e chorando. Sophia questiona sobre o que está acontecendo, assustada tenta amparar aquelas pessoas desesperadas. Felipe, guarda que faz vigilância no campus, se aproxima, chama-a em um canto e informa que Heitor, professor de Filosofia, fora assassinado. O corpo foi encontrado por Guilhermina, professora de Português,

enquanto ela cruzava um bosque dentro do campus. A vítima teve o cérebro e o coração removidos.

Naquele momento, a jovem ficou assustada com aquela notícia horrível. Lágrimas caíram de seus olhos, seus pensamentos voltaram às lembranças de quando Heitor entrava na biblioteca, ele sempre emitia a frase: “Bom dia, Sophia, moça bonita que tem sabedoria em seu nome!”. Lembrou-se da voz firme do professor, de sua simpatia e inteligência. Recordou-se da última vez que ele esteve na biblioteca, pegou um livro de Nietzsche agradeceu e sorrindo dissera: “Tchau, Sophia!”. Pensativa foi rumo à biblioteca, no caminho, viu o alvoroço dos alunos, parecia que o pavor havia tomado conta daquela universidade. Alguns funcionários tentavam conter o pânico, mas parecia ser inútil. Ela passa por um grupo de alunas que estavam revoltadas com a situação e ali fica por alguns minutos, tentando contê-las.

Aquele dia não seria fácil para ninguém, pensou Sophia. Despediu-se das jovens e retornou ao percurso, chegando, abriu a porta e começou a se organizar para trabalhar. Um ambiente de extrema organização, pois se tratava de uma mulher metódica. A jovem puxa a cadeira na qual se senta por oito horas diárias, como em todos os dias de expediente liga o computador. Ao olhar para frente, onde fica o acervo de livros, vê Heitor, fixa o olhar, pisca os olhos duas vezes, mas a imagem não vai embora, é ele mesmo, o professor mexendo na estante onde ficam agrupados os livros de filosofia. Ele olha para ela e diz: “Bom dia, Sophia! Estou separando uns livros para indicar aos alunos, tenho que preparar as aulas, e estou cheio de trabalho o dia será corrido”. O telefone toca, Sophia se assusta e acorda daquele devaneio que a fez ver Heitor, a imagem alta e forte do professor não está mais entre as estantes da biblioteca. Pega o telefone e se identifica, do outro lado, uma voz chorosa e assustada, dizendo que não haverá expediente e que o diretor está convocando os funcionários para uma assembleia na sala de reuniões às 08h30min, a voz é de Karina, secretária do diretor do campus.

Arthur, seu colega de trabalho, chega para o expediente, ela repassa as informações e seguem para o compromisso. No meio do caminho, o rapaz a questiona, sobre o que ela acha de tudo isso. Sophia o olha nos olhos e diz que nunca viu tamanha crueldade e que não sabe nem o que pensar. Ele, com seu jeito espontâneo e com medo ao mesmo tempo, diz: “sabe o que eu acho garota? Esse assassino deve ser algum aluno que não gosta de professor de Filosofia. Deve ter trauma, provavelmente foi reprovado na disciplina e agora quer se vingar, a ideia é matar todos os professores que ministram essa disciplina e comer seus cérebros como pagamento”. Sophia olha para Arthur e diz: “Como você tem imaginação garoto!”. Na sala de reuniões, o diretor conversa com o policial Marcus, em seus 20 anos de serviço essa é a primeira vez que ele investiga um crime dessa grandiosidade na cidade.

É notável a preocupação no semblante daquele homem da lei. Ele revela que não dorme há meses, desde o primeiro assassinato, Heitor já era a décima vítima de um delito que não deixa nenhum vestígio. A única certeza é que se trata de um serial killer devido às características comuns existentes entre as vítimas, todas elas do sexo masculino, doutores em Filosofia e professores universitários. Quanto à forma das mortes, todos morreram por um corte na garganta, tiveram diferentes partes dos corpos removidos, em especial, os cérebros desses foram retirados com cuidado. Uma questão estava clara, o local onde os corpos foram encontrados não eram os locais do crime, todos foram abandonados após a retirada dos órgãos.

O assassino usava um lugar limpo para matar suas vítimas, remover seus órgãos e, posteriormente, deixava os cadáveres nas proximidades dos seus locais de trabalho. Uma dúvida atormentava o experiente policial, como as vítimas eram fígadas? O agente criminalístico lutava contra o tempo, a sociedade o pressionava, esperavam por respostas, diferentes universidades tiveram seus professores assassinados e eles exigiam a solução do caso que apavorava o meio acadêmico.

Todos na sala de reunião, Marcus os observavam, os questionavam, ouvia as respostas e os liberavam. Sophia conversa com Guilhermina, a pobre professora em pânico conta como foi que encontrou o corpo de Heitor. Sophia a ouve com os olhos cheios de lágrimas, abraça a colega de trabalho e tenta confortá-la. O corpo docente foi acometido pelo pavor, aflitos pensam como continuar suas vidas, o medo e a insegurança tomam conta de todos. Sophia tenta acalmá-los com sua voz doce e sua serenidade.

Com os olhos inundados, ela conversa com os demais funcionários e os incentiva a seguirem suas vidas normalmente, pede para eles não deixarem o pânico se instaurar no meio acadêmico, pois se deve pensar não somente em nós, mas também em nossos estudantes que podem desistir da instituição e deixarem de acreditar na competência da polícia. A investigação é finalizada e o diretor da universidade informa que todos estão liberados, podendo retornar a suas residências e pedem para todos terem cuidado. O policial informa que em breve todos serão intimados a prestar depoimentos. Na saída, formam rodinhas de conversas, muitas especulações surgem, mas, aos poucos, aquelas pessoas seguem para suas casas amedrontadas.

Sophia chega à sua casa, começa os preparativos para o almoço. Todo aquele clima a deixou ansiosa, aumentou a produção de suco gástrico a fazendo ficar com mais apetite. Inspirada, ela pega as panelas, comprou as melhores, odiava a comida grudando no fundo da panela na hora do preparo dos alimentos. Ela separa todos os temperos da receita, naquele dia o almoço seria especial, não seria necessário comer fora de casa. Pega a cebola, coentro, pimenta, ela adorava pimenta. Cortou todos os temperos com delicadeza, tudo muito pequeno. Abriu o refrigerador, a organização era de causar espanto, tudo embalado com cuidado. Pegou duas embalagens, colocou sobre a mesa e abriu. Colocou o cérebro em um moedor e girou vagarosamente. Abriu a outra embalagem e retirou um coração, dele extraiu um grande bife. Com temperos e ervas e azei-

tonas preparou um antepasto com a peça que ela mesma moera e cobriu duas grandes torradas com aquela iguaria que tanto apreciava. Preparou o coração com alho, pimenta e rodela e cebola, duas batatas médias na manteiga para acompanhar. Montou um prato grande com bastante requinte. Serviu em uma taça um saboroso vinho tinto seco e leve, sentou-se e delicadamente, sentiu o cheiro do vinho e o degustou, em seguida saboreou o prato e tirou o resto do dia para descansar.

É noite, a bibliotecária se arruma para sair, refinada, gosta de lugares requintados. Ela está com aquela sensação que lhe dá imenso prazer, sente seu cérebro mais eficiente. Aquela iguaria que comera no almoço lhe fornecia algo espetacular, o prazer da sabedoria. Na frente do espelho, se maquia coloca seu vestido, solta seus cabelos e sai. Dirige-se a um restaurante bar distante de sua casa, frequentado por muitos intelectuais em especial por filósofos. Com seu jeito sofisticado, chega ao local onde toca uma música ambiente, ela entra, senta-se, cruza as pernas e mexe nos cabelos. Rapidamente Sophia é notada. O garçom se aproxima e lhe diz, que o cavalheiro sentado à sua frente mandou lhe servir uma taça de vinho.

Relógio da Manhã

Por Daniel Lucas da Silva - - Campus Posse

E mais um dia acordo antes do despertador tocar. Mal o deixo realizar sua função, taco-lhe o dedo sem dar-lhe chance de reproduzir minha música preferida. Está escuro e faz muito frio. Qualquer adolescente odiaria e não pararia mais de reclamar se estivesse de pé tão cedo, mas eu não! Sempre levanto com essa vivacidade. Meu vigor é de um garoto que acorda em manhã de Natal, ansioso para pegar o Sr. Noel preso na janela. Apresso-me para sair logo de casa: é temporada de férias, eu tenho que aproveitar o dia.

Eu faço sempre o mesmo percurso todos os dias. Vejo as mesmas pessoas todos os dias. Falo com as mesmas pessoas todos os dias. Minha rota todos os dias é passar na frente da casa do Seu Jorge, um senhor que adora jardinagem, sempre está mimando suas rosas.

Sempre falamos:

- Bom dia, Seu Jorge! Como estão suas rosas hoje? O senhor me ama? Eu te amo.

E ele sempre me responde com muita animação:

- Olá, Samuel! Estão bem, como sempre! É claro que eu te amo, meu rapaz.

Continuando meu caminho, passo por umas crianças que sempre estão aprontando com a Dona Fátima, que, tadinha, está velha demais para correr atrás

delas. Eu sempre a ajudo a se recompor, e com ela eu nem preciso perguntar. Ela já diz após sentá-la, “Oh, meu netinho (risos)” – ela me chama assim — “Obrigada, eu te amo”. Eu a acho muito fofa. Saio de lá mais radiante ainda, o jeito dela sempre me contagia. Seguindo minha caminhada bem sorridente, pulo na bicicleta do cara do leite — chamo-o assim, nunca penso em perguntar seu nome. Ele é um jovem que não consegue entrar na faculdade e mora com a mãe, vende leite para ajudar nas despesas. Quando pulo na garupa da sua bicicleta, ele faz com que um simples modelo mecânico, manobrado por guidom e pedais, torne-se bem mais radical. Ele acelera, passa em rampas, ambos adoram a aventura, e eu grito do início ao fim. Eu amo tudo isso!

A nossa aventura sobre duas rodas termina no carrinho de sorvete do Tio, é o único carrinho da região. Todas as crianças o adoram, acho que por ele ser tão gentil com todos. Peço o picolé de sempre: abacaxi, uva e limão. Pode parecer estranho, mas essa é a junção perfeita, o Tio personaliza especialmente para mim.

Tudo é tão minuciosamente perfeito e belo.

De repente, vejo-me deitado novamente no meu quarto, o despertador toca, sento na cama e tento recordar-me do dia anterior... que estranho! Parece que meu dia foi até o carrinho do Tio. Paro para refletir e assusto-me de novo, tenho a sensação de que minha vida tem somente essa seqüência. Não consigo compreender o porquê dessa continuidade. Então resolvo observar de longe. O Seu Jorge está respondendo minha “pergunta”, que estranhamente eu não tinha feito. A Dona Fátima está conversando comigo, como se eu estivesse ao seu lado, mas eu não estou! O cara do leite está pilotando sua bicicleta igual a quando estou em sua garupa e o Tio está entregando meu sorvete ao vento! Simplesmente, não acredito no que está acontecendo. Do nada, escurece e passam por mim umas correntes de ar radicais, fortes o suficiente para me derrubar. Deitado, sem conseguir levantar, ouço uma voz e reconheço-a, parece ser o meu médico falando algo. Sinto um impacto e suspiro forte.

Quando abri os olhos, vi parcialmente ao meu redor pessoas em uma sala branca que cheirava a álcool em gel. Elas estavam emocionadas ao me verem reagir. Então as reconheci: eram minha família. A partir daí, voltou à minha memória toda minha vida, principalmente da pessoa horrível que fui – nunca disse que os amava. Minha filha estava se derramando em lágrimas, pulou em cima de mim e pediu desculpa, estava ela se culpando pelo acidente que levou-me à aquela situação...

O médico se aproximou de mim e examinou-me. Tudo parecia tão diferente, perguntei em que ano nós estávamos, minha esposa respondeu que passaram seis anos. Eu sentia que vivi outra vida e que nela eu me dei a liberdade de amar, de sorrir, de ser feliz, coisa que não fiz em cinquenta e dois anos de existência. Defendi teses, minhas descobertas tiveram grande importância na química inorgânica, ganhei Prêmio Nobel, mas nunca abracei meus filhos e presenteei minha mulher.

Ainda deitado naquela maca, na presença deles, contei o universo paralelo em que vivi durante os seis anos de coma. Narrei como fui feliz e prometi que aquele ser agressivo, relapso, mal-humorado, tinha morrido no acidente. Agora que ganhei uma segunda chance para viver, com certeza farei mais que jus a ela.

Ajude! Corrija! Salve!

Por João Marcos de Siqueira Neto – Campus Iporá

O destino é realmente algo severo, mas será que ele realmente é uma verdade absoluta? Será que tudo o que irá acontecer em nossas vidas já foi escrito? Será que não somos os senhores do nosso destino? A distinção entre o passado e o presente é uma ilusão, todo passado já foi presente e todo presente será passado algum dia.

Sempre fui muito fã de histórias mirabolantes, histórias de ficção científica, com todos aqueles arcos incríveis e fantasiosos e sonhava que viveria algum dia em um mundo onde isso fosse realidade, pelo menos até eu me dar conta de que a minha realidade é bastante diferente disso tudo. Meu nome é Marcus Fonseca e tenho uma vida normal, como milhares de brasileiros, porém tenho uma particularidade: Eu não possuo lembranças do meu passado. A minha lembrança mais distante foi a de quando eu acordei em um quarto de hospital. Disseram-me que entrei em um coma que durou oito anos e quando finalmente despertei, não sabia sobre nada da minha vida, não sabia o meu nome, não reconhecia ninguém. Porém a minha memória semântica, como o médico havia me falado, estava intacta: eu conseguia me comunicar com as pessoas sem problemas, reconhecia objetos, sabia seus nomes, sabia somar, ler e escrever. Mas sim, eu estava com uma amnésia retrógrada, e o pior, diziam ser irreversível. Quando acordei naquele local que nunca havia visto, não me desesperei, por incrível que pareça. Havia uma mulher encantadora ao meu lado, bordando uma espécie de xale e mesmo eu não sabendo de quem se tratava, ela transmitia uma aura muito limpa, uma aura que me acalmava, e que me transmitia uma sensação de proteção gigantesca. Descobri mais tarde, que aquela linda mulher era minha mãe, a pessoa

que me colocou nesse mundo, e que estava ali, do meu lado, durante todos esses oito anos. Eu estava muito fraco, mais ainda vi um homem alto chegar, ele foi o primeiro que me viu acordado, e me proferiu as seguintes palavras: -“Eu sabia que você iria acordar, meu filho, você é a pessoa mais forte que já conheci em toda a minha vida!”, e então tudo escureceu.

Faz cinco anos que isso tudo aconteceu. Consegui prosseguir com minha vida, meu pai pagou para mim um curso de tecnologia e agora tenho um emprego numa grande empresa desenvolvedora de softwares em Goiânia, onde ele é sócio. É um dia como qualquer outro, carros indo e vindo pela avenida movimentada, muito barulho, pessoas em seus smartphones andando pela calçada, nem ousam olhar uma para as outras, sem cumprimentos, cada um focando em sua vida, não há fraternidade. É nesse cenário frenético que ouço um barulho ensurdecedor de atrito entre borracha e asfalto, e uma pancada seca. Olho para o lado, e vejo uma cena horrível: um grande caminhão de transporte agrícola acaba de atropelar uma criança que atravessava a rua, foi um verdadeiro destroçamento. Vejo muito sangue, vejo alguns de seus membros jogados pela avenida, vejo sua mochila do Spider-Man toda amassada, com todos os seus materiais de escola espalhados, vejo as pessoas lamentando e algumas discando, provavelmente para uma ambulância, mesmo sabendo que seria em vão. É nesse momento então que a ouço: -“Ajude! Corrija! Salve!”, olho para o lado, mesmo sabendo que não haveria ninguém, mesmo sabendo que só eu escuto essa voz, e sei exatamente o que irá acontecer.

Todo o espaço ao meu redor começa a ficar turvo, tudo começa a girar numa frenética mistura de cores em câmera lenta, dura apenas alguns milissegundos, e então me vejo novamente observando as pessoas com seus smartphones, mas já sei exatamente o que devo fazer. Talvez eu tenha esquecido de mencionar, mas desde quando eu despertei, sempre quando acontece algo de ruim próximo a mim, eu ouço aquela voz, parecida com a de uma criança de oito anos me dizendo aquelas palavras, e então, depois daquele frenesi louco de espaço/tempo me vejo aproxi-

madamente cinco minutos no passado, como se eu fosse agraciado com uma segunda chance, a oportunidade perfeita para fazer o que deveria ser feito. Decido então procurar aquela criança, não preciso mais que alguns segundos para vê-la, reconheço-a pela mochila do “cabeça de teia”, do outro lado da rua, preparando-se para atravessar. Corro ao seu encontro, me desviando dos carros que vinham pela rua, muitos freando para não me acertar, estou quase o alcançando, mas ele já começou a atravessar, sigo em frente, olho para o lado, o caminhão não está mais que a 15 metros de distância do garoto, grito para ele desviar, ele está paralisado, então pulo com todas as minhas forças em sua direção, só ouço o som de pessoas gritando junto ao barulho do freio, e novamente o som do atrito entre borracha e asfalto, e um barulho de aço se amassando, estou sem fôlego. Olho para trás, o caminhão bateu em outro caminhão, mas parece não haver vítimas, o garoto está do meu lado, chorando, mas parece estar bem. Respiro aliviado, estou com alguns arranhões, mas nada que faça mudar aquela sensação de dever cumprido que sinto. A mãe do garoto aparece branca como a neve, aos prantos, afaga o garoto e me agradece. Eu digo que estava apenas no lugar certo, na hora certa, me despeço e continuo a minha jornada rotineira para mais um dia normal de trabalho.

Finalmente chego à empresa, um luxuoso prédio de oito andares, pego o elevador, dois colegas de trabalho entram juntamente comigo, nenhum dos dois me cumprimenta ou pergunta os motivos dos arranhados que tenho pelo corpo, creio que seja uma consequência de ser filho de um dos CEOs, creio que isso causa alguma relutância aos funcionários. Aperto o botão do quinto andar, referente ao departamento de codificação, onde trabalho, mas antes que as portas se fechem, escuto: - “Segurem o elevador, por favor!”, reconheceria aquela voz a mais de quilômetros de distância. Seguro a porta do elevador, e Rayssa entra, com aquele sorriso estonteante, aqueles cabelos ruivos encaracolados que transmitem uma sensação de liberdade, até mesmo seu jeito meio atrapalhado me encanta. Ela foi transferida há pouco mais de uma semana, mas é uma das poucas pessoas que conversam comigo naquela empresa. Ela me agradece e me

diz que acordou totalmente atrasada hoje, graças à espertinha da Sophie que se enrolou para arrumar, é só então que percebo a versão mirim de Rayssa ali conosco, os mesmos olhos acanhados, o mesmo cabelo ruivo, e o mesmo sorriso encantador de sua mãe. Pergunto para a garotinha sua idade, e ela, com um sorriso acanhado, me mostra seus pequenos dedos: oito anos. Rayssa é mãe solteira, nunca me disse muito sobre o pai de Sophie, também nunca tentei entrar nesse assunto, é um assunto meio delicado de se abordar. Chegamos ao nosso departamento, ela senta no computador ao meu lado, e trabalhamos exaustivamente em um software de gestão que está meio atrasado, enquanto Sophie corre de um lado para o outro, analisando todo o espaço. Sempre fui meio fechado, mas Rayssa e, particularmente hoje, a pequenina, me fazem rir como nunca e sempre puxam algum assunto enquanto codificamos. No fim do expediente, saímos juntos do prédio, paro para conversar com Rayssa, quero muito convidá-la para comer alguma coisa qualquer dia desses, porém, de uma hora para outra, ela fica branca, como se visse um fantasma e me pergunta: -“Onde está a Sophie?”.

Quando percebo o que aconteceu, nem preciso pensar muito, tudo ficou turvo e começou a girar novamente e a mesma voz de sempre me proferiu as mesmas palavras: -

“Ajude! Corrija! Salve!”. Vejo-me novamente conversando com Rayssa, olho para o lado rapidamente e vejo Sophie com um homem de óculos escuros e chapéu, não consigo ver seu rosto, mas vou em direção aos dois, ele me vê e então, deixa a garota e corre para um SUV preto, acelerando a toda velocidade, digo para ela correr para sua mãe e então pego uma das motos da empresa, as quais tenho acesso e tento perseguir o automóvel, mas ele é muito mais rápido que uma moto de 100cc. Não sei o porquê, mas aquele carro e aquele homem me fizeram sentir uma sensação que eu ainda não me lembrava, uma fusão de raiva e medo muito intensos. Volto para a empresa, elas ainda estão lá, perplexas, eu digo que irei cuidar de tudo, irei descobrir quem é aquele homem e o porquê ele

queria a garota. Levo-as para a casa, ignoro a súplica de minha colega em oferecer ajuda, mas não posso arriscar mais, decido voltar para a minha casa, com a determinação necessária em resolver isso o quanto antes. De alguma maneira, me sinto na obrigação de defendê-las a todo custo.

Reforma de Rico

Por Lucas A S Freira – Campus Morrinhos

Era uma vez um menino de 11 anos chamado Jonas, seu sonho era ser rico para poder reformar sua casa com reboco, pois tinha visto poucas em sua vida e achava bonito, para ele, aquilo era o máximo. Na casa de Jonas, não havia cama, havia apenas duas redes, uma para ele e uma para sua mãe, também não havia TV e geladeira, então, muito menos, tinha apenas um freezer velho de hotel que sua mãe comprou no ferro velho junto com o fogão. Um dia, ele foi à casa de um amiguinho chamado Caio da Escola Municipal e na casa dele tinha reboco, tinha TV, tinha cama e alguns brinquedos. Jonas ficou encantando com a casa dele, brincaram bastante de guerra de travesseiros. Na metade do dia, Jonas resolveu fazer uma pergunta a seu amiguinho Caio.

- Você é o menino mais feliz do mundo, né não Caio? Você tem cama, você tem TV, você tem brinquedos, eu daria tudo para ter essas coisas.

Caio olhou surpreso e logo respondeu:

- E eu trocaria tudo isso com você por uma mãe, eu nunca conheci a minha, ela me jogou no lixo quando eu era nenenzinho, meu pai me achou lá, pelo menos foi o que a minha madrasta disse.

Caio começou a chorar meio minuto depois.

- Jonas!! Deixa eu ir embora com você para eu ser seu irmão ? Eu não quero morar com a minha madrasta mais não. Ela é ruim pra

mim. Eu quero ter uma mãe igual à sua. Jonas sem graça respondeu quase chorando:

- Não posso, seu papai te ama e precisa de você, pelo menos, ele é bom para você! Eu preciso ir embora agora, eu espero que fique bem.
- Por que Jonas? – disse Caio aflito.
- Vou rebocar meu coração. Eu espero que Deus te ajude.

Então Jonas correu para os braços de sua mãe e seu amor por ela fez uma total reforma em seu coração, nunca mais ele deu tanta importância ao que acaba. Chego em casa totalmente exausto, tanto fisicamente, quanto psicologicamente, nunca usei o retorno temporal duas vezes no mesmo dia, é mais desgastante do que eu pensava. Quando abro a porta, tenho uma grata surpresa, lá está ela, linda como sempre, apesar de seus quarenta e poucos anos, com o mesmo olhar carinhoso e acolhedor de sempre, tinha me esquecido que meus pais viriam me visitar nessa véspera de feriado, amanhã é carnaval. Mamãe diz que meu pai teve que resolver algumas coisas relacionadas à empresa, e que logo chegará, falo que não tem problema algum, e ela logo percebe pela minha voz que aconteceu alguma coisa. Ela é a mulher que mais confio nesse mundo, então explico a ela toda a história do possível rapto, sobre o homem, o SUV, então pela primeira vez vejo o rosto dela mudar completamente de um amável e carinhoso para um rosto perplexo e com certo medo. Ela me diz que não tem tempo para explicar a fundo, mas diz que esses crimes são parecidos com alguns crimes que aconteceram no passado, na mesma época em que aconteceu tudo o que desencadeou minha perda de memória, e que talvez eles tenham alguma ligação. Ela diz que vai me ajudar, mas precisa de informações sobre as vítimas e verificar uma conexão, então eu me prontifico no mesmo instante para conseguir essas informações com a Rayssa, tento ligar, mas o celular parece estar desligado, então digo a minha mãe para ficar em casa e vou ao encontro de minha amiga e sua filha.

Em menos de vinte minutos, já estou batendo na porta de Rayssa, vejo aquele lindo sorriso quando ela abre a porta e me cumprimenta, e me sinto aliviado por alguns segundos por ela estar bem, mas antes que consiga explicar a situação, meu telefone toca, é a minha mãe: -“Filho, acho que descobri algo importante, pode nos revelar exatamente quem é a pessoa por trás de tudo, e provável...”, ouço sons do outro lado, ouço minha mãe gritar e a ligação é perdida, tento ligar de volta, mas não consigo, estou desesperado, sinto que algo aconteceu, peço desculpas por incomodá-la àquela hora da noite e saio a toda velocidade rumo a minha casa.

Quando chego, me deparo com uma cena que nunca pensei que veria, que nenhum filho gostaria de presenciar, sentia um cheiro insuportável de sangue, havia uma poça gigantesca ali na sala, e nela estava a minha mãe, com os olhos já sem vida alguma, com marcas de corte para todo lado e uma faca cravada no seu peito. Entro em desespero, tento acordá-la, como se isso fosse resolver de alguma forma, mas nada acontece, ela realmente se fora. Sei o que posso fazer, imagino em minha mente aquela voz com toda a força que consigo, mas nada acontece, no momento que eu mais preciso, não consigo ajudá-la, não consigo corrigir o que dever ser corrigido, não consigo salvá-la.

Vejo-me aos prantos, tento fugir daquilo tudo, penso que logo vou acordar, que é só um pesadelo, quando sinto algo me acertar na cabeça. Vejo dois homens fardados me abordarem, vejo luzes piscando lá fora, é a polícia. Tento falar que não fui eu, que o assassino ainda está solto por aí, mas não tenho forças, estou prestes a desmaiar, é então que eu ouço uma voz, dessa vez mais nítida do que nunca: -“Ajude! Corrija! Salve!”, tudo fica escuro.

Foi definitivamente a piscada mais longa que já fiz na minha vida, quando abro os olhos, estou em um lugar que reconheço, estou em frente a minha antiga escola, recuperei minha memória. Está tudo exatamente como antes, três grandes pavilhões se intercalando em forma triangular,

até mesmo o porteiro parece idêntico ao de treze anos atrás. É só então que me dou conta que estou alguns centímetros menor, talvez até um metro, estou mais leve e até me sentindo melhor, como se estivesse rejuvenescido alguns anos. Dirijo-me a guarita do porteiro e me vejo no reflexo do vidro, devo estar sonhando. Vejo-me exatamente com 8 anos de idade, fico estupefato, será que realmente voltei tantos anos assim? Pergunto ao porteiro, o seu João, que dia é hoje? Ele me diz: -“Hoje são oito de maio de 2003, não foi a aula hoje garoto?”. Então eu me lembro, hoje foi o dia em que ocorreu o rapto que marcou aquela cidade, o dia em que a menina Rayssa, foi levada e ninguém nunca mais ouviu notícias dela. Percebo que estou ali não só para salvar a minha mãe, isso é apenas uma consequência, quem eu devo realmente salvar é a garota. Ela era a minha melhor amiga e sempre fugia de casa, pois seus pais muitas vezes abusavam dos métodos de educação para espancá-la. Sei onde ela deve estar, espero encontrá-la a tempo.

Chego a um pequeno trailer abandonado, ali perto da escola, vejo a garota ruiva chorando a poucos metros da porta, ela olha para mim, mas me dou conta que ela está amordaçada, tenta dizer algo, mas já é tarde demais, sinto alguém me golpear por trás, só então quando caio, vejo que um SUV preto está estacionado a poucos metros, consigo ver um homem de chapéu e óculos escuros segurando uma arma, a poucos centímetros da minha cabeça, ele sorri sarcasticamente para mim e diz: “Sinto muito, você só está no lugar errado, na hora errada, filho!”, reconheço aquela voz, aquela mesma voz que me contava histórias antes de dormir, e mesmo que fosse um pai ausente, era a voz do homem em quem eu me espelhava, mas ele não mede esforços e puxa o gatilho.

Abro os olhos lentamente, tento me acostumar com o brilho leve das lâmpadas a alguns metros acima de mim, estou em um quarto de hospital. Como cheguei aqui? Quem sou eu? Não consigo me lembrar de nada. Olho para o lado e vejo uma mulher encantadora bordando algo e mesmo eu não sabendo de quem se tratava ela me transmitia uma sensa-

ção de proteção gigantesca. Um homem entra no quarto, sorri para mim, mas aquele sorriso me dá uma sensação de pânico, de medo, estou quase desmaiando, então ele me diz: -“Eu sabia que você iria acordar, meu filho, você é a pessoa mais forte que já conheci em toda a minha vida!”

Complexidade de Mariana

Por Weder Nunes Ferreira Junior – Campus Rio Verde

O corpo era sua gaiola, mas aquele não era seu corpo, sua mente eram lindas asas, porém sem liberdade. Mariana em seus dezessete anos jamais se sentira por completa, vivia uma vida recheada de problemas, salpicada de ilusões. Como os demais anos de colegial esse era apenas outro, como de costume em uma nova escola.

Não sentira mais raiva do que as pessoas lhe faziam, só buscava entender o que fizera para despertar o ódio remoto que sentiam por ela. Teve aquela vez, há dois anos na Educação Física, em que colegas de classe a amarraram em um banco, Mariana não temia a dor dos pontapés e socos, nem tão pouco dos hematomas e arranhões que lhe causavam, mas aquele ocorrido foi pior, tiraram de si algo especial, mecha por mecha de seu cabelo cacheado encontrou o chão.

A garota aprendera com o tempo que não existem curativos para os ferimentos do coração, e sua convivência com a sociedade a fez acreditar que não se pode esperar nada das pessoas, a não ser o pior. Por isso não demonstrara a menor importância por estar em uma nova escola, Mari era uma garota aplicada e sua vivência a mostrara que não se foge de problemas.

Abotoou o penúltimo botão de seu uniforme, realçou o volume de seus lábios com um pouco de brilho, não era dotada de extravagâncias, puxou seu cabelo para trás em um penteado rabo de cavalo, conseguira ganhar mexas de aplique no natal daquele ano. Estava pronta para iniciar seu último ano antes da faculdade, seu pai a levou até o colégio e despediu-se com um beijo no rosto.

No corredor do colégio arrancou alguns olhares de garotos na puberdade, talvez por ser novata, ou não, talvez por ser ela mesma. Na hora da chamada a professora pedira silêncio enquanto uma turma de alunos compartilhava as experiências das férias de fim de ano.

– “Lucas?” – Chamara a professora, sem obter resposta, muitos trocaram olhares, inclusive Mariana procurando tal. – “Alguém conhece esse Lucas?” – Insistiu a professora.

– “Lucas de quê?” – Perguntou alguém do fundo. Mariana estava apreensiva, queria estar em casa, não estava interessada em saber quem era esse Lucas, não gostava desse nome, não lhe trazia boas lembranças.

– “Lucas Vilela Voial”. – Mariana olhou para a escrita de seu nome no caderno; “Mariana Vilela Voial”.

– “Não conheço”. – Respondeu a mesma voz do fundo. As unhas de Mari arranhavam suas pernas cobertas por seu jeans.

– “Também não, então falta...”

– “Presente.” – Uma voz rouca e apagada interrompera a professora, a sala inteira observara-o, menos Mariana, pois Lucas Vilela Voial era seu nome de registro.

– “Desculpa, não entendi.” – A professora não soubera disfarçar a estranheza da situação, nem tão pouco a falta de delicadeza no tom de voz.

– “Lucas é meu nome de registro.” – Disse a garota tímida. – “Mas, meu nome é Mariana, desde meus cinco anos não me identifico com o corpo que nasci. Podem rir, eu não ligo, meus pais me aceitam, podem fazer atrocidades comigo na saída, mas isso não vai mudar quem eu sou, gostaria de, pelo menos, ser chamada de Mariana.”

A professora assentiu com a cabeça, não disse nada a respeito do assunto. Quando a aula terminara Mari sabia que esse seria mais um dia para conviver com as agressões diárias que sofria, no entanto nada lhe aconteceu, o grupo de rapazes que a fitara no início da aula apenas riram quando ela passou por eles.

Mariana concordara em uma conversa com os pais e psicólogos que esperaria seus dezoito anos para a cirurgia de troca de sexo, sentia a esperança de poder sentir-se completa, essa era uma decisão irreversível e a garota não demonstrava possuir nenhuma dúvida, nem mesmo sentia medo do processo complicado.

E toda a esperança foi perdida, e sua ausência de medo a matou, sem mesmo antes de se sentir completa, sem mesmo antes de sair da sala de cirurgia, ou melhor sem antes mesmo de entrar na sala de cirurgia, seu coração a matou, mas não de infarto, por um momento se esquecera de suas experiências com a sociedade e decidira aceitar o convite para uma festa do colegial.

– “Hey Mari, esse é o Artur.” – Disse Clara, apresentando seu irmão para a colega.

– “Oi.”

– “Oi. “– O garoto era elegante, apresentava ter vinte e poucos anos.

– “Então, você estuda com a minha irmã né?”

– “É, somos da mesma classe.” – Mariana respondeu a todo o questionamento do rapaz, sua falta de experiência a impedira de entender a situação, o flerte.

Ficaram conversando por muito tempo, a situação já a estava a lhe incomodar, o rapaz estava tão próximo dela, as pessoas não paravam de

olhar para a cena, demorou muito para Mariana entender que o rapaz estava interessado nela.

A jovem garota nunca havia sido paquerada antes, nem ao menos sentira grandes interesses amorosos por algum garoto durante sua vida, por ser tão menosprezada sua vida se tornara vazia, não soubera o que é amar e aceitava todo pouco amor que achara merecer. Seus lábios jamais tocados por outra boca se contraíram durante a conversa com Artur, ele era um pouco mais alto que ela, de olhos escuros, sua pele aparentava ser macia, tinha uma barba mal crescida que estava por fazer, e seu sorriso era extremamente charmoso.

Mari sentira seu coração pulsar mais forte a cada centímetro que ele se aproximava dela, não se sentia preparada para um beijo, nem soubera como beijar. Sua respiração alternava o ritmo a cada sorriso que o jovem lhe dava, ambos mantinham os olhos conectados como se fossem reflexos de espelho. Mariana possuía um coração puro, mas não tão puro para desconfiar das intuições do rapaz, desacreditara na possibilidade de alguém se interessar pela sua pessoa, por ser quem ela é, ou acreditara que Artur não a conhecia.

– “Tenho que ir embora.” – Disse a garota nervosa.

– “Não, espere.”

– “Esperar o que? Não quero participar desses joguinhos, estou cansada de ser o alvo de piadas, só por eu ser...”

Foi interrompida por um beijo, por um longo e profundo beijo, não tão profundo quanto ao lago que encontraram seu corpo uma semana mais tarde, em seu arquivo a conclusão dizia “suicídio”, mas testemunhas alegaram ter visto Artur deixando o bosque que ligava o lago ao local da festa, o mesmo bosque em que o rapaz chamara Marina para

um passeio depois do primeiro beijo, os fatos não foram interligados por ambos não possuírem ligações públicas conhecidas.

A garota não voltara mais para casa depois daquela noite, deixara de visitar sua avó aos domingos, nunca mais brincara com seu cachorro, tudo isso sem ao menos se despedir de seus pais. Arrancaram tudo de Mariana antes de tal ato, suas roupas, seu sorriso, sua virgindade, inclusive tiraram de si sua oportunidade de ser ela mesma, morreu jovem com o coração bom, acreditando que as pessoas realmente a mereciam, morreu antes de provar seu valor perante a sociedade heteronormativa, morreu incompleta, sem entender as crueldades do mundo.

Os Telhados Caem

Por Carolina Faloni Ferreira dos Santos – Campus Iporá

Lara era uma jovem descalça dos pés à cabeça, talvez lhe faltasse um pouco de juízo ou todo ele. Não temia muita coisa, nem mesmo a morte. Para ela, a morte era exatamente o que tornava a vida tão única e bela.

Nascida no interior de Goyaz e em berço de ouro, não se comportava como tal. Sua condição financeira era de dar inveja, mas Lara teimava em ignorar tudo isso. Vivia em completa contradição consigo mesma, fazendo da sua vida uma reviravolta atrás da outra. Assim, com tudo isso a viver, a moça era insegura. Dora, sua mãe, mulher vivida e de negócios, criou a filha sozinha, pois Hélio, seu marido, havia fugido com a amante, mulher que tanto amava.

Os negócios da Dr. Dora em Goyaz eram satisfatórios e, com eles, ganhava o suficiente para suprir todos os seus luxos. Mas, em certo momento, ao receber proposta para trabalhar no Rio de Janeiro, viu que as perspectivas da sua vida mudavam. Ela não via empecilhos para não aceitar a oferta, havia muito dinheiro envolvido. Era possível ver um enorme sorriso no rosto de Dora ao receber tal convite, o poder lhe subira feito fogo à cabeça, algo normal.

Ao mesmo tempo em que Dora imaginava a fortuna que iria ganhar, pensava também em Lara e no medo que sentia em relação à filha, caso a jovem não se adaptasse ou não entendesse que os céus fluminenses não eram assim tão plácidos como os do interior de Goyaz onde passara toda sua vida. Apesar de não ter muito tempo para a filha, Dora a amava.

Mas, com o pouco tempo que dispunha, não se aproximava de sua filha querida.

A hora da conversa decisiva chegou e, sem delongas, sofrimentos ou hesitações desnecessárias, Dora foi ao quarto da filha para lhe dar a notícia.

– Precisamos conversar - disse Dora, sem pestanejar.

– O que eu fiz? - perguntou Lara, por não ver, com muita frequência, sua mãe querendo conversar.

– Nada, apenas venho lhe dar uma boa notícia! Vamos nos mudar para o Rio de Janeiro, disse a mãe, sem dar muitas explicações.

– Ah, tá bom, mãe, agora já pode ir!

Dora saiu do quarto se perguntando como Lara não havia dado nenhuma objeção, seria, talvez, pelo fato de nunca ter ido ao Rio? Talvez ela queira experimentar novos ares, dizia para si mesma, visando tentar se convencer de que não havia nenhum outro motivo que não lhe agradasse. E ela estava certa! A monotonia cotidiana era tanta, a jovem já não a suportava mais.

O que seguiu na vida de ambas foi uma semana de pura agitação, desde a despedida até a ilustre e luminosa chegada ao Rio. Em apenas um dia, com a ajuda de vinte funcionários, o apartamento delas estava impecável. Situado na zona sul do Rio, o apartamento era dos mais caros e cobiçados de toda Copacabana.

Sem muita demora, a jovem saiu de casa... E lá estava ela, deslumbrante, morena e cheia de vida, expondo sua beleza na praia de Copacabana. E foi bem ali mesmo que a moça conheceu a paixão, nos braços de

Álvaro, um moço alto, com jeito de malandro, vendendo coco na praia... O sol brilhava como nunca brilhou, batendo em suas faces que contemplavam olhares que brilhavam mais do que o sol ao se encontrarem.

Simplemente se conheceram, como se já se conhecessem há muito tempo. E ali, no mesmo lugar do primeiro encontro e da primeira conversa, Lara ia todos os dias para reencontrar o seu dito amado. E a Dr^a. Dora? Ah, ela estava mais preocupada com seu novo e rico trabalho, ou seja, vivia em total ignorância sobre o que estava acontecendo com a filha.

Álvaro era morador da periferia do Rio, diferente de Lara. Ele não estudava, eram dois mundos completamente diferentes e a jovem sabia disso. Apesar do pouco diálogo com sua mãe, esta sempre lhe dizia das diferenças entre pobres e ricos e que, em hipótese alguma, deveria haver a mistura entre eles. Esse era exatamente um dos muitos motivos da moça não ter contado para a mãe sobre Álvaro.

O rapaz não conhecia a sogra, mas, pelas coisas que Lara lhe contava, já havia formado uma má impressão sobre ela. Aos olhos de Lara, Álvaro via a empresária apenas como uma barreira para que seus sonhos e os dela se realizassem.

Em uma tarde, Dora estava atrasada para o trabalho e descia para rua, onde estava seu carro. Enquanto isso, Lara se arrumava para ir ao encontro do namorado. Ao sair do apartamento, já na calçada, a empresária foi surpreendida com um assalto. O ladrão estava armado e o maior erro de Dora foi tentar reagir. Ela ganhou um tiro no peito, foi seu último suspiro e o último pensamento foi em sua filha, com os olhos cheios de lágrimas. Já ao chão, Dora vê sua correntinha sendo levada e, então, de súbito, fechou os olhos para nunca mais abri-los.

Lara desceu e viu um tumulto na calçada... Aproximou-se e viu sua mãe jogada ao chão. A cena era dura, o sangue espalhado por todos

os lados e o rosto dela pálido, suas mãos gelaram ao entender o que ocorrera. Lara conheceu ali, na fragilidade da adolescência, a maior de todas as dores, a da alma. Ela chorou muito e, ajoelhada na calçada, começou a questionar-se sobre o porquê do ocorrido. Só foi capaz de dizer que amava a mãe, naquele momento a jovem não via mais nada a não ser a solidão inteira dentro de si.

Em segundos, Dora havia deixado uma órfã, um apartamento luxuoso recheado de móveis e vazio de amor com uma vista invejável e sem nenhuma lembrança. Foram dias difíceis, até que passou pela mente da órfã a imagem de Álvaro, seu único elo, sua única esperança.

Ela foi até a praia depositando toda sua felicidade futura naquele rapaz. Lara aproximou-se dele e viu, não o rapaz, mas a dura e cruel imagem de uma correntinha em seu pescoço que possuía as iniciais de seu nome. Estava certa, aquela era a correntinha que Lara havia dado à sua mãe e que foi levada pelo ladrão furtivo no dia de sua morte.

Curva da Morte

Por Nilda Damascena Dias – Campus Campos Belos

Estava sentado num banco, olhando para o céu. Ventava muito. Era noite de lua cheia e há muito não chovia na fazenda. Claro, o céu me convidava para um passeio. Peguei meu cavalo, pensando comigo mesmo, “uma volta não me fará mal”. Antes de comprar esta fazenda, todos me alertaram sobre ela ser mal assombrada. Diziam a respeito de uma curva da morte, próxima ao terreno de meu interesse, onde, os que por lá morreram, não foram enterrados. Íngreme como penhasco, a curva era o próprio cemitério. Não liguei, pensando se tratar de apenas sandices.

Comprei a Fazenda, que, além de grande, era fértil e ladeava uma nascente, de águas límpidas quase transparentes. Seguindo a galope, afastei-me da casa e resolvi ir até a rodagem. Não havia nada de novo, se não uma pequena luminosidade no chão, próximo à curva da morte, que me chamou a atenção. Alimentando minha curiosidade, rumei em direção a esse feixe branco de luz que, para meu espanto, era uma menina. A moça tinha cabelos encaracolados e olhos negros.

Seu vestido era colorido com um amarelo desbotado, um pouco sujo. Ela pedia por ajuda e não se lembrava de como parou ali. Tirei-a de lá. Sua pele era fria e pálida como a lua que nos iluminava. Levei-a para casa, dei-lhe água, comida e um quarto para descansar. Mas, negando a última oferta, dizia que não podia ficar, pois sua mãe a esperava e não podia se atrasar. Beirando a porta, saiu sem olhar para trás. Segui-a com os olhos e mal a percebi desaparecendo na escuridão da mata. Perturbado, não dormi, questionando-me: como ela fora parar por ali e como desapareceu sob meus olhos?

A cidade ficava muito longe. A rodagem era quase inabitada. E a noite, apesar de calma, não é uma boa opção para viagem. De manhã, com a claridade do dia, voltei para aquele lugar, onde havia encontrado a menina. Atrás de um barranco, somente vi destroços de carros, árvores arrancadas e marcas de um chão cavoucado por outros acidentes. Retornando para casa, meus pensamentos eram habitados por aquela imagem clara e infante da criança. Mais tarde, o vento soprou, anunciando o frio e a noite, meu corpo sentia um arrepio e uma impressão de estar sendo vigiado. Continuei meus afazeres e repensei a ideia de viver ali sozinho. Precisava de um vaqueiro. No outro dia, bem cedo, fui à vila para comprar mantimentos e procurar alguém para trabalhar comigo. Porém, quando mencionava a fazenda e a curva, todos se benziam, negando o pedido e esconjurando.

Tive que ir a outra vila, mas distante dos conterrâneos. Depois de uma interminável peregrinação, encontrei um jovem casal. Eram tristes, sem perspectiva de vida. No curto tempo de casados, já haviam vivido muitas angústias. Mesmo assim, decidiram morar e trabalhar comigo. Em casa, tendo os acomodado, resolvi sair a cavalo, aproveitando o que sobrava do dia. Fiquei surpreso quando, novamente, a beira da estrada, mas, dessa vez, sentada, estava a pálida criança. Parecia esperar por alguém. Perguntei-a: “Encontrou-se com sua mãe?”. Ela olhou-me, tristemente, sem nada responder. Levei-a para casa e, repetindo o ritual, dei-lhe água, comida e um quarto para descansar. E, agradecendo, disse-me que iria embora, pois sua mãe poderia estar esperando. Antes de sua partida, resolvi apresentá-la ao casal. Os dois, ao vê-la, estremeceram-se. Começaram a chorar e ficaram atônitos.

Sem reação, diziam que não era possível o que estava acontecendo. Aquela menina era sua filha que havia morrido há um ano. A menina, de súbito, correu em direção aos seus pais, porém, feito sombra em parede, atravessou-os sem poder lhes tocar. Desesperado com a situação, peguei meu cavalo e corri para a rodagem sem olhar para o rastro deixado. Segui veloz e, guiado pela luz da lua, fui engolido pela escuridão da noite que habita o penhasco da curva da morte.

Josué: O Homem

Por Hunter Hian Silva – Campus Urutaí

Um jovem ardiloso e implícito, que tinha um amor genuíno sobre um lugar onde não se via esperança alguma. Sozinho no mundo, sem pai nem mãe, ele vivia pensativo, com ar de bravura em grandes linhas ferroviárias. As vezes ao longo do percurso pairava em meio as grandes matas onde tinha que se refazer por um tempo, um momento. Josué amava Goiás, seu coração queimava ardentemente para ver o progresso de seu Estado. Como era um jovem destemido, com sua bravura acreditava que a revolução começaria pelos trilhos ferroviários, onde sonhos poderiam se concretizar realmente.

Nunca se adivinhara um anseio nele, a não ser esse – o que ninguém o ensinara; o futuro em duas linhas contínuas de metal e com dormentes firmes apoiados ao chão. Passavam-se os anos, Josué com maturidade compreendida, procurava criar uma comunidade sobre um lugar onde a esperança não se encontrava.

Ao longo de sua trajetória, onde se topava completamente lasso, resolveu parar. Não havia ninguém, não havia nada, apenas trilhos ferroviários. Então, com constante certeza, resolveu ali montar um arraial. Possuidor de um grande currículo de amizades, pelo fato de ser bastante carismático, aquele arraial não demorou para que fosse elevado à categoria de vila. A vila ficou conhecida, ali virou ponto para as tropas de boiadas e carreteiros que passavam para descansar e se alimentar. Como jogavam restos de carnes e ossos, os urubus vinham se alimentar e essas pessoas falavam “o urubu tá aí”. Deste modo, Josué ao pensar, em uma noite de lua cheia e estrelas a brilhar, teve a ideia de colocar o nome da vila de Urutaí.

Como era conhecido em toda a região, sua vila começou a ganhar vida. Migrantes do estado de Minas Gerais e São Paulo foram residir na pequena vila, começando assim a iniciação dos primeiros comércios. Mas isso para Josué ainda era pouco. Queria mais. Queria mostrar a si o verdadeiro jeito de viver, o verdadeiro jeito de criar; enfim, o jeito verdadeiro de encontrar a felicidade. Não precisou de muito. Alguns legados e informações foram o suficiente para que Josué demandasse por terras ainda não vistas, cerrados ainda não cortados e rios ainda não ultrapassados. Por que então não ousar? O que mais precisava Josué possuía: seu sonho de bravura e de homem dianteiro, fazendo dos cerrados goianos seu solo primeiro e das águas seu embate para a formalização de suas cidades. Na tentativa de um espaço maior, Josué continuou arrebanhando para si inúmeros tropeiros e forasteiros, os quais acoplavam à sua criação o desejo do avanço e da construção. Josué assim fez. Criou mais vilas, alavancou por cerrados e rios. Construiu pontes sobre belíssimas águas e rochas, fincou em cada suor o desejo de ver seus legados sendo erguidos com um único propósito; embelezar o cerrado goiano não somente com os ipês amarelos, gameleiras e seus pés de pequis, com suas seriemas, tatus e tamanduás, mas também com o ferro dos trilhos por onde a precária mas paradoxalmente tão moderna Maria Fumaça passaria.

Por muitos arredores andou. Josué deitava um dormente, alinhava um trilho e assim realizou encontros, chorou nas derrotas, uniu amores, desuniu o medo da vitória. Contudo, as coisas não terminaram em flores. O gosto amargo do suor falou mais alto, o cansaço do fardo pesou um pouco mais e Josué andando despercebido sobre os trilhos, veio a óbito pelo Trem que tanto admirava, assim, tornou-se possuído por aquilo que por anos possuiu: as terras do cerrado goiano. Fechado os olhos não mais viu seus trilhos caminhando, não mais viu seu sonho desbravador continuar por suas mãos próprias, contudo, uma coisa foi certa como o golpe da mais afiada peixeira; Josué nunca fora esquecido e como um homem que levanta a bandeira branca após um tempo vencido, é lembrado em cada trilho corrido pelos arredores do cerrado goiano ainda

não conhecido. Este era Josué. O homem de fé, que construiu sonhos como Noé, acreditou nas realizações que fizera depois de ver como Tomé e deixou legados tão simples como o sonhador e humilde, claro e pacato, simplesmente Josué.

Viagem Para as Estrelas

Thaila Santos de Santana – Campus Ceres

É segunda-feira. Hora de levantar. Estamos indo visitar a tia Get em São Francisco. Mamãe disse que temos que sair cedo pra chegarmos antes do anoitecer. Ela não gosta de viajar à noite, então entro logo pro banho. Papai já está levando as coisas pro carro. Visto minha roupa favorita: camisa de estampa do Batman, calça jeans e All Star preto. Quero que a titia veja o quanto cresci desde o ano passado. Penteio o cabelo pro lado, escovo os dentes e desço pra tomar café: panquecas com calda de chocolate, as melhores do mundo. Papai é perfeito quando o assunto é cozinhar, a mamãe só não pode saber que falei isso.

Entramos no carro e mamãe coloca o CD dos Beatles pra tocar. Põe os óculos escuros e confere se encaixei certo o cinto de segurança. Papai liga o carro e partimos. Vamos ver tia Get. Estou ansioso. Ela disse que vai me levar pra patinar no gelo pela primeira vez. Ela é demais, a única irmã da mamãe, embora elas não se pareçam quase nada. Mamãe tem os cabelos loiros e bem cacheadinhos. É alta, tem o rosto fino e olhos castanhos bem pequenos. Já a titia é baixinha e rechonchuda, tem cabelo escuro e liso com uma franja na testa, que só ressalta os pequeninos olhos castanhos, por sinal, a maior semelhança entre elas.

Tia Get é a irmã mais velha. Casou-se há muito tempo, mas seu marido morreu de câncer, mamãe disse que é essa uma doença muito grave, e por isso não tiveram tempo para ter filhos. Uma vez perguntei a ela por que não procurava outra pessoa e ela me disse que seu coração ainda está em luto. Sei que não é a mesma coisa, mas eu até a entendo, porque quando meu cãozinho Jake morreu, eu fiquei muito triste e não queria

nem mais ir pra escola. Foi quando a mamãe me deu um cão de pelúcia, negro como a noite, que eu chamei de Jake II, e levava pra todo lugar. Não que eu tenha esquecido meu verdadeiro cão, mas com o tempo percebi que eles não eram os mesmos e nunca seriam. Então mudei o nome dele para Apolo, meu companheiro de novas aventuras. As do passado ficaram lá, no passado, como tem que ser, só entre mim e Jake, o grande.

Acho que foi por isso que a tia Get, meio que pra fugir da dor, passou a colecionar. Ela escolheu os pássaros, que sempre foram a paixão do tio Michael, e a casa era cheia deles: pinturas, miniaturas, cortinas e até um papagaio de verdade muito maroto. Mas, um dia, quando fui visitá-la não havia mais nada, é claro que eu perguntei onde estavam todos os pássaros, e foi sua resposta que mais me surpreendeu: estão voando livres por aí. Tempos depois, ela comprou um casal de coelhos, e hoje ela é a dona dos coelhos mais fofuchos que já vi na vida. Papai disse que esse ano vou poder levar um para casa e não vejo a hora disso acontecer.

Meu pai é mesmo incrível, ele é alto, maior que a mamãe, forte e bonito. Tem o cabelo castanho e liso, que às vezes deixa crescer até a sobrancelha, assim como o meu. Seus olhos são feito grama na primavera, de tão verdes e cheios de vida. Todo mundo diz o tempo todo que sou a cara dele, mas eu não acho que é totalmente verdade. Ele tem uma marca bem na palma da mão, que ele diz ser uma estrela, que ganhou de Deus no dia que nasceu. Em dias de céu estrelado, ele aponta pras estrelas e mostra a sua que falta pra completar as constelações. Ele diz que um dia eu terei minha própria estrela, porque posso alcançar o que quiser. Deve ser por isso que quero ser astronauta.

Olho pelo vidro. Adormeci e nem havia percebido. Não vejo mais as palmeiras de Los Angeles. Percebo que mamãe desliga o telefone chateada, deve ser o chefe dela de novo. Ela faz as plantas e modelos de casas em uma empresa de construção. Ouço-a comentar com papai que um dos clientes não aprovou a fachada da casa. Ele diz que não é possível,

porque ela é muito boa no que faz. E mesmo que seja verdade, ele não sabe nada de nada disso. É professor de física na faculdade, o que é muito bom, porque ele sempre está em casa comigo nas férias de verão enquanto a mamãe trabalha.

Percebo que está ficando mais frio, o céu está coberto, vai chover. As chuvas do norte da Califórnia são mais fortes que a do Sul, onde moro. Lembro-me da senhora Parrot explicar isso em Geografia. A propósito, sempre achei engraçada a semelhança entre seu sobrenome e seu enorme nariz de papagaio. Não consigo conter um sorriso ao me lembrar disso.

Uma gota d'água bate no vidro do carro, e pingo após pingo entramos na chuva. Papai liga o aquecedor para desembasar o para-brisa e atende prontamente o pedido da mamãe pra diminuir a velocidade. O barulho da chuva aumenta, e ele fica preocupado com o gelo que está começando a cair na estrada. O que me faz pensar que o lago estará perfeito para patinar. Papai conversa alguma coisa com a mamãe que não consigo ouvir, e então diz que vamos parar pra comer, e esperar até que a chuva se acalme para seguirmos até a casa da Tia Get.

Mamãe liga pra titia, mas, como estamos sem sinal, ela deixa uma mensagem na secretária eletrônica, avisando que vamos chegar mais tarde por causa da tempestade, mas que está tudo bem e estamos com saudade. Está tudo bem, não há com que se preocupar, mamãe disse isso pra titia. Está tudo bem. Sinto um impacto e uma dor horrível percorre meu corpo. Tudo começa a rodar. Tento gritar meus pais, mas não consigo, não sei onde estão. E então sinto a chuva batendo contra mim. Tento abrir os olhos, mas a dor é forte demais, me entrego a ela. Não está tudo bem.

Abro os olhos. Sento-me na cama. O relógio na parede marca nove e meia da manhã. Levanto-me e procuro no guarda-roupa uma roupa bem quente. O inverno chegou mais cedo esse ano. Faço um café pra tomar, forte do jeito que gosto. Pego o carro e vou até o supermercado,

minha irmã vem de Los Angeles me visitar. Procuo os ingredientes que faltam para fazer a lasanha que John tanto gosta. Ele é meu único sobrinho, então faço meu máximo para tratá-lo como o filho que não pude ter. É um anjinho, vai fazer dez anos esse mês. Apesar da distância, não os culpo por mudar para Los Angeles, afinal é onde fica a faculdade que Peter sempre quis lecionar. Eles sempre vêm no feriado de ação de graças, então por mim tudo bem.

Depois de comprar tudo que preciso, vou para casa. Guardo as compras no armário. Coloco a ração para os coelhos e os observo comer, despreocupados. John ama brincar com eles. Entro em casa, tiro o casaco e vou para cozinha preparar o almoço, para quando eles chegarem. A luz da secretária eletrônica está acesa, então aperto para ouvir. É a Jane avisando que vão demorar um pouco por causa da tempestade, mas que está tudo bem. Assim, decido começar a preparar a comida mais tarde, me sento no sofá e pego as agulhas de tricô. Estou fazendo meias de bebê.

O telefone toca, deve ser a Jane de novo. Um homem fala e não é a voz de Peter. Ele diz ser da polícia e pergunta por Get Helis: eu. Fico confusa, mas confirmo. Ele pergunta se sou da família de Peter e Jane Lewis. Meu coração dispara. Respondo que sim. E então ele fala do acidente e desabo no sofá.

Estou calmo. Está tudo indo bem mesmo com a tempestade lá fora. Tomo o maior cuidado possível: mãos firmes no volante, ouvido atento, concentração total na estrada, precisão na passagem das marchas. A mulher mais linda do mundo ao meu lado e no banco de trás o melhor filho que alguém poderia ter. Tudo impecável, modéstia a parte. Tudo indo conforme deveria ser.

Entramos atrás de um caminhão de carga pesada. Penso em ultrapassar, mas desisto da ideia. Tem muito gelo na pista. Jane e eu decidimos que assim que possível é melhor encontrar uma saída e esperar a tem-

pestade passar. Ela sempre fica preocupada quando o assunto é viagem. Então pega o telefone para avisar a Get que vamos atrasar por causa do tempo. No retrovisor, vejo um carro preto dando passagem entre os outros veículos. Agora ele avança pelo nosso, então reduzo para que ele entre na nossa frente. Estamos sem sinal para fazer a ligação então Jane deixa uma mensagem para avisar que está tudo bem. Vejo uma placa que avisa de um restaurante Fast Food a oito quilômetros. A parada perfeita.

O carro resolve continuar ultrapassando, dá a sinalização e eu diminuo a marcha. Parecia uma ultrapassagem normal, mas antes de alcançar a estrada de novo, outro caminhão vem em sua direção. Sinto um arrepio e meu corpo gela. Quando vejo já se chocaram. O caminhão na minha frente tenta frear, mas a brutalidade do movimento faz com que ele derrape e atravesse na pista. Então numa fração de segundos e após uma tentativa inútil de sair dali o caminhão nos atinge.

Perco o controle do carro. O impacto faz com que saíamos da estrada e sejamos arremessados rumo ao barranco. Nesse momento, eu me esforço para não perder a consciência e não deixar minha família sozinha. Olho para o lado a procura de Jane e nossos olhares se encontram. Vejo que está ensanguentada. Ela sussurra que me ama, mas não tenho tempo de responder. O carro cai no abismo e não vejo mais nada. Tudo começa a rodar, mas sei que vai acabar em breve. Não vi o John. Tento virar para trás e confortá-lo, mas não consigo. Então só fecho os olhos e espero o pior. Que Deus nos ajude.

Já é noite. A tensão toma conta de mim. O tempo parece congelar nessas horas. Estou na UTI esperando o médico vir falar comigo e me dar alguma notícia. Já faz 62 horas desde o acidente. Preciso saber como está meu sobrinho, ele está lá dentro sozinho, sem ninguém pra pegar sua mão e contar uma história. Quando ele ia passar o verão comigo eu costumava ler para ele um livro de fábulas que minha mãe me deu quando criança. Ele adorava a história do João e o pé de feijão. Além de terem

quase o mesmo nome, ele queria seu próprio pé de feijão. Todos os dias, ele observava os feijãozinhos que plantou no quintal para ver o quanto cresceram. John queria chegar às nuvens, mas a verdade é que ele não precisava, ele já era um anjo e nem sabia.

Uma enfermeira baixinha chama meu nome. Levanto-me e vou até ela. O médico espera por mim. Ele tem um semblante cansado e ao mesmo tempo acolhedor. Seus olhos me passaram por um breve momento uma sensação de alívio, de que tudo estava bem. Mas então ele falou: sua voz rouca cheia de pesar cortou meu coração. John estava sob efeito de sedativos, ligado a diversos aparelhos que o mantém vivo. Seus órgãos pararam de funcionar. Disfunção múltipla dos órgãos, ele disse. Se não fosse ele ter sido arremessado do carro no momento que capotou, talvez não tivesse nem sobrevivido. Mas é também pela violência da queda que seu cérebro foi atingido. E agora está aqui. É só uma questão de tempo para que a pior notícia seja dada. Eu sinto muito, o médico me diz por fim. Aperta o meu ombro e me deixa sozinha com meus pensamentos.

Eu não posso perdê-lo, tampouco agora que sua mãe se foi. Minha irmãzinha, a jovem e adorada Jane, a caçula da família. Minha companheira de aventuras, confidente e amiga. Como eu a amo. Se ao menos eu tivesse conseguido me despedir, mas foi tarde demais. Deus a levou como ela merecia: rápido e indolor. Pelo menos foi o que a perícia disse: uma única pancada na cabeça. E John nem sabe. Talvez seja melhor assim, por enquanto. Nós a enterramos no jazigo da família ontem. Na verdade, ela e a pequenina Lily que carregava consigo, informação que ela só ia revelar pro restante da família na hora do jantar. Aí que saudades vou sentir. Ouço novamente sua mensagem, sua voz doce dizendo que está tudo bem, mas vão se atrasar. Deus sabe o quanto queria que fosse só um atraso.

Peter senta-se ao meu lado. Ele tenta mostrar-se forte e inabalado, mas é perceptível que está péssimo. Ele teria saído ileso se sua perna es-

querda não tivesse ficado presa nas ferragens, tendo que amputá-la para sair. Mas essa foi de longe sua pior perda. Peter irradia dor. Seus olhos estão tão pesados, fundos e tristes, que o tom verde antes tão vivo parece ter perdido a cor. Era para ele descansar, mas, nesse momento, dormir é passar por todo o sofrimento de novo. O fato mais irrefutável, no entanto, é que ao acordar que enfrentamos nossos piores pesadelos. Impossíveis de fugir e difíceis demais para lidar.

Não sei dizer por quanto tempo estou deitado nessa cama de hospital. O barulho dos aparelhos é o único que ouço. Todos estão aqui para me ver. Pergunto-me porque a morte aproxima mais as pessoas do que a própria vida. É como se a dor fosse capaz de curar mais dor. Até mesmo Tio Fred e Tia Liza vieram com suas famílias. Eles são irmãos do papai, mas nunca cheguei a vê-los, porque moram na Austrália. Só os conheço pelas fotos do álbum do papai.

Eu nunca pensei em como é morrer, mas agora parece a única coisa para fazer. Sei que eu não devia dizer isso, porque com certeza mamãe brigaria comigo, mas ela não está mais aqui. Ela não está. Ninguém me disse, mas eu consigo sentir. Não importa, logo vou encontrá-la. Vou sentir tanta saudade de todo mundo, titia, meus amigos, meu pai. Ah, papai, espero que me perdoe, mas não vou conseguir, vou ter que deixar vocês. Apolo vai ter que viver suas aventuras com outra criança, talvez titia o doe pra alguém. Nunca vou patinar no gelo, nem ter um coelho, nem ir pra faculdade, e agora, nem respirar. Mas apesar de tudo estou feliz, vou realizar meu grande sonho: ver as estrelas de perto.

Esse Tal Workshop

Por Laurielly Maria Itacarambi da Silva – Campus Morrinhos

Ana morava em uma pequena propriedade rural do interior de Goiás. Via sempre o suor no rosto dos pais Maria e Elivaldo que passavam o dia todo na lavoura. Plantavam algumas hortaliças as quais eram vendidas aos domingos na feira da cidade localizada próxima a propriedade. Ana nunca teve grandes aspirações ou sonhos, o que entendia da vida se resumia ao que tinha sido passado a ela pelos pais e ao que tinha aprendido na pequena escola rural em que estudava. Amava os livros, mas como seu pai Elivaldo sempre gostava de ressaltar: “*O conhecimento não pode mudar o mundo, mas o trabalho pode. Então trabalhe minha filha!*”. E assim Ana crescia, levando para si as palavras do pai como se fossem uma verdade absoluta e inalterável.

Em um domingo de Páscoa, aos dezessete anos, Ana foi com a mãe até a feira tentar vender as mercadorias que não tinham a mesma procura que em outras épocas. O pai ficou em casa, há tempos não se sentia bem, desde que começou a usar um novo *remédio* para evitar pragas na pequena plantação vinha tendo fortes crises de tosse e tontura. E lá estava Ana, sentada ao lado da pequena banca a espera de clientes, até que notou a presença de alguns alunos uniformizados e alguém à frente deles, a quem julgou ser um professor. De longe admirava o uniforme branco com detalhes em verde e vermelho, “IF Goiano”, conseguiu ler na camiseta de um deles. Viu que eles estavam entregando alguns folhetos e notou quando um caiu.

Ninguém notara a pequena folha esquecida no chão, ninguém a não ser Ana, que era extremamente observadora. Porém teve sua atenção roubada

por um cliente que acabara de chegar a sua banca. O atendeu e voltou sua atenção novamente para o panfleto, notou que ninguém o pegaria, não havia uma pessoa se quer que notara sua presença abandonada ali naquele canto esquecido da feira, então Ana levantou e deu exatamente quinze passos até alcançar aquele pequeno pedaço de papel. A cor verde forte lhe chamou a atenção, então abaixou-se e tomou-o em suas mãos. Leu a capa “*II Workshop de Agroecologia e Saúde do Produtor Rural*”, não pode deixar de segurar o riso. De fato esse tal de *workshop* era um nome bem engraçado. Pegou o panfleto e voltou a se sentar ao lado da banca. Já confortável, não conteve a curiosidade em olhá-lo novamente, viu que no verso tinham algumas imagens indicando certo e errado, trazia ainda alguns sintomas de intoxicação por agrotóxicos. Nesse momento, ela percebeu o quanto aqueles sintomas eram parecidos com os que o pai vinha apresentando. Assustou-se ao ler que em certos casos pode causar a morte.

Ana não queria que o pai morresse. O que seria dela se perdesse o pai?... Não tinha respostas e não queria descobrir, queria apenas que aquilo tudo fosse mentira, mas em seu íntimo, sabia que não era. Reconheceu os símbolos do panfleto, lembrou-se dos rótulos dos frascos dos supostos “*remédios*” que o pai tantas vezes usou. Sabia que tinha que fazer algo, mas não sabia ao certo o que poderia fazer. Eram tantas informações novas. Guardou o panfleto e iria perguntar na escola no outro dia. Já estava terminando o 3º ano do ensino médio e logo iria se dedicar apenas a ajudar os pais na lavoura.

Quando chegou em casa, se assustou com o estado do pai. Estava vomitando sangue e tossindo muito. A mãe correu para ajudá-lo. Mas Ana ainda ficou alguns minutos parada diante do torpor que dominou seu corpo. Só despertou depois que a mãe gritou para que ela a ajudasse a levá-lo até o carro.

Com muito trabalho conseguiram colocá-lo dentro do carro e foram até o hospital municipal. Onde ele acabou internado. Ana não escu-

tava o que o médico dizia a sua mãe. Mas pressentia que o estado do pai era muito grave. Viu a mãe caminhar ao seu encontro. Tomou coragem e perguntou:

- Mãe, o que o meu pai tem?
- Nada demais, minha filha...
- Mãe, por favor, não minta pra mim.
- O médico ainda não sabe. Temos que esperar os exames, mas ele não está bem...

Ana acolheu a mãe em seus braços e as duas choraram por algum tempo, até que a mãe entrou para ver seu pai. Não permitiam a entrada de menores de idade, então Ana não pode vê-lo. Ao se sentar na cadeira do hospital notou que o papel ainda estava em seu bolso. Tomou-o novamente em suas mãos e começou a lê-lo. Viu no verso quem era o organizador do tal *workshop*: Doutor Fernando Siqueira D’Avilla e ao lado um e-mail e um telefone. Ana não tinha computador, de fato nunca tivera a oportunidade de aprender a usar, mas os via na televisão de casa. Possuía apenas um pequeno aparelho celular. Ao qual os pais sempre diziam que só deveria ser usado em caso de emergência. E de fato era uma emergência. Imaginava que esse médico poderia ajudar seu pai. Então, tomada de esperança, ela ligou.

- Alô. Doutor Fernando?
- Sim, sou eu. Quem fala?
- Meu nome é Ana. Eu vi seu panfleto sobre o workshop.
- Você quer participar? Tem alguma dúvida, Ana?

- O senhor tem que ajudar o meu pai. O médico daqui não sabe o que ele tem. Mas o senhor sabe. O senhor falou no panfleto. Salva ele, doutor. Por favor.

Nesse momento, Ana já se derramava em lágrimas, Doutor Fernando estava do outro lado da linha sem entender o que aquela jovem lhe dizia, mas tomado por compaixão, resolveu ir até o hospital ver do que se tratava. Ao chegar lá Ana o esperava com o panfleto na mão e lágrimas nos olhos. Assim que o viu a garota suplicou.

- Salva meu pai, Doutor.
- Calma Ana, me conte o que está acontecendo...

Um pouco mais calma, Ana pode explicar tudo o que estava acontecendo. E Fernando percebeu que a jovem, ao ler o panfleto, pensou que ele fosse médico e não um agrônomo. Mas ele sabia que o caso era sério. Então, entrou no hospital e foi conversar com os médicos que logo constataram uma intoxicação e passaram a tratar Eliovaldo com a medicação correta. Passado o susto, Fernando voltou a se sentar ao lado de Ana e pôs-se a explicar o que era de fato um workshop e o porquê ele era Doutor, mas não era médico, por fim convidou-a para conhecer o *campus* do Instituto Federal em que ele trabalhava, mesmo local onde aconteceria o workshop. Dona Maria estava extremamente agradecida e então permitiu que a filha fosse ao tal evento.

Ana descobriu um mundo novo a sua volta. Eram tantas pessoas, tantas informações, tanto conhecimento que ela não poderia ficar de outra forma que não fosse encantada. Escutava as palestras e bebia toda a informação que lhe era passada como se fosse a mais gostosa das bebidas. Entendeu, por fim, que seu pai não estava 100% certo em suas colocações, pois o conhecimento poderia sim mudar o mundo. Como um simples panfleto foi capaz de salvar uma vida.

Ela voltou para casa maravilhada com tudo que aprendera. Seu pai agora já estava recuperado e via no rosto da filha uma alegria tão imensa que não pode deixar de apoiá-la quando ela disse querer prestar vestibular para ingressar no curso de Bacharelado em Agronomia. Seu Elivaldo agora entendia que o conhecimento era necessário e essencial para que pudesse desempenhar seu trabalho com qualidade e segurança. Ele amava a filha e não gostaria que ela passasse pelos mesmos problemas que ele. De fato, ele nunca teve oportunidades para estudar e compreender melhor o mundo a sua volta, mas Ana tinha essa oportunidade e ele não poderia impedi-la de correr atrás de seus sonhos. Tinha medo de que ela não conseguisse passar nessa prova que todos diziam ser tão difícil.

Sabia por alto que o filho do fazendeiro ao lado estava na capital fazendo cursinho para fazer a mesma prova que Ana, e que seu pai pagava uma pequena fortuna de mensalidade. Ele sabia que não tinha condições de pagar um cursinho para a filha. Mas não podia transparecer seus medos. Sabia que ela daria o máximo de si. E ele a apoiaria no que pudesse. Sabia que a vontade e a motivação eram essenciais para obter sucesso e Ana tinha os dois.

Seu Elivaldo passou então a levar sua filha Ana até a Biblioteca do Instituto todos os dias, depois que a filha comentou com ele que a biblioteca era aberta à comunidade. Ele nunca poderia pagar por todos aqueles livros, mas levar a filha era o mínimo que poderia fazer. E Ana passou longas tardes de estudo ali. Fernando às vezes aparecia e tirava dúvidas dela e de outros alunos que também estavam estudando para o vestibular. Ana conheceu vários alunos de terceiro ano assim como ela. E juntos formaram um grupo de estudos. Se dedicaram bastante. E no final do ano veio a recompensa.

Ana foi aprovada no vestibular. Tinha se inscrito na categoria de cotas, mas sua nota foi a terceira maior e acabou classificada em ampla concorrência o que fez crescer ainda mais o orgulho de seu pai, pois ele sabia o quanto ela havia se dedicado para alcançar aquela conquista.

Ana sabia da responsabilidade social que tinha agora, afinal o conhecimento poderia mudar o mundo, mas para tal deveria ser divulgado. Ela sabia que todas as informações que circulavam no meio universitário poderiam transformar a vida de milhões de pessoas que ainda viviam as sombras da ignorância. Passou então a dedicar o seu tempo livre em um projeto de extensão, que Fernando fez questão de orientar, onde repassava, em linguagem mais contextualizada e popular, o conhecimento científico que aprendia e produzia durante sua graduação.

Ana sabia que ao aprender alguma coisa era responsável por torná-la acessível as demais pessoas que não tiveram a mesma oportunidade que ela de estar ali aprendendo, mas que ainda assim poderiam se beneficiar desse conhecimento.

Sabia que, além de uma aluna exemplar, seu papel como universitária e futura profissional era bem maior. Deveria também exercer sua cidadania e transformar o mundo a sua volta. No dia de sua formatura não pôde deixar de sorrir ao lembrar, de como tudo aquilo começou com um simples panfleto. Ana sonha em um dia ser Doutora, assim como Fernando, que tanto lhe ajudou. Sabe que a medicina salva inúmeras vidas, mas acredita que o acesso ao conhecimento pode não só salvar como também transformar a vida das pessoas e a sociedade como um todo. Ela encontrou sua maneira de fazer a diferença no mundo e torná-lo um lugar um pouco melhor, sabe que ainda é pouco, mas acredita que as transformações começam assim, com um primeiro passo de uma longa caminhada.

O Mistério das Olericulturas

Por Liliana Santos Silva de Queiros – Campus Iporá

Na contemporaneidade, uma menina chamada Camila com 15 anos, tinha duas irmãs Joice com 6 a e Tati com 12 anos de idade. Viviam na zona rural de um pequeno município da Região Nordeste, eram meninas encantadoras e adoravam o local no qual moravam, porém tinham muitos sonhos, porém, como viviam em um local afastado, para elas parecia ser muito distante a chegar acontecer algo significante. Seus pais tão simples amavam suas filhas e as apoiavam a lutar por aquilo que desejassem para o seu futuro.

Teve um dia na qual Camila se encontrava muito triste, deitada na rede ouvindo os cantos dos pássaros, ficou imaginando como seria sua vida se fosse embora. Muitos pensamentos passavam em sua mente, alguns deles eram: Quando terei o prazer de ver meus pais menos cansados e mais felizes? Teremos comida para amanhã? E minhas irmãs tão ingênuas sonham demais... Não sei o que eu faço para ajudar!

A família passava por problemas, mas o maior para eles eram as dificuldades financeiras, não tinham uma variedade de alimentos em suas refeições diariamente, no máximo que tinham era o arroz branco que era fornecido pela venda de seu Joaquim, que aceitava trocas como forma de pagamento, o local era perto da escola. Passávamos por esses problemas devido à falta de conhecimento e oportunidade de semeadura de algum cultivar pelos aspectos econômicos, pois não tínhamos dinheiro e nem uma renda fixa para começar e manter uma plantação. Por isso, Camila estava descontente ao ver seu pai trabalhando de sol a sol e sua mãe cuidando delas, trabalhando em casa e ainda fazendo artesanato como

tapetes para ajudar na renda da alimentação da família, por fazer a troca na venda para poder comprar o arroz branco para comerem.

Camila mais as suas irmãs iam para a escola a pé, gastavam umas duas horas para chegar, então acordavam às 4h00min da manhã, se arrumavam rapidamente para conseguir chegar a tempo na aula. O que mais a fazia feliz era a escola, por que era o único lugar que tinha esperança de um dia ter uma vida melhor. As aulas acabavam às 12h00min, quando voltavam para a casa. O roteiro era sempre o mesmo, todos os dias. A sua mãe falava:

- Eu as proíbo de irem a outra direção - porque havia muitas histórias e superstições nas estradas do nordeste.

A mais jovem, Joice, era tão novinha sonhava com o mundo das verduras, ela achava que existia um portal no qual havia várias verduras, legumes e frutas. Um dia ela disse a sua mãe:

- Mãe, hoje sonhei com mundo das verduras era tudo tão bonito e com muitas cores, lá existia vida, eles me disseram que um dia seremos grandes produtores de um algo chamado olericultura... Não sei o que é isso, mas deve ser muito bom!

Então a mãe respondeu:

Filha não temos dinheiro, nem sabemos o que é olericultura. Verdura, legumes e frutas esquece, isso é para ricos.

Porém Joice não esquecia deste portal de verdura, e imaginava que seria a solução de todos os problemas, principalmente, da comida.

Em um dia qualquer voltando da escola Joice teve uma ideia, porque não mudar o roteiro da estrada, já que é tão misterioso talvez iria

encontrar o que queria e assim provaria que tudo que disse é verdade, ou seja, existe. Então, quando chegaram à encruzilhada Camila e Tati começaram a seguir pela mesma estrada, porém Joice foi por outra. Quando Camila e Tati perceberam correram atrás de Joice. E assim Joice também correu para que suas irmãs fossem atrás dela e não conseguirem voltar mais pelo mesmo caminho. Pois, já tinham se afastado demais de seu caminho. Cansadas pararam de correr e começaram a discutir entre elas...

Camila disse:

Joice você não tem ideia? Agora nós nos perdemos, não vamos saber como voltar! Logo estará escurecendo e nossos pais vão se preocupar e para completar essa estrada é perigosa tem muitos mistérios.

Começaram a andar, andar, andar... E nada, tudo era tão silencioso só se ouvia barulho dos animais. Então, do nada o tempo se fechou, tudo ficou preto, elas se abraçaram, fecharam os olhos e se encostaram debaixo de uma árvore enorme.

Depois de muito tempo com olhos fechados, decidimos abrir devagarinho.. porque poderia ser um feitiço ou o monstro da estrada!

Estava tudo claro, parecia ser outro mundo, tudo colorido com cores vibrantes. Tinha umas verduras, legumes e frutas andando e conversando entre si. Então, Joice começou a gritar:

– Irmãs é isto que venho sonhando, esse é o mundo das verduras.

Enquanto as meninas ficavam admirando tudo, veio até elas um coelho que se chamava Feliz.

Olá, me chamo Feliz e sou o mago do mundo das olericulturas. O que vocês precisam? O que fazem aqui?

Somos irmãs e a minha irmãzinha Joice sonhava com o mundo das verduras, só que não acreditávamos que existia. Como passamos por necessidades de alimentação, ela quis resolver nosso problema pedindo ajuda a vocês, então nós nos perdemos na estrada, correndo atrás de Joice.

Feliz disse:

Sejam bem vindas!

Eu acho que posso ajudar vocês, mas não só eu, mas também todos da família de olericultura! Cada membro tem sua espécie e o seu lar. Vou passar o mapa para vocês! No mundo das verduras vocês devem começar de trás para frente, ao terminar o portão irá se abrir, o único conselho que dou é: aprendam bem cada cultura e valorizem o que cada uma ensinar, não se esqueçam de que tudo tem um por quê e para quê? Então vão para casa. Ah.. e nunca expliquem ou contem como vieram parar aqui e o que viram. Então, desçam até o final, do lado esquerdo tem os senhores e as famílias do abacaxi, acerola, ameixa, caju, figo, laranja e limão. Já do lado direito, tem o milho verde, mandioca, chuchu, cenoura, tomate.

Então as meninas seguiram o roteiro do mapa, em cada lar as olericulturas tinham uma família e sempre davam ensinamentos de como cultivá-las e ao terminar eles davam um saquinho na cor de sua espécie, falavam que era um presente, mas que só poderia ser aberto em casa com toda a família, de forma sigilosa entre eles.

Até que chegaram ao portão já haviam passado por todas as famílias e estavam ansiosas para chegar em casa e colocar tudo o que aprenderam em prática. Se sentiam muito felizes por terem ganhado presentes coloridos dados com tanto carinho. Foram embora, quando o portão se abriu o tempo fechou ficou tudo escuro, fecharam os olhos e se abraçaram. Quando abriram os olhos perceberam que estavam em casa e que não havia passado muito tempo, de modo que chegaram no horário previsto de um dia comum de

volta da escola. O estranho é que surgiu um livro de tamanho médio, quadrado e com cores de arco íris, em meio aos saquinhos de presentes. Ao abrir o livro tinha todos os procedimentos, figuras e receitas do mundo das olericulturas e nos saquinhos eram sementes.

Com isso, chamaram os pais e explicaram tudo o que havia acontecido. No começo não deram muita importância, mas quando viram os presentes e o livro, começaram a perceber que era verdade, pois não existia tal coisa onde moravam, algo tão belo como o que estavam se deparando. Devido viverem no nada, afastado de informações, esse tipo de presente não era encontrado em seu meio. Ao abrir o livro tinha na capa uma mensagem: “Este livro é dado com muito amor. Do seu amigo Feliz. Lembre-se que tudo tem um porquê e para quê! Então, não desistam, sigam o livro, que oportunidades surgirão”.

Passaram-se dois anos e a família toda estava trabalhando, ao redor da casa tinha todas as cultivares plantadas, tudo colorido e intrigante. As produções eram tão boas e bonitas, que todas as pessoas começaram a ter vontade de conhecer e desfrutar, pois ninguém conseguia produzir tantas culturas. Muitas famílias se agregaram à mesma terra e, com isso, decidiram chamar o local de mundo das olericulturas. Desse modo, nunca mais passaram fome e necessidades.

Porém, esse não foi o único acontecimento, as coisas não iriam acabar somente com as plantações de tantas culturas. Joice como era uma menina muito esperta e curiosa, quando estava no mundo das olericulturas, o coelho Feliz deu a ela escondido de suas irmãs, um saco contendo uma semente de cada espécie e um pequeno papel no qual havia algumas palavras. Não eram sementes comuns, tinha um brilho diferente, com a implantação delas haveria a criação de outro acesso a um portal mágico. Mas para que o portal fosse implantado havia uma regra, somente seria possível cultivá-las quando quisesse fugir da realidade e tivesse verdadeiros sentimentos acerca do que deseja ao semeá-la, porque as sementes são como um coração que precisa ser bem cuidado, mas só saberá o que irá acontecer se plantá-las.

Me Desculpe, Mas Sou Uma Assassina

Por Sâmela Lôbo Carvalho – Campus Ceres

Já se passou mais de uma hora, e ainda estou parada no mesmo lugar, encarando a maçaneta da porta. Entrar em casa não deveria ser uma tarefa difícil e torturante, muito pelo contrário, deveria ser algo esperado, reconfortante, no mínimo natural. Mal consigo lembrar-me de quando foi a última vez que me senti assim ao passar por aquela porta.

Tomo coragem, e abro a porta. Entro. Coloco minha bolsa na pequena mesinha e respiro fundo pois sei que ao me virar, meu pesadelo começará novamente, e voltarei a ser invisível. Passo pelo corredor. No corredor, me viro para a esquerda e paro, um gesto que sempre evitava ao passar por ali. Vejo todas as fotografias de Pedro penduradas: aniversários, o dia no parque, a primeira vez na escola, os tão esperados Natais de família e até mesmo aquela foto que a mamãe odeia: a do aniversário surpresa que fizemos para ela. Percebo que estou parada, e que, mesmo invisível, as pessoas devem estar me observando. Continuo o caminho. Entro na cozinha, onde a mesa está posta e meus pais conversam, mas como sempre, não foi colocado lugar para mim. Meu estômago está embrulhado, pego apenas um copo d' água, subo as escadas para meu quarto e o coloco o copo na cômoda.

Olho o relógio, ainda faltam quase duas horas. Entro no banheiro, começo a me despir, tiro os cílios postiços, a maquiagem, e finalmente, o cabelo. Ligo o chuveiro, a água está bastante gelada, mas isso não me incomoda. Entro debaixo. O banho não foi longo, me enrolo na toalha e saio do banheiro. Quando entro no quarto, me olho no espelho, e começo um dos rituais mais prazerosos e torturantes da minha vida.

Olho para o espelho, e ele está lá. Esse é o único momento em que lembro que os resquícios de Pedro ainda existem. Normalmente, tento me arrumar o mais rápido possível para me livrar do reflexo dele, começo a fazer os contornos com a maquiagem, ponho o cabelo de volta e me enfio em uma roupa para poder voltar a ser eu mesma.

Hoje é uma ocasião especial, e também é a última que verei os resquícios do Pedro. Então faço tudo com bastante calma, e de repente, talvez pela melancolia que me cerca devido ao que preparei para essa noite, tenho alguns *flashbacks*, e a vida de quem um dia foi Pedro passa toda diante dos meus olhos. Às vezes em que eu brincava com bonecas e depois apanhava por isso. As horas que passei trancada no quarto por usar maquiagem, os tapas que levei no rosto ao sair de casa com uma saia, os vários olhares de reprovação que vinham de todas direções, as piadinhas feitas pelos colegas e classe, o dia em que me afirmei Alice e fui xingada e renegada por minha própria família. Todos os momentos em que fui ignorada e destrutada a partir de então.

De repente tudo parou, olhei para o espelho e vi meu próprio reflexo, não existia mais nada além de mim mesma, Alice. Faltava pouco mais que meia hora. Peguei o lápis e um pedaço de papel e me desculpei. Disse o quanto amava meus pais, independente de todos os ocorridos, e pedi perdão. Perdão por ter matado o tão esperado e planejado garotinho deles, por tê-lo matado jovem, matado todas as esperanças e idealizações que haviam sido traçadas para ele. Por ter matado o futuro dele, a nora e os netos que vocês tanto sonhavam ter. Eu sei o quanto vocês amavam o Pedro, e sei também o quanto foi difícil perdê-lo um pouco a cada dia que se passava. Eu o assassinei de forma lenta, gradativa e agonizante para vocês, pois Pedro e eu não podíamos existir juntos, e para que eu sobrevivesse, Pedro teria que ir embora. Peço desculpas por ter assassinado o filho de vocês, mas peço mais desculpas ainda por não ter conseguido conquistá-los, e não ser uma filha tão ideal quanto Pedro. Assinei “Com mil perdões, Alice”.

Lembrei-me do relógio, faltavam 7 minutos. Me olhei no espelho, peguei o copo e coloquei o papel sobre a cama. Dessa vez não bebi a água junto com meus hormônios. Abri a gaveta e peguei o saco de comprimidos tarja preta que estavam lá há mais de um ano. Os tomei, um por um. Deitei na cama, me cobri e dei as costas para a porta, esperei ouvir o rangido dela se abrindo, como acontecia toda noite quando eles achavam que eu já estava adormecida. Minha mãe, entrou, pegou o copo, um pouco antes de sair, algo a fez parar. Pude sentir ela me olhando durante alguns segundos, e depois de quase um ano sem dirigir uma palavra a mim, ela murmurou, quase inaudível, um leve “tenha bons sonhos” e saiu do quarto.

E com essa frase eu fiquei tranquila, suspirei e finalmente fechei os olhos.

O Desinteressante Estereótipo da Classe Média

Por Victor Hugo Pereira – Campus Urutaí

“É agonizante! As paredes grossas que me limitam ao mundo exterior refletem a pouca luz que penetra por entre as lacunas de minh'alma. O tempo passa cada vez mais devagar quando se olha para o relógio. Sinto-me perdido, mas sei perfeitamente onde me encontro. Estou dentro de mim mesmo, encarcerado pelo silêncio, envolto por sangue e lamentando a solidão.”

Tais pensamentos pertencem a Henry Woodcock, jovem e recém-graduado, olhos avermelhados e mãos trêmulas, enquanto ajoelhado na sala de estar, observando de forma vazia os poços vermelhos que escorriam por entre seus dedos no chão e tomavam o ambiente fúnebre e sombrio à meia-noite. Seu pequeno irmão e sua amada mãe encontravam-se estirados ao carpete, com cortes limpos pela garganta e pulsos.

Ao amanhecer daquele dia, Henry levantou cedo e tomou café. Seguiu para o escritório onde estagiava e retornou para o almoço. O clima na casa estava tenso desde a partida de seu pai, quando o rapaz confrontou-o sobre a forma como ele o tratava. O pai de Henry era um homem consideravelmente rico, cuja personalidade egocêntrica mal permitia a aproximação de funcionários bajuladores.

Apesar dos fortes sentimentos pela mãe, esta apoiava o seu pai plenamente. A mulher acreditava que seu filho era rebelde e delinquente, cujas ações não condiziam com a maneira como fora ele criado. Reprovava ainda mais as relações de seu filho, que não se limitava aos velhos afortunados, brancos e bem casados vizinhos da família.

Discussões desencadearam-se novamente. Henry saía de casa, naquela tarde, enfurecido e decepcionado, retornando apenas por volta de noite.

Vinte e cinco minutos foram necessários para que Henry retomas-se a consciência e mais doze para que tomasse providências. Ligou para a emergência e após quinze minutos, sirenes ecoaram pela madrugada até alcançarem a residência Woodcock, nome reconhecido na sociedade de classe média alta da cidade, de família tradicional e situação econômica estável. Não tardou para que o pai do garoto descobrisse, por ligações de vizinhos, o enredo daquela noite. Este se encontrava em uma viagem internacional a negócios, que se estenderia até o restante da semana.

Viaturas, ambulância e vans de jornais locais lutavam por uma vaga ao jardim da casa, tumultuando todo o bairro. Luzes por luzes acendiam-se ao longo da Rua Quentin, resultando em rostos curiosos pelas calçadas, com suas camisolas elegantes e pijamas de seda.

A polícia tratou de afastar os mais ousados que se aproximavam para assistir ao “espetáculo”, enquanto os corpos eram levados e Henry entrava na viatura rumo à delegacia.

O jovem olhava pela janela com expressão vaga. As luzes da cidade não o encantavam. Seu rosto estava seco. Não derramou sequer uma lágrima. O silêncio permaneceu até chegarem ao local desejado.

- Senhor Woodcock, sinto que esta não tenha sido uma noite digerível. Não posso pedir que procure paz em suas memórias, mas quero assegurar-lhe de que encontraremos o culpado!

Henry não podia responder ao delegado. Seus olhos o encaravam, seu corpo sentava-se desajustado à cadeira, mas sua mente pairava por outros lugares e pensamentos. Era visível o desespero interno do rapaz, que alisava acirradamente o anel de prata ornamentado por zircônias que

recebeu de sua mãe após sua colação de grau. Este era um hábito constante nas últimas semanas que transmitia seu orgulho pessoal pelo diploma de Direito. No momento, as únicas emoções transparecidas eram o amor e a dor da perda.

- O senhor tem algum parente ou amigo que possa oferecê-lo um lugar para se alojar por esta noite? Precisamos nos certificar de que fique em segurança.
- Não... — Respondeu com voz fraca — Ou melhor, pode ligar para um amigo, por favor? Está na minha lista de contatos, seu nome é Don.
- Tudo bem, senhor. Faremos o possível!

Don demorou a chegar à delegacia, mas levou seu amigo ao seu apartamento. O garoto tentou consolá-lo com um diálogo, mas falhou claramente ao ser correspondido com silêncio. Chegando à residência — um local simples, com sala, quarto, cozinha americana e banheiro; de tinta desgastada nas paredes e janelas velhas e arranhadas — Henry atirou-se à cama e permaneceu até ser envolvido com um abraço do outro rapaz. Nenhuma palavra fora proferida até o amanhecer.

De cara amarfanhada e visão embaçada, Henry tentou resistir aos raios de sol que adentraram o quarto pela janela. Era manhã. Dirigiu-se ao banheiro, encheu a boca de água e gorgolejou. Seu celular vibrou sobre a pia. Atendeu com pouca vontade e partiu para a cozinha.

- Quem era? — Indagou Don, preocupado.
- Minha tia. — Respondeu Henry, relutante em conversar.
- E então?

- Queria avisar que liberaram os corpos e ela preparou o funeral.
- E quando vai ser?
- Já está acontecendo. O enterro será pela tarde.
- Arrume-se! Minhas roupas devem servir em você.

O jovem não demonstrava menor interesse em ir. Ainda menos com Don. No dia anterior, ele e a mãe discutiram algo relacionado ao amigo. A família Woodcock não demonstrava empatia por este. Mesmo assim, preparou-se e os dois foram em direção ao local.

O cemitério estava lotado. Parecia uma festa elegante, com tantos carros e pessoas bem vestidas logo ao portão, aguardando por Henry. Quando este chegou, sua tia foi a primeira a abordá-lo. Aos prantos, ela o agarrou em um abraço agressivo e comovente.

- Oh, meu menino, sinto muito!

Ignorando a comoção da mulher e observando seu redor, Henry se deparou com Travis, seu tio por casamento, que fitava Don com olhar repreensivo. O homem de meia idade foi aproximando-se e abraçou secamente o sobrinho, para proferi-lo sussurros ao ouvido:

- Sorte que seu pai não está aqui! Soube que sua relação com ele não tem andado bem. Não seria bom vivenciar tamanho luto com tanto peso sobre suas costas.
- Não se preocupe comigo, tio. Tenho certeza de que sua mulher necessita de mais atenção que eu, no momento.

Travis saiu com expressão fechada e passos pesados. Passou por Don e cumprimentou-o de forma irônica: “Bonito colar”. Referia-se a uma corrente cravejada de ágatas negras, faltando algumas destas, a qual ele sabia que uma vez pertenceu ao sobrinho.

Indiferente, Henry encarou Travis. Afastou-se ao máximo do casal, indo em direção às urnas. Os rostos pálidos de sua mãe e seu irmão pareciam serenos. Seus corpos foram envoltos por géberas e rosas.

A comoção do momento não conseguiu arrancar o choro reprimido de Henry.

- Senhor Woodcock, sei que é um mau momento para tratarmos disso — Abordou-o, o delegado — Mas acreditamos ter encontrado um forte suspeito para o ocorrido.
- Estou ouvindo...
- Na cena do crime, o assassino deixou pistas que batem com os padrões de comportamento de Ryckon Chedwoo. Este homem é procurado pela polícia por roubos, agressão à mulheres e tráfico de drogas em escolas municipais. Um criminoso pequeno e com problemas psicológicos.
- A ficha dele não me interessa!
- Segundo nossos investigadores, chegamos a um indivíduo. Um jovem negro que trabalhava em sua rua limpando as piscinas de casas vizinhas. Talvez estivesse procurando por dinheiro e jóias quando se deparou com sua família chegando do mercado. — Disse o delegado — Mas, senhor Woodcock, não descartamos outros suspeitos. É melhor tomar cuidado com as pessoas com quem se relaciona. Uma família como a sua atrai muitos interessados de índole duvidosa.

Novamente, Henry ignorava-o, enquanto refletia sobre outros assuntos. Talvez não refletisse sobre nada. Talvez estivesse de mente vazia e o fizesse com frequência. Talvez tenha sido o trauma. A situação resumia-se a inúmeros “talvez” rodeando uma única certeza.

- Obrigado, delegado! — Respondeu de forma grosseira — Mantenha-me informado caso descubra mais alguma coisa.

Henry não demonstrou interesse nas palavras do oficial. Não poderia se satisfazer com informações tão simples, além de ter percebido as insinuações do homem. Apesar da situação, ele não parecia tão abalado e, por isso, estava tenso. Era como se ele se culpasse. Aquilo ter ocorrido após uma discussão... Não é a melhor maneira de se despedir de alguém que você ama.

A relação familiar deles era comum. Demonstrava certa amizade por seu irmão, era carinhoso com a mãe, apesar do rapaz não se dar bem com o pai, como já citado.

- A propósito, encontramos no chão o que acreditamos ser um seixo (pedra) preto. Parece compor algum acessório ou algo do tipo. A resistência de sua mãe deve ter feito com que o objeto caísse. Vamos averiguar se não há alguma digital para que tenhamos certeza.

Com isso, despediram-se.

Henry dispensou a carona de seu amigo Don, bem como a de seus tios e conhecidos da família. Após o enterro, ele saiu pela cidade. Lia, com o celular na mão, mensagens de amigos demonstrando seus sentimentos e condolências, até ser surpreendido por um email de contato desconhecido.

No email, estavam anexas fotos de sua casa e de sua falecida família em outro momento, além de números aleatórios como texto.

Apavorado, porém, curioso, Henry salvou o número no celular e ligou para ele, numa tentativa pouco provável de descobrir algo sobre a noite passada.

A ligação durou até o fim, não sendo atendida. Na secretária eletrônica, uma mensagem. A voz rouca e masculina que dizia ao telefone especificava um endereço conhecido pelo jovem. Um velho galpão no nome do pai que já se afundava em desuso há anos. A única pessoa que o frequentava era o próprio Henry, que encontrava lá, um lugar como alternativa para fugir de seus problemas.

A última vez que ele esteve no galpão fora com Don, onde diálogos que o confundiram emocionalmente aconteceram. Aliás, a situação entre os dois era tensa até a noite passada, onde tiveram que esquecer suas divergências pela experiência traumática.

Henry acelerou o passo aos poucos até poder encontrar o velho galpão em seu campo de visão. A partir daí, o rapaz correu até a porta que se encontrava destrancada. Seu telefone começou a vibrar, mas ele o ignorou acreditando que fosse alguém querendo lhe desejar pêsames ou localizá-lo.

O lugar era usado como depósito para coisas que a família já não usava mais. Poucos móveis e caixas mofadas estavam dispostos na sala úmida e escura, tocada timidamente pela pouca luz que invadia as janelas. Já era meio tarde, cerca de 18h00min.

Prosseguindo em seus passos, Henry adentrou o ambiente deparou-se com uma mesinha enferrujada, onde estava apoiado o telefone que lhe informou o endereço. Acariciou intensamente seu anel como um tique nervoso. Percebeu uma pequena falha, mas ignorou-a.

Não havia nada de estranho, senão um móvel envolvido por um lençol que costumava ser branco, antes de toda aquela poeira.

Aproximando-se aos poucos, seus dedos tocavam, fragilmente, a joia que envolvia seu indicador, movendo-se num único sentido. O suor frio do rapaz pingava sobre as tábuas de madeira do chão. Tanto quanto abarrotada quanto vaga de ideias, sua mente funcionava de forma imprecisa perante o terror que se expressava em calafrios constantes.

Já de frente para o móvel, sua mão tocou o lençol e o puxou de uma única vez, propagando uma fumaça densa que o fez tossir e fechar seus olhos por um instante.

Seu celular torna a vibrar, e é novamente ignorado. Ao abrir suas pálpebras, ele se depara com um espelho embaçado e trincado, refletindo sua feição de medo. Um papel amassado com letras soltas estava fixo ao espelho. Parecia um anagrama simples:

HENRYWOODCOCK / CHEDWOORYCKON

Estupefato, Henry Woodcock pôe sua mão no bolso, procurando alcançar o dispositivo móvel que vibrava incessantemente. Na tela, o número do delegado.

“Senhor Woodcock, precisamos que nos diga onde está! Encontramos uma digital na pedra, além de resquícios de prata. Trata-se de uma z...” — Desligou.

Don Lawrence passou a noite em claro. Tocado por uma insônia de preocupação, o recém-graduado em direito apresentava olheiras em sua face tomada pelo álcool e fumaça de cigarros. De família humilde, Don era esforçado e se orgulhava de ter conquistado o que conquistou por mérito. Henry representava parte importante de sua vida e eles compartilhavam de fortes sentimentos.

O rapaz mal percebeu o amanhecer de um novo dia. Pegou seu casaco e desceu, partindo em direção a uma cafeteria.

No caminho, uma pausa na banca de jornal, onde estava esboçado o rosto de seu “amigo”. Don pega um e o abre, acreditando que encontraria uma matéria sobre o duplo assassinato na residência Woodcock, mas fora surpreendido pela manchete:

“*Jovem de classe média assassina família*”. Aterrorizado, ele prossegue em sua leitura e encontra o texto seguinte:

“*O jovem Henry G. Woodcock, de família tradicional, aparentemente sofria de transtornos psicológicos e vivia em um complexo de dupla personalidade. Ryckon Chedwoo, seu outro nome, era procurado pela polícia por pequeno porte de drogas e assaltos leves. Este é um verdadeiro choque para a alta sociedade local*”.

Suas mãos não reagiam mais, abrindo-se e deixando que o jornal encontrasse o chão molhado pelos chuviscos tênues daquela manhã. Aquelas palavras exerceram muito mais que sua função informativa. Palavras carregam diversos tipos de emoções, mas é inegável que por trás da maioria delas, há dor. Neste caso, apenas para Don.

Já para “alta sociedade local”, aquele texto estava dotado de vergonha e decepção, mascarados pelo eufemismo evidente em certas informações. Talvez se o limpador de piscinas fosse culpado, pudesse ser lido algo mais agressivo e interessante, que evidenciasse a criminalidade esperada das demais classes.

O Cabelo Como O Bem Mais Precioso

Por Shely Fernandes da Silva – Campus Avançado Catalão

Era uma vez uma cidade pequenina, onde os habitantes eram muito felizes. Tratava-se de um lugar um pouco diferente, pois as pessoas acreditavam em um “deus do cabelo” e, com isso, adotaram o seguinte padrão de beleza: quem tinha o maior cabelo seria o mais bonito, teria maior poder sobre a cidade e ocuparia os melhores cargos.

Além disso, eles acreditavam que o crescimento forte e saudável de seus cabelos estava condicionado às suas ações. Sendo assim, caso ajudassem as pessoas e cumprissem as leis, o “deus do cabelo” faria com que seus fios capilares fossem os maiores e os mais belos.

Nesse sentido, todos os anos havia disputas entre os residentes para saber quem governaria a cidade e, é claro, ganharia quem tivesse os maiores cabelos. Katty era uma mulher muito bonita e governou durante dez anos seguidos. Ninguém conseguia tirá-la do poder, pois ela tinha a maior cabeleira e era conhecida como a “rainha dos cabelos”.

Além disso, Katty adorava governar porque isso a propiciava uma vida muito melhor do que a de todos e de muita fartura. Em geral, ela era o centro das atenções e sua única obrigação - além de cuidar dos seus preciosos cabelos - era a de dar ordens às pessoas a respeito do que deveriam que fazer.

Todo ano, já acostumada a ganhar, Katty nem se preocupava com as competições, pois tinha a certeza de sua vitória. Contudo, certa vez, durante a disputa, quando foram medir os cabelos, tiveram uma grande

surpresa. Outra mulher, chamada Lady, estava com o cabelo belo e maior. Isso fez que o poder de Katty fosse tomado.

Depois da disputa todos continuaram suas vidas normalmente, trabalhando e seguindo as regras da nova majestade. Ninguém dava mais atenção para a antiga rainha e isso a deixou muito revoltada, cheia de ódio, com um coração mal. Ela não aceitava ter perdido, já que gostava das mordomias que costumava ter enquanto estava no poder.

Muito irritada, Katty saiu da cidade andando sem rumo. Parecia que não estava naquele lugar, era como se tudo tivesse desmoronado para ela até que, meio despercebida, tropeçou em algo que cortou o seu pé. Isso a levou a dizer muitas palavras constrangedoras. Com ainda mais raiva, pegou o objeto que a havia cortado e tinha vontade de jogá-lo longe. Mas, ao observá-lo bem, percebeu o quão impressionante era e que nunca havia visto nada parecido antes. Dessa forma, como era algo novo, a ex-rainha decidiu ficar com ele.

Ainda com o coração cheio de ódio, ela teve uma ideia de vingança. Sendo assim, pensou que, se o objeto havia cortado o seu pé, poderia cortar qualquer outra coisa. Então planejou algo para acabar com a alegria de todos daquela cidade, pois estava sentindo-se traída por eles. De volta à cidade, a moça vingativa esperou com que toda a população dormisse e foi de casa em casa, cortando o cabelo de todos, sem nenhuma piedade.

Quando acordaram, e notaram que estavam sem os seus cabelos, deu-se um imenso desespero. Começaram a gritar e saíram todos loucamente pelo lugar tentando entender o que havia acontecido. Para Lady, foi tamanha a sua decepção, de modo que só sabia chorar. Enquanto isso, a população andava pela cidade inteira com o objetivo de descobrir alguma coisa e todos se surpreenderam quando viram que apenas a antiga rainha estava com o cabelo comprido. Imediatamente a acusaram de ter feito a grande maldade. Porém, em sua defesa, Katty começou a gritar:

- Ora, não fui eu! Como eu poderia praticar tamanha maldade contra vocês? Só há uma explicação: o “deus do cabelo” os castigou por terem me ausentado do poder. Fica claro que o desejo dele seria que eu continuasse a governar. Assim sendo, caso eu não volte ao poder, certamente mais castigos virão... ao contrário, garanto a vocês que, comigo, as coisas vão melhorar!

A cidade inteira estava tão triste e desapontada com o que havia acontecido que tiraram Lady de seu trono permitindo, então, a volta de Katty ao poder. A população acreditava mesmo que tinha sido castigada pelo “deus do cabelo”.

Com o passar do tempo, os cabelos das pessoas começavam a crescer. Todos voltavam a ficar muito contentes e a rainha, por sua vez, era cada vez mais idolatrada. Isso porque ela havia prometido que as coisas iriam melhorar e, certamente, estavam melhorando. O povo acreditava que seus cabelos estavam grandes e belos por conta do retorno de Katty ao poder. Enquanto isso, a rainha estava mais feliz do que nunca, já que conseguira enganar a todos e estava vivendo muito bem.

Carregava consigo a certeza de que a sorte sempre estaria ao seu favor até que, mais vinte e oito anos se passaram, e Katty ficou muito doente. Estava fraca, quase não comia nada e havia emagrecido muito. Ninguém sabia o que estava acontecendo.

Todos os dias ela penteava seus cabelos em frente ao espelho e, certa vez, percebeu que eles estavam muito quebradiços e caindo. Inicialmente, aquilo não importava tanto, pois tratavam-se apenas de alguns fios. Porém, com o passar dos dias, a preocupação começou a surgir, uma vez que isso passou a acontecer com enorme frequência.

Certa manhã a rainha acordou e percebeu que estava completamente careca. Ficou muito triste, desmotivada e lembrou-se da enorme

maldade que havia feito com o povo daquela cidade. Pois bem, a maldade se virara contra ela! E, com isso, seu coração se encheu de ódio e angústia. Sentia um desprezo total a ponto de escrever uma carta e, logo depois, tomar um veneno o qual provocaria a sua morte.

Com o sumiço da rainha, muito preocupados, seus súditos foram atrás dela. Invadiram seu palácio e a encontram, em seu quarto, morta. Em cima de seu peito tinha uma carta que dizia o seguinte:

“Meus súditos, não fiquem tristes, não mereço que tenham piedade de mim! Quero apenas deixar um conselho: depois de um tempo descobri que, o mais importante, é a beleza interior. Sendo assim, de nada adianta ter os cabelos grandes e a alma podre. Hoje percebi o quanto fui mal e o quanto enganei todos vocês. Eu não aguentaria viver com essa culpa, por isso me matei. Fiz algo muito grave aos habitantes desta cidade e não quero contar-lhes o que foi. Só peço que saiam daqui e vão à procura de outro lugar para viverem. Deixem de lado essa ideia de que a beleza está apenas em cabelos grandes, pois a beleza está no interior de cada um!”

Depois disso os súditos, meio confusos, realizaram o último desejo de Katty. Saíram daquele lugar e nem sequer lembraram-se de realizar o funeral dela. Encontraram um novo local para viver e as coisas já não eram como antes, pois ninguém se importava mais com o tamanho do cabelo, mas sim com o que as pessoas poderiam oferecer de melhor.

Na antiga cidade sobrou apenas uma habitante, a Lady. Ela ainda estava com muita raiva da ex-rainha, agora falecida. Assim sendo, o único jeito que Lady achou de se vingar foi jogando o corpo de Katty para os crocodilos que ficavam dentro do rio que rodeava o palácio. Depois disso, não se sabe o que ocorreu com Lady, mas acredita-se que ela tenha morado no palácio sozinha por um bom tempo e que acabou morrendo por ali mesmo.

O Menino do Pé de Pequi

Por Diego Pinheiro Lopes – Campus Trindade

Já era tarde da noite. Observava o gado no pasto, quando escutei passos leves e rápidos sobre a estrada de terra. Era alguém vindo. Fiquei curioso para saber quem vinha àquela hora em uma rua tão escura e parada. Era um jovem garoto. Estava sujo e nervoso. Parou debaixo de um pé de pequi... Abriu uma mochila e puxou uma coisa que não vi bem o que era, mas parecia uma faca ou algo assim. Parou e ficou vários minutos olhando para o objeto que havia puxado. De repente, guardou o objeto e ajoelhou-se no chão. Curvou a cabeça e levantou as mãos para o céu.

Depois de alguns minutos, levantou-se e foi embora. Achei estranho aquilo, mas já estava tarde e decidi dormir. No dia seguinte, acordei cedo. Tirei o leite das vacas, apartei o gado, botei lavagem para os porcos. Fiz tudo aquilo que fazia todos os dias. Dormi bem cedo e acordei de madrugada, no mesmo horário que tinha visto aquele rapaz embaixo do pé de pequi. E fiquei observando para ver se ele voltaria. Mas não vi nada. Passaram-se três dias e até havia me esquecido daquele episódio. Já estava dormindo, quando escutei um chiado de uma bicicleta na estrada. Levantei-me ligeiro e fui até a minha janela. Era novamente aquele rapaz. Dessa vez, ele estava com as roupas limpas e uma bicicleta novinha. Foi para o pé de pequi e ajoelhou-se. Levantou as duas mãos para o céu e ficou vários minutos ali debaixo. Logo após, com um sorriso no rosto, foi embora.

Depois desse dia, o misterioso rapaz aparecia todas as noites e, durante várias semanas, fazia sempre essa mesma coisa, no mesmo horário, no mesmo lugar e com as mesmas atitudes: ajoelhava-se, levantava as mãos para o céu e ficava vários minutos naquela mesma posição... agra-

decendo alguma coisa. Eu ficava cada vez mais curioso para saber o que ele tanto agradecia. Fiquei com uma imensa vontade de chegar até ele e perguntar, mas fiquei com medo de ele não gostar. Então, preferi só observar. Certa noite, ele não veio. Fiquei preocupado e esperei para ver se aparecia na outra noite. Mas, ele, desta vez, também não apareceu.

Esperei durante uma semana e nada... um mês... dois...três...quatro...cinco meses. Será que tinha acontecido algo? De repente, um dia, naquele mesmo horário, naquela mesma estrada escuto uma moto “minguando a toada e pareando” com o pé de pequi. Logo pensei: será ele? Levantei-me na carreira e abri minha janela. Era ele! E desta vez estava bem arrumado e com pressa. Foi bem ligeiro levantou os braços bateu palmas e disse em alto tom: – Obrigado, Pai! Obrigado, meu Deus! Montou sobre a moto e foi embora, gritando: “obrigado, obrigado, obrigado”. Depois daquele dia, ele sumiu por um bom tempo. Eu sempre me lembrava dele quando olhava para aquele pé de pequi, e ficava imaginando onde ele poderia estar.

O tempo foi passando... um ano, dois...três...dez anos depois. Pensava comigo: “aquele rapaz deva ter morrido ou mudou-se para bem longe daqui”. A idade havia chegado, minha saúde já não era mais a mesma. Dez anos se passaram e eu não nunca mais tinha visto aquele rapaz, nem mesmo na cidade. Tinha perdido a esperança de tornar a vê-lo. Vinte anos se passaram.

Eram vinte anos que eu não tinha visto mais aquele rapaz. Em uma noite qualquer, a doença me chegou de forma inesperada: era um infarto. Não me lembro bem, mas acordei já no hospital. Quando acordei, havia uma enfermeira ao meu lado e disse: – O doutor salvou sua vida. Fiquei feliz e curioso para saber quem era o médico que havia salvado minha vida e pedi a enfermeira que o chamasse. Quando ele chegou, percebi que conhecia aquele homem de algum lugar... Era ele! Era o menino do pé de pequi. Olhei no fundo dos olhos daquele homem, e disse: – Então

é você aquele rapaz que se ajoelhava embaixo do pé de pequi! Ele olhou para mim, deu um breve sorriso e disse: – Como o senhor sabe? Eu contei a ele tudo o que eu tinha visto. E, para satisfazer a minha curiosidade, perguntei-lhe o porquê ele fazia aquilo quase todas as noites. Ele curvou a cabeça e começou a chorar, e me disse: – Meu senhor, aquele primeiro dia que me viu, eu estava decidido em me matar.

Não havia nada que me tirasse daquela ideia. Peguei uma faca e coloquei dentro da minha mochila e fui por uma estrada de terra escura... quando avistei um pé de pequi, decidi que seria debaixo dele que eu faria aquilo. Mas, quando cheguei lá, decidi dar a mim mesmo uma última chance. Então me ajoelhei, ergui minhas mãos ao céu e pedi a Deus para que ele me abençoasse e não desistisse de mim; que Ele me desse uma chance de ser feliz... E, se nada de diferente acontecesse, eu voltaria ali e iria me matar.

Naquela mesma semana, consegui um emprego e comprei uma bicicleta. Voltei até aquele lugar com lágrimas no rosto, agradei a Deus e disse a Ele: “não desista de mim, Senhor”. Senti um arrepio e escutei uma voz dizendo: “Eu tenho muitos planos para você meu rapaz, você vai longe!” No dia seguinte, voltei a estudar e desde então não parei mais. Estudei tanto que quando fiz o vestibular fui aprovado em medicina. Logo que vi o resultado, não pensei duas vezes, peguei minha moto e fui correndo para aquele lugar agradecer. Depois me formei, virei doutor... casei; tenho hoje filhos lindos, casa, carro e sou o dono deste hospital. O rapaz, emocionado, disse que iria comigo naquela noite lá no pé de pequi, mas quando chegamos no pé de pequi, ele havia sumido. Simplesmente desapareceu, de um dia para o outro. Quando chegamos perto, no chão, havia uma mensagem. Eu, sem saber ler, fiquei olhando sem saber o que era que estava escrito, mas, o doutor, quando terminou de ler, olhou para mim e começou a chorar. Perguntei o que estava escrito, e ele me disse: “Quem um dia tentou tirar a própria vida, quem diria que iria salvar outras tantas.

O Pingente Dourado

Por Larissa Gonçalves da Silva – Campus Cristalina

Terça-feira, 21 de julho

Colégio Estadual 11:15 AM

Ana Alice, uma garota de 15 anos, estava voltando para sua casa após um dia cheio de provas no colégio. Em sua mente só se passava uma coisa “TVD”, The Vampire Diaries. Sim, ela era mais uma adolescente viciada em séries!

Seu cabelo ruivo e cacheado balançava conforme o vento batia em sua direção. Ela passava a mão delicadamente sobre o seu pingente dourado em forma de coração e sorria lembrando de algumas coisas que ocorreram com seus amigos. Ela era uma garota cheia de planos e sonhos, e o maior deles era ser jornalista. Estava a poucos metros de sua casa quando um homem alto e forte vinha se aproximando dela rapidamente, seu coração começou a bater forte e quanto mais ele se aproximava, mais ela entrava em estado de desespero.

Ele se aproximou em silêncio e a agarrou pela cintura tampando sua boca, enquanto corria levando ela para um beco escuro e fechado na outra rua, Ana Alice tentava gritar, se mover, fazer qualquer coisa para fugir mas era impossível. Ele a jogou no chão com toda força e sorria ironicamente, aquele local sujo e escuro tornava tudo mais amedrontador, Ana estava machucada e só queria sair daquele lugar e ir para bem longe daquele homem; mas antes que ela tomasse qualquer atitude, ele iniciou seu plano: iria estuprá-la. Ana chorava e gritava pedindo socorro, mas sua voz estava fraca demais a ponto

de ninguém a escutar. Ele sentia prazer em sua dor e fez isso até a última respiração de Ana. Ele vestiu sua roupa e se assentou ao lado do corpo da jovem, foi quando ele olhou para seu pingente dourado e se assustou.

12 maio de 2000, sexta feira.

Hospital Municipal

Leonel Vonristofen, estava feliz com a chegada de sua primeira filha, e saiu para comprar um presente, ela que acabara de nascer estava dormindo nos braços de sua mãe, Estefanir Nunes.

Leonel abriu a porta do quarto devagarinho sem fazer barulho, e deu um beijo em sua esposa, acariciou o rosto da bebê e junto a um colar entregou a mãe para que quando ela crescesse pudesse usar.

- Qual vai ser o nome? - perguntou Leonel.
- Ana Alice. - Disse Estefanir sorrindo.
- Prometo fazer só o bem a ela, nunca vou machucá-la e nem me afastar. — Dito isso, passou o dedo entre os seus cabelos lisos e sorriu.

20 de Setembro de 2000

Rua Primavera, casa 18.

Estefanir chorava no quarto, enquanto Leonel tentava se explicar. Ele que havia “dormido” na noite anterior com sua cunhada e uma amiga dizia ser um engano, (mas ele sabia bem como tudo aconteceu), ele tentava se aproximar, mas ela não pensou duas vezes e o pôs para fora de sua casa, prometendo que ele nunca mais a veria e muito menos a sua filha.

Local do estupro

Leonel tampou os olhos e começou a chorar, tirou o colar do pescoço de Ana e segurou forte em suas mãos. Pensava ele “como pude fazer isso com ela.. Não com ela não”. Enxugou o rosto, e passou a mão no cabelo de sua filha, se é que assim ele a podia chamar.

Olhou para o lado, beijou seu rosto gelado e manchado de sangue. Foi até sua casa e buscou algumas ferramentas, cavou um buraco e a enterrou. E sobre aquela terra marrom escreveu com um galho: “um dia eu prometi nunca te machucar”. E jogou o colar por cima.

As Memórias de Jorge Clark

Por Thúlio Timóteo da Silva Rezende – Campus Avançado Hidrolândia

Lembro-me de olhar para ela, 50 anos atrás, e sentir a mesma sensação de sempre, talvez não a mesma de agora, pois minha sensação desse momento é de perda. Agora, sozinho, não sei o que vai ser de mim. Ruthe era tudo que eu tinha. Oh, meu Deus, ela era tão linda, até mesmo agora, esticada nesse enorme caixão, com as mãos no peito, ainda consigo ver o seu tão amado sorriso, mas o brilho nos olhos se apagou. Éramos só eu e ela e, neste momento, nem sei se sobra algo de mim.

Estou aqui, em um hospital, folheando nosso álbum de fotografias. E, mesmo através dessas antigas fotos, consigo ver o sorriso contagiante de Ruthe. Ela era tão incrível, eu sou seu maior expectador. Depois dessa enorme perda, serei apenas um velho solitário ranzinza. Sorrio sozinho ao lembrar de como eu e Ruthe nos conhecemos. Ela fazia artes cênicas na faculdade, e eu, meu Deus, fazia literatura inglesa. Não tínhamos nada a ver, mas a primeira vez que vi Ruthe, foi como se um anjo moreno tivesse caído do céu. Sabe quando você vê algo tão lindo, tão incrível, que por um momento o mundo para? Pois bem, essa foi minha primeira sensação. Mas, para o meu azar, Ruthe tinha um namorado babaca. Porém, eu esperei por ela e, talvez agora, para minha felicidade ou tristeza, no mesmo dia do nosso aniversário de 50 anos de casados, por ironia do destino, ela morreu.

Flashback on.

– Eu te amo, Jorge.

- Por favor, Ruthe, fica comigo, eu te amo, não consigo viver sem você.
- Vai ficar tudo bem meu amor, eu sempre vou cuidar de você, Jorge...

Naquele momento, escutei o barulho horrível de um aparelho ligado na minha mulher e, por fim, não ouvi mais nada, apenas gritei. O coração de Ruthe parou e, naquele instante... O meu também parou.

Flashback off

Ruthe adorava teatro, dança, música, ela era completa, eu continuo sendo seu maior fã. Ruthe era uma Elizabeth Taylor da vida, tão boa quanto, ou até melhor, Elizabeth que me perdoe, mas a minha Ruthe era excepcional. Passei o primeiro período da faculdade tendo uma paixão platônica por Ruthe, ela era popular, tinha todos os homens aos seus pés, e eu, apenas um *nerd* qualquer. Ela nunca me notou, até que um dia, eu estava andando pela cantina da faculdade com meu cachorro quente e, sem querer, tropecei nos meus próprios pés e derramei toda a comida em Ruthe... Com o olhar de fuzilamento que ela me lançou, eu pensei na hora que aquele seria o meu fim.

Flashback on

- Me desculpe Ruthe, eu posso limpar. O olhar dela se suavizou, e deu espaço ao sorriso mais lindo que já tinha visto na face da terra.
- Tudo bem, acidentes acontecem Jorge.

Flashback off

Depois daquela tragédia na cantina, Ruthe se aproximou de mim, ela adorava livros, e sempre me pedia algumas indicações. Naquele momento, eu sabia que estava completamente apaixonado pela Ruthinha.

Tínhamos uma ligação incrível, éramos como se fôssemos as duas últimas peças do quebra cabeça. Conversámos todos os dias, Ruthe era extrovertida, extraordinária, cheia de vida, e eu era apenas uma pessoa melancólica, cheio de dramas. Até que o inesperado aconteceu, ela me deu o maior presente de todos, o meu primeiro beijo.

- Como sua amiga, não posso deixar que tenha um primeiro beijo horrível, você pode ficar traumatizado Jorge.
- Ruthe, você tem namorado, não pode fazer isso.
- Você é muito careta Jorge, e só um beijo de amiga, não posso deixar que o primeiro beijo do meu amigo seja horrível.

Nunca havia beijado, isso era fato, mas aquele beijo de Ruthe, foi mágico, tínhamos uma conexão.

- Você sentiu isso Jorge?
- Não sei o que você sentiu, mas, com certeza, eu senti.
- Nunca havia sentido isso.
- Acho que temos uma conexão Ruthe.

O destino não queria que ficássemos juntos. Ruthe perdeu os avós e teve que se mudar para a Argentina, onde os pais moravam. Aquilo me desabou, não tive a oportunidade de dizer que a amava, eu havia perdido o grande amor da minha vida. Perdemos o contato.

Passaram-se 5 anos, e eu nunca esqueci a minha Ruthe, virei um homem bem-sucedido, um grande escritor. Tinha tudo que desejava, mas de nada valia sem minha Ruthe. Mas o destino, mais uma vez, brincou

conosco. Eu estava no lançamento do meu mais novo livro, “Meu amor se foi”, que contava a história de como conheci Ruthe, nossas conversas, meu primeiro beijo, até a sua partida. Eu tinha seguido em frente, embora não parecia. Eu realmente tinha seguido, agora tinha uma namorada linda, mas meu coração tinha outra dona.

Eu já estava saindo do auditório, depois de dar muitos autógrafos, quando ouvi passos, pensei que era só mais um admirador da minha obra, quando olhei para trás, eu tive um ataque do coração.

Flashback on

- Eu li todos os seus livros, mas confesso que estou curiosa por esse novo, li a sinopse e, acredite se quiser, vivi momentos iguais ao do livro.
- Ruthe?
- Não me conhece mais?
- Claro, claro que sim.
- Você disse a mesma coisa quando nos falamos pela primeira vez.
- Você está tão linda, Ruthinha.
- É você está tão mais careta, Jorge.

Flashback off

Nos sentamos e colocamos todos os papos em dia, Ruthe disse que não se deu bem com o novo padrasto e fugiu. Mas, mesmo assim, se deu bem, estreou uma peça como protagonista na Broadway, conheceu

Elizabeth Taylor. Dessa vez, Ruthe veio para ficar, claro que isso me deu esperanças. Ruthe era uma pessoa inacreditável, depois de tanta fama, ela simplesmente desapareceu dos holofotes. E eu adorava ter ela por perto. Era como se tudo voltasse a ser como era antes.

Flashback on

- Jorge, eu preciso falar com você. Sarah estava séria, ela era minha namorada fazia uns 10 meses.
- Oi, meu amor, pode falar.
- Eu sei o quanto você ama essa Ruthe.
- Sarah, não precisa fazer isso.
- Eu não terminei. Jorge, eu sei que o que tivemos foi intenso. Você se dedicou totalmente a mim, mesmo eu sabendo que você nunca esqueceu a Ruthe. Eu sinto um pouco de inveja da Ruthe. Mas eu sei que você ama essa mulher. Então, Jorge, corre atrás do seu amor, antes que seja tarde demais.

Eu abracei a Sarah, senti que aquilo era verdade, eu tinha que correr atrás do amor da minha vida.

- Sarah, eu não sei o que dizer. Muito obrigado, me perdoa.
- Eu não podia te prender. Vai buscar seu amor. Dei um beijo em sua testa e saí correndo até Ruthe.
- Ruthe, eu preciso te falar algo que está entalado em minha garganta há muito tempo.

- Jorge, eu estou grávida. Eu fugi porque o homem não quis assumir o meu bebê.
- Não acredito, como um homem pode ter feito isso com uma mulher tão incrível como você?! Ruthe, eu te amo, desde de quando te vi pela primeira vez. Eu assumo esse filho, mas eu não posso perder você novamente. Fica comigo Ruthe!
- Jorge, eu jamais pediria para você assumir essa criança. Me perdoa por ter sumido por tantos anos. Eu também comecei a te amar desde do nosso primeiro beijo. Mas eu pensei que tudo era apenas uma ilusão.

Conversamos um pouco, mas Ruthe sentiu uma tremenda dor na barriga, eu fiquei desesperado, não sabia o que fazer. Levei-a até o hospital.

- Eu tenho uma triste notícia para lhe dar, Ruthe.
- Me fala Jorge, me fala. Eu vi o desespero e a dor na sua voz.
- Perdemos o nosso bebê. Ela gritou, eu senti uma dor tremenda dentro de mim.

Na verdade, sua gravidez foi tão arriscada, que ela nunca mais poderia ter filhos.

- Eu estou vazia, Jorge.
- Meu amor, vamos superar isso.

Flashback off

Depois dessa perda, Ruthe ficou muito abalada, mas ela era tão cheia de vida, que não durou muito tempo a sua tristeza. Depois de um ano, eu pedi Ruthe em casamento, já tinha passado muito tempo. Seis meses depois, nos casamos. Ela estava linda. Chorei ao vê-la entrando na igreja. Sarah foi minha madrinha de casamento. Ruthe quase surtou, mas eu a acalmei com meu charme. Eu e Ruthe nos amávamos muito. Ela era a mulher da minha vida. Embora não pudéssemos ter filhos, ainda tentamos adotar, mas não deu certo.

Éramos só eu e Ruthinha. Vivemos momentos inacreditáveis. Viajamos o mundo todo. Éramos um só. Escrevi mais um livro, provavelmente o último, “Meu amor voltou”. Mas, um maldito dia chegou, ela passou mal e eu a levei para o hospital. Eu passava a mão em seus cabelos brancos. Dali a uma semana, iríamos fazer 50 anos de casados. E eu continuava amando-a, como se fosse a primeira vez.

Flashback on

- Minha Ruthe.
- Meu Jorge.
- Como o tempo passou, não é mesmo?
- É.
- Naquele dia que derramei molho de cachorro quente em você, fiquei tão feliz ao saber que você sabia o meu nome.
- Ah Jorge, você sempre foi tão careta.
- Eu te amo, Ruthe.

– Para sempre, Jorge.

Uma semana depois, minha Ruthe se foi, levando com ela meu coração. Eu perdi a única pessoa que eu amei neste mundo.

Flashback off

– Essa é uma linda história de amor seu Jorge. Disse a enfermeira.

– É.

Escutei o mesmo barulho do aparelho do dia em que perdi o meu amor. Escutei a enfermeira chamando.

– Seu Jorge, Seu Jorge.

Mas eu não podia abrir os olhos. Agora eu iria mais uma vez me encontrar com a minha Ruthe, para sempre.

Efeito Borboleta

Por Luana Almeida Sousa – Campus Posse

Era uma festa muito animada, toda a família e amigos estavam presentes, mas a bebida acabou e os pais de Mariana resolveram ir comprar mais. No apartamento, ninguém percebeu a demora, todos estavam bêbados e alegres, isso até receberem um telefonema. No telefone, era um agente da polícia, que avisava Mariana do ocorrido: a caminho do bar, um carro ultrapassou um sinal fechado e atingiu em cheio o carro do Sr. e Sra. Alfredo, o que ocasionou a morte dos dois. Alguns meses depois de muito sofrimento, Mariana decidiu, por definitivo, ficar no apartamento, e fez algumas mudanças para não ficar se lembrando de cada momento em sua cabeça. Deixou apenas uma cômoda com várias fotos de seus pais e a notícia do acidente.

Por que isso? Para lembrar de nunca mais encostar uma gota de bebida alcoólica na boca. Meses atrás, ela tinha se prometido isso, era um trauma. Depois de muito tempo isolada do mundo, Mariana resolvera sair. Colocou seu biquíni e desceu para a piscina do prédio. Lá embaixo havia uma movimentação, vários jovens estavam fazendo uma festa. Ela resolveu ficar mais afastada, só observando aquilo tudo. Quando estava quase dormindo, com os raios de sol batendo em seu rosto, ouviu alguns gritos de desespero, se levantou para ver o que estava ocorrendo e então se deu conta da seguinte cena: um jovem estava na parte mais funda da piscina, aparentemente se afogando, algumas pessoas estavam gritando desesperadas, outras nem ligavam, mas o que Mariana percebeu, é que ninguém estava se movimentando para ajudar, então, sem pensar duas vezes, pulou na piscina, e o que ela não sabia é que sua decisão poderia mudar o destino de várias pessoas, inclusive o seu! Ao se aproximar, Ma-

riana ergueu aquele rapaz corpulento, levando-o até a beira da piscina, onde algumas pessoas ajudaram a retirá-lo. Quando o rapaz estava totalmente fora da piscina, Mariana percebeu que ainda havia algo de errado, então, tapou o nariz do rapaz e fez respiração boca a boca – sentindo um bafo horrível de álcool – fazendo que ele voltasse a respirar. Após ele abrir o olho, ela se afastou horrorizada, como se sentisse o cheiro de álcool ao dar o “beijo”, fizesse recordar as lembranças daquela noite de terror.

Mariana subiu pra casa atormentada, tomou um banho e comeu algo, mal sabendo que aquele dia ainda não tinha acabado. Algumas horas mais tarde, ouviu sua campainha tocar, mas demorou para se levantar da cama e, quando abriu a porta, viu o mesmo rapaz que tinha ajudado mais cedo, olhou por todos os lados do corredor e não encontrou ninguém. Aquele rapaz começou a vomitar em sua porta, ela sentiu a sensação de horror e nojo voltar mais uma vez. Apesar de não querer que tudo aquilo ressurgisse em sua mente, decidiu, mais uma vez - sem entender porque - ajudar aquele desconhecido. Então, ela arrastou aquele corpo para o banheiro, tirando sua roupa suja de vômito e dando-lhe um banho gelado. Pegou depois uma de suas camisas gigantes, que usava para dormir, e vestiu o rapaz, ainda o deitou em sua cama, jurando bater naquele homem se ele a sujasse.

Por volta das 20h, Bruno acordou, com uma dor de cabeça horrível, recordando de tudo que tinha acontecido e do que aquela mulher desconhecida tinha feito por ele. Com uma sensação de vergonha, Bruno se levantou, vestiu suas roupas que estavam do lado e seguiu até a sala, onde não encontrou ninguém. Uma cômoda com várias fotos, foi o que lhe chamou atenção, foi em sua direção e começou a ler a notícia, ainda meio tonto deixou cair sem querer um dos porta-retratos de vidro, isso fez um barulho tremendo, fazendo que Mariana viesse de onde estava com uma faca na mão.

Quando viu o porta retrato no chão, quebrado, já começou a gritar: - Olha aqui, eu nem sei quem você é, e só hoje salvei sua vida duas

vezes, você não cansa de causar problema não é? Quando Bruno ousou abrir a boca para falar, ela o interrompeu: - Eu ainda peguei seu telefone e liguei para a sua avó, avisando que estava bem, tadinha, estava morrendo de preocupação, então eu disse que assim que você acordasse eu te mandaria embora, é melhor você ir! Já abrindo a porta, Bruno, sem opção de responder ou perguntar algo, arregalou os olhos e saiu. Ao sair, percebeu que aquele lugar não era estranho, era o seu prédio, seu andar e, logo na frente, estava a porta de seu apartamento, o que o fez lembrar que, quando seus amigos o foram levar, ele apontou em direção a seu apartamento, porém, seus amigos confundiram e apertaram a campainha da frente. Os dias se passaram, um pensava no outro constantemente. Bruno sabia onde ir, exatamente. Mas o sentimento de orgulho falava mais forte e o impedia de tomar qualquer atitude. Quando Mariana descobriu onde Bruno morava, ficou brava e o acusou com os olhos. Mas eles não resistiram, o sentimento do amor falou mais alto! Mariana fez que Bruno amadurecesse e ele a ajudou a superar todo trauma do passado.

Fôlego

Por Kaio Lucas da Silva Mesquita – Campus Avançado Catalão

— Claro, até parece que vamos nos encrençar. Diz Samantha, tomando seu drink azul fluorescente de uma só vez. O som é ensurdecedor, quase não pude ouvi-la.

— Exatamente, Caleb! — grita Nicolas ao meu lado. Sua voz embargada por causa da bebida. — Relaxa aí, cara. Dou um giro de 180° no banco e me apoio no balcão de um dos mais famosos e disputados locais de festa da cidade. Cada um de nós com uma bebida em mãos. Samantha ajeita o cabelo rosa atrás da orelha, enquanto pede mais um drink ao barman da Hells Trouble. Nicolas também acaba com o seu em questão de segundos, batendo com a taça no balcão. O barman logo despeja mais uma dose em seu copo. Ignoro o que ambos dizem, mas continuo a observá-los em seu cotidiano joguinho de ver quem é melhor que quem num teste de resistência. De nós três, sou o único que não está bebendo alguma bebida alcoólica. Porque fora o fato de poder evitar acordar amanhã de ressaca, pretendo manter minha sanidade.

Não estou com cabeça pra nada hoje. Não sei nem mesmo o real motivo de ter cedido ao pedido dos dois e vindo parar aqui. Mas talvez, no fundo, eu saiba. Não confio plenamente neles para deixá-los saírem sozinhos, sabendo que não conseguiriam se segurar e iriam acabar por disputar o tal de quem aguenta mais. Toda vez é a mesma coisa: no final da noite, sou obrigado a carregar os dois bêbados até em casa. Olho os corpos disputando espaço na pista de dança, a cada movimento uma sinergia de ritmos.

A música eletrônica continua extremamente ensurdecedora. Mal consigo ouvir meus pensamentos. O grave que retumba das caixas de som faz com que meus ossos tremeleiem numa batida oscilante. Sinto uma vontade enorme de estar com eles, de fazer parte desses corpos que se movem com tamanha maestria. Lanço mais um olhar preocupado aos meus dois acompanhantes. “Eles vão ficar bem”, digo a mim mesmo. “Só vou me afastar deles por um breve momento, ao longo de uma música talvez, não há com o que me preocupar.” Deixo meu copo sobre o balcão, me levanto e começo a ir em direção ao amontoado de pessoas na pista de dança. Corpos coloridos pulam e se agitam com voracidade e confusão incríveis. Realmente, honram o nome desse local. Tenho que forçar a entrada na pista que, agora, está lotada. Pessoas esbarram em mim e, uma das vezes, o esbarrão foi tão forte que quase perdi o equilíbrio. Os jogos de luzes quase me cegam. Flashes vermelhos e azuis se derramam sobre mim e o amontoado de corpos.

Aqui não é um lugar onde possamos pensar ou deixar a razão tomar conta. Não. Aqui é um lugar onde você simplesmente age. Sem inibições, sem medo. Simplesmente deixa suas emoções tomarem o controle de seu corpo e agirem como bem entenderem. As pessoas não se acalmam nem quando uma música acaba, pois logo em seguida começa outra. “Poesia em seu corpo me iniciou, nunca vai acabar. Sinta meu ritmo no seu sistema. Isto é viver. Sinta a batida no peito. Bata em seu peito como um animal. Liberte a besta da sua jaula. Liberte a raiva como um animal.”, os alto-falantes gritam. Perco a noção do tempo enquanto me atiro no ritmo. Pessoas que nunca se viram na vida dançam ao meu redor, desfrutando de uma conexão que somente a música pode fornecer. Giro sem parar. Suor escorre por minhas costas e testa. Começo a perder o fôlego e, então, meu corpo desperta sinais de cansaço, mas não paro. Meus lábios formam um sorriso. Um casal se agarra em uma das poltronas espalhadas pelo local. Eles se sugam e se mexem com aptidão. “Isso, assim mesmo, continue”, um sussurro rouco surge atrás de mim. Não sei o porquê, mas essa voz me lembra aquele garoto. Volto momentaneamente a olhar o

casal. Não daria para escutar o cara nem se eu quisesse. Ignoro o estranho fato e continuo a andar pelo salão. Depois de algumas voltas, meu olhar para em um ponto isolado quase inexistente da pista.

Uma garota com cabelos rebeldes olha em volta, analisando as pessoas por trás de seus óculos, escorada em uma coluna central. “O que estou fazendo aqui? Este não é o meu lugar”. Dessa vez uma voz feminina sussurra em minha cabeça. “... Que garota linda...”, outra sussurra. “Me vê mais um...”, “...estranho o fato...”, “...que DJ estúpido, não conheço nenhuma dessas...”, meu sorriso começa a vacilar. Sacudo a cabeça e fecho os olhos com força. O que está acontecendo? Paro no meio da pista e esbarro com força em uma menina. — Foi mal! — digo, estendendo a mão, ajudando ela a se levantar. — Tudo bem, não foi nada.— Ela sorri. Olho por um instante no fundo dos seus olhos. “Garoto sem noção, não presta atenção por onde anda”, ouço uma voz, parecida com a da garota, na minha mente. Olho assustado para sua boca. Seu sorriso continua lá, selando seus lábios. Ela não disse uma palavra.

Me afasto rapidamente. Corro enquanto procuro por Nicolas e Samantha. Esbarro nas pessoas, mas não me preocupo com isso. Só quero achá-los, é só o que preciso. Se eu estiver com eles, tudo estará bem, eu sei disso. Não os acho em parte alguma. Estou perdido. A Hells Trouble está mais cheia do que nunca. E há apenas a luminosidade dos jogos de luzes e de alguns abajures nas mesas da área VIP. Acelero o passo, trombando em corpos e objetos que se descontrolam pelo lugar. Me apoio em um pilar. Minha respiração fica acelerada. Ao meu lado, há uma pequena banheira de hidromassagem, assim como há mais umas vinte espalhadas pelo local. Sua água colorida quase transborda para fora. A batida da música não para um segundo de ecoar. “Caleb, onde você está?!” uma voz sussurra. Não consigo discernir quem fala. Minha mente está um caos. Cada vez mais essas vozes se apoderam de mim. Não consigo raciocinar direito. Suor escorre do meu corpo. Sinto que estou em chamas e, ao mesmo tempo, congelando. Sinto alegria, embargada com medo e amor e desejo... Milhares de sentimentos e pensamentos me

preenchem. Memórias me atordoam. Não consigo controlar. Caio de joelhos, pressionando a cabeça com as mãos, grito com tanta força que sinto como se meus pulmões estivessem se rasgando. Lágrimas brotam dos meus olhos. Tenho medo de não conseguir controlar.

Preciso achar meu irmão e minha melhor amiga. Agora! — Caleb! — a voz de Samantha sobressai às outras. — Me ajude — digo entre soluços. A falta de ar me oprime cada vez mais. Estou perdendo a noção. Suor e vozes penetram meus ossos. — Que diabos está acontecen... Não houve tempo de Nicolas concluir a frase. Chamas irromperam de todos os lugares, seguindo uma explosão. A pressão arremessa nós três dentro da piscina, junto com destroços de vários objetos. Inspiro e, imediatamente, água invade meus pulmões. Não há no que pensar. Foi tão rápido. O calor surgiu de forma tão espontânea. Sinto uma dor agonizante em meu corpo e meu crânio parece ter sido dilacerado. Meu rosto arde e, debaixo d'água, consigo abrir os olhos mesmo sem, realmente, ver algo. Agora o tempo parece passar mais devagar. O oxigênio me escapa aos poucos. As luzes, antes tão coloridas, se fundem numa cor neutra e triste. Meu braço esbarra em algo carnudo e pontudo como se algum membro estivesse aberto, e uma ponta de osso quebrado fosse exposto. A água não para. As bolhas de hidromassagem continuam a inundar meu sistema respiratório. Deito a cabeça para trás, se é que consigo fazer isso. Sinceramente? Não me importo com o que vem a seguir.

Sou Sagitariano, forte signo de fogo, o agir e o agora sempre foram o meu forte. Não o depois, não o amanhã, o agora. Então, espero ter vivido o mais intensamente possível. É tão difícil de acreditar em como a vida é frágil. Espero ter amado mais que suficiente, mesmo que eu não tenha feito diferença neste nosso tão vasto universo. Mas, pelo menos, não me arrependo de nada do que fiz. Nada. Aceito o inevitável. Não ouço nada. Não vejo nada. Não sinto mais nada. Talvez não sinta nunca mais. As vozes e memórias, finalmente, me deixam. E, imprevisivelmente, meu último pensamento é aquele primordial, que temos conosco desde o início dos tempos: “Preciso de um segundo para respirar”.

O silêncio das Marias

Por Heloísa Maria Prado – Campus Morrinhos

Na noite anterior, ela decidira dar um basta em toda a situação que viviam, estava tudo minuciosamente planejado e não tinha como desistir agora, sua mãe precisava aderir ao seu plano que, com quase toda certeza, daria certo e elas sairiam ilesas para viverem suas vidas sem nenhuma perseguição, já que não aguentava mais, estava cansada e desanimada de tudo o que estavam vivendo. Ela era uma garota alto astral no começo, tinha tudo para ter um futuro brilhante, não tinha muitos amigos, mas sempre foi um exemplo na escola, nunca tirou nenhuma nota baixa, era uma verdadeira *nerd*, mas os problemas que passava em sua vida vinham afetando-a. Ao amanhecer, fez tudo como a rotina mandava, acordou às 5:30 da manhã para se arrumar, pegou o primeiro ônibus e foi para escola. Como era de costume, passou na mercearia da esquina de sua escola para tomar café da manhã, já que em casa ela e a mãe não tinham o hábito de fazer essa refeição juntas.

- Cada um por si – dizia sua avó.
- Venha para a casa da vovó e eu faço bolo para você todos os dias, minha filha.

Ana Isa gostaria muito de ter sido criada com a avó, mas, desde que seus pais se separaram, sua mãe tinha muito ciúmes e não aceitava qualquer ajuda vinda da ex-sogra, ela era muito orgulhosa para isso e limitava as visitas de avó e neta a apenas duas vezes no mês. O fato de morarem na mesma cidade e não poder ver a avó fazia Ana Isa sentir certa raiva da mãe que, por sua vez, não tinha muito tempo para a filha,

porque trabalhava o dia todo, de segunda a sábado, e no domingo saía com seu grupo de amigas, voltando ao amanhecer, muitas vezes bêbada e sem saber direito o rumo de casa. Há três meses, a mãe revelara que estava grávida, porém, não queria esse bebê, não tinha programado, dissera que, se chegasse a nascer, era a filha quem iria cuidar, porque não queria mais problemas para a sua vida.

Ana Isa estava em ano de vestibular e queria muito ir para a faculdade, a garota era muito esforçada, passara em duas faculdades públicas, porém, fora da sua cidade. Quando viu o resultado no final da aula, foi com toda felicidade para casa contar para a mãe.

- Não vai para faculdade nenhuma, isso é coisa para ricos, por acaso você nasceu em berço de ouro? Seu lugar é aqui comigo, me ajudando a sobreviver, trate de arranjar um trabalho no próximo semestre ou eu te entrego para o seu pai.

A garota tinha pavor de pensar em morar com o pai, sabia o quanto ele havia sido ruim para sua mãe, o quanto a fez sofrer e como ela mudou depois disso, tinha se tornado outra pessoa, completamente fria e insensível, começou a beber muito e, nos últimos tempos, não sabia mais se controlar. Em uma de suas saídas, acabara sendo violentada e, agora, estava com uma vida dentro de si, não queria esse filho, não era dela, era algo forçado, que repudiava e sentia nojo ao pensar naquela noite. Chegou a ir à polícia, denunciar o estuprador, mas, numa tarde de sexta, ao chegar em casa do trabalho, levou uma surra que a deixou uma semana sem poder trabalhar.

Retirou a queixa... pobre Maria. O indivíduo morava ali perto, era praticamente um vizinho que, durante todo o tempo e até agora se mostrava amigo da família, mas, quando Maria percebeu, seus interesses eram outros e ela não possuía mais o controle da situação, via-se fragilizada e silenciada, sentia que nada podia fazer. Tinha que cuidar de Ana Isa,

a menina queria ir para a faculdade, procurar um futuro melhor para ela e a mãe, mas elas eram muito pobres, não tinham nenhuma condição. A mãe estava para perder o único emprego que conseguira como faxineira em uma casa de família na cidade devido às suas faltas constantes e, o pior de tudo, não podia falar para ninguém o que havia sofrido ou isso lhe provocaria mais problemas, e ela já tinha o bastante.

Perante toda essa situação, Ana Isa chegara à conclusão de que nada adiantou todo o seu esforço até agora, sempre estudou em escola pública, fazia dos seus estudos um sentido para viver, sabia que ali era seu ponto de refúgio, o único momento do seu dia em que ela podia sonhar sem que ninguém a barrasse e a dissesse que era loucura acreditar nisso. Não sabia o que fazer, estava desanimada e desolada, a mãe agora sofria ameaças constantes do vizinho, viviam com medo de tudo. Não era justo viver dessa forma, achava que algo assim só acontecia nos noticiários que passavam na TV, isso era loucura. A mãe que esteve uma semana sem trabalhar, quando voltou teve que esconder os roxos em sua pele, tinha que agir normalmente, como se nada nunca tivesse acontecido. Precisava ir ao médico, mas isso custaria muito caro, estava ficando doente, sem disposição para trabalhar, seu corpo doía e a febre a assolava, ainda assim, continuava seu árduo trabalho. As que diziam amigas, afastaram-se dela, nenhuma quis ajudar quando ela mais precisou.

Maria se encontrou totalmente desamparada, pensou em ligar para a avó de Ana Isa, que sempre oferecera ajuda, mas como ia explicar tudo o que vinha acontecendo? Ela estava quase sendo despedida do seu emprego, a família para a qual trabalhava não queria saber da sua vida, queria o seu serviço pronto, sentia-se suja, corrompida, a dor era muito grande, não podia mais aguentar.

Em uma manhã de um dia comum, recebeu uma ligação de Ana Isa, que deveria estar saindo da escola naquele horário.

- Mãe, posso ficar na casa da Julieta para terminarmos nosso trabalho? Ela me leva em casa pela noite.
- Claro, filha, sem nenhum problema.

Era estranho a mãe deixar sem discutir ou dizer que ela deveria voltar para casa, porque agora viviam sob uma vigilância nada agradável, e não queriam maiores problemas. A mãe nem perguntou que horas da noite a filha voltaria, apenas aderiu. Ana Isa já havia pensado em tudo, iria até a avó, contaria tudo e pediria ajuda, juntas, pensariam melhor. Elas iriam denunciar anonimamente o estuprador de sua mãe, iriam colocar à tona todo a situação que estavam vivendo.

Não tinha trabalho e nem casa da Julieta, a garota fez tudo sozinha, ninguém ia querer tomar as dores de uma jovem problemática. Ali mesmo, na porta da escola, ligou para a avó e pediu para buscá-la imediatamente, a avó, com estranheza, foi o mais rápido possível, imaginando que algo estaria errado. Entraram no carro quando Ana Isa disse que não tinha tempo e no caminho explicava tudo. A avó, pálida, exigiu que ela falasse ali mesmo e, nervosa, a garota colocou tudo para fora, até que ouviram um tiro do outro lado da rua, abaixaram-se como um ato de defesa, não sabiam o que estava acontecendo... De repente, outro tiro, uma multidão aflita corria pelas ruas da viela, todos apavorados. Mães com crianças no colo, alunos ainda saindo da escola, professores tentando proteger seus alunos e tudo parecia uma cena de filme de terror.

Avó e neta não sabiam se sair dali era a melhor opção, poderiam ser atingidas e ficaria pior, porém, sem pensar muito aceleraram o carro e saíram em disparada. Na esquina, alguém se joga na frente do carro, fazendo a avó quase dar um ataque e frear, automaticamente.

- Saia do carro agora, garota. Eu sei o que você vai fazer e se fizer mesmo isso, EU VOU MATAR A SUA MÃE – gritou para que todos ouvissem.

- NÁÁÁÁO. Ana Isa gritava desesperadamente, estava em choque. Era o seu vizinho louco, assombrando-a mais uma vez e, abrindo a porta do carro, fez a garota descer, apontou a arma para sua cabeça e, quando ia puxar o gatilho, ouviu a sirene da polícia e saiu correndo para se esconder, se fosse pego pela segunda vez, sabia que não sairia impune. Os policiais levaram Ana Isa e a avó e elas puderam contar o que estava acontecendo.

Ana Isa explicou que o motivo dessa perseguição era sua mãe, que havia sido estuprada por esse homem sem escrúpulos e que ele vinha vigiando cada passo das duas, que sua mãe agora estava grávida e doente por consequência da surra que tinha levado dessa mesma pessoa, por ter denunciado o ato. Os policiais, pela prescrição que a menina fez, lembraram-se de uma mulher jovem, com o semblante sofrido, que havia estado ali algumas semanas atrás, mas que desistira de denunciar o indivíduo. Depois do depoimento, dois policiais, na companhia de uma policial mulher que cuidava dos casos de denúncia, levaram Ana Isa e sua avó para um lugar seguro, não seria bom que elas ficassem em suas casas, porque, se o estuprador as encontrou na escola, poderia muito bem as encontrar em qualquer lugar. Enquanto isso, outros policiais iriam fazer uma busca pela cidade e pelo bairro onde elas moravam, a fim de proteger Maria.

Os planos de Maria eram outros, aproveitaria a tarde que Ana Isa estaria fora para fazer algo apressadamente planejado, e que sabia que poderia se arrepender, porém, não tinha mais volta. Saiu um pouco mais cedo do trabalho, entrou em uma loja de produtos químicos e, com o nervosismo explícito em seu rosto e toda pressa foi até o caixa. Tinha comprado alguns produtos que sabia que seriam fatais, porém, estava decidida. Ao chegar em casa, escreveu brevemente uma carta destinada à avó de Ana Isa e outra para sua irmã que morava em outro estado, não a via há anos, mas sabia que ela cuidaria de sua filha. Na carta, discorreu tudo o que havia acontecido e o pesar de fazer o que estava prestes a fazer. Não tinham muita coisa por serem pobres, mas, o pouco que tinham, de-

veria ficar para ajudar no futuro da filha. Deixou bem à vista na mesinha da sala, embaixo de um vaso de flores artificiais que tinha ganhado no dia das mães daquele ano. Deixou também um bilhete para a filha: “Não sei se um dia você vai me perdoar, mas espero que entenda. Cuidei para que você tenha o futuro que deseja, você é uma ótima filha e eu não iria conseguir oferecer tudo o que você merece. Você não tem culpa das minhas atitudes. Amo você, filha! Adeus!”

Quando a polícia chegou, deparou-se com aquela cena que mais parecia um roteiro trágico de novela, a mesma jovem mulher de semblante abatido estava estirada no chão, e ainda era possível ver roxos em seu corpo, como se estivesse se recuperando há pouco tempo. A casa desarrumada, o cheiro forte de algo que ainda não tinham identificado e aquele ar sombrio que pairava sobre a sala. Morreria mais uma vítima silenciada que, sem forças para continuar, preferiu tirar a própria vida a permanecer naquele caos. Deixou a filha jovem e cheia de vida, esperava que ela não sentisse as mesmas dores e desprazeres que já havia sofrido muito e ambas sabiam como era. A filha, ao ver a mãe naquele estado, não pôde acreditar, ficou em choque, sentiu raiva, sentiu ódio, sentiu que nada podia fazer diante daquele corpo desfalecido, sua mãe nunca mais voltaria, aquele era o fim de uma vida que, em meio aos desentendimentos, lutara para que a filha tivesse algum futuro. Ana Isa jurou junto àquele corpo que faria o que fosse preciso para que outras vítimas não terminassem daquela forma, e até hoje a garota procura por justiça para fazer jus à vida de sua mãe.

Vique & Tosse – Uma Dupla Inseparável

Por Rafael José Barbosa – Campus Iporá

Em meados do século XX, as pessoas não tinham muito que fazer quando o assunto relacionado era tecnologia, ou seja, celulares naquele tempo, nem pensar. Logo, a criançada gostava mesmo era de jogar bolita (bolinhas de gude), tocar peão, brincar de salva bandeira, bete, balança caixão e ter cachorro, isso mesmo: cachorro! Cada casa tinha pelo menos um. E, partindo para o fim do século, essas coisas foram sendo substituídas por objetos modernos como o “Tamagotchi” (um aparelhinho em que um “serzinho” virtual ficava necessitando de amparo, amor e carinho o tempo todo), que ameaçava a presença dos “titius”. Inclusive, é exatamente sobre isso que vou lhes contar: um acontecido com um cãozinho, lá no interior de Goiás: o “Tosse”. Isso mesmo! O Tosse! (Cof!Au!Cof!Au!) Entenderam agora?

Ele, desde pequeno, tinha mania de tossir quando latia! Tosse era um “carachorro” da roça super esperto, só que tossia muito, como se pigarro fosse defeito na vida de um cão. Mas, para o dono, era! Tanto que ele quis se desfazer do animal e trocá-lo por um “Tamagotchi”, até que o proprietário do pulguento o abandonou numa estrada vicinal, próximo à fazenda do vizinho da sogra da prima do cunhado da mãe do leiteiro.

Coitado do Tosse, passou maus bocados e tornou-se um andarilho. Depois de tanto andar naquela terra seca e vermelha, teve um momento que se deparou com o asfalto. Ah! Aquilo era tudo novo na vidinha do Tosse, ele ficou impressionado com a firmeza daquele chão, sem poeira e ótimo para andar. Na cidade, tudo era diferente, não tinha água como nos córregos que Tosse atravessava durante sua caminhada. Era difícil

encontrar alguém que fornecesse um recipiente de margarina limpinho e cheio de água fresca. Mas ele se achava o esperto! Franzino e com aqueles olhos esbugalhados e tristonhos, ele conseguia muitas doações, só carinho que era difícil, pois, com aquela tosse, todas as pessoas temiam uma espécie de tuberculose canina.

Tosse era maroto, não se importava e seguia em frente. Agasalhando em meio a caixas de papelão jogadas no lixo da rodoviária sentia muito frio, aquilo acabava com a saúde dele, mais tossia que latia o coitado. A Tristeza o assolava naquelas noites pálidas e tenebrosas que ele insistia em viver, numa luta sangrenta contra a morte.

Certa madrugada, ele ouviu pisadinhas em folhas secas e crocantes que estralavam, fazendo um barulhinho medonho... ele ergueu as orelhas caídas e ficou atento; o som estava cada vez mais próximo dele, foi quando algumas caixas vazias empilhadas rolaram até o chão, ele saiu tossindo, gritando, latindo e, com o rabo entre as penas, se mijou todo, coitado. Notou que, no meio do lixo, o que era assombração tornou-se algo lindo, era uma gatinha, aliás, uma cadelinha e que linda...

Tosse ficou calado, com vergonha, sabia que se falasse com ela, a cachorrinha ia perceber que ele tossia. Ela olhou para ele, perguntou se estava tudo bem... Perguntou outra vez... E outra... E Tosse nada respondeu. A danadinha foi até ele, se cheiraram. Ah!Aquele cheiro dela! O Tosse ficou todo saliente! E o que é melhor, ela cheirava cânfora. Ele não entendia, onde já se viu uma cachorra cheirar a cânfora? Ele se indagava.

Ele perguntou a ela qual era seu nome e ela, tímida e ao mesmo tempo serelepe, respondeu que se chamava “Safira Helene”. Como ele achou esse nome muito difícil, Tosse a apelidou de “Vique” e ele logo entendeu que não viveria mais sem a Vique, não pela beleza estonteante, e nem pelo par de brincos de carrapatos que ela trazia junto dos lacinhos nas orelhas, isso tudo eram só detalhes. O segredo daquela paixão estava

no cheiro da cânfora. Um perfume inigualável de saúde aos pulmões caninos de Tosse.

Passaram a andar juntos pela cidade a fora, rasgando sacos de lixo, comendo o que tinha dentro e correndo atrás de gatos moribundos que, como defesa, subiam nos muros e quebravam telhas das casas da cidade. Um bando de rebeldes desocupados que temiam, e muito, a presença da dupla dinâmica: Vique e Tosse. Aquele cheiro trazia alívio para a tosse contínua do amigo e o cachorro se definhava todo quando ela não estava por perto. Nem era mais questão de amor, era de saúde mesmo. Vique era necessária na vida dele. Ele não saía mais de perto dela. A qualquer crise de tosse, era só cheirar a bichinha, que tudo voltava ao normal.

Mas era necessário seguir em frente e o sonho de Tosse ser adotado não sessava, ele queria um dono para chamar de “seu”, mas agora a dúvida assolava seu coração, pois, como viveria com um dono e sem a Vique? O que ele faria sem ela? Mas, seu foco depois de abandonado era encontrar um dono! E agora? Meus amigos, o destino de Tosse, com certeza, ia ser cumprido, pois já estava tudo programado para ele. E como o ditado já reza: quem procura acha!

Certa noite, houve uma coleta de cães no setor que Tosse gostava de ficar: no fundo da rodoviária! O arrastão passou geral e Tosse foi pego. Já Vique, esperta como sempre, escondeu em uma das caixas, isso mesmo! As mesmas caixas daquela primeira vez que se viram. Tosse latia, tossia muito, chorava, uivava, e se perdia no medo de ficar sem Vique, no medo da morte e no medo até do próprio medo.

Chegando ao canil, ele viu todos os cães apavorados e, sem entender o que estava acontecendo, ele se lembrou de quando ainda estava na roça e que fora abandonado brutalmente pelo seu ex-dono por causa de um ser virtual. Nos olhos, ele trazia a esperança de que ali naquele lugar seria a oportunidade de alguém, quem sabe, querer adotá-lo. Mas,

quando olhava para os cães desesperados, ele também se desesperava e pensava: como pode alguém querer um cão de orelha caída, pardo, sem cor, rabugento, “zoiudo” e o que é pior: tubérculo?

Ele caiu em prantos e uivos novamente. Vique, estava livre da carrocinha, mas ficou apreensiva e preocupada com a questão da tosse de seu amado. Procurou-o por toda a cidade, mas não conseguiu ouvir sua voz, aliás, sua tosse. Ela entrou em desespero, tristonha e chorosa: Onde ele poderá estar agora? Será que ele morreu? Ou será que mataram meu “Cof!Cof!” Meu Deus! Deus tarda, mas não falha, o ditado é claro e cumpre com sua fama.

Do outro lado da cidade, havia um homem bom, íntegro, humilde de coração, que se desviava do mal, temente a Deus e que amava os animais, cujo nome era Leafar. Esse bom ser cuidava de seus bichinhos com o maior carinho, mas andava triste ultimamente, pois em meio a tantos animais que ajudou com todo carinho, um deles havia desaparecido.

Na rádio, anunciava que o canil estava lotado após uma busca completa na cidade. Seu Leafar já foi logo se levantando e se aprontando para ir ao canil, afinal, era a grande esperança de que ia achar seu animalzinho. Após ver tantos cães, ele não encontrou sua criaturinha e chorou, não sabia mais onde procurar. Mas, vendo um cachorro “zoiudo”, com o rabo entre as perninhas, tossindo que só, e triste, tão triste que aquele sentimento se igualava com o do Seu Leafar, ambos trocaram olhares e sentiram o coração acelerar. O do Seu Leafar acelerou de dó, já o de Tosse, de esperança. O senhor acabou pedindo a guarda do cachorro “tossiante”, levou-o para casa debaixo do braço, sem nenhum repúdio do mau cheiro que ele tinha.

Vique estava sem dono, sem namorado, sem alegria, vagava pela cidade: mais perdida que cego em tiroteio, mais perdida que cachorro em procissão, mais perdida que Eva no dia das mães, mais perdida que cão que caiu da mudança, enfim, muito perdida mesmo.

Já Tosse, acabou ganhando o nome de Tosse, afinal, não tinha outra forma de nomeá-lo. E estava se achando, afinal, tinha encontrado um dono para chamar de seu, o Seu Leafar. Esse homem bom deu todo o carinho para Tosse, mas, nele, havia uma tristeza impagável, afinal, sentia saudade de seu animalzinho que sumira injustamente, por um vacilo mínimo de ter aberto o portão que estava emperrado de tanta ferrugem.

Após dois dias de convivência, Tosse sorria com o rabinho e chorava com o coração, e Leafar sentia aquilo, mas não sabia se Tosse sentia alegria que chega chorava ou se chorava porque não chegava a alegria, mas, os dois se uniram em suas tristezas e deram início ao convívio mais lindo que já vi. Vique estava definhando na rua, sua tristeza coincidia com a dos outros dois, até que um dia, passando em frente uma casa amarela, de portão enferrujado cor vinho, com uma quaresmeira de flores roxas na calçada, ouviu uma tosse seca e semelhante à de alguém conhecido. Ela ficou toda animada e começou a abanar o rabinho e latir, como se gritasse na porta da casa... Do portão, um gritava Aleluia! Aleluia! e o outro gritava, Cof! Au! Cof! Au!

Quando Seu Leafar abre o portão, se depara com sua cachorrinha e grita, abraça, chora e rolam pelo chão. Tosse quase enlouquece ao ver sua companheira, os dois se lambem e pulam juntos e Tosse para de tossir imediatamente, é quando o Seu Leafar percebe que os dois eram amigos e que a cura de Tosse era a presença de Vique, logo, ele deixou de chamá-la de Safira Helene e passou a chamá-la de Vique.

Nesse momento, Tosse umedeceu os seus pulmões por causa da água e logo veio a excreção pulmonar (para não falar catarro)... e não é de ver que quem fazia ele tossir era uma pulga? Isso mesmo, o danado, ao coçar o corpo dando mordidinhas, acabou respirando e jogando para dentro dos pulmões uma pulguinha, e ela saltava no pulmão fazendo com que ele tossisse e é por isso que, quando cheirava Vique, a cânfora tonteava a pulga e ela desmaiava.

E, por incrível que pareça, Vique não transpirava cheiro de cânfora, a verdade é que ela achou debaixo da cama uma latinha de Vick e comeu um pouco, o resto ela ficou rolando em cima e encheu seus pelos da pomada e só fugiu porque Seu Leafar abriu o portão emperrado bruscamente e Vique pensou que ele estava bravo com ela e cometeu a fuga. Logo, Tosse parou de tossir e Vique de cheirar a cânfora. E o que passou a unir-lhes não foi mais as qualidades e defeitos que cada um tinha, mas sim, o amor puro e verdadeiro.

Esse acontecido lhes ensinou que na vida nada é coincidência e até os fatos difíceis e ruins são ocasiões para crescer, aprender e compreender que tudo tem um propósito.

Dois Lados de um Amor

Por William Ferreira de Jesus – Campus Cristalina

O sinal anunciava o fim de semana que estava chegando e com ele a tradicional reunião dos estudantes para uma festinha no centro de conveniência da Universidade. Jorge, porém, não estava nem um pouco animado para ir na festinha e estava decidido a ficar em seu dormitório estudando para as provas periódicas. À noite, Lídia, uma colega de classe, foi ao dormitório de Jorge disposta a convencê-lo a acompanhá-la. Depois de várias tentativas, ele finalmente topa ir; logo se arrumou e foi com ela para a festa. Chegando lá encontraram com Miguel na situação costumeira: bêbado e rodeado de mulheres.

No ápice da festa, Miguel, sob os efeitos do álcool, acabou derramando vodka na camisa branca de Jorge. Muito alterado Miguel começou a gritar: – Sai da minha frente, “bobão”! Chateado, Jorge estava decidido a ir embora, porém Lídia o convenceu a ir apenas trocar de roupa e retornar à festa. Enquanto voltava ao seu dormitório, Jorge encontrou Miguel passando mal no jardim da Universidade; sem pensar duas vezes foi ao seu socorro:

- Precisa de ajuda, Miguel?
- Sai! Não quero e não preciso da ajuda de ninguém! – disse Miguel ríspido.
- Cara, cala a boca e deixa de ser ignorante, cadê as mulheres que estavam com você? Cadê seus “amigos”? Você está aqui, sozinho, precisando de ajuda e no momento eu sou a sua única opção.

Durante o resto da noite no jardim, após ajudar Miguel, os dois ficaram sentados conversando e Jorge pôde perceber que ele era apenas um rapaz sensível, solitário e que necessitava de atenção; que todo o dinheiro, popularidade, sexo e muitas mulheres não lhe traziam a duradoura felicidade, tornando-o amargurado, sendo seu único refúgio a bebida. Jorge se sentia intrigado com aquele rapaz que se encontrava ali na sua frente, despido de sua arrogância e de sua vaidade. A mansidão ao aconselhar, ouvir e acolher fizeram com que Miguel se sentisse bem do lado daquele desconhecido cativante. Na manhã seguinte Jorge recebeu um bilhete em sua porta: “Me encontre daqui a 10 minutos na cantina do bloco 3”

O bilhete não tinha assinatura, só lhe restava ir e descobrir de quem se tratava... e foi o que ele fez. Para sua surpresa, ao chegar ao local se deparou com Miguel sentado e pensativo, à sua espera. Quando Jorge se aproximou e se sentou, Miguel disse:

- Obrigado por me ajudar ontem...e pela longa prosa, me senti muito melhor...obrigado mesmo!
- Fiz o que achei certo, e farei quantas vezes for necessário!

Miguel, que já estava encantado com a serenidade de Jorge, ficou ainda mais surpreso com essas palavras.

Desse dia em diante Miguel e Jorge se tornaram amigos inseparáveis, a ternura crescia a cada dia no coração dos dois e ao mesmo tempo se tornava um sentimento desconhecido que os intrigava. Com a chegada da semana do “saco cheio” Miguel convidou Jorge para passar aquelas duas semanas na fazenda que pertencia a sua família; Jorge aceitou com empolgação o convite. Foram duas semanas inesquecíveis para os dois; andaram a cavalo, passearam pela floresta e até mesmo dormiram a céu aberto olhando as estrelas naquela imensidão de azul marinho, contando piadas e rindo das coisas que a vida arma. Os olhares, os sorrisos eram

algo constante que se fazia presença entre os dois; o sentimento que já podia ser notado se fazia presente nos seus corações; sentimento que Jorge e Miguel começavam a compreender.

Na noite que antecedia o retorno, Jorge preparava uma lasanha enquanto Miguel arrumava a mala. Terminando resolveu ir à cozinha e ficou olhando fixamente para Jorge e acabou sendo correspondido com um olhar e um sorriso cabisbaixo. A troca de olhares é interrompida pelo soar do cronômetro do forno. Enquanto Jorge fora retirar o jantar, Miguel havia ido tomar banho. Após algum tempo retornou bem à vontade, usando apenas uma bermuda, exibindo os belos traços musculosos distribuídos ao longo dos seus 1,85 m. Jorge, ao se deparar com Miguel, ficou paralisado: fixou seus olhos no rapaz e ficou bobo com tanta beleza.

Pela primeira vez o desejo carnal se manifestou em seu interior, fazendo-o ficar sem palavras. Após o jantar Miguel pegou um vinho na adega da casa e um par de taças para os dois. Enquanto servia o vinho iniciou seu desabafo:

– Eu demorei muito para entender o que de fato estava acontecendo comigo, eu achava que sabia de tudo, que tinha total controle sobre as minhas decisões, que podia ser dono de mim sem ouvir o coração. Desde aquela noite em que te conheci a minha vida nunca mais foi a mesma... eu nunca mais fui o mesmo! O dia poderia estar o pior dos piores, porém a sua presença sempre o tornava mais feliz! Eu, tolo, achava que apenas sentia ternura, mas essas duas semanas que passaram me fizeram entender o porquê você havia se tornado tão importante pra mim.

Miguel tocou o rosto de Jorge como as gotas de chuva tocavam o solo naquela noite quente de verão, anunciando a vinda de uma chuva que se estenderia até o gritar da aurora. – Eu te amo! Você conquistou meu coração de uma maneira que ninguém nunca conseguiu. Quero acordar todos os dias e ter a certeza de que sou o cara mais feliz do mundo

por ter a pessoa mais especial do universo ao meu lado...

- Miguel, eu nem sei o que dizer... desde aquela noite na festa, em que te vi pela primeira vez a minha vida mudou, eu nunca mais fui o mesmo desde que te conheci... Miguel e Jorge silenciaram o cômodo com um beijo, um beijo de amor, um beijo sem mentiras e totalmente verdadeiro. Um beijo que emanava um grito de liberdade e ao mesmo tempo calava os anseios interiores que habitavam em seus corações.

A chuva beijava a terra incessantemente, anunciando a madrugada longa e fria, suas gotas cristalinas percorriam o vidro da sala, realizando um percurso retilíneo com um objetivo de chegada. Naquele ambiente, porém, não havia espaço para o sono, o amor se fazia presente, seus corpos se tornaram uma só carne e suas almas formavam uma combinação perfeita, feita sob medida uma para a outra. Jorge e Miguel se amaram noite adentro como se o mundo tivesse parado para contemplar as suas manifestações ocultas.

No dia seguinte daria abertura a mais uma semana na Universidade, Jorge e Miguel retornavam à rotina com um brilho diferente, com um olhar apaixonado e um alívio de finalmente compreenderem o verdadeiro valor de se amar. Naquele mesmo dia, na hora do jantar Jorge se dirigiu ao dormitório de Miguel para deixar a camisa com que ele havia ficado. Para sua surpresa, ao abrir a porta se deparou com Miguel aos beijos com uma colega de classe que fazia o mesmo curso que ele. Jorge viu seu mundo de felicidade se diluir em decepção e não hesitou em sair correndo.

Miguel, ao ver que seu amado pegou-lhe em flagrante, correu atrás para tentar se desculpar.

- Jorge, Jorge, abra a porta pelo amor de Deus, não é o que você está pensando. Jorge hesita um pouco e resolve abrir com os olhos cheios de lágrimas.

- Como não era se eu mesmo peguei vocês dois aos amassos, Miguel! Você acha que sou idiota? Pois bem, parabéns! Você brincou e eu caí direitinho no seu jogo de mentiras, pra ser apenas mais um na sua listinha de pegador barato. Agora eu entendo, enquanto namora escondido com o trouxa aqui, sai por aí bancando o Juan Miguel para seus amigos, levando a mesma vida miserável de antes.
- Meu amor... Espere, eu jamais brinquei com você; aquela louca entrou no meu quarto e começou a me beijar e...
- Já que você gosta tanto de brincar com corações alheios, pode arrumar outro pra fazer esse papel de otário no meu lugar, porque esse teatro acaba por aqui.
- Meu amor, eu sou inocente, acredite em mim pelo amor de Deus

Jorge lhe responde fechando a porta do quarto; o amor que se fizera tão próximo, tão íntimo entre os dois agora se desfragmenta pela facada da injustiça e pela pancada de uma porta, porta que fazia dois corações tão próximos ficarem tão distantes. A decepção que vinha acompanhada de revolta era grande demais no coração de Jorge, estava sufocado, somente as lágrimas não conseguiam lhe aliviar; por isso pediu as chaves do carro de uma amiga e saiu a toda velocidade. A raiva se manifestava em seu interior enquanto aquela cena humilhante não lhe saía da memória; na velocidade que crescia cada vez mais Jorge pôde gritar a sua infeliz sorte.

Por um instante enquanto a sua mente lhe torturava, ele invadiu a mão contrária e bateu na lateral de um caminhão que realizava aquela curva com segurança e cautela. O carro de Jorge saiu da pista, caindo barranco adentro de uma altura gradativamente alta em relação a rodovia; o carro capotou várias vezes, terminando aquele trágico percurso com uma explosão.

A notícia do acidente chegou com rapidez na Universidade via WhatsApp. Quando Miguel soube da notícia sentiu seu mundo ir ao chão e resolveu ir de táxi até o local do acidente. Enquanto o taxista realizava sua trajetória Miguel chorava e rezava pedindo a Deus por seu amado.

Chegando ao local do acidente, foi avisado que Jorge não se encontrava mais ali, que já havia sido encaminhado para o hospital principal. Miguel não se importava mais com nada, só pensava em seu amado, estava disposto a fazer o que fosse preciso para salvar a vida de Jorge. Chegando ao hospital Miguel procurava incessantemente por notícias de Jorge, perguntava a um, a outro, e ninguém sabia ao certo como ele se encontrava. Depois de minutos de muita angústia veio o médico que estava acompanhando o quadro clínico de Jorge:

- Doutor, doutor, pelo amor de Deus me dê notícias a respeito de Jorge, estou desesperado, como ele está? Ele está bem? – disse Miguel em tom de desespero.
- Se acalme, está bem? O que você é do paciente? – Eu.. eu....sou o namorado doutor... um namorado desesperado por notícias.
- Então, as notícias que tenho não são as melhores possíveis...
- Me fala doutor, eu preciso saber!! Estou ficando mais desesperado com esse suspense todo!
- Bom, o paciente recebeu os primeiros socorros, porém teve duas vértebras quebradas... e uma dessas atingiu o fígado, que ficou 57% danificado. Ele precisa urgentemente de um pedaço do fígado para substituir a parte prejudicada, no entanto se não conseguirmos um doador nas próximas três horas pode ser que ele não resista e acabe vindo a óbito por hemorragia generalizada.

- Doutor, eu quero doar metade do meu fígado, faça o que for preciso para salvar a vida dele, pago quanto for, só preciso que salve o Jorge...tenho um pedido a fazer: não revele a ele quem foi o doador, por favor – dizia Miguel aos prantos.
- Tudo bem! Podemos ir então?
- Claro! Vamos.

Após o transplante ter sido executado com sucesso, o organismo de Jorge reagiu positivamente ao procedimento; acelerando sua recuperação. Em pouco mais de dois meses, ele estava recuperado e pronto para receber alta. Jorge foi recebido com alegria na Universidade pelos colegas e professores, que lhe preparam uma festinha de boas-vindas. Ao fim da confraternização, Jorge foi ao seu dormitório descansar um pouco; ao entrar se deparou com um envelope vermelho em sua cama; não hesitou e resolveu abrir e ler... era uma carta de Miguel:

“Se você abriu essa carta significa que Deus poupou-lhe a vida, por um instante pensei que havia te perdido para sempre, porém quando eu vi que tinha a chance de colocar todo o meu amor a prova resolvi entrar de corpo e alma. Dentro de você agora tem um pedaço de mim, sempre que se olhar no espelho vai se lembrar do quanto te amei e do quanto te amo. Estou renunciando a você... não por ser covarde, mas sim por te amar demais e querer a sua felicidade...amo você, e me perdoe pela dor que te causei. Miguel.”

Jorge se olhou no espelho, e diante de seu reflexo viu o corte que marcava sua pele; era inacreditável como Miguel o amava e de fato ele provou isso. Sem muito pensar, pegou uma mala com as poucas roupas que haviam e saiu em disparada, perguntando a todo mundo para onde Miguel fora; ninguém sabia ao certo, até que um de seus amigos lhe informaram que ele optou por ir embora de trem, alegando ser uma viagem mais tranquila.

O trem se preparava para partir e Miguel já arrumava seu travesseiro para a longa viagem; o trem já estava começando a deslizar pelos trilhos, quando Jorge se jogou para o seu interior. Miguel surpreso sem entender nada, olhou assustadamente para Jorge que disse em alto e bom tom: – Não faz nenhum sentido carregar um pedacinho de você se não te tenho por inteiro, irei para onde você for, porque o meu lugar é aqui... do seu lado! Eu te amo Miguel, com todas as forças do meu coração. Com uma salva de palmas os passageiros saudaram aquele jovem casal, que em um beijo assumiram o propósito de juntos seguirem em busca de um simples ideal: a felicidade.

Me Desculpe O Transtorno Mas Meu Pai É Estuprador

Por Beatriz Monteiro Lima – Campus Avançado Ipameri

O i, meu nome é Julie, tenho 17 anos, 1,63 de altura 58 quilos, olhos e cabelos castanhos e pele clara. Hoje vim contar minha história. Dois anos atrás perdi minha mãe em um acidente de carro, ela estava indo me buscar na escola quando um caminhão entrou na frente de seu carro. Desde então fui morar com meu pai, que se separou da minha mãe quando tinha 4 anos de idade, não me lembrava direito do rosto dele.

De início, apesar de está abalada com a morte de minha mãe, pensei que poderia ser legal viver com meu pai, ele é evangélico, tem boas amizades, e nome na praça, o que poderia ser melhor que um pai desse? Os primeiros meses foi tudo incrível, total conforto e carinho ganhava do meu papai perfeito. A nova mulher dele era demais; bonita, inteligente, trabalhava para uma das maiores empresa de moda que existia na cidade. Eu não tinha o que reclamar da minha nova vida.

Mas o tempo foi passando, comecei a notar meu próprio pai me encarando com um olhar diferente, as vezes parecia que ele me vigiava sair do banho de toalha. Já acordei com ele no meio da madrugada sentado na minha cama, com a desculpa que eu parecia um anjinho dormindo e queria repor o tempo que perdeu longe de mim. Eu já não me sentia segura dentro da minha própria casa, comecei dormir de porta trancada e me trocava antes de sair do banheiro. Tentei conversar com algumas amigas do colégio mas elas falavam que era impressão minha, um pai nunca faria nada com a filha. Elas estavam erradas.

Meu aniversário 16/5, fiz um pequeno jantar para família e amigos e aproveitei para apresentar meu namorado para meu pai, no momento que eu disse “Pai queria te apresentar o Marcos como meu namorado” a expressão dele mudou, disse que a festa tinha acabado naquele momento, umas tias até tentou acalmar a situação, mas não adiantava ele estava possesso e ninguém entendia o porquê. Logo depois que todos foram embora ele me chamou pra conversar, Ivete mulher dele estava em reunião fora da cidade, estávamos sozinhos. Ele entrou no meu quarto e disse que eu não iria transar com outro cara, pois eu era dele, tudo que eu tenho é dele. “EU SOU SEU PAI E VOCÊ É MINHA, VOCÊ É MINHA” ele gritava, eu estava ficando assustada e pedi para que ele saísse do meu quarto e ele negava.

Assustada levantei para sair dali, ele puxou meu braço e me jogou na cama, tirou seu cinto e suas calças, chorando pedi pelo amor de deus para ele não fazer nada, empurrava ele pra longe de mim mas ele foi mais forte, rasgou minhas roupas, e amarrou minhas mãos e pés com enforcamento na cama, eu implorava para que ele parasse e quanto mais eu pedia mais ele me batia, mais agressivo ele ficava, tapas, mordidas, arranhões, murros até meu corpo não aguentar mais e eu desmaiar. Acordei no outro dia nua, cheia de sangue e esperma no rosto, eu não tinha forças nem para chorar e estava com medo. Ele me manteve trancada no quarto por duas semanas, abusando de mim todos dias. Dizia para as pessoas na rua que eu estava doente, todos acreditavam, homem de Deus não mente. Eu não tinha mais saída, não tinha como pedir ajuda, não tinha jeito de fugir. Hoje 05/6/2017 eu irei sair dessa, dentro de uma banheira de sangue, com cortes em meus pulsos mais rasos que as feridas em minha alma criadas pelo meu próprio pai.

O Abismo Confortante Dentro do Arco-Íris

Por Karolayne Perez de Melo – Campus Trindade

Acordo. 7:00 no rádio da cabeceira. Mal pisquei e já amanheceu. Começo a me vestir enquanto penso na noite anterior. Depois desse pesadelo, sinto como se tivesse dormido apenas cinco minutos, mas me deitei às 23:00. A aberração na piscina outra vez. Era asqueroso, medonho e, mesmo sem nunca ter sentido o cheiro da morte, sei que o odor era o mesmo. Quando se imagina um monstro, o que se espera é que seja de tonalidade escura. Mas esse era amarelo, de cor mais vibrante que a saia que a Viviane usa aos domingos. Inclusive, onde está Viviane? Será que fez café da manhã? O Bernardo já deve ter saído. – Minha irmã poderia ter mandado uma mulher melhor. Essa sempre deixa o Bernardo sair com fome para o treino, só entra na cozinha quando me levanto.

Termino de falar, já escuto a batida e, em seguida, vejo a porta se abrir. – Acordou, dona Olga? Ih! Ela deve ter ouvido! Não ligo, parece uma espiã. Sempre que faço um barulhinho, quer saber o que aconteceu. – Sim, Viviane. O Bernardo já saiu? Fez algo para ele comer? – Dona Olga, já falamos sobre o Bernardo. – Você sempre diz que ele já foi embora. Preguiçosa, posso acordar às 5:00 que a resposta ainda vai ser a mesma. – Não é só isso, senhora, mas se não quer discutir, vamos descer, coloquei um bolo de fubá no forno. – Não estou com fome. – A senhora precisa comer para tomar o remédio que o doutor Fábio receitou ontem. Sempre a falação do doutor Fábio. Essa gente acha que só porque fiquei velha tenho que me tornar hipocondríaca.

Não adianta quanto tempo tento ficar longe desse homem, ele sempre aparece com remédios novos, dizendo que está acompanhando de perto a

minha saúde. Mas o Bernardo não está aqui, só ele fala ao meu favor sobre não tomar os remédios, então não vou discutir. A Viviane é muito insistente e eu não tenho mais a paciência. Desço. Como. Tenho a conversinha matinal sem graça sobre os vizinhos. Sento-me à varanda. Todo os dias, a mesma rotina. Todo dia é feriado. Todo dia eu fico em casa pensando em como era bom quando meu desejo era ficar em casa. Sinto saudades dos meus alunos, dos meus colegas, mas não trabalho mais. Disse que era a velhice para me dispensarem, mas não. Como sempre, a culpa é dele.

Fábio Albuquerque. Contratado também pela bastarda, meia irmã que nunca quis ter. Vinte anos mais nova, vinte vezes te odeio. Não entendendo a necessidade de um médico batendo à porta toda semana. Sempre tive disposição de ferro, corria atrás dos meus alunos e ganhava. Há dez anos, quando o Bernardo tinha a mesma idade que eles, fazia o mesmo. O Bernardo agora tem 18, um homem. Sempre treinando. Nada muito bem, sempre nadou. Lembro-me da primeira vez que entrou na piscina, a mesma do meu sonho. Havíamos acabado de nos mudar. Precisávamos de uma casa sem lembranças para superar a perda do meu amor, seu pai.

Era a primeira vez que entrava em um lugar tão fundo. Fiquei com medo, mantive os olhos atentos o tempo todo. A minha preocupação logo se provou injustificada, ele nadou perfeitamente, e a cada vez que meu coração subia à boca durante seus mergulhos, sua cabeça emergia quase que simultaneamente, sorrindo por ter batido o recorde. De dois em dois segundos, ele aumentava o tempo que segurava sua respiração. Tão fofo, tão parecido com o pai. Canso-me de olhar para a água, passo a mão nos cabelos e, como de costume, me assusto: tão curtos, nem parecem os mesmos da juventude, sempre adorei cabelos longos. Ainda não entendo por que mulheres mais velhas cortam os cabelos, mas não queria parecer uma senhora que não sabe a própria idade, então me adequei à moda.

Ao levantar, circundo a edificação para chegar à outra varanda, a do jardim: muito mais cheirosa. Virando a esquina que dava para a jabu-

ticabeira, esbarrei no vasilho de pimenta. Ah, não, de novo! Já escuto os passos da intrometida... – DONA OLGA?! TUDO BEM, SENHORA? O QUE FOI ISSO? – Nada, Viviane, derrubei um vaso de pimenta. Quebrou. Mais um. – Está se sentindo desnordeada? Já é o terceiro essa semana. – Não, fiquei cega pela luz solar, não virei mais por esse caminho nesse horário. Mas, me diz, eram quantos desses vasos? – Seis, dona Olga, não lembra? Já estavam aqui quando me contratou. – Pois eu me lembro muito bem. E eram sete, tenho certeza. As cores do arco-íris, escolhi por isso. – Acho que se engana, desde que cheguei são seis, e me mudei quase junto com a senhora. – Que seja. – Vou trazer uma água para a senhora, não te vi bebendo nada além do café hoje.

Não falei nada, queria ficar sozinha. Agora até sobre os meus vasilhos ela quer saber mais que eu! Estou velha, não amnésica. Eram sete vasilhos! Quebrei o violeta agora, mas ainda restam verde, vermelho e azul. Além disso, tenho certeza que haviam mais três. Pensando melhor, vou buscar a água eu mesma, não gosto de gente no meu jardim. Ao chegar na cozinha, me desaponto. Viviane estava no telefone. Ela só liga do residencial para uma pessoa: doutor Fábio. – Senhora, o doutor Fábio está vindo fazer uma visita à senhora. – O quê? Por quê? Ele esteve aqui ontem. As visitas são semanais. – Entendo, mas eu acabei de ligar para ele, que estava aqui no condomínio visitando outra paciente. – Por que você ligou para ele?! – Acho que está na hora dele te explicar melhor sobre os remédios que está tomando.

– Minha mãe nem precisa desses remédios. Bernardo! Meu Deus, que maravilhoso, ele nunca volta antes de anoitecer, esse milagre veio a calhar! Assim ele me ajuda a enxotar o doutor Albuquerque daqui. Infelizmente, Viviane fingiu que não o escutou e saiu para preparar a sala. Tudo bem, se não quer cancelar a visita, vai passar vergonha na frente do médico. – Meu filho, por que voltou tão cedo? Seu cabelo nem está molhado, não teve treino? – DONA OLGA, ME CHAMOU? O Bernardo fez careta pela intromissão dela, e eu decidi ignorar o chamado. Por sorte,

a campainha tocou, provavelmente por autoria do médico, e ela não chamou de novo. – Não, mãe, a piscina do clube está com vazamento. Mal cheguei e já tive que voltar – SENHORA, O DOUTOR ESTÁ AQUI! Bernardo e eu nos dirigimos à sala. No entanto, ao chegar, o doutor Fábio sugeriu que fôssemos para o jardim, que era mais fresco. Fiquei azeda. Não quero estranho no meu jardim. Fui por educação.

Sentei-me perto dos vasilhinhos de pimenta e fui circundada pelos dois estorvos, enquanto Bernardo se manteve em pé. – Olga, a enfermeira Viviane me disse que andou quebrando uns vasos e que está um pouco confusa a respeito da cor deles. – Enfermeira?! Bernardo, você sabia que a Viviane era enfermeira antes de trabalhar aqui? Eu imaginei que ela nem tivesse terminado o ensino fundamental. A saúde deve estar bem complicada mesmo para uma enfermeira virar empregada. – Não sou sua empregada, dona Olga, estou aqui como sua cuidadora, mandada por sua irmã. E o Bernardo não está aqui, senhora, já foi embora. – Eles estão tentando te deixar louca, mãe, não acredite em nada, estou aqui. – Agora também insinua que sou cega? O médico entreviu. – Tenho certeza que pensa estar vendo Bernardo ali, mas precisamos conversar sobre isso. O seu caso de psicose está muito acentuado, Olga, e achei que não tivesse reversão. Mas sua constatação sobre a cor dos vasos demonstra grande avanço em direção à lucidez. Lembra-se de quando comprou esses vasos? – Psicose? Realmente, vocês acreditam que estou louca. Sim, comprei quando me mudei para cá com o Bernardo, há dez anos. – Aí que está, a senhora se mudou para cá há menos de um ano. Não estou entendendo nada. Seria um daqueles filmes em que tentam enlouquecer um paciente são, alegando que ele já está louco? É isso que a bastarda quer? – Não sei de onde tirou essa ideia, mas Bernardo está aqui e pode confirmar que se mudou comigo quando tinha oito anos. – Exatamente, Olga, se mudou quando o Bernardo tinha oito anos, e agora ele teria nove. O trauma fez com que avançasse dez anos em um. Isso tudo foi uma maneira de sua mente tentar se afastar do ocorrido. Teria?!

Já ia contestá-lo, quando esbarrei em outro vasinho ao tentar me levantar da cadeira. O verde. Tudo está verde. O arco-íris mais incompleto. Vermelho, laranja, verde, azul, índigo, violeta. O que falta? Amarelo. O monstro. Estou zozna. Tudo está amarelo. Bernardo, filho, por que está amarelo? Olhando para Bernardo, vejo Bertinho... O pai o chamava de Bertinho. Eu nunca chamei, não é? Para mim era sempre Bernardo. Mas Bernardo e Bertinho estão amarelos. Bertinho de sunga amarela, Bernardo de face amarela, doutor de face amarela, Viviane de face amarela. Bernardo, não entre na água. É funda, você é pequeno. Entre, mas vou ficar de olho. Que barulho foi esse? É do jardim, parece barulho de vaso no chão. Está certo, filho, vou olhar. Dou a volta. Um pombo derrubou meu vasinho novo, o amarelo. Mas não tem só um, tem vários, parece praga. Vou espantá-los todos. Que barulheira, de asa, de bico. Ai, fez sujeira em mim. Derrubou o meu vaso e me sujou. Que nojo, vou me limpar. A mangueira do jardineiro. Não sai nada. Onde está dobrada? Percorro, onde está a dobra? O registro que está fechado. Abro. Me limpo. Bernardo vai rir. Bernardo, uma pomba fez cocô em mim. Piscina vazia. Bernardo? Corro. Bernardo está no fundo. Meu Deus, não, ele não se mexe. Quanto tempo demorei? Espero que esteja bem. Tiro o Bernardo da água. Amarelo também é a cor da sunga. Mas só vejo roxo e amarelo. Aperto, sopro, igual nos filmes. Sopro, aperto.

O médico me aperta. Deveríamos ter esperado mais, ela não estava pronta, forçamos. Chame a ambulância. Não funciona, Bernardo não abre os olhos. Grito. Não! Primeiro meu amor, agora meu grande amor! Levo a mão à cabeça, quando olho, cheia de cabelo. Grito. Uma mão na nuca, unhas com carne e sangue. Também morrerei. Grito. Mão no cabelo, mão na nuca. Tudo outra vez. Ficarei sem cabelo, se não posso ter Bernardo. O médico tira o cabelo que restou do ataque do ano anterior da minha testa, ensopado de suor. Olho para baixo, Bernardo morto. Olho para cima, médico vivo. O vizinho. O vizinho escutou os gritos. Ele me tirou de cima de Bernardo. Não, não, quero meu filho. Seu filho já foi embora, moça, mas vou te ajudar. O vizinho me afasta de Bernardo,

mas o médico não. Esse me leva a Bernardo. Está desesperado. Segure, Viviane, ela está convulsionando! Segure! A cabeça! Não adianta, doutor, Bernardo está me esperando, não me afasto dele de novo. Estou vendo meu filho. Sentado no arco-íris. E nem precisei colar o vaso.

O Mar como Refúgio

Por Elaine Santos Morais – Campus Rio Verde

O ar estava cheio de fuligem, micro pedaços de construções caíam do céu sobre mim, como uma chuva fantasmagórica composta de maldade e dor. Aos pouco retomei a consciência, o ar entrou de forma pesada em meus pulmões devido a poeira suspensa e à fumaça, me levantei por entre os escombros, o cenário a minha volta era de terror, construções em ruínas, evidenciando os ataques de ódio ao centro da cidade, tudo se resumia a medo e a uma trilha de corpos sem vida e mutilados entre os escombros de mais um ataque bomba. As pessoas que não perderam suas vidas, acabaram perdendo mais um fragmento de suas almas até então, surradas pelas condições impostas.

Atravessei uma esquina, notei a certa distância cinco homens sobre uma camionete vermelha, velha e suja, todos com armas de grosso calibre, dispararam contra um grupo de pessoas que buscava um lugar seguro para se esconder, como se aquilo fosse apenas uma caçada em uma floresta qualquer. É incrível o que um ambiente de guerra pode fazer com um ser humano. Como a vida humana perde completamente o seu valor, quando alguém morre vítima da guerra acaba virando apenas uma estatística, e eu depois de já ter visto dois irmãos mais novos e minha doce mãe morrer, me questionava, quando eu me tornaria mais uma nessa crescente estatística.

Me obriguei a correr, pisando apressadamente sobre diversos escombros que se amontoava por todos os lados, sentindo um sangue fino escorrendo em minha testa. Segurei fortemente meu precioso pacote sobre minhas roupas sujas. Depois de dois dias sem mantimentos para que eu e meu pai Ibrahim Al Sudani nos alimentássemos me ofereci a ele

para ir até o posto de abastecimento buscar mantimentos, que com sorte duraria pelo menos mais três dias. Ele já havia emagrecido 15 kg desde a tomada total da cidade, optando por não se alimentar muitas vezes, garantindo assim que nenhum de seus filhos ficasse com fome.

Papai sempre fora um bom homem, mesmo vivendo em uma época e lugar difícil, seus olhos sempre transmitiram paz, a todo momento nos olhava com olhos de amor e respeito. Olhos esses que hoje esgotados de tantos horrores que viu, ainda me transmitem paz.

No caminho de volta para casa, apertava contra o peito o pacote com os mantimentos que havia conseguido, um pouquinho de arroz e trigo, o que diante da escassez de alimentos era de valor inestimável. Cada passo que eu dava lembranças diferentes eram lançadas em minha mente, tais como nos dias quentes em que meus irmãos corriam pela rua brincando, meu pai em sua lojinha de sapatos sempre gentil e minha querida mãe em casa, preparando nosso jantar, o cheiro das ervas finas e do tempero tomava o ar da casa, eu encostada sob o umbral da porta observando ela elaborando suas receitas, ela se virava para mim e sorrindo me pedia para arrumar a mesa para o jantar. Lembranças que agora pareciam tão distantes, tão ilusórias diante da sombra que a guerra me afligia.

Avistei minha casa de longe, uma boa parte dela já havia ruído diante há tantos ataques, agora nenhuma criança mais corria pelas ruas, apenas pobres almas-aflitas seguiam buscando uma direção, um lugar seguro, lugar este que não seria encontrado. O sol já descia no céu, se escondendo atrás de uma grossa nuvem, transpassando raios de luz banhando o horizonte, como se o paraíso fosse logo ali. Eram lançando sobre as nuvens leves pinceladas de alaranjado, deixando o céu com um mesclado de amarelo, azul e de um laranja celestial.

Quando finalmente cheguei em minha casa, ao que restara do meu lar, ainda permanecia um último filamento do sol, atrás das montanhas

ao longe, e eu sabia que mesmo diante da dureza daquele dia, minhas esperanças se renovariam ao amanhecer de um novo dia.

Após me limpar, eu e papai jantamos sobre a luz amarelada e trêmula de uma vela. Decidi omitir o ocorrido no posto de distribuição de alimentos. Um silêncio perdurou durante o nosso breve jantar, papai permaneceu absorto em seus pensamentos, enquanto seu olhar permanecia duro. Estranhamente os ruídos vindo das casas vizinhas me confortaram diante daquele silêncio.

Ao finalizar o jantar, enquanto guardava a comida que havia sobrado, papai quebrou o silêncio.

- Adeela. - disse ele me surpreendendo
- Ouça minha filha, eu finalmente decidi, é insustentável permanecermos aqui, diante do rigor dessa guerra infundável, é mais seguro partirmos. Você só tem a mim e eu tenho apenas você.

Passou-se algum tempo, até que eu compreendesse o que ele queria. Muitas famílias e grupos já haviam partido, acabaram se tornando refugiados em países da Europa, longe do horror da guerra.

Eu sempre confiei nas decisões dele. Mas o questioneiei.

- Papai, perdeu a esperança de que nossa cidade se liberte desse julgo opressor?

Ele pareceu surpreso pelo meu questionamento. Mas respondeu.

- Minha filha Adeela, eu nunca perdi minhas esperanças em Mosul, foi ela quem desistiu de si mesma. - pude ver o pesar em seus olhos. – Eu ainda sonho com uma vida melhor para você, e é por

isso que eu preciso te tirar deste fogo cruzado, que nos sentencia a morte diariamente.

Olhei para ele, meu pai, um homem tão bom. Como eu poderia pedir para ficar, e impedi-lo de manter em segurança sua última filha viva. Seu único ente querido. – Não há lugar neste mundo que eu não vá segui-lo, não vá há onde eu não possa acompanhá-lo, nem se esconda onde eu não possa achá-lo!

Me abraçando então, ele chorou em silêncio, lágrimas grossas rolaram por sua face. Eu conseguia compreender o quão difícil era estar na posição dele, perder praticamente tudo, menos a sua vontade de viver. Eu mesma, com meus 14 anos, não sabia mais de onde tirar tanta força para me manter firme.

Passado algum tempo, ele então me explicou o que já havia vindo planejando. Havia polpado dinheiro de todas as maneiras que fora possível, desta forma conseguiu dinheiro suficiente para duas passagens de ônibus e dois lugares em um barco que atravessaria o mar Mediterrâneo, nos levando dessa forma para um lugar seguro, onde seria possível reconquistar uma vida digna. As passagens eram para dali uma semana. Esperanças de sonhos antigos aqueceram meu estilhaçado coração.

A cidade de Mossul havia sido tomada a pouco mais de um ano, mas há muito o ISIS tem posto sua mão sobre nossa cidade, e com o punho cerrado vinha desferindo golpes contínuos e fatais sobre meu povo. Essa guerra, já arrancou meu coração do peito diversas vezes, deixando ele aos pedaços, me tirando quase tudo, menos a esperança de que um dia tudo isso vai acabar, e o sol vai brilhar para todos.

Já havia passado uma semana desde que papai me dissera sua decisão, já havíamos arrumado tudo que era importante. Na noite anterior quase não dormimos, conversamos e fizemos planos para o nosso futuro em

um refúgio longe do nosso atual cenário, vislumbre de dias melhores nunca estiveram tão próximos. Chegado a hora de partir, um sentimento de saudade me sufocou. Nasci e me criei naquele lugar, deixar a minha pátria, o solo onde minha família estava sepultada, me parecia terrível, nunca antes havia saído dali, conhecia cada palmo daquela casa, e agora eu saltaria de olhos fechados em um abis futuro melhor estar lá em baixo para me aparar. Papai olhou em volta com uma certeza no olhar de que nunca mais veria aquelas paredes novamente. Trancou a porta, pegou minha mão, olhou fundo em meus olhos, e partimos. Não olhamos para trás.

Embarcamos em um ônibus em direção a Turquia, fomos avisados por um homem baixinho e um pouco acima do peso, com voz rouca, de que talvez seria necessário trocarmos de veículo, pois havia muita fiscalização nas fronteiras, devido ao excesso de refugiados que fugiam da guerra. Partimos deste modo então, recostei minha cabeça no vidro da janela do ônibus, enquanto nos distanciávamos a cidade foi ficando cada vez menor, as ruínas longes, até que desapareceram de vez do alcance dos meus olhos. – Querida, foi a escolha certa, só assim teremos paz!

Seus olhos me transmitiam confiança, encostei minha cabeça no obro dele, senti como se nada pudesse me acontecer estando ali, com sua proteção dormi. A viagem foi longa, muitas paradas, muita fiscalização. Quando chegamos a Turquia, o homem baixo solicitou que quem fosse continuar a viagem de barco pelo Mediterrâneo, entrasse em outro ônibus, que estava a alguns metros de onde estávamos. Cerca de metade dos passageiros seguiu junto comigo e meu pai até o outro ônibus, o qual já estava lotado. Um outro homem com um ar de superioridade, e um modo de agir suspeito, entrou no veículo, nos passou as instruções, e solicitou que sentássemos no assoalho do ônibus. Observei as pessoas a minha volta, eramos todos uns pobres-diabos, fazíamos parte um mundo invisível, todos extremamente magros, sofridos e exauridos de todas as maneiras possíveis, amontoados e humilhados em busca condições mínimas de sobrevivência.

Seguímos assim por alguns dias, até chegar ao porto onde partíamos para um mar de novas possibilidades. Era início da madrugada, o homem de ar superior nos enfileirou e recolheu o dinheiro dos passageiros, solicitou que apenas o necessário fosse levado, pois o barco era pequeno e havia muitos passageiros. Papai e eu nos mantínhamos próximos, evitando assim de nos perder um do outro em meio aquele conglomerado de pessoas que se encontravam naquele lugar. Nós não sabíamos onde estávamos ou a onde iríamos, só sabíamos que estávamos muito longe de casa para voltarmos. E que pior que partir, era ficar.

Uma brisa forte vinha do mar e tocava meu rosto, balançando meus cabelos, como uma recepção do mar para com todos ali em suas margens. Começou então o embarque das pessoas, iniciou-se com os homens, seguido de mulheres e crianças, de modo que pessoas foram se sentando no colo de outras pessoas e no assoalho do barco. Papai e eu sentamos no assoalho, próximo a uma senhora cujos cabelos a muito jazia brancos. Me chamou a atenção de que nenhum dos passageiros ali estavam com colete salva vidas e que no barco havia muitas pessoas, que, com certeza, ultrapassava o número máximo, mas papai me advertiu que não comentasse nada, que apenas seguíssimos o nosso caminho.

Terminado o embarque, o barco começou a se mover, avançando mar adentro. Aonde quer que eu olhasse, nada era alcançado além do mar. A brisa soprava forte, agitando assim a água a nossa volta, algumas crianças choramingavam, enquanto suas mães tentavam acalmá-las, e eu me aninhava cada vez mais próxima a meu pai, em uma tentativa inútil de me transportar para qualquer lugar menos naquele barco superlotado. A brisa vou ficando forte, se transformando em fortes ventos, que lançava sobre nós a água muito fria do mar, em instantes estávamos todos encharcados, eu tremia descontroladamente, parte por estar encharcada e estarmos todos sendo assolados pelos fortes ventos, parte pelo medo que sentia, papai me puxava para mais perto dele, enquanto ele também se encharcava, com cada vez mais água que entrava no mar em nosso pequeno barco.

O mar cresceu sobre nós, os ventos se tornaram violentos e as ondas selvagens. A minha volta muitos rostos choravam, lágrimas essas que se misturavam à água salgada do mar. O desespero era evidente, preces por toda as partes, eu pedia a Deus que nos deixasse prosseguir. O piloto do barco, tentava manter o barco em movimento, apesar do vento que incindia sem misericórdia sobre nós. Ondas começaram a se chocar contra nós dentro do barco, a senhora que estava do meu lado fora jogada ao mar, sendo carregada pelas ondas para longe de nós. Papai me segurava com força, para que não fôssemos lançados fora também.

Fomos acertados por uma sequência de ondas que parecia vir de todos os lados simplesmente perdi o contato com papai. Fui lançada em alto-mar, como uma folha seca de outono que o vento leva em seu favor. Senti meu corpo afundar, desesperadamente movimetei braços e pernas até submergir, mas fui esmagada por uma onda muito grande que me afundou mais uma vez, tentei novamente submergir, e quando alcancei a superfície, vi o barco ao longe, e papai em altomar também, gritando por meu nome. As ondas eram incessantes. Quanto mais eu lutava para ir à superfície mais ao fundo eu era levada.

Meu corpo então se tornou pesado, e tudo a minha volta estava muito escuro, me senti toda e completamente sozinha, como se todo o peso do mar estivesse sobre mim, ele tinha minha vida nas mãos, e estava me tirando tudo, me deixando ali sem nada. Não sei quanto tempo durou ao certo, pode ter sido segundos, minutos...uma eternidade. Meu peito queimava com a água salgada que passava por minhas narinas, nada estava sobre meu controle, tentei mais uma vez puxar desesperadamente qualquer quantidade de ar que fosse para meus pulmões, mas já não era mais possível, o mar havia me abraçado e não me soltaria mais. Com um último espasmo do meu corpo tudo acabou.

Meu corpo foi levado pelas correntes, embalado pelas mãos firmes da maré. Uma luz vinda do céu recolheu meu corpo sofrido e cansado da-

quelas muitas águas. De repente já não existia mais dor ou medo, existia apenas o silêncio percussor da paz. Eu estava no limiar da vida, as portas do paraíso, em um refúgio seguro. E eu fui de encontro a paz, eu não olhei para trás!

O paraíso escondido (e onde encontrá-lo)

Por Flávia Canêdo Souza – Campus Urutaí

Vi-me sendo consumida por aquele fogo e enorme vontade de permanecer encarando-o. Era um rapaz de pele morena, madeixas escuras, com roupas apertadas e um lindo sorriso. Era uma beleza, colírio, não somente para os meus olhos, mas para minha alma, que estava cansada da monotonia do meu casamento. Logo atrás dele veio meu cônjuge, sempre com a mesma camiseta branca amarelada, sem ao menos um botão dourado ou um bolso não remendado. Não que ele fosse feio, pelo contrário, era o homem que sempre sonhei, digno do termo príncipe encantado, mas depois de encontrá-lo me vi presa eternamente naquele sonho.

Sempre desejei um lindo casamento, dormir em um grande e largo ombro, fazer amor apenas com um homem todos os dias e sentir o mesmo prazer todas as vezes; há três anos eu havia adquirido a “minha vida perfeita”, mas ela havia se tornado tão rotineira quanto o jornal de todas as noites, a diferença é que este trazia algo novo a cada programa. Eu o conhecia da cabeça aos pés, cada pinta, cicatriz e obturação nos dentes. Ele então chegou e entrou no carro.

Não pensem que todo esse descaso pela vida de casada era sentido apenas por mim, ele também se encontrava em um quadro branco, sem detalhes, sem emoção e sem vontade de continuar ali por muito tempo. Assim como uma exposição em um chato museu, nosso casamento não atraía olhares, não era motivo de felicidade e nenhuma das partes possuía interesse em continuar. Como dito, eu já o conhecia por completo e a falta de novidades me colocava em um estado de desânimo quando esta-

va em sua presença, enquanto que quando estava com meus amigos me sentia viva e como uma adolescente novamente.

Chegando em casa, após um dia de trabalho e de compras, colocamos os produtos sobre a mesa, quando ele disse:

- Eu não consigo mais, vou sair de casa.

Talvez pensem que ele foi seco demais e que devíamos ter conversado sobre o estado de ambos, mas isso já havia acontecido. Aconteceram tantos diálogos sobre nossa união, sobre o que estávamos sentindo e sempre as palavras finais eram “vamos tentar de novo”, mas as tentativas foram muitas e o amor já era pouco.

Fui até o quarto e alguns minutos mais tarde saí do cômodo, de banho tomado, cabelo preso, camisa azul, calça escura e sapatos pretos.

- Vou à Igreja, quando chegar conversamos. Disse-lhe sem ao menos olhar em seu rosto. Ele continuou em profundo silêncio, enquanto assistia a um documentário.

No caminho até a Igreja pensava se era certo terminar o casamento. Eu já não o amava, mas em consideração a todos os anos que ficamos juntos devia fazê-lo feliz, mas talvez a separação fosse melhor para ambos. Faltando apenas uma quadra para a Igreja, quando estava parada no semáforo, um vendedor ambulante ofereceu-me uma rosa, porém eu não lhe dei moral, ele, por sua vez, entregou-me a rosa de maneira gentil e com um amarelado sorriso.

- Porque o amor mora nos pequenos detalhes, minha dama. Disse o vendedor após entregar-me a rosa.

Admirada com a bela atitude dei-lhe um sorriso assustado, enquanto passava pelo semáforo já aberto. Quando cheguei no estaciona-

mento da Igreja desliguei o carro e olhei para a rosa. Era vermelha e possuía o mesmo cheiro do primeiro buquê que meu marido havia me dado, ainda durante o namoro.

Depois de longos dias e noites que eu não sabia o que era sentir saudade daqueles beijos e abraços, senti, como uma fogueira em seu estado inicial, aquele ardor aquecer em meu peito. Senti falta da presença do marido, assim como se sente falta de uma árvore arrancada na rua e da chuva em longos e incontáveis dias de inverno.

Olhei para a Igreja e não havia sinais de missa, não havia pessoas saindo ou entrando, apenas o clarão das luzes de dentro. Cheguei na porta e minha suspeita foi confirmada, não haveria celebração, só assim me dei conta que era uma quinta-feira. A Igreja ficava longe de casa e, como já havia feito o trajeto, não iria desperdiçá-lo voltando tão cedo. Possuía santos esculpidos em lindas imagens nas paredes, os bancos reluzentes em madeira vernizada e o altar com a Sagrada Família ao centro, enfatizando o auge daquele lugar. Dentro da Igreja se encontravam apenas o som dos meus sapatos ao andar por ela, toda a confusão que havia dentro de mim e os sentimentos a apertar minha garganta. Nenhuma alma mais confusa que a minha, nem menos.

Chegando à Capela do Santíssimo, escura, mas parcialmente iluminada por velas coloridas, ajoelhei-me e toda memória boa e dolorida daquele casamento pôs-se a cair sobre mim. Lembrei-me de quando nos conhecemos, era uma quarta-feira quente de primavera, nossos corações se juntaram antes mesmo de nossos olhares se cruzarem, eu já era dele antes de conhecê-lo. Já ele dizia ter-me como amada desde então e sabia já me amar naquele momento, prendendo dentro de si as palavras “eu te amo”. Ali, diante do sacrário, os momentos ecoaram agudamente em minha cabeça. Após alguns segundos me vi com as mãos sobre a face, encharcada. Meus prantos ecoavam pela Igreja e senti uma dor parecida com a que havia sentido há anos, a dor de perder um amor. Erguendo os olhos e encarando

o cordeiro esculpido no sacrário, senti como se todo o ambiente houvesse sido preenchido e, como uma voz ao fundo, senti algo me dizer:

- Pois agora você não verá o que é visível aos olhos e sim o que a carne cobre.

Após ouvir tais palavras serem ditas, olhei para os lados e não havia ninguém por perto. Sem entender olhei para o relógio e havia se passado 20 minutos desde a minha chegada. Após desviar o olhar do relógio, todo aquele sentimento de preenchimento caiu por terra e me vi novamente a chorar, de modo que o pranto continuava a ecoar pela Igreja e as lágrimas pareciam pedras caindo no chão.

Assustei-me com o telefone vibrando em meu bolso, era ele.

- Onde está?
- Saindo da Igreja, meu amor.

Fez-se uma pausa.

Havia semanas que não o chamava de meu amor, não sentia apta para dizer tais palavras de tamanha importância. Ele apenas disse que me esperava e desligamos. Quando novamente coloquei o telefone no bolso senti uma enorme vontade de chegar em casa e me vi sorrindo, feliz pela preocupação dele. Talvez essa fosse a resposta que eu esperava. Quando ia sair da Igreja um padre entrou e me dirigiu um lindo sorriso quando pedi a bênção.

- O que faz aqui sozinha, minha filha?

O padre tinha uma voz trêmula e eu não conseguia entender o que via em seu rosto. Nariz, olhos, boca, cabelo e marcas de expressão estavam

lá, mas eu conseguia ver além. Senti como se eu tivesse convivido anos com aquele simples padre, pois eu poderia descrevê-lo por completo. Ele era cômico como aqueles tios que fazem piadas em reuniões de família, como a famosa e não por isso boa, piada do pavê. Além de sua natureza engraçada, o Padre era devoto de Santa Tereza e o amor que sentia por ela era transmitido nitidamente para o ambiente. Ao fundo vi que ele possuía grande aflição pelos jovens e pelas coisas mundanas que nos levam a afastar de Jesus.

Antes que eu respondesse ele percebeu minha cara de choro, novamente deu um espontâneo e agradável sorriso e passou por mim em direção à sacristia. Quando ele já estava perto do altar, disse:

- Deus tem maneiras autênticas de mostrar seu propósito para conosco.

Ao ouvir tais palavras e novamente olhar em seu rosto, consegui enxergar todo o seu espírito, saí da Igreja.

Durante todo o trajeto pude ver o interior das pessoas às quais dirigia meu olhar. Alguns cheios de vida, como um artista de rua, que me mostrou o lado mais lindo da arte, o amor daqueles que a praticam. Outros, muito aterrorizantes, como o de um motoqueiro que parou ao meu lado quando estava há três quadras de casa, consegui ver toda a podridão de sua alma. Era um homem consumido pelo pecado, que promulgava o ódio que sentia pela humanidade através de seus atos, já havia estuprado diversas mulheres e eu pude ver suas faces cheias de desespero e clamando por ajuda. Ele, assim como as demais pessoas de quem eu pude enxergar a alma, marcou minha vida pelos atos que já havia cometido e tais imagens ficaram cravadas eternamente em meus olhos, pois tamanha maldade não percorre as vistas de alguém e depois se esvanece com o tempo.

Depois de passar por aquele semáforo e me recuperando das imagens vistas, estava mais perto de casa e pronta para conversar com meu

amado. Quando cheguei na porta de nosso apartamento não conseguia controlar as palpitações de meu coração e o tremular de minhas pernas. Tomei coragem e entrei. Ele estava sentado no sofá, de cabeça baixa e mãos entrelaçadas, quando levantou sua face nossos olhos se cruzaram, nesse instante caí de joelhos.

Pude ver todo o sentimento que ele sentia por mim e por nossa relação. Meu nome tinha profunda importância em sua vida e a cada vez que alguém o dizia ele sentia-se profundamente sortudo por ter-me como sua mulher. A visão mais linda que ele possuía em sua memória era a de minha entrada na Igreja, ao lembrar-se desse momento ele sempre repetia as mesmas palavras: “Ela estava mais linda que de costume, é a mulher mais linda que eu já vi e é minha mulher. Minha mulher...” e a última oração repetia em seus pensamentos durante horas.

Pude ver o tamanho da delicadeza que possuía em me tocar, sempre da maneira mais frágil, para nunca me machucar e ele, sempre, desde o dia que nos conhecemos até aquele dia, tentava escrever, todos os dias, algum verso para mim, mas nunca conseguiu. Pude ver que ele possuía eterna gratidão por todos os dias que passei ao seu lado e que toda aquela situação era a pior que ele tivera em sua vida, por mais que não demonstrasse, desejava que tudo aquilo passasse para podermos voltar à nossa vida dos sonhos.

Desabando em lágrimas, pude ver o tamanho do amor que sentia por mim, pelas declarações que já havia feito, como quando decorei seu quarto com balões vermelhos, em nosso aniversário de um ano de namoro. Naquele dia ele apenas sorriu e me beijou, mas por dentro ele explodia de alegria e daquele dia em diante ele nunca mais quis ter olhos para outra mulher, dali em diante já programava como faria o pedido de casamento.

Depois de ver seus sentimentos e todo seu esforço em fazer-me feliz não podia acreditar que iria deixar aquele casamento acabar. Ele veio em minha direção e se ajoelhou em minha frente, preocupado, então comecei a dizer-lhe:

- Antes de você vieram amores que me machucaram e me fizeram desacreditar de sua existência, mas então você chegou e compen-sou toda a dor que eu havia sentido. Você trouxe a vida que eu sonhava em ter, é o homem que eu sempre sonhei, sinto sua presença desde que descobri que essa era minha vocação e eu sei que foi para isso que Deus me criou, para ter e cuidar de você! Eu me perdi diversas vezes no caminho da vida, mas ao te encontrar descobri o lugar que eu deveria estar e que Deus programou para mim. Eu amo você.

Ele, após alguns segundos, me abraçou e eu pude sentir suas lágrimas serem derramadas em meus ombros e seus lábios repetirem incontáveis vezes que me amava. Depois disse:

- Dona, é como eu a chamo em meus pensamentos. Dona de toda beleza que o mundo já ousou criar, dona do meu humilde e sincero carinho, vindo de minhas pobres mãos calejadas e de meus beijos resguardados de uma barba falha e espetada, dona dos lábios vermelhos, minha morena, minha mulher.

Sua fala foi interrompida por uma leve cócega que senti em minha barriga. Olhei para ela e, assim como via a alma de todas as pessoas que passaram por mim eu pude ver a gentileza, o fruto do amor de Deus com a humanidade e de duas almas unidas pelas inexplicáveis coisas da vida. Então disse a ele:

- Estou grávida.

Então ele colocou as mãos em minha face e pôs-se a chorar, porém eu não via sua alma. Mas logo conseguiria ver o amor que ele sentia por mim, em carne e osso, naquela criança que Deus nos deu a missão de cuidar.

Alguns meses depois, já com meu filho em meus braços e ao lado de meu marido, fui à missa naquela mesma Igreja. Na hora da homilia, para minha surpresa, aquele humilde e amável padre que havia encontrado naquela noite, contou minha história, sem citar nomes nem datas, apenas contou e finalizou dizendo:

- Aquela mulher estava fadada a ser um projeto de Deus, uma dama de branco e véu, a noiva que Deus havia prometido a um filho teu. Ela estava vocacionada e predestinada a amar e ser amada como eu amo minha Santíssima Igreja.

Uma Menina de Sorte

Por Geovana Ferreira dos Santos – Campus Campos Belos

Larissa, uma bela menina, nascida e crescida no interior de Goiás, vive com seus avós em uma pequena chácara a 5km da cidade, que de lá mesmo tira todo o seu sustento, por sinal, muito pouco. Seus avós, Ana e Roberto, sempre se esforçaram para não deixar faltar nada a ela, mas a situação na chácara não é nada fácil, pois vivem apenas da venda do leite e seus derivados.

A menina é de uma tamanha humildade e inteligência, nunca deixou de estudar por suas condições financeiras e nem pela distância da sua residência até a escola em que estuda. No ano seguinte, Larissa já cursaria o ensino médio, um desafio em sua vida, pois na escola em que estuda só há o ensino fundamental e a única escola com o ensino médio em que Larissa poderia estudar, era muito longe de onde ela mora, daí um novo problema surgia e a única solução que restava era vender a chácara, os poucos animais que havia ali e todo o estoque de queijo e iogurte para tentar comprar uma casa na cidade, mesmo assim não seria suficiente, os preços dos imóveis estavam em alta e como eles iriam sobreviver na cidade sendo que os avós da Larissa já eram idosos e toda sua renda provinha da chácara?!

Foram dias e dias pensando em uma solução, os avós da jovem menina estavam desolados, tentaram até um empréstimo no banco, porém não deu certo, a tristeza em sua casa reinava, o ano já vinha terminando e nada de uma solução aparecer, todos os colegas da Larissa já tinham a escola em que estudar, já faziam planos para o próximo ano, grupos de amizades e a jovem ali no seu canto, excluída por não ter opção. Numa segunda-feira do mês de

novembro, o avô da garota, recebeu uma grande encomenda de leite para entregar num bairro bem distante da chácara, sem pensar duas vezes, Roberto aceitou a encomenda e praticamente foi parar do outro lado da cidade, chegando lá, fez a entrega como o combinado.

No caminho de volta para casa, dá de cara com uma grande placa escrita “Bem vindo ao Instituto Federal”, curioso, entra e procura se informar do que se trata, foi atendido por uma ótima moça que lhe explicou tudo sobre os Institutos e para sua alegria o processo seletivo estava aberto para o curso de agronomia integrado ao ensino médio, eles ainda ofertavam um ônibus com o trajeto de ida e volta para os alunos da zona rural, com total segurança, senhor Roberto mais que contente, voltou para casa, contou para dona Ana e sua neta Larissa a novidade, que o mais rápido possível arrumou a papelada e inscreveu a neta no processo seletivo. No dia 30 de dezembro, saiu o resultado e lá estava o nome de Larissa em primeiro lugar!

A felicidade tomou conta daquela família, parece que a partir daquele momento até os negócios foram para frente, com três meses de estudo e muita dedicação a menina já conseguia repassar tudo o que aprendia no Instituto para o seu avô aplicar em sua própria chácara, um novo tempo vinha surgindo, mas agora só com coisas boas, muito amor, carinho, gratidão e fartura entre aquela família e um sentimento de “dever cumprido” nos corações daqueles avós.

Insônia

Por Guilhermy Camargo – Campus Ceres

Acordei subitamente. Uma fresta na cortina permitia a passagem de uma fina camada da luz da lua. Tateei o lençol de linho à procura de meu celular, encontrei. Pressionei o pequeno botão lateral: 02:29. Deslizei minhas pernas para fora da cama para que meus pés reouvesssem seus chinelos. Depois de sentir o carpete gelado, levantei e me dirigi à janela. O LED fraco e embaçado do ar condicionado revelava a temperatura de 17 graus. Desliguei o aparelho. Sem esforço, abri a cortina e a janela de vidro, então, passei a me concentrar na vista.

Na avenida, há alguns metros abaixo, carros passavam lentamente e movimentavam a madrugada. Na frente da avenida, o mar, revolto. Era possível ouvir o som das ondas furiosas se quebrando nas rochas, mesclado com o barulho do trânsito. Parecia que iria chover. No céu, a Lua Cheia, quase sendo ofuscada pelas nuvens negras. Entretanto, ainda emitia uma luz maravilhosa. O sol da noite. Desejei um cigarro.

Liguei a luz do quarto e comecei a procurar por alguma leitura. Na cabeceira da cama havia uma Bíblia. Não, pensei. Ainda não me renderia tão facilmente. Procurei por outros volumes. Nada. Verifiquei o criado-mudo de mogno e chequei as estantes presas à parede. Nada também. Abri as portas do guarda-roupas: apenas lençóis e um grosso cobertor bem dobrados e cheirando a lavanda. Fechei-as rapidamente. Odiava lavanda. A Bíblia, imóvel, me encarava.

Fui até ela e a peguei. Enquanto lia o índice, pensava o quanto era curioso o fato de que em um quarto de hotel haja apenas uma pos-

sibilidade de religião. Nunca havia encontrando um Corão ou escritos budistas. Gênesis, Êxodos, Levíticos e Números. Aqueles nomes me deixavam inquieto, mas não eram capazes de me dar sono. Liguei para a recepção. “Boa noite, aí embaixo tem alguma revista ou coisa parecida?”. A voz do outro lado da linha confirmou. Deixei o livro e fui até a porta. Segurei a gelada maçaneta de vidro e a girei. A porta, agora aberta, me revelava um corredor sombrio e desabitado. Tranquei o quarto, guardei a chave no bolso e fui ao encontro do elevador. Era uma caminhada de alguns metros, mas me pareceram quilômetros. O único barulho que se ouvia era o de meus passos furtivos e das lâmpadas que se acionavam devido ao sensor de presença. Alguma televisão aqui ou ali, sintonizada em documentários da África ou em filmes mexicanos, revelava a insônia de outros hóspedes.

Elevador. Apertei o botão circular preso à parede, fazendo-o acender. Aguardei alguns segundos. As luzes ao longo do corredor iam se apagando em sintonia enquanto eu entrava no cubículo. Térreo, pedi. Sem questionar, a caixa se dirigia. No espelho sujo, eu me via. Olhos cansados, cabelos desgrenhados, uma pequena mancha de café na camiseta, e talvez um mau hálito. Se já não tivesse descido oito andares concordaria em voltar. Senti um leve impacto. Um som como de um sino pairou o ar enquanto as portas se abriam, me tirando do meu transe.

O saguão estava deserto. O recepcionista tentava explicar para algum hóspede irritado, a razão pela qual a televisão de seu quarto não estava se conectando à Netflix. “Inaceitável!”, exclamou o telefone. O homem me olhou com constrangimento. Peguei uma Life e me acomodei em uma das poltronas. Ela possuía um massagador interno. O ativei e tentei relaxar. Em frente ao corredor que dava para o bar, havia uma pequena mesinha, onde se encontravam uma cafeteira e uma chaleira. Como não a havia visto? Não sei. Felizmente, eu não estava com fadiga. Deixei a revista e fui buscar uma xícara de chá.

Aguardei o recipiente liberar seu conteúdo para meu frágil copo de plástico. Queimei meus dedos por conta da espessura do recipiente e do tempo exagerado de fervura a que submeteram o pobre líquido. À minha frente, na parede escura, uma placa de vidro com inscrições adesivadas informava: Night Bar. Relutei. Eu já estava há quase três meses sem ingerir nenhum tipo de bebida alcoólica, não seria naquela noite que o faria. Enquanto caminhava de volta para o assento, olhei para trás. O corredor parecia me sugar. Não resisti. Larguei o copo na mesinha e adentrei a passagem. Enquanto mergulhava na escuridão e me perguntava a razão dos sensores de presença não ligarem as luzes, provavelmente estragados, o som abafado de uma música inconfundível ficava mais alto. “Ground Control to Major Tom”.

A ideia de que poderia ter alguém naquele lugar que apreciasse David Bowie me deixou animado. No fim do corredor, portas deslizantes de um vidro cinza fosco. As empurrei. A música agora, mais alta que nunca. O ambiente era bucólico. As mesas de madeira esculpida, vazias; os assentos no balcão, vazios. O barman limpava alguns copos quando se virou. Levou um susto. Talvez porque eu parecia um psicopata de pijama, olhando-o fixamente. Engraçado, já que o nome do lugar era Bar da Noite.

O homem se recompunha enquanto eu caminhava até o balcão. “Pois não?”. “Uísque. Puro.”. Consentiu com a cabeça e saiu rapidamente. Pegou o controle da televisão e questionou: “Deseja assistir alguma coisa?”. Respondi que sim. Me perguntei como ele conseguia passar horas naquele lugar sem nenhum entretenimento televisivo. “Alguma preferência de canal?”, perguntou, educado. “Você escolhe.”, retruquei. Provavelmente ele escolheria o National Geographic. E assim o fez. Talvez houvesse um consentimento mútuo, embora inconsciente, da neutralidade daquele canal. Nem muita ação, nem muita monotonia. Nem emocionante, nem apático. A primeira escolha quando não se sabe dos gostos e opiniões de um estranho, que naquele momento, era eu.

“12% das árvores do mundo estão na Amazônia. Além disso, existem 422 árvores para cada ser humano, ou seja, existem por volta de 3 tri...”. E meus pensamentos foram se perdendo no meio de diversos dados estatísticos, misturados com conscientização ambiental. O homem finalmente me entregou o uísque. Ao longe, ouvi o som do elevador se abrindo. Ótimo. Um parceiro de insônia. A menos que ele não beba e prefira ficar no saguão, tomando chá e ouvindo o recepcionista explicar falhas de conexão. Aguardei, ansioso, alguns vários minutos, mas ninguém apareceu.

Só reparei que a música Space Oddity estava sendo repetida pela quarta vez, quando a icônica contagem começava a se difundir em meus pensamentos e anseios. “10”. Reclamei da repetição. “9”. Não apareceria ninguém. “8”. Poderia desistir. “7”. Por que a esperança? “6”. Sem chance. “5”. Aquilo é uma sombra? “4”. É minha cabeça. “3”. As árvores são realmente importantes. “2”. Tédio. “1”. Mais uma dose?

Nunca saberei e nem me atrevi a perguntar se ela esperou o fim exato da contagem para deslizar a porta ou se foi mais alguma daquelas coincidências engraçadas do universo. Lentamente, caminhava até o balcão. Olhei apenas uma vez, mas a visão demorou para ser processada. Estava com um vestido de uma cor que apenas um computador poderia descrever, não com um nome, mas sim, números. Talvez um azul... como chamam? Prussiano. Um azul prussiano imerso em algum tom obscuro e proibido de verde oceano. Não fazia diferença. Os cabelos negros e soltos foram jogados para trás quando se sentou no banco ao meu lado. “Insônia?”, perguntou ela, sorrindo. Assenti com a cabeça. “Documentários sobre a Amazônia não foram suficientes para você?”, brinquei. O barman me olhou sem entender, mas voltou ao que estava fazendo. “Não mesmo.”, ela respondeu.

Aquela foi a primeira parte de uma conversa que se prolongaria até o amanhecer. Logo ficamos incomodados com a possibilidade de o

homem estar ouvindo tudo. Fomos para uma mesa mais afastada. Ela parecia ser o tipo perfeito de pessoa: mente aberta, sempre almejando expansão; curiosidade e interesse por outras visões de mundo; mas, principalmente, por que ela não reparou em meu cabelo, ou em minha roupa. 2:55. Lucky Strike ou Marlboro?. 3:03. Livros preferidos. 3:41. Universos paralelos. 4:22. Animais de estimação. 4:49. Músicas preferidas. 5:14. Melhores séries da Netflix. 5:28. Essa música de novo?. 5:32. O final devastador de How I Met Your Mother. 6:07. Maiores sonhos. 6:32. Máquinas do tempo. O diálogo se desenrolava e os assuntos mais variados emergiam em nossas mentes. Em nenhum momento senti aquele desconforto recorrente em conversas com barbeiros, porteiros ou motoristas de ônibus, onde a indignação com o estado atual da política, o preconceito com os muçulmanos e comentários sobre o clima eram os únicos temas. Demoraram várias horas até que algum de nós tivesse que ir.

Mas havia chegado a hora. Eu odiei ter que interromper a troca de histórias. Levantamos, paguei a conta e nos dirigimos ao corredor. Me despedi do barman e agradei, ele respondeu dizendo que eu parecia ser bastante solitário, processei por um momento. “O quê?”, pensei, mas ignorei o fato. A passagem para o saguão ainda estava escura e sua saída já se aproximava quando desaceleramos até parar. Ela olhou para mim. Seu rosto, parcialmente iluminado. Nos beijamos. Em mais de dez anos de experiências com beijos, aquele com certeza foi o melhor até então. Foi quando, com as costas, acertei uma maçaneta, e achamos uma porta a qual nenhum de nós havia visto antes. O quarto do zelador. Entramos e o trancamos por dentro. A cada segundo, ele parecia menor.

Ela se entregou a mim, da mesma maneira que me entreguei a ela. Enquanto derrubávamos baldes e vassouras, percebi que eu só queria estar lá, aquele era o único lugar que importava. Passado algum tempo, saímos do cômodo e seguimos para o saguão. Havia um elevador vazio, aguardando passageiros e seus comandos. Nos olhamos sorrindo e entramos. As portas estavam a ponto de se encontrarem no momento em que

alguém apertou o botão do lado de fora. Elas se abriram, obedientes, e revelaram um senhor simpático, que me pediu sorrindo: “Pode me ajudar com essa mala? Você ainda é jovem.”. Confirmei com a cabeça e puxei sua mala de rodinhas, a qual estava mais pesada do que parecia. Entrou lentamente e pediu o 9. O mesmo andar que o meu. No canto, ela apenas sorria, olhando para mim. Quem dera estivéssemos sozinhos. Poucos segundos depois, o sino clássico da chegada tocou. “Eu fico aqui.”, disse o senhor. “Nós também.”, respondi. Não havia dito mais nada a ela pois achei que desceria ali comigo. Mas não. Apenas foi dizendo adeus pelo espaço cada vez menor entre as portas, enquanto eu olhava imóvel e perplexo. Depois de um tempo, pensando na razão daquilo, o homem me cutucou. “Meu quarto é o 914, me ajude com essa mala”. Levei-a até seu quarto e disse que não havia pelo que agradecer.

Minha diária se encerrava às 10 horas. Guardei minhas roupas na mala e fui até a janela. O mar, agora menos agitado, permitia a diversão de alguns surfistas. Procurei por algum objeto a ser esquecido, parecia não haver nenhum. Tranquei o quarto e desci ao saguão. O recepcionista parecia estar exausto com as discussões na madrugada. Paguei a estadia, peguei um copo de chá e, sem pressa, fui deixando do hotel. Estava chegando à calçada quando a vi dentro de um táxi, prestes a partir. Foi só naquele momento que me dei conta de não saber como se chamava. Corri até ela e perguntei, arfando: “Qual é seu nome?”. Ela olhou para o mar, aspirou o cheiro da maresia e contemplou silenciosamente o som das ondas, enquanto as cinzas caíam no asfalto. Quando o veículo ia saindo, olhou para mim e respondeu sorrindo: “Insônia.”



**INSTITUTO
FEDERAL**
Goiano

Jair Messias Bolsonaro
Presidente da República

Abraham Weintraub
Ministro da Educação

Ariosto Antunes Culau
**Secretário da Educação
Profissional e Tecnológica**

Vicente Pereira de Almeida
Reitor IF Goiano

Sebastião Nunes da Rosa Filho
Pró-Reitor de Extensão

Virgílio José Távira Erthal
Pró-Reitor de Ensino

Fabiano Guimarães Silva
**Pró-Reitor de Pesquisa,
Pós-Graduação e Inovação**

Tania Marcia de Freitas Montes
Pró-Reitora de Administração

Elias de Pádua Monteiro
**Pró-Reitor de
Desenvolvimento Institucional**

